



Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Linguística e Literatura

Curso de Doutoramento em Linguística

ASPECTOS DE MORFOLOGIA E FONOLOGIA DO CITSHWA

Candidato: Albino Armando Chivambo

Supervisor: Professor Doutor Marcelino. M. Liphola

Maputo, Junho de 2022

DECLARAÇÃO

“Declaro por minha honra que esta tese nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau ou num outro âmbito e que ela constitui o resultado do meu labor individual. Esta tese é apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em Linguística, no Departamento de Linguística e Literatura da Universidade Eduardo Mondlane”.

Maputo, Junho de 2022

Albino Armando Chivambo

Agradecimentos

Os meus agradecimentos vão em primeiro lugar à minha família por me ter dado força e encorajamento necessários para a concretização deste sonho que hoje já é uma realidade. Extensivamente, os meus agradecimentos vão para todos aqueles que de uma forma directa ou indirecta contribuíram para que este projecto se tornasse realidade em particular ao Prof. Doutor Marcelino Liphola que teve a nobre missão de orientar-me na elaboração da presente tese.

ÍNDICE

LISTA DE ABREVIATURAS.....	I
LISTA DE TABELAS.....	III
LISTA DE FIGURAS.....	IV
CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.....	1
1.0. Introdução.....	1
1.1. A Língua Citshwa.....	2
1.2. Estudos anteriores da língua.....	3
1.3. Objectivos.....	5
1.3.1. Geral.....	5
1.3.2. Específicos.....	5
1.4. Motivação da pesquisa.....	6
1.5. Relevância do estudo.....	6
1.6. Problema da investigação.....	7
1.7. Organização do Trabalho.....	7
CAPÍTULO 2: QUADRO TEÓRICO.....	8
2.0. Introdução.....	8
2.1. Quadro Teórico.....	9
CAPITULO 3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO E DE RECOLHA DE DADOS.....	12
3.0. INTRODUÇÃO.....	12
3.1. Sobre as técnicas para recolha de dados.....	12
3.1.1. Recolha de dados com base no questionário linguístico.....	13
3.1.2. Recolha de dados através da entrevista.....	14

3.1.3. Recolha de dados através do método filológico	17
3.1.4. Recolha de dados através do método introspectivo	18
3.5. Conclusão	19
CAPÍTULO 4: REVISÃO DE LITERATURA	20
4.0. Introdução	20
4.1. Visão geral sobre morfologia nominal em Bantu	20
4.2. Visão geral sobre morfologia verbal em Bantu	34
4.2.1. Estrutura do verbo em Bantu	34
4.2.2. Categorias flexionais do verbo	37
4.2.2.1. Tempo	38
4.2.2.2. Aspecto	39
4.2.2.3. Tempo e aspecto em Bantu	41
4.2.2.4. Derivação verbal em Bantu	45
4.3. Visão geral sobre a fonologia em Bantu	47
4.3.1. Estudos fonológicos das línguas Bantu faladas em Moçambique	51
4.3.2. Estudos descritivos anteriores do Citshwa	53
4.3.3. Estudos morfológicos do Citshwa	53
4.3.3.1. Morfologia nominal do Citshwa	54
4.3.3.2. Morfologia verbal do Citshwa	68
4.3.3.3. Estrutura do verbo em Citshwa	68
4.3.3.4. Tempo em Citshwa	69
4.3.3.4.1. Tempo presente	71
4.3.3.4.2. Passado	73
4.3.3.4.3. Passado contínuo	74
4.3.3.4.4. Passado remoto	74

4.3.3.4.5. Futuro	75
4.3.3.4.6. Futuro contínuo	76
4.3.3.4.7. Futuro Passado	78
4.3.3.5. Aspecto em Citshwa	79
4.3.3.5.1. Derivação verbal em Citshwa.....	80
4.3.3.5.2. Estudos fonológicos do Citshwa	82
4.3.3.5.3. Os sons da língua Citshwa	83
4.3.3.5.4. Conclusão	85
CAPÍTULO 5: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS MORFOLÓGICOS.....	87
5.0. Introdução.....	87
5.1. Apresentação e análise de dados de morfologia nominal.....	87
5.1.1. Morfologia nominal e padrões de concordância em Citshwa.....	89
5.1.2. Padrões de concordância	99
5.1.2.1. Concordância com a marca do objecto (MO).....	101
5.1.2.2. Concordância da MS com reflexivo	103
5.1.2.3. Concordância com demonstrativo	109
5.1.2.4. Concordância do nome com possessivo	113
5.1.2.5. Concordância do nome + Modificador	119
5.1.2.5. 1. Concordância do nome + Modificador	121
5.1.2.6. Concordância do nome com numerais cardinais e ordinais.....	128
5.2. Apresentação e análise de dados da morfologia verbal.....	132
5.2.1. Raiz verbal	139
5.2.2. Tema verbal	141
5.2.3. Combinação de extensões verbais	142
5.3. Morfologia flexional	147

5.3.1. Tempo passado.....	147
5.3.2. Tempo presente.....	149
5.3.3. Tempo futuro	151
5.4. Conceituação de tempo e aspecto	153
5.4.1. Aspecto em Citshwa.....	154
5.4.1.1. Aspecto perfectivo.....	155
5.4.1.2. Aspecto imperfectivo	159
5.4.1.3. Aspecto imperfectivo progressivo futuro	160
5.4.1.4. Aspecto durativo	163
5.5. Conclusão	164
CAPÍTULO 6: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS FONOLÓGICOS	166
6.0. Introdução	166
6.1. Inventário segmental do Citshwa: as consoantes e vogais em Citshwa tem o seguinte inventário segmental:	167
6.1.2. Consoantes.....	168
6.1.3. Modificação de consoantes em Citshwa	170
6.1.3.1. Pré-nasalização	171
6.1.3.2. Labialização	175
6.1.3.3. Aspiração.....	177
6.1.3.4. Fricativização	178
6.2. Vogais.....	178
6.2.1. Alongamento vocálico	179
6.3. Ajustamento da estrutura silábica	181
6.3.1. Semivocalização	182
6.3.2. Elisão.....	190

6.3.3. Fusão ou Coalescência de vogais	194
6.4. Bloqueio da semivocalização em Citshwa	196
6.5. Presença de /y/ e /w/ na representação fonológica do Citshwa.....	202
6.6. Exceções ao bloqueio de semivocalização.....	206
6.7. Desarmonização vocálica em Citshwa.	206
6.8. Conclusão	213
CAPÍTULO 7: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	214
7.1. RECOMENDAÇÕES.....	219
REFERÊNCIAS	220

Resumo

O presente estudo faz a descrição e análise da morfologia e fonologia do Citshwa, com o enfoque para a variante Cidzivi falada no Distrito de Homoíne. A descrição e análise da morfologia e fonologia do Citshwa compreende o exame morfológico e fonológico com base no modelo de linguística descritiva, conhecido por Fonologia e Morfologia Lexical de Kiparsky (1982; 1985) e Mohanan (1982). Este modelo discute a estrutura morfológica e as regras fonológicas que se aplicam nestes dois níveis gramaticais. A falta de estudos descritivos detalhados e extensivos do Citshwa motivou a escolha do tema com vista a responder à pergunta sobre como funciona a gramática desta língua que, constitui ao mesmo tempo, o problema da pesquisa. Para o alcance dos objectivos propostos recorreremos á várias metodologias usadas na investigação linguística, nomeadamente, a pesquisa documental, a entrevista e a introspecção. O estudo faz a análise morfológica do nome identificando os prefixos de classes nominais em número de 17 e raiz nominal. Nesse aspecto, Citshwa assemelha-se á outras línguas Bantu já conhecidas. As classes de 1 a 14 agrupam-se em pares de singular *vs.* plural para formar o plural exceptuando as classes 15, 16 e 17 que, não formam o plural. O estudo revela existirem diferentes padrões de concordância nominal. Por um lado existe a concordância envolvendo prefixos que capta as relações morfo-sintáticas existentes entre eles e, por outro lado existe a concordância entre o núcleo nominal e seus modificadores, bem como entre os complementos e o núcleo verbal. A estrutura do verbo compreende três partes nomeadamente, a de prefixos, de raiz simples ou derivada e a da vogal temática. A estrutura canónica da sílaba é do tipo CV podendo variar em função do tamanho do tema verbal. Existem oito extensões verbais, cuja função é derivar novas formas verbais. Parte da pesquisa ocupa-se da morfologia flexional. O Citshwa apresenta três tempos verbais básicos: passado, presente e futuro, sem distinguir sub-categorias temporais no interior de cada tempo básico. Quanto ao aspecto gramatical, Citshwa reconhece duas categorias aspectuais, nomeadamente, o perfectivo e o imperfectivo, indicados morfologicamente e expressam detalhes internos sobre a qualidade e quantidade de uma acção. Relativamente à fonologia, o estudo conclui que a língua Citshwa apresenta 28 fones, sendo 5 fonemas vocálicos e 23 consoantes. Estes sons são sujeitos à modificações através de semivocalização; fusão e apagamento que afectam as vogais por um lado, por outro, a pré-nasalização; a labialização; aspiração e fricativação, processos que afectam consoantes.

Palavras-chave: Citshwa; morfologia; fonologia; descrição; detalhada.

Abstract

The current study describes and analyzes the morphology and phonology of Citshwa, focusing on the Cidzivi dialect spoken in the District of Homoine. The description and analysis of morphology and phonology comprises the morphological component and the elements of phonology, based on the theoretical model of descriptive linguistics known as *Phonology and Lexical Morphology* proposed by Kiparsky (1982; 1985) and Mohanan (1982). This theoretical model discusses the morphological structure, as well as the phonological rules that apply at these two grammatical levels. A problem of major interest for this research is to get better understanding on how the grammar of Citshwa works by providing a full detailed and extensive description of the Citshwa grammar. To achieve the proposed goals, we use a number of methodologies currently applied in linguistic research, namely, documentary research, interviews and, introspection. The analysis of the noun morphology in Citshwa shows that the name comprises two parts. One consisting of prefix of nominal class ranging from 1 to 17 class prefixes, another consisting of the root noun. The classes from 1 to 14 are grouped into singular vs. plural pairs, except the classes 15, 16 and 17 that do not form plural. The language exhibits different patterns of noun agreement, involving the root of the noun and the respective noun prefixes, as well as the agreement involving the noun and its modifiers. The verbal morphology shows that the verb structure comprises three parts. There is an area reserved for prefixes, followed by a simple or derived verbal root followed by thematic vowel. It is noted that the canonical syllable structure is often CV, which may vary depending on the size of the verbal stem. As for derivational morphology, Citshwa presents eight verbal extensions, which serves to derive newly verbal forms. Inflectional morphology is another issues discussed in this study, which reveals that Citshwa presents three basic verbal tenses, namely, past tense, present tense and future. The dissertation examines tense category and shows that Citshwa exhibits two basic aspectual categories, namely, the perfective and the imperfective, which, are, expressed morphological and semantically indicating the internal details on the quantity and quality of the verb action. In relation to phonology, the study concludes that Citshwa presents 28 phones being 5 vocalic phonemes and 23 consonants. These sounds are subject to modifications through semivocalization; fusion and elision that affect vowels on the one hand, the pre-nasalization; the labialization; aspiration and fricativization, processes that affecting consonants.

Keywords: Citshwa; morphology; phonology; description; detailed.

Lista de abreviaturas

Adj	Adjetivo
CV	Consoante/vogal
EV	Extensão verbal
ME	Momento de enunciação
MC	Morfema de concordância
MO	Marca de objecto
Modif	Modificador
MP	Marca de possessivo
MR	Morfema reflexivo
MS	Marca de sujeito
N	Nasal
NC	Nasal/consoante
OP	Objecto possuído
P	Possuidor
PI	Pré-inicial
Prefs	Prefixos
PreNum	Prefixo de numeral
PS	Pós-sujeito
PT	Pré-tema
SPE	The Sound Patterns of English
TD	Tema derivado
TF	Tema Flexionado

V-V	Vogal/Vogal
VP	Verbo no pretérito
VPI	Verbo no presente do indicativo
∅-	Zero

Lista de tabelas

Tabela 1. Prefixos de classes nominais do Citshwa propostos por Persson (1932)	54
Tabela 2. Pronomes em Citshwa segundo Persson (1932).....	55
Tabela 3. Pronomes absolutos em Citshwa segundo Persson (1932).....	58
Tabela 4. Pronomes demonstrativos do Citshwa segundo Persson (1932)	60
Tabela 5. Pronomes demonstrativos segundo Chivambo (2017)	61
Tabela 6. Demonstrativo das classes 1 e 2 segundo Persson (1932) e Chivambo (2017).....	62
Tabela 7. Demonstrativos de ‘muito tempo atrás’ e de ‘semelhanças’, Persson (1932)	62
Tabela 8. Demonstrativos de ‘muito tempo atrás’ e de ‘semelhança’, Chivambo (2017)	63
Tabela 9: Demonstrativos de temporalidade distante em Citshwa.....	63
Tabela 10. Partículas possessivas em Citshwa, Persson (1932).....	65
Tabela 11. Prefixos usados na formação do presente simples Persson (1932).....	69
Tabela 12. Prefixos usados na formação do presente contínuo.....	70
Tabela 13. Sufixos de marca de tempo em Citshwa segundo Gundane (2015)	72
Tabela 14. Aspectos e morfemas de aspecto em Citshwa segundo Gundane (2015).....	80
Tabela 15. Sufixos (Extensões verbais) do Citshwa, segundo Persson (1932).....	80
Tabela 16: Alternância de prefixos de MS em (6) e (8).....	106
Tabela 17: Diferenças entre tempo e aspecto Langa (2012)	154

Lista de figuras

Figura 1. Estrutura do verbo em Bantu (Ngunga, 2014)	36
Figura 2. Distribuição de extensões verbais (segundo Liphola, 2015):	46

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

1.0. Introdução

O presente trabalho faz a descrição e análise da morfologia e fonologia da língua Citshwa, com enfoque para a variante Cidzivi falada no Distrito de Homoíne, província de Inhambane. A escolha da língua Citshwa como objecto do presente estudo foi motivada pela necessidade de enriquecer o conhecimento científico sobre esta língua, através do fornecimento e análise de dados adicionais facultados em diferentes capítulos que compõem a tese. Recorrendo a uma descrição extensiva e detalhada de diferentes aspectos que caracterizam o funcionamento da gramática da língua, o estudo é corroborado pela intuição linguística do autor da presente pesquisa que é falante nativo do Cidzivi. Esta pesquisa é igualmente motivada pelo facto de se reconhecer que embora existam trabalhos anteriores sobre o Citshwa, os mesmos não abrangem na sua análise nem incorporam aspectos específicos da língua como os encontrados na variante Cidzivi do Citshwa. A análise de aspectos morfológicos e fonológicos do Citshwa revela-se fundamental, porque não só permite, por um lado, apreender melhor o funcionamento da gramática desta língua, mas também oferecer bases analíticas que permitam concluir que, determinados processos morfológicos, tais como o agrupamento de nomes em classes, além de obedecerem princípios formais são, também, semanticamente motivados. Por outro lado, o exame feito aos dados da língua permite assumir que a relação entre as unidades mínimas de combinação morfo-sintática com valor contrastivo, como sugerido por Marantz (2016) pode ser melhor explicada, se tivermos em conta que tais unidades mínimas de combinação morfo-sintática - *morfemas* - incorporam outras unidades mínimas de combinação em contextos fonéticos - *fonemas* – que, igualmente, têm valor contrastivo. Assim, as unidades mínimas podem ser analisadas ou como “estados” (coisas) ou “eventos” (processos), dependendo do tipo de abordagem. O presente estudo revela que em Citshwa os morfemas como unidades combinatórias dão conta de forma simples as alterações morfémicas envolvendo diferentes categorias gramaticais.

Neste estudo, a descrição e análise de dados do Citshwa compreendem, em primeiro lugar, a descrição da componente morfológica do Citshwa e em segundo lugar, o exame dos elementos da fonologia, com base no modelo da linguística descritiva conhecido por Fonologia e Morfologia Lexical, inicialmente proposto por Kiparsky (1982; 1985) e Mohanan (1982). Este modelo discute a estrutura morfológica e as regras fonológicas que

se aplicam nestes dois níveis gramaticais. A discussão mais detalhada do modelo teórico acima aludido é apresentada no capítulo 2 reservado para o efeito.

Dada a existência de diversidade dialetal da língua objecto de estudo, o que se reflete em diversas representações ortográficas [“Tswa”, “Xitshwa” e “Citshwa”] neste trabalho adoptamos a forma gráfica “Citshwa” seguindo a proposta de Padronização da Ortografia de línguas moçambicanas (NELIMO, 1989). A transcrição fonológica de dados é feita usando a proposta do I Seminário de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas NELIMO (1989) e revista pelo III Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas (2008).

1.1. A Língua Citshwa

Citshwa é uma língua Bantu codificada por Guthrie (1967-1971) como sendo do Grupo S50 (Tswa-Ronga), do qual fazem parte o Xichangana e o Xirhonga, línguas mutuamente inteligíveis. A província de Inhambane é o espaço geográfico em que se concentram cerca de 697.533 falantes nativos do Citshwa de cinco anos ou mais de idade, segundo dados estatísticos do INE (2017). Em termos de distribuição espacial, em Moçambique, os falantes do Citshwa encontram-se além de Inhambane, na região sul das províncias de Manica e Sofala e nas províncias de Gaza e Maputo. Fora de Moçambique, o Citshwa é igualmente falado na zona meridional da República do Zimbabwe e na República da África do Sul, na província do Transvaal, segundo Ngunga e Faquir (2011).

Embora sem evidência baseada em estudos dialetológicos, de acordo com os autores acima citados, em Moçambique, o Citshwa tem sido descrito como língua comportando seis variantes, a saber: (i) Xikhambani, falada no distrito de Panda; (ii) Xirhonga, falada na zona ocidental do distrito de Massinga; (iii) Xihlengwe, falada nos distritos de Morrumbene, Massinga e na zona de Funhalouro; (iv) Ximhandla, falada no distrito de Vilanculo; (v) Xidzhonge (ou Xidonge), falada na parte meridional do distrito de Inharrime; (vi) Cidzivi, falada no distrito de Homoíne e Morrumbene.

Como foi referido na introdução, este estudo examina a variante Cidzivi predominantemente falada em Homoíne. Esta variante do Citshwa apresenta pequenas diferenças fonéticas e fonológicas distintas das restantes variantes do Citshwa acima

referidas. Detalhes sobre esse aspecto são fornecidos no capítulo reservado à análise fonológica.

1.2. Estudos anteriores da língua

Os estudos preliminares sobre a língua Citshwa podem ser agrupados em três (3) categorias distintas. A primeira categoria inclui trabalhos eminentemente bíblicos, que compreendem a tradução da bíblia para o Citshwa. O exemplo representativo desta categoria inclui Paul Berthoud & E.Creux (1875). A segunda categoria de estudos do Citshwa envolve trabalhos sócio-antropológicos representados por Mukhombo (1955) e Mbanze (1993) que publicaram ‘*A Nkutsulani wa Matimu ya Vatsywa*’ e ‘*A Ngangu wa Mutshwa*’, respectivamente, obras que abordam questões da cultura dos falantes do Citshwa (vatsywa). A terceira e última categoria integra estudos básicos com dados elementares na área de linguística e língua. Nesta categoria destacam-se publicações de dicionários e elementos da gramática rudimentar da língua, sendo os exemplos mais representativos o dicionário bilingue Inglês-Citshwa, ‘*Outlines of Tshwa Grammar*’, de Persson (1928; 1932) e o Dicionário Prático Português-Citshwa, da autoria de R. Wilson L (1980).

O exame feito aos estudos acima referidos mostra que os mesmos não incorporam dados linguísticos relevantes e extensivos cobrindo as diferentes categorias gramaticais. Por isso, as obras acima referidas embora sejam importantes não permitem perceber o funcionamento da gramática do Citshwa, quer do ponto de vista de regularidades nos processos que ocorrem na língua, quer do ponto de vista de fenómenos específicos que ocorrem na língua. Com efeito, em ‘*Outlines of Tshwa Grammar*’ apresenta-se alguns dados do campo fonético, morfológico e sintático do Citshwa, entretanto, tais dados, não estão sistematizados de modo a facilitar a sua compreensão e fazer-se as generalizações sobre a língua. O exame feito aos estudos anteriores revela ainda que os seus autores não tinham formação linguística adequada para estudos descritivos e análise exaustiva da língua.

Alguns estudos relativamente mais recentes da língua Citshwa cobrem a área da linguística. Essas obras começam a ter expressão depois da realização do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas (NELIMO, 1989). Para efeitos de exemplificação, indicamos alguns estudos cobrindo diferentes sub-áreas de linguística. Chamusso (1996) examina o impacto do contexto cultural para a interpretação e tradução

dos provérbios baseados em metáforas do Citshwa para o português. Chambela (1999) discute a problemática das variantes da língua Citshwa, problematizando o caso de Xinyai que o autor questiona se seria ou não uma variante do Citshwa. Como foi referido anteriormente na secção 1.1 acima, grosso modo, o estabelecimento de variantes nas diferentes línguas moçambicanas não se baseia em estudos dialetológicos detalhados, mas no uso prático da língua pelos utentes e no senso comum que tende a colocar “rótulos” sobre alguns falantes, com base nas diferenças fonéticas ou sua localização geográfica. Foi, em parte, essa realidade que motivou o estudo desenvolvido por Chambela.

Laisse (2000) estuda a combinação e ordem das extensões verbais do Citshwa com vista a determinar a hierarquia dos elementos na estrutura linguística. Sefo (2000) analisa os ideofones do Citshwa, com o objectivo de caracterizá-los tendo em conta as suas propriedades morfológicas, fonéticas e fonológicas. Romão (2001) apresenta a negação verbal em Citshwa. O estudo visa identificar os morfemas de negação e prever a posição de sua ocorrência na estrutura verbal. Macuácuca (2005) examina as construções relativas em Citshwa. No essencial, a pesquisa de Macuácuca mostra que existem diferentes estratégias para a relativização de acções ou eventos expressos pelo verbo. Chunguane (2003) descreve as estratégias de locativização em Citshwa. O maior interesse desse estudo é mostrar que além da existência de morfemas locativos, a língua dispõe de vários mecanismos com função deíctica para localizar objectos, eventos ou acções no espaço. Cumaio (2005) está mais interessado na concordância do verbo com sintagma nominal complexo na posição de sujeito no Citshwa. Como se pode depreender, o estudo de Cumaio explora as relações morfo-sintáticas entre constituintes e os mecanismos que captam a noção do número gramatical em contextos em que os nomes envolvidos apresentam características morfo-sintáticas distintas.

Outro trabalho que problematiza a relação entre língua e dialecto é apresentado por Henriques (2005). Este autor faz o exame de Xihlengwe procurando saber se esta língua constitui ou não variante linguística do Changana ou do Citshwa. Cumbane (2008) analisa as construções de duplo objecto nesta língua visando descrever as relações morfo-sintáticas. Uetela (2009) descreve às estratégias de concordância com sintagmas nominais complexos em Citshwa, seguindo a mesma abordagem encontrada em Cumaio (2005). Chivambo (2012) faz a caracterização das estratégias de locativização em Citshwa, um pouco na linha de abordagem feita por Chunguane (2003). Ugembe (2012) apresenta o estudo sobre o tom verbal em Citshwa, com enfoque para a variante Chihlengwe. O

interesse do autor é mostrar que em Citshwa, além de morfemas flexionais que caracterizam o tempo verbal, este é igualmente expresso através do tom. Deste modo, o autor confirma, com base em dados adicionais independentes que em algumas línguas Bantu, as categorias temporais do verbo são expressas por elementos morfológicos e por propriedades prosódicas. Finalmente, Gundane (2015) descreve a morfologia e fonologia lexical do Citshwa com enfoque particular para verbo.

Como se pode ver a partir dos exemplos de trabalhos acima referidos, todos os estudos do Citshwa não fazem a descrição exaustiva da morfologia e fonologia da língua envolvendo várias categorias gramaticais. Por isso, o presente estudo pode ser considerado como sendo o primeiro em termos de análise mais detalhada e extensiva de morfologia e fonologia.

1.3. Objectivos

São objectivos do estudo os seguintes:

1.3.1. Geral

O objectivo geral do estudo é descrever os aspectos morfológicos e fonológicos do Citshwa.

1.3.2. Específicos

Constituem objectivos específicos desta investigação os seguintes:

- analisar a morfologia nominal e verbal do Citshwa;
- descrever os principais processos morfo-fonológicos da língua e proceder à sua formalização.
- demonstrar as diferenças morfo-fonológicas do Cidzivi com outras variantes do Citshwa.

1.4. Motivação da pesquisa

Na secção 1.2 foi referido que os diferentes estudos disponíveis do Citshwa apresentam análises sobre temas específicos e diversificados e não tratam de forma extensiva vários aspectos envolvendo diferentes categorias gramaticais. A primeira razão que motivou a presente pesquisa foi trazer para o mesmo espaço de análise dados diversificados que permitam uma abordagem compreensiva da língua. Outros factores que motivaram a escolha deste tema estão relacionados com a inexistência de estudos descritivos detalhados sobre a língua, por um lado e, por outro, a constatação segundo a qual os poucos estudos existentes tratam de alguns aspectos da língua de forma isolada, não permitindo tirar conclusões gerais sobre o funcionamento da gramática da língua no seu todo.

A presente pesquisa integra a descrição e análise de elementos da morfologia e fonologia explorando a forma como as duas sub-áreas da linguística interagem. A motivação maior da presente pesquisa é a necessidade de documentar a língua Citshwa tendo em conta um conjunto de dados representativos para o aprofundamento de conhecimentos sobre a mesma.

1.5. Relevância do estudo

O estudo de uma língua é sempre relevante quando se tem em linha de conta que a maioria ou quase todas as línguas Bantu faladas em Moçambique carecem de descrição detalhada, facto que permitiria aprofundar o seu funcionamento, as suas similaridades e suas especificidades. Intuitivamente, parece relativamente menos complicado identificar os domínios de intervenção social das línguas moçambicanas no contexto comunicativo multicultural e plurilinguístico, todavia, não parece menos complicado identificar as regularidades de processos envolvidos em diferentes níveis gramaticais de cada língua. Concluindo, o elemento importante na relevância do estudo das línguas é a necessidade de contribuir na documentação, preservação e/ou revitalização de conhecimentos através dos quais se pode incentivar a investigação linguística, que pode ajudar na produção de artigos científicos, na produção de gramáticas escolares, dicionários ou outros materiais de consulta para diversos fins.

1.6. Problema da investigação

O Citshwa faz parte do grupo de línguas moçambicanas com evidente inexistência de estudos descritivos detalhados da sua gramática ou com poucas pesquisas científicas que abordam aspectos particulares da sua gramática. Como fizemos referência, anteriormente, alguns trabalhos existentes sobre esta língua foram desenvolvidos por pesquisadores sem formação relevante em linguística e, outros, embora, tenham sido produzidos em contexto acadêmico, os mesmos visavam objectivos concretos e limitados. Devido aos factores acima mencionados, encontramos em estudos anteriores dados contraditórios que intuitivamente fazem parte de outras línguas mais próximas do Citshwa exigindo desse modo a sua reanálise.

A falta de estudos descritivos detalhados e extensivos do Citshwa constitui um problema que requer uma solução que passa pela pesquisa científica cuidada que permita fazer generalizações sobre o funcionamento da gramática desta língua. De forma mais específica, a presente pesquisa pretende dar resposta ao seguinte problema de investigação: que estruturas morfo-fonológicas ou léxico-gramaticais se repetem significativamente e mostram sinais de ser ou existir um padrão (regularidade) linguístico em Citshwa?

Tendo em conta o problema acima formulado e recorrendo a abordagem lexical, esta pesquisa fornece um corpus que incorpora itens lexicais e categorias gramaticais com vista a explicar os processos que ocorrem no espaço comum criado pelo léxico, morfologia, fonologia e sintaxe.

1. 7. Organização do Trabalho

Este trabalho encontra-se organizado em 7 capítulos, nomeadamente: capítulo 1, que para além da nota introdutória inclui a apresentação da língua, estudos anteriores, objectivos da pesquisa, motivação, relevância do estudo e o problema da investigação. O capítulo 2 ocupa-se do quadro teórico adotado na presente pesquisa. O capítulo 3 apresenta a metodologia de investigação e de recolha de dados. O Capítulo 4 é reservado à revisão da literatura. O capítulo 5 é dedicado à apresentação, descrição e análise de dados morfológicos. O capítulo 6 faz a apresentação, descrição e análise de dados fonológicos. Finalmente, o capítulo 7 apresenta conclusões e recomendações.

CAPÍTULO 2: QUADRO TEÓRICO

2.0. Introdução

Neste capítulo apresentamos o quadro teórico através do qual procedemos à descrição e análise de dados. A escolha de um modelo para a descrição da linguagem não tem sido uma questão trivial, porque se reconhece a existência de pelo menos duas escolas distintas na descrição da linguagem. Por um lado, existe a escola cuja abordagem se baseia em *corpus* de dados linguísticos colectados com base do ponto de vista lexical. Esta primeira abordagem tenta responder a questão sobre quais são os agrupamentos lexicais que realmente são atestados pelo uso dos falantes, segundo Cowie (1998) e Moon (1998). Por outro lado, existe a outra escola que reconhece a abordagem baseada em *empirismo* cuja descrição da linguagem não exige necessariamente a presença de um *corpus*, porque segundo Fillmore (1992), o linguista de poltrona pode chegar mais perto de entender como a linguagem funciona. Na essência, os dois pontos de vista acima colocados visam estabelecer a linha divisória entre pesquisas resultantes de trabalho de campo e a pesquisa documental para defender a ‘naturalidade’, ‘fluência’, também conhecida por ‘competência’ na linguística Chomskyana e ‘evidência’ linguísticas.

McEnery e Wilson (1996) admitem que a linguística de corpus tem dominado a pesquisa nos últimos tempos. A despeito da sua diversidade, os trabalhos em linguística de corpus compartilham algumas características comuns, tais como empirismo, uso de vasto banco de dados e emprego de técnicas qualitativas. Regra geral, os trabalhos de linguística de corpus examinam padrões linguísticos reais de uso em textos e contextos naturais. Além disso, utilizam um banco de dados colectados com base em critérios que agrupam diferentes enunciados que constituem a base de análise. Finalmente, a linguística de corpus depende de técnicas qualitativas, embora as mesmas estejam presentes em paradigmas quantitativas. Os autores acima citados concluem que a pesquisa linguística baseada em trabalho de campo e na consulta documental é o paradigma dominante na descrição das línguas, com pouco ou quase nenhum suporte estatístico. É pois, tendo em conta estes pressupostos e com base no quadro teórico da Morfologia e Fonologia Lexical nos moldes em que este é proposto por Kiparsky (1982; 1985) e Mohanan (1982) que a presente pesquisa é desenvolvida.

2.1. Quadro Teórico

Esta pesquisa apoia-se no quadro teórico da Morfologia e Fonologia Lexical proposto por Kiparsky (1982; 1985), Mohanan (1982). O modelo em causa assume que os processos derivacionais e flexionais de uma língua podem ser organizados em uma série de níveis chamados “*extracta*”. Cada nível é associado com um conjunto de operações morfológicas e regras fonológicas que definem o domínio de sua aplicação. Assim, as operações morfológicas em diferentes níveis ou domínios de aplicação são especificadas em termos de estratos lexicais.

O modelo da Morfologia e Fonologia Lexical, além de assumir a especificação de cada estrato lexical que define o domínio da aplicação cíclica de um conjunto de regras fonológicas, pressupõe a determinação de níveis cíclicos e não cíclicos na gramática. Na essência, a teoria a que fazemos uso neste trabalho incorpora três níveis de representação, a saber o nível lexical, o nível subjacente ou fonológico (profundo) e o fonético. O nível lexical trata das formas lexicais que não precisam necessariamente ser idênticas aos fonemas do nível profundo, como fundamenta, mais tarde, o estudo de Mohanan, K. P. e Mohanan, Tara (1984). Estes autores afirmam que o domínio lexical lida com o “alfabeto” lexical que condiciona a percepção dos sons por parte do indivíduo. Este aspecto afigura-se importante por quanto, a colecta e análise de dados linguísticos pode ser afectada pela percepção do indivíduo, independentemente da consistência do modelo teórico. Tendo em conta o acima exposto, Mohanan, K. P. e Mohanan, T. (1984) formulam quatro questões que precisam ser respondidas objectivamente na descrição e análise de dados linguísticos, a saber, (i) qual é a natureza da organização modular (níveis ou estratos) da morfologia? (ii) como o módulo fonológico interage com o estrato morfológico? (iii) que níveis de representação são gerados ou derivados pela interação entre os módulos fonológico e não fonológico? (iv) qual é a natureza de representação fonética e que tipo de mecanismos são necessários para produzir a estrutura fonética?

Não respondemos aqui a cada uma das questões acima colocadas, mas apresentamos o resumo das principais linhas de abordagem do modelo assumido na presente pesquisa. Em primeiro lugar, a teoria de Morfologia e Fonologia Lexical postula que algumas regras fonológicas aplicam-se no léxico enquanto, operações morfológicas e outras regras são aplicáveis no domínio pós-lexical. Em segundo lugar, operações morfológicas tais como afixação e composição ocorrem em diferentes *extracta*. Em terceiro lugar, as regras

morfológicas que afixam morfemas á determinados temas ou radicais nos seus domínios de aplicação são especificados em termos de extractas.

Ao longo da apresentação e análise de dados nos capítulos reservados à Morfologia e Fonologia do Citshwa voltaremos a estas questões para melhor ilustração. O que importa reter neste momento é saber que as relações entre a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas que a ela se aplicam devem captar domínios derivados. A noção de domínios derivados é importante, porque permite explicar o facto de determinadas regras fonológicas ou morfo-fonológicas que ocorrem em determinados ambientes, mas são bloqueadas em outros, embora aparentemente as condições da sua aplicação sejam idênticas. O outro aspecto importante a reter deste modelo é o facto de se reconhecer que o número dos níveis poderá variar de língua para língua, mas geralmente há regras que são aplicadas ao nível lexical ou nível 1 e pós-lexical ou nível 2. Com efeito, as estruturas linguísticas do Citshwa tais como *ndzo-ti-tshuva* derivada de *ndzi-o-ti-tshuva* são melhor explicadas assumindo que existe a estrutura derivada *ndzø-o-ti-tshuva* que funciona como novo *input* para gerar a representação fonética. Estas e outras operações morfológicas são tratadas com profundidade nos capítulos seguintes.

A escolha da teoria da Morfologia e Fonologia lexical deve-se por um lado ao facto de ela ser um instrumento de análise teórica que explica de forma simples os diferentes processos ao nível lexical e os processos que ocorrem no domínio morfo-sintático em Citshwa. Desse modo, os fenómenos que resultam da co-ocorrência de morfemas que desencadeiam processos fonológicos em contextos derivados são explicados assumindo que os domínios derivados constituem um novo *input* que dá origem ao novo *output* na estrutura fonética. Por outro lado, a escolha deste modelo teórico foi feita porque o mesmo responde satisfatoriamente aos objectivos do nosso estudo descritos na secção 1.3 do capítulo 1.

Existem outras razões que fundamentam a escolha do modelo assumido neste estudo. O programa de pesquisa baseado na descrição do ponto de vista lexical tem a perspectiva de isolar os agrupamentos lexicais realmente empregues pelos falantes. Tais agrupamentos lexicais constituem evidência linguística atestada pelo uso da língua. A abordagem captada por este modelo concretiza a perspectiva que Sinclair (1987) designa de ‘idiomática’ pelo facto de o usuário, neste caso, o informante dispor de estruturas linguísticas semi-estruturadas que podem ser também analisadas ao nível segmental. As estruturas lexicais

analisadas em ‘porções’ corroboram com a visão que defende o conceito de ‘naturalidade’ da linguagem que se associa com ‘fluência’ na fala do falante nativo com base em expressões pré-fabricadas e a sua união com sequências maiores, nos termos em que Nattinger e De Carrico (1992) tratam essa problemática.

Na sua fase de reanálise e enriquecimento, o modelo da Morfologia e Fonologia Lexical criou espaço de abordagem linguística que incorpora sistemas e funcionalidade ou simplesmente a linguística sistêmica-funcional na perspectiva de Halliday (1985) ancorada na análise de corpus, embora o autor dessa visão não tenha explicitamente defendido esse conceito de linguística de ‘corpus’ na análise linguística.

Concluindo, o modelo teórico usado nesta pesquisa busca o compromisso entre os padrões linguísticos usados em contextos reais de comunicação envolvendo falantes nativos e os paradigmas de abordagem formal baseados em concordância entre morfemas de diferentes categorias gramaticais.

Temos presente de que nenhum modelo teórico tem mérito por descrever ou explicar de forma simples as operações que ocorrem numa língua, nos moldes em que Ashkenas (2007) explica o conceito de simplicidade. Longe de assumir generalizações universais na abordagem linguística, esta dissertação fornece evidência adicional de que algumas operações morfológicas e algumas regras fonológicas são parametrizadas e respondem a processos específicos das línguas naturais.

CAPITULO 3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO E DE RECOLHA DE DADOS

3.0. Introdução

Este capítulo é reservado aos métodos e técnicas usadas na recolha de dados que constituem o corpus da presente pesquisa. Este estudo adopta a abordagem qualitativa. A escolha dessa abordagem justifica-se pelo facto de a investigação fazer, primeiro, a descrição detalhada da língua e, segundo dar explicação de prováveis causas que motivam a ocorrência de determinados processos na língua. Os dados que formam o corpus desta dissertação foram recolhidos através de quatro métodos complementares, nomeadamente, a pesquisa documental, o inquérito linguístico (uso de questionário), entrevistas e a introspecção. Nos parágrafos que se seguem descrevemos detalhadamente cada uma das técnicas metodológicas usadas na recolha de dados para a presente pesquisa.

3.1. Sobre as técnicas para recolha de dados

Chevalky (2001) citado por Zivenge (2009) define a recolha de dados como sendo as diferentes formas através das quais os dados são obtidos. A recolha de dados pode ser feita com recurso a vários procedimentos ou técnicas com vista a reunir dados por descrever ou informação que se pretende seja analisada, processada para (des) confirmar um facto ou uma hipótese.

As técnicas na recolha de dados podem envolver análise documental, inquérito por questionário, entrevistas e observação. Todas essas técnicas e critérios de recolha de dados podem ser auxiliados com gravações feitas através de aparelhos de registo (de sons ou imagens). Tanto as entrevistas quanto o inquérito podem conter perguntas estruturadas ou semi-estruturadas, com a possibilidade de incorporar espaços para comentários, dependendo dos objectivos para os quais uma técnica específica é adoptada. A recolha de dados pode consistir, igualmente, em observação factual.

É reconhecido que o uso combinado de diferentes técnicas metodológicas na recolha de dados é dispendioso e exige trabalho adicional, mas tem sido reconhecida a sua validade, porquanto resulta na produção de dados fiáveis. Nesta dissertação faz-se uso combinado de algumas técnicas na recolha de dados descritas abaixo.

3.1.1. Recolha de dados com base no questionário linguístico

O questionário é uma técnica metodológica de investigação usada para a recolha de informação baseada em sondagem ou inquérito de um grupo representativo da população em estudo. A diferença básica entre entrevista e questionário reside no facto de, enquanto a primeira técnica tem o seu foco no indivíduo, o questionário dá ênfase ao grupo representativo de indivíduos numa população mais ampla.

O questionário usado para esta pesquisa contém 210 itens envolvendo a lista de palavras e frases. O questionário foi respondido por 22 informantes dos 25 constituídos resultando em um total de 4.620 itens. Os 25 informantes foram selecionados aleatoriamente, obedecendo ao parâmetro linguístico de serem falantes nativos do Citshwa e falantes da língua portuguesa, na localidade de Golo distrito de Homoíne num total de 20 e na cidade de Maputo 5. O grupo de informantes é constituído por pessoas com idades compreendidas entre 25 e 60 anos, maioritariamente de sexo masculino, cujos níveis de escolaridade variam entre o nível básico, médio e superior, dos quais, alguns reformados como professores, comerciantes, estudantes, religiosos e cidadãos comuns. A escolha de informantes com estas características foi determinada pela necessidade de se ter informantes com um horizonte linguístico, cultural e social mais amplo que nos fornecesse informações relevantes sobre as questões que lhes eram colocados. Quase todos os 4.620 itens que constituem o corpus da presente pesquisa foram utilizados excepto 200 itens que não foram considerados por se mostrarem menos relevantes para a pesquisa tendo por isso sido descartados.

O questionário utilizado nesta pesquisa contém um conjunto de questões reduzidas e consideradas adequadas apresentadas por escrito em Português. O questionário foi administrado oralmente para falantes do Citshwa que, são também, falantes do Português. Todas as questões constantes no inquérito foram apresentadas oralmente em Português e as respostas dos informantes foram dadas oralmente, em Citshwa.

O questionário visou atingir determinados informantes (professores) que pudessem proporcionar conhecimento específico sobre o funcionamento da língua. Por isso, as questões colocadas respeitaram duas categorias, a saber, uma que exigia respostas fechadas e outra categoria de questões que requeriam respostas abertas.

Durkein (1995) citado por Zivenge (2009) sugere que o questionário administrado deve conter questões pré-definidas e hierarquizadas tendo em conta a questão mais simples e mais complexa. Neste trabalho de investigação, os procedimentos adotados foram motivados pela necessidade de obter informação consistente e fiável, mas não de forma

cronológica. Mhloyi (1995) citado também por Zivenge (2009) diz que o questionário é um documento apropriado para a recolha e posterior análise de dados, uma vez que contém perguntas que recolhem informações avaliadas em função do conjunto da população que constitui a amostra. Tendo em conta a posição assumida por Mhloyi (1995), o questionário que adoptamos para esta pesquisa contém uma lista de palavras e frases simples, com vista a obtenção de dados sobre aspectos da morfologia e fonologia do Citshwa sem obedecer a sua hierarquização.

O questionário assegurou a recolha de informação relativamente fiável, que foi convertida em dados formatados e processados em Word para atingir o número relativamente maior de indivíduos em situações diferentes de interação com o pesquisador. Como as pessoas que responderam ao questionário foram escolhidas aleatoriamente, observando apenas o parâmetro linguístico, essa metodologia apresentou limitações que a seguir se indicam.

Uma limitação encontrada na aplicação deste método foi a exclusão de 3 (três) informantes comerciantes em Maputo por terem demonstrado pouco domínio do português, embora, fossem falantes do Citshwa. A outra limitação associada à primeira foi constatar que alguns informantes tiveram dificuldades relacionadas com a busca de resposta apropriada em Citshwa devido à limitação no domínio da língua portuguesa. Essa limitação está ligada, em parte, à desvantagem associada ao método de administração do inquérito. Esta técnica exclui informantes menos escolarizados ou aqueles que não possam se expressar fluentemente na língua através da qual as questões são colocadas no questionário. Apesar disso, o número de respondentes ao questionário foi satisfatório e assegurou a obtenção de informação relevante.

Todas as respostas dos informantes foram registadas e decodificadas pelo léxico, pelo investigador utilizando a transcrição fonológica na própria ficha de inquérito. O questionário utilizado para o inquérito linguístico e as respectivas respostas fazem parte integrante da presente investigação (cf. Anexo D).

3.1.2. Recolha de dados através da entrevista

Qualquer técnica de recolha de dados constitui parte do exercício para melhor entendimento por parte do investigador sobre questões da investigação. Alguns autores tais como Rogers, C. e Stevens (1987) citados por Ana Maria Virtuoso Barbosa (2012) apontam que a eficácia na utilização de entrevista não depende unicamente do domínio da

metodologia, mas exige empatia por parte do entrevistador. Os autores acima referidos afirmam que as limitações associadas à técnica da entrevista estão relacionadas com considerações da natureza ética e cognitiva. As da natureza ética têm a ver com a atitude de compreender a necessidade de estar disponível para o outro. Com efeito, durante os nossos trabalhos tivemos de desmarcar encontros previamente acordados devido à necessidade de estar disponível para o outro. As limitações da natureza cognitiva têm a ver com o facto de o entrevistado nem sempre estar motivado para responder adequadamente às perguntas, além de sofrer influência exercida pelo entrevistador abrindo caminho para a influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado.

A recolha de dados para esta investigação socorreu-se também do uso da técnica de entrevista. De acordo O'Leary (2005) citado por Zivenge (2009) uma entrevista é definida como um método de recolha de dados que envolve o pesquisador que faz perguntas abertas ou fechadas a um entrevistado. Por sua vez Miller (2003) afirma que a entrevista é um processo através do qual os pesquisadores recolhem dados formulando perguntas relacionadas com o campo de estudo em investigação. Como se pode depreender, os dois autores acima citados partilham o mesmo ponto de vista ao definir a entrevista como sendo uma espécie de interação envolvendo o pesquisador (que faz perguntas) e o entrevistado (que fornece respostas) para a obtenção de informação requerida no aprofundamento do conhecimento sobre a matéria em investigação.

No presente trabalho privilegiamos a entrevista semi-estruturada que se distingue da simples conversa, pois segundo Gil (2010), esta é mais recomendada em estudos exploratórios, e visa abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador como se afigura ser o caso da descrição detalhada das línguas Bantu faladas em Moçambique, que ainda carecem de informação sistematizada. Este autor afirma ainda que:

“ (...) nos estudos deste tipo recorre-se com frequência à entrevistas semi-estruturadas com informantes-chave, que podem ser especialistas no tema em estudo, líderes formais, informais ou personalidades destacadas”.

A entrevista semi-estruturada foi administrada para 12 (doze) informantes abrangidos pelo inquérito linguístico e para 10 (dez) informantes não abrangidos pelo inquérito para obter dados adicionais suplementares e reunir evidências sobre alguns aspectos constatados durante a recolha de informação através do inquérito.

No essencial, a entrevista não só se limitou a questões específicas relacionadas com o funcionamento da língua (fonética, fonologia, morfologia, semântica e sintaxe), mas também, com questões mais amplas relacionadas com as atitudes linguísticas dos falantes em relação a possíveis diferenças que existem entre a sua variante e as outras variantes do Citshwa. Nessa base, foi por diversas vezes enfatizado pelos entrevistados que Cidzivi era uma variante linguística diferente de outras variantes do Citshwa, embora não fossem capazes de explicar adequadamente as bases de alegadas diferenças.

O uso de entrevistas semi-estruturadas ou informais mostrou-se vantajosa porque, por um lado, permitiu aproximar mais o pesquisador dos informantes fazendo com que estes estivessem em estado de descontração incrementando a confiança entre aqueles e o entrevistador. Por outro lado, esta técnica facilitou o acesso à informação mais profunda através do uso da língua em contexto mais natural, facilitando a troca de informação relevante sobre as questões que lhes eram colocadas. Coupland & Jaworsky (1997) citados por (Zivenge, 2009:32) afirmam a este respeito que, para se obter dados úteis numa investigação linguística temos que ter em conta como as pessoas falam quando não estão sendo observadas, uma vez que, quando elas se apercebem que estão sendo observadas ficam menos descontraídas. O uso da entrevista não estruturada minimizou aquilo que Labov (1972) chamou de “Paradoxo do observador” que consiste no facto de, quando uma pessoa se dá conta de que está sendo observada fica inibida de fornecer informações úteis ao investigador.

Uma limitação encontrada no emprego da técnica de entrevista foi ter constatado que nem sempre foi possível encontrar informantes que dessem informação complementar esperada. Convém recordar que as entrevistas foram realizadas com parte de informantes abrangidos pelo inquérito e com outros informantes não abrangidos pelo inquérito, com a finalidade de se obter dados adicionais que providenciassem evidências sobre o funcionamento da língua. A outra limitante foi a falta de disponibilidade dos informantes no momento em que estes deveriam ser contactados, confirmando a dificuldade de natureza ética associada a esta técnica metodológica. Como a escolha de entrevistados fosse aleatória, alguns mostraram resistência, provavelmente, devido à incompatibilidade com a sua agenda diária ou por desconhecerem os verdadeiros objectivos para que se destinava a pesquisa.

Em termos globais, a entrevista permitiu aprofundar o conhecimento e melhorar a forma de olhar para os dados linguísticos colectados e, conseqüentemente assegurar a profundidade de análise da informação disponibilizada pelos entrevistados.

3.1.3. Recolha de dados através do método filológico

O outro método usado na recolha de dados para a presente pesquisa foi a pesquisa bibliográfica, porque como Lakatos (2003) afirma, pesquisa alguma parte hoje da estaca zero. Tendo em conta o pressuposto de que, actualmente, nenhuma pesquisa pode começar do zero, a pesquisa embarcou na busca de fontes documentais que dessem visão geral e suporte sobre os temas tratados. Assim, parte considerável de dados da presente pesquisa resulta de consultas de fontes bibliográficas disponíveis.

O exercício de pesquisa documental consistiu em estabelecer contacto com autores que escreveram temas relacionados com o Citshwa e com outras línguas do grupo Bantu. Embora a informação relevante mais detalhada apareça no capítulo dedicado à revisão bibliográfica, aqui referimos alguns trabalhos que abordaram os temas tratados na presente investigação. É relativamente extensa a lista de trabalhos que examinam a morfologia nominal e verbal em Bantu de forma geral e relativamente limitada a pesquisa sobre o Citshwa. Zivenge (2009), Okoudowa (2005), Liphola (2001), Langa (2012), Ngunga (1997), entre outros discutem sobre a morfologia nominal e verbal em Bantu, olhando para regularidades e algumas excepções encontradas em línguas específicas estudadas. Trabalhos que se dedicam especificamente ao Citshwa são apresentados por Chambela (1999); Uetela (2009); Cumaio (2005); Laisse (2000); Macuácuá (2005); Romão (2001); Sefo (2000); Gundane (2015); Cumbane (2008); Ugembe (2015); Chivambo (2015); Chamusso (1996); Chunguane (2003); Persson (1932), entre outros.

O contacto com estudos de outros autores mencionados ao longo do trabalho permitiu observar algumas regularidades de processos e princípios gerais nas componentes da morfologia, fonética e fonologia, bem como similaridades, diferenças e algumas excepções nos domínios lexical, morfológico, fonético e fonológico entre as variedades do Citshwa.

A consulta documental como técnica metodológica na investigação científica permitiu constatar que a variante Cidzivi do Citshwa apresenta características similares às

outras variantes do Citshwa, mas também com outras línguas Bantu, entretanto, esta exhibe algumas especificidades como foi acima referido. Com efeito, a variante dialetal do Citshwa objecto da presente pesquisa chama-se *Cidzivi*, enquanto as restantes são designadas por Xidonge, Xikhambani, entre outras. Convém notar que embora não exista contraste entre a consoante palatal africada não vozeada [c] e a consoante palatal fricativa não vozeada [ʃ] na língua, a presença do som [c] em Cidzivi denuncia diferença fonética entre as variantes desta língua.

Além das diferenças fonéticas detetadas acima, a revisão da literatura permitiu não só captar generalidades presentes em todos os autores, mas também fornecer dados da língua para a sua análise sistemática. A pesquisa documental permitiu também observar que parte de análise de factos linguísticos do Citshwa continua actual, mas incorpora dados que, ainda não são testáveis no Citshwa. Eventualmente, esta situação pode dever-se a factores dialetais a que fizemos referência anteriormente ou resultante de factores que se prendem com a limitação de dados disponíveis para a análise.

O uso do método filológico foi importante, pois para além de oferecer informação sobre o estágio do desenvolvimento de estudos do Citshwa mostrou que pesquisas existentes da e sobre a língua fazem abordagens dispersas de elementos da gramática do Citshwa. Esta constatação factual colocou à presente pesquisa a necessidade de realizar um estudo da língua que congregasse aspectos morfológicos e fonológicos no mesmo espaço de análise linguística como mais-valia para quem procure encontrar informação extensa e detalhada da língua.

3.1.4. Recolha de dados através do método introspectivo

O outro método empregue na recolha de dados para esta investigação foi a introspeção. O conhecimento intuitivo da língua tem sido um dos pilares na investigação linguística. Na verdade, ele tem sido o método complementar crucial, pois através do conhecimento intuitivo é possível fazer o melhor julgamento de dados linguísticos em apreço. Através de intuição é possível aferir as regularidades observadas ao nível lexical, bem como ao nível gramatical e fazer o julgamento com base na reanálise de aspectos sobre a gramaticalidade e aceitabilidade de estruturas linguísticas.

Vale referir que, a evidência linguística resultante da intuição é a que permitiu fazer a distinção entre a variante em estudo e as restantes formas dialetais existentes na língua. Como foi referido, Citshwa apresenta algumas diferenças lexicais, fonéticas, morfológicas e fonológicas motivadas pelas diferenças dialetais. Esse facto, não é totalmente captado em trabalhos descritivos cujos objectivos estão mais ligados à descrição da língua para fins de padronização da ortografia, como geralmente vem referenciado nos Relatórios de Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas, (NELIMO, 1989; Siteo e Ngunga, 2000 e Ngunga e Faquir 2011).

Uma das desvantagens do uso da intuição linguística é a tentativa de o investigador influenciar os dados, sobretudo, no domínio da sua análise. Mostrou-se, antes, que semelhante desvantagem existe em relação a outros métodos tais como a entrevista que exige cautelas de natureza ética e cognitiva. Assumimos que as desvantagens do método introspectivo podem ser superadas, quando a recolha de um dado e a sua análise tiver por detrás uma teoria. Um dado só é válido tendo em conta um modelo teórico que permite ou não fazer generalizações.

3.5. Conclusão

Neste capítulo foram apresentados os métodos ou técnicas metodológicas empregues na investigação de forma geral e técnicas de recolha de dados usadas nesta pesquisa. Devido à natureza da investigação que assume abordagem teórica e descritiva teve que se fazer a combinação de diferentes métodos de recolha de dados com vista à obtenção do maior número possível de informação que permitisse incrementar o conhecimento que existe sobre a língua. O uso de diferentes métodos na colecta de dados permitiu fazer cruzamento de informação obtida através de questionário linguístico, entrevista, pesquisa documental e introspecção.

Embora a combinação de diferentes métodos de recolha de dados represente mais-valia, algumas abordagens consideram que a combinação de vários métodos na recolha de dados é cara, além de não permitir a determinação de peso de cada método na avaliação de dados numa abordagem qualitativa. Mesmo consciente desse facto, a conjugação de diferentes métodos na recolha de dados mostrou-se útil na presente pesquisa permitindo que dados disponíveis fossem cruzados para permitir a sua fiabilidade.

CAPÍTULO 4: REVISÃO DE LITERATURA

4.0. Introdução

O presente capítulo faz a revisão da literatura e explora de forma extensiva recentes abordagens sobre aspectos relevantes da linguística moderna tratados em estudos anteriores, particularmente nas áreas da morfologia e fonologia em Bantu. Este capítulo examina, em particular, estudos descritivos das línguas Bantu faladas em Moçambique. Estas, de uma forma geral, caracterizam-se pela presença ainda de lacunas em termos da sua descrição. O capítulo tem como objectivo aferir as principais temáticas abordadas em diferentes trabalhos de investigação nas sub-áreas da morfologia e fonologia das línguas Bantu em geral e do Citshwa em particular. As duas sub-áreas da linguística são de maior interesse científico na presente pesquisa, tendo em conta que, não encontramos estudos que tentam dar resposta às questões colocadas no problema formulado na presente pesquisa.

O capítulo contempla as seguintes secções: além da secção introdutória em 4.0, a secção 4.1 oferece uma visão geral sobre alguns trabalhos desenvolvidos em Bantu cobrindo as áreas da morfologia e fonologia. A secção 4.2 passa em revista os estudos descritivos das línguas Bantu faladas em Moçambique. A secção 4.3 faz o exame dos trabalhos que versam sobre a morfologia em Citshwa. Finalmente, a secção 4.4 passa em revista estudos sobre a fonologia.

4.1. Visão geral sobre morfologia nominal em Bantu

É relativamente extensa a literatura que aborda a morfologia e fonologia das línguas Bantu. O nosso maior interesse ao examinar a morfologia e fonologia em Bantu é mostrar que, por um lado, existem abordagens diferentes dependendo de modelos de análise adotados. Por outro lado, pretendemos apresentar lacunas encontradas nas diferentes abordagens e, por isso, elas não dão conta de operações morfológicas que ocorrem em todas as línguas incluindo Citshwa. Tendo em conta esses factores, a escolha de trabalhos e ou autores para a revisão da literatura teve em consideração dois factores fundamentais, a saber, disponibilidade da fonte de consulta e relevância de temas tratados.

Outro aspecto importante que contribuiu para a selecção dos trabalhos de investigação prévia na revisão da literatura foi o carácter independente da pesquisa. Os

estudos aqui examinados apresentam diferentes pontos de vista em relação as matérias discutidas. Este aspecto é fundamental na medida em que nenhuma das abordagens dão conta de forma detalhada sobre o funcionamento da gramática do Citswa, objecto do nosso estudo, tendo em conta o carácter extenso da literatura que aborda a morfologia nominal e verbal em Bantu. Por exemplo, todos os estudos relativos à morfologia nominal em Bantu revelam que o traço típico e dominante nestas línguas é o facto de os nomes serem agrupados em classes usando um sistema formal que havia sido observado por Bleek, Willem (1862-1869).

O outro aspecto que salta à vista na literatura diz respeito ao facto de todos os trabalhos indicarem a existência de classes convencionalmente numeradas de 1 a 23, podendo este número variar de língua para língua. As classes são indicadas por prefixos de classe. Os prefixos são agrupados em pares de singular vs plural. Segundo Odden (1996), Hyman (2003), Kisseberth (1974), Ngunga (2002), entre outros, os prefixos básicos que actualmente existem nas línguas Bantu tiveram origem no Proto-Bantu e são fornecidos em (1).

(1) Prefixos de classes nominais em Proto-Bantu:

Classe	Prefixo		Classe	Prefixo
1	*mu-	sing.	2	*ba- pl.
3	*mu-	sing.	4	*mi- pl.
5	*di-	sing.	6	*ma- pl.
7	*ki-	sing.	8	*bi- pl.
9	*N-	sing.	10	*diN- pl.
11	*lu-	sing.	(10	*diN- pl.)
12	*ka-	sing. dim.	13	*tu- pl. dim.
14	*bu-	sing. não contável		
15	*ku-	infin.		
16	*pa-	locat.		
17	*ku-	locat.		

Tendo em conta os dados em (1) e considerando os actuais prefixos de classes nominais, a primeira observação que salta à vista é a variação numérica entre os prefixos do Proto-Bantu e os das línguas Bantu de atualidade cujo número, varia de língua para língua. O outro aspecto importante a notar é a variabilidade de prefixos de certas classes nominais.

Odden (1996) observa que em algumas línguas Bantu tais como Bukusu falada no Quênia, os prefixos nominais das classes 9 e 10 são distintos. Segundo o mesmo autor nesta língua, o prefixo da classe 9 é *éem-* como em *éem-bwa* “cão”, cuja forma do plural é *chúim-bwa* cães. Em outras línguas, tais como Yao discutida em Ngunga (2002), a mesma classe é representada pelo prefixo N- quer no singular quer no plural como em *m-bwa* “cão” e *m-bwa* “cães”.

Com base no que acaba de ser dito acima, é possível tirar uma conclusão preliminar segundo a qual a classe 9 apresenta complicações em Bantu. A complicação do prefixo da classe 9 é igualmente reportada em Shimakonde por Liphola (2001). Segundo este autor, o prefixo da classe 9 para o singular é representado pelo morfema *(i)N-* e o plural tem o prefixo *diN-*. Enquanto no singular a ocorrência da vogal prefixal em posição inicial é opcional, a presença da nasal é obrigatória tanto no singular, quanto no plural como em *(i)ng'-avanga* “cão” e *ding'-avanga* “cães”. Vemos que nesta língua, o prefixo do plural é análogo ao do Proto-Bantu. O autor chama a atenção afirmando que embora a ocorrência da vogal inicial do prefixo seja aparentemente opcional, tal opcionalidade é condicionada pelo número de sílabas existentes. O autor conclui dizendo que, em palavras dissilábicas a presença da vogal inicial alta do prefixo da classe 9 é obrigatória, enquanto em palavras com mais de duas sílabas a presença da vogal inicial alta do prefixo é facultativa, como ilustram os exemplos em (2).

(2) . Prefixo da classe 9 e 10 em Shimakonde:

					Glossário
im-bwe	sing.	~*m-bwe	dim-bwe	pl.	‘area’
in-dú	sing.	~*n-dú	din-dú	pl.	‘feijão jugo’
íin-ga	sing.	~*n-ga	díin-ga	pl.	‘merenda’

in-duva ~ n-duva	sing.	din-duva	pl.	‘flor’
in-dishi ~ n-dishi	sing.	din-dishi	pl.	‘banana’
im-banda ~ m-banda	sing.	dim-banda	pl.	‘buraco’
in’-ande ~ n’-ande	sing.	din’-ande	pl.	‘casa’
in-gonda ~ n-gonda	sing.	din-gonda	pl.	‘tanga’

Fonte: Liphola (2001)

Observando os exemplos em (2) vemos que contrariamente ao Proto-Bantu que apenas exhibe o prefixo N- para a classe 9 no singular, Shimakone fez inovação através da introdução da vogal inicial. Liphola (2001) afirma que a complicação da classe 9 pode ser observada ainda nos casos em que o prefixo da classe 9 é apenas a vogal *i-* sendo o plural correspondente o prefixo da classe 10 *di-*, mas sem a ocorrência da nasal N- como ilustram os exemplos (3).

(3) Complicações do prefixo da classe 9 em Bantu (caso de Shimakonde:

i-goli	~ øgoli	sing.	di-goli	pl.	Glossário ‘cama’
i-kiti	~ økiti	sing.	di-kiti	pl.	‘cadeira’
i-kanywa	~ økanywa	sing.	di-kanywa	pl.	‘boca’
i-pete	~ øpete	sing.	di-pete	pl.	‘anel’

Fonte: (Liphola 2018, comunicação pessoal)

Os dados em (3) revelam que a presença da vogal inicial da classe 9 é obrigatória. Nestes casos, a consoante nasal prefixal N- não ocorre.

Apesar das diferenças acima reportadas dos prefixos das classes 9 e 10 em algumas línguas Bantu, os diferentes autores concordam que em muitas línguas Bantu a distinção entre as classes 9 e 10 é justificada com base nos morfemas de concordância. Esses e outros aspectos morfológicos relacionados com operações morfo-sintáticas constituem o foco de análise deste capítulo examinando os dados do Citshwa.

Existem vários trabalhos que examinam a morfologia nominal em Bantu e todos eles apontam para a existência de certas similaridades na estrutura morfológica do nome, embora se reconheçam algumas diferenças morfológicas e no número de prefixos. Um dos

autores que analisa a morfologia em Bantu é Atindogbe (2013). Este autor descreve a morfologia do Mokpe língua da zona A, falada nos Camarões e codificada por Guthrie (1971) como A20. O autor apresenta um sistema nominal organizado em prefixos de classes nominais em número de 12 classes, agrupando-as em nove géneros gramaticais que expressam o singular e o plural. Da análise feita aos dados do Mokpe, depreende-se que a morfologia nominal desta língua segue o mesmo padrão geral encontrado em outras línguas Bantu como veremos mais adiante.

Hyman (2003) descreve a morfologia do Basaá, língua Bantu, também da zona A, falada nos Camarões e codificada A43 por Guthrie (1971). O autor revela que esta língua apresenta nomes igualmente organizados em grupos determinados pelos prefixos de classes nominais, tal como acontece na língua Mokpe. O autor mostra ainda que o Basaá distingue-se do Mokpe pelo número de classes nominais que apresenta, pois o Basaá conta com mais uma classe, nomeadamente a classe 13. Tal como em Mokpe, as classes nominais em Basaá são agrupadas em géneros gramaticais que distinguem o singular do plural.

Mous (2003) é outro autor que estuda a morfologia nominal do Nen, uma língua Bantu dos Camarões, igualmente da zona A classificada A44, por Guthrie (1971). Segundo este autor, o Nen apresenta um sistema nominal comum a outras línguas Bantu. Mais especificamente, os nomes nesta língua estão organizados em prefixos de classes nominais, em número de 12 que distinguem o singular do plural. Neste aspecto, particular vemos que, o **Nen** assemelha-se do Mokpe quanto ao número de prefixos que compõem as classes nominais.

O outro trabalho realizado na zona linguística A inclui Heath (2003) que examina o Makaa igualmente falado nos Camarões que recebe o código A83, segundo Guthrie (1971). À semelhança de estudos anteriormente referidos acima, esta língua apresenta um sistema de classes nominais. A diferença básica entre Makaa e as outras línguas camaronesas já referenciadas é notável no número de prefixos. O Makaa conta apenas com 10 prefixos de classes nominais. O autor faz notar que nesta língua os nomes agrupam-se em géneros gramaticais que distinguem o singular do plural, como em outras línguas Bantu, exceptuando os nomes das classes 4, 6, 8 e 10 que não formam o plural, mas expressam apenas o singular. Neste aspecto particular o Makaa revela um dado importante associado com o número de prefixos de classes nominais. Estes expressam não só as relações formais

entre morfemas, mas também expressam outras relações categoriais existentes na gramática da língua, tais como a coisificação de objectos, a semanticidade atribuída a eventos, acções e conceitos, entre outras coisas, tendo em conta os valores simbólico e social da linguagem.

A análise da estrutura do nome das línguas da zona A revela que, embora haja diferenças no número de prefixos que compõem as classes nominais, todas elas apresentam na sua estrutura um prefixo seguido de uma base nominal. Quisemos trazer para o nosso trabalho, estudos de outras línguas Bantu faladas na zona A, para ver até que ponto as generalizações feitas sobre a morfologia nominal captam as similaridades e algumas diferenças observadas nessas línguas.

Okoudowa (2005) fez um estudo descritivo preliminar da morfologia do Lembaama, língua Bantu da zona B falada no Gabão e classificada por Guthrie (1971) como B62. O autor fez o levantamento das classes nominais e, constata haver 12 prefixos de classes nominais, tal como acontece com algumas línguas da zona A. Uma observação preliminar aos trabalhos até aqui analisados revela que, na verdade, há uma generalização que se pode fazer quanto à estrutura morfológica do nome em Bantu que consiste em assumir que nestas línguas, geralmente o nome apresenta um prefixo de classe e um radical, mas existem casos em que tal não ocorre, como veremos mais adiante neste capítulo.

Leitch (2003) estuda a morfologia nominal do Babole, língua Bantu da zona C, falada no Congo Brazzaville e catalogada C101 por Guthrie (1971). O estudo revela que à semelhança das línguas Bantu faladas nas zonas A e B, esta língua também apresenta um sistema prefixal que forma as classes nominais em número de 16. Os prefixos formam pares que indica o singular *vs* plural, mas ocorrem prefixos sem necessariamente expressar essa relação formal entre morfemas. Neste aspecto, Babole é similar às outras línguas Bantu anteriormente referidas, mas difere das primeiras em número de prefixos. Nota-se que enquanto as línguas da zona A e B apresentam o número de prefixos que variam de 12 a 13, o Babole exhibe um número relativamente maior de prefixos nominais.

Botne (2003) descreve a morfologia nominal do Lega ou Kilega codificado D25 por Guthrie (1971), língua Bantu falada na região oriental do Congo. O autor constata que a organização do sistema nominal desta língua é semelhante às outras línguas Bantu, relativamente à existência de prefixos que definem classes nominais. Kilega apresenta um total de 18 classes nominais que formam géneros alguns dos quais opondo o singular do

plural. Todavia, o autor nota que existem prefixos que não opõem o singular do plural, mas servem para indicar o estado de coisas e sua relação na natureza.

O outro trabalho de análise da morfologia nominal em Bantu é apresentado por Lojenga (2003) que examina o Bila, outra língua falada na zona D no Congo, catalogada D32 por Guthrie (1971). A autora revela que diferentemente de outras línguas Bantu desta zona, o Bila, não apresenta um sistema prefixal organizado em classes nominais como acontece em Kilega e Babole. A autora argumenta que, existem vestígios na estrutura morfológica que apontam para um sistema de organização de nomes em classes nominais, mas tal sistema não se encontra em uso. O caso do Bila estabelece que, a organização de nomes em classes nominais, não é genérica para todas as línguas Bantu. A revelação feita em Bila demonstra, claramente que, por um lado, as línguas Bantu seguiram caminhos ligeiramente distintos na sua evolução do Proto-Bantu para as línguas Bantu da era moderna. Por outro lado, a revelação do Bila suporta a abordagem que olha para os prefixos não somente do ponto de vista formal, mas também como estruturas sujeitas à gramaticalização, processo através do qual, itens lexicais podem transformar-se em palavras de valor gramatical. Este ponto de vista tem sido abordado em estudos recentes que defendem que a organização de nomes em classes nominais tem a ver também com aspectos cognitivos, além de aspectos puramente formais, como defende Kolehmaine (2004). Embora se possa ainda manter a generalização segundo a qual em Bantu os nomes organizam-se em classes nominais através de um sistema formal de prefixos, existem línguas como Bila que fornece evidência de existirem algumas exceções.

Ao analisar a morfologia do Luganda, língua do grupo E15 segundo a classificação de Guthrie (1971) falada no Uganda, Lutz (2012) dá maior enfoque para a concordância em sintagmas locativos. O autor revela a existência de considerável variação de marcas do locativo em Bantu. O autor mostra que enquanto algumas línguas apresentam um sistema locativo composto por três classes, nomeadamente, as classes 16 (pa-), 17 (ku-) e 18 (mu-), outras línguas Bantu apresentam mais um prefixo locativo da classe 25 (e-), como acontece em Luganda e em Swahili. Tendo em conta dados cruzados de diferentes línguas o autor conclui que há línguas que não apresentam as três classes de prefixos locativos mas sim, possuem o sufixo *-ini* como marcador de locativo. Este tipo de locativo sufixal é encontrado em várias línguas tais como Bondei língua Bantu do grupo G24, Swahili G40 e Changana S.53, apenas para referir alguns exemplos.

Na verdade, a variação numérica e tipológica dos prefixos de classes nominais tem sido constatada em várias línguas. Os diferentes autores explicam que essa variação resulta de diferentes rumos que as línguas Bantu tomaram no processo da sua evolução. A este propósito, Ngunga (2014) mostra que ao longo da sua evolução histórica, algumas línguas mantiveram o mesmo número de prefixos nominais reconstituídos a partir do Proto-Bantu (PB). Todavia, outras línguas optaram por reduzir o número inicial de prefixos nominais e outras ainda inovaram a lista introduzindo novos prefixos. Por essa via, cada língua foi, também, adotando novas estratégias de locativização, como atesta o trabalho de Lutz anteriormente referenciado.

Em Citshwa, por exemplo, a locativização é realizada através dos morfemas locativos das classes 16 e 17. Além disso, ela é expressa, também, pelo sufixo *-ini*, tal como acontece em Bondei, Changana, Swahili entre outras línguas.

A língua Ki-Nata, E40 na classificação de Guthrie (1971) é falada na região de Mara na Tanzânia é objecto de uma análise extensiva apresentada por Johannes (2007). O autor revela que a língua apresenta o mesmo padrão geral que caracteriza a organização de nomes em Bantu, o qual revela que o nome é composto por um prefixo mais a base nominal. Existem 20 classes nominais em Ki-Nata, representadas, por vários prefixos, facto que faz com que, esta língua seja a primeira com maior número de prefixos comparativamente às línguas até aqui consideradas no presente trabalho. Ki-Kuria E43, língua falada no Quênia e descrita por Mwita (2008) tem uma particularidade. Nesta língua o nome apresenta três partes, nomeadamente, pré-prefixo, prefixo e raiz. A presença de prefixos nominais múltiplos abre a possibilidade de uma abordagem que põe em causa a análise clássica de prefixos nominais, segundo a qual o agrupamento de nomes em classes capta a pluralidade e singularidade de itens lexicais.

Jeruka U. Kavari e Lutz Marten (2009) no estudo feito à língua Bantu Herero R30 Guthrie (1971), de Namíbia, relatam que tal como em outras línguas Bantu acima indicadas, o Herero apresenta um sistema de classes nominais. Nesta língua, os nomes são formados através da combinação de uma base nominal e de um prefixo de classe nominal, comportando 18 prefixos de diferentes classes, agrupados em pares que indica o singular/plural. Exceptuam-se os prefixos que indica o infinitivo e locativo que ocorrem sem formar pares. Os autores acrescentam que o Herero faz parte das línguas cujo prefixo de classe nominal não apresenta a estrutura silábica canónica constituída pela consoante-

vogal (CV), mas apenas pela vogal em posição inicial do nome. Este facto não constitui, no entanto, uma particularidade exclusiva do Herero. Katupha (1983) mostra que o Makhuwa apresenta, igualmente casos em que o prefixo da classe nominal é apenas uma vogal. Nesse aspecto particular, Herero distingue-se da maioria das línguas Bantu, mas apresenta ao mesmo tempo similaridades com as outras línguas Bantu, tais como Ki-Nata, Ki-kuria e Makhuwa. Além da ausência da estrutura silábica canónica no prefixo, o Herero mostra a ocorrência de prefixos múltiplos em determinados contextos, nomeadamente, (i) na formação do plural e (ii) na derivação nominal.

A maior parte dos trabalhos inicialmente descritivos das línguas Bantu incluindo as faladas em Moçambique enquadram-se na categoria de estudos cujo objectivo primário é a obtenção de um grau académico ou a documentação de uma realidade desconhecida motivada pela necessidade de conhecer o “outro”, isto é, o estranho com vista a “descobrir” ou “confirmar” factos, tendo em conta os modelos teóricos subjacentes de disciplinas específicas (antropologia, teologia, fonologia, entre outras). Exceptuam-se alguns casos recentes em que encontramos obras de linguística teórica e descritiva, resultantes de uma pesquisa sem objectivo de obtenção de um grau académico. Compulsando o acervo disponível e restringindo-o especificamente aos trabalhos realizados no contexto moçambicano, esta última categoria inclui trabalhos limitados de Ngunga (2014), Ngunga e Simbine (2012), Liphola (2015), Langa (2002), Ngunga (2002) entre outros.

Na categoria de trabalhos desenvolvidos com a finalidade de obtenção de grau académico, Langa (2002) examina a morfologia do Changana, S.53 na classificação de Guthrie (1971), com enfoque para a categoria gramatical do locativo. O autor constata que em Changana, os locativos das classes 16, 17 e 18 não se apresentam como prefixos nominais à semelhança do que acontece em outras línguas, em virtude da sua lexicalização. Na essência, o autor entende que na ausência de locativos das classes 16, 17 e 18, o Changana realiza morfologicamente a locativização através da sufixação dos morfemas -*eni/-ini* na posição final dos temas nominais a que se associam. Ora, os factos descritos em Langa (2002) são presentes em Swahili, onde a palavra *nyumba* “casa” é distinta de *nyumba-ni* “dentro da casa” ou “em casa”, onde o sufixo *-ni* indica interioridade nesta língua (comunicação pessoal, Liphola, 2017).

O estudo de Langa (2002) tem particular interesse, uma vez que o objecto de seu estudo, o Changana, é considerado língua geneticamente mais próxima do Citshwa. O exame que fazemos visa verificar até que ponto as duas línguas partilham ou não os aspectos morfológicos relevantes. Mais concretamente, a pergunta que pretendemos responder é até que ponto a morfologia nominal do Citshwa se assemelha com a do Changana. O exame ao trabalho de Langa (2002) mais o outro estudo independente de interesse apresentado por Ngunga e Simbine (2012) mostram a existência de algumas similaridades entre o Changana, maioritariamente falado na Província de Gaza e os dados do Citshwa discutidos na presente pesquisa. Enquanto Langa (2002) se ocupa de aspecto particular ligado a locativos, o estudo de Ngunga e Simbine (2012) cobre várias subáreas incluindo fonética, fonologia, morfologia nominal, morfologia verbal, sintaxe, semântica, entre outros. O nosso interesse particular nesta secção é a componente da análise morfológica. Os autores começam por confirmar a similaridade do Changana com outras línguas Bantu faladas em Moçambique, quando afirmam que, relativamente à morfologia nominal, os nomes em Changana são organizados em classes nominais, num total de 15, organizados em pares de 1/2, captando a oposição entre singular vs plural. Os autores enfatizam, entre outras coisas, que do ponto de vista da análise morfológica, a concordância é feita mediante a colocação do prefixo de concordância ao nome, adjetivo, numeral, possessivo, demonstrativo e verbos, com os quais mantêm uma relação de dependência morfo-sintática na frase ou sintagma com o nome a que se refere. O presente estudo revela similaridades com o Changana relativamente aos aspectos acima referidos.

Sitoe (1991) examinou a integração de empréstimos lexicais do Português no Tsonga, tendo como foco o sistema morfo-fonológico das duas línguas. De acordo com o autor acima citado, na integração morfológica os verbos da língua a ser acomodada recebem o prefixo nominal **ku-** (classe 15 do infinitivo) e o sufixo **-a**. Na integração fonológica, o processo de integração é concretizado através da eliminação de uma das vogais de ditongos orais, com a observância de excepções que possam existir. Por sua vez, Ngunga e Simbine (2012) sobre o mesmo processo de acomodação dos nomes provenientes de uma língua na outra dizem que, um nome proveniente de uma língua estrangeira é acomodado morfológicamente em uma classe nominal na língua de chegada. Afirmam ainda que essa integração é feita tendo em conta a classe nominal correspondente, através da sua categoria semântica e semelhança fonética do primeiro som. Embora haja alguma coincidência estratégica na acomodação dos nomes provindos de uma língua para outra em Sitoe (1991)

e Ngunga e Simbine (2012) referente a observância de aspectos morfológicos é, preciso ressaltar que não basta um nome apresentar semelhanças fonéticas do primeiro som para ser integrável na língua de chegada, pois nem todas as línguas apresentam mesmos sistemas morfo-fonológicos. Relativamente ao que acima foi dito, notamos haver sensíveis diferenças entre o Changana e Citshwa, pois, nesta última língua, além de características morfológicas dos prefixos, sua semântica e semelhança fonética do som, grosso modo designados por aspectos formais, em Citshwa, a acomodação de nomes “estranhos” numa classe nominal deve ter em conta, também, aspectos cognitivos, incluindo a necessidade de “coisificação”, “pluralidade” vs “singularidade” e conhecimento de “aspectos culturais” no contexto do uso da língua. Não sendo interesse particular desta pesquisa desenvolver uma pesquisa com base em modelos cognitivos deixamos uma nota importante segundo a qual, o agrupamento dos nomes em classes nominais transcende os aspectos formais e incorpora igualmente valências de modelos cognitivos, como será demonstrado mais adiante. Contudo, vale notar que Ngunga e Simbine (2012) fazem a descrição correcta de que a locativização e diminutivização, formalmente descritas como sendo expressas pelos prefixos *ku-* da classe 16, *pa-* da classe 17 e *mu-* da 18 essas duas categorias morfo-semânticas são também indicadas pelos sufixos *-ini*, e *xi*, respectivamente.

Adicionalmente, olhando para a morfologia verbal, Ngunga e Simbine (2012) revelam que em Changana, o verbo não flexionado apresenta-se de duas formas, a saber, a forma não derivada e forma derivada. Na forma não derivada o verbo tem a estrutura que inclui prefixo, raiz e vogal final (*CV-Raiz-VF*), enquanto na forma derivada o verbo apresenta a estrutura que envolve um prefixo, raiz, mais extensão verbal e finalmente a vogal final (*CV- Raiz- EV-VF*). As duas formas da estrutura verbal acima indicadas não são, na verdade, exclusivas ao Changana, mas uma generalização aplicável à maioria de línguas desse grupo. Convém reconhecer que para as línguas cujo prefixo de classe é excepcionalmente representado por um morfema vocálico, tal estrutura seria análoga a *V-Raiz-VF*. A generalização relativa à estrutura verbal não derivacional e derivacional é testada na maioria das línguas Bantu. É preciso notar que a forma da estrutura verbal não derivada corresponde à representação morfológica básica sem a presença de morfemas derivacionais gerando a estrutura verbal derivada. Nesse aspecto, o Changana assemelha-se também à maioria das línguas Bantu, incluindo as faladas em Moçambique.

Num estudo não visando a obtenção do grau académico, Liphola (2015) descreve a morfologia do Shimakonde, P23 segundo Guthrie (1967-71), língua falada em Cabo

Delgado e Sul da Tanzânia. O autor apresenta e classifica as unidades morfológicas mínimas de significado, incluindo morfema, morfe e alomorfe. Seguindo uma abordagem apresentada em Spencer (1991), o autor classifica os morfemas, em livres e presos, como tem sido prática em análises tradicionais em Bantu. Quanto à função dos morfemas, distinguem-se os morfemas (i) presos com funções derivacionais. Estes associam-se a uma palavra ou raiz nominal para criar ou derivar novas palavras, podendo ocorrer à esquerda da raiz (prefixos) ou à direita da palavra (sufixos); (ii) livres cuja função é fornecer informações gramaticais das palavras a que se juntam, sem no entanto, alterar o seu significado. Nota-se nessa abordagem que ela se prende à visão clássica e tradicional de análise linguística que pretendeu colocar uma linha divisória entre a linguística estruturalista e derivacional. No mesmo estudo, o autor aborda ainda outros conceitos operativos muito comuns na análise formal morfológica, tais como raiz ou base e tema. O autor considera que a raiz ou base é o morfema central da palavra, ao qual concorrem um conjunto de outros morfemas para alterar o seu significado; o tema, por seu lado, é definido como um conjunto composto por raiz e todos os morfemas que vem à sua direita. Adicionalmente, o autor examina o processo da formação de palavras no Shimakonde. Em relação à formação de palavras, o autor destaca operações morfológicas incluindo afixação que consiste na combinação de morfemas presos com morfemas livres na formação de palavras; composição, processo através do qual são derivadas novas palavras a partir de dois ou mais morfemas livres; reduplicação processo de formação de novas palavras, através da repetição parcial ou total do morfema central da palavra. Dessa análise, decorre uma conclusão preliminar segundo a qual, operações morfológicas que ocorrem em Shimakonde são observáveis em Citshwa. Contudo, são notáveis algumas diferenças na forma como tais operações se efetivam de língua para língua, como demonstramos no capítulo relativo à apresentação e análise de dados morfológicos.

Liphola (2015) mostra que a morfologia nominal do Shimakonde exibe outra característica comum a todas as línguas Bantu que consiste em agrupar os nomes em classes nominais. No caso vertente, esta língua apresenta um total de 18 prefixos de classes nominais tal como foi atestado em Changana. Existe, porém, notável diferença entre as duas línguas. Shimakonde não emprega os locativos *-eni*, ou *-ni* como em Changana e Swahili, embora aquela língua esteja geograficamente mais próximo do Swahili.

Relativamente à concordância, em geral, vários estudos apontam para a existência de regularidades nas línguas Bantu, embora reconhecendo algumas diferenças. A este

respeito, Liphola (2001), por exemplo, explica que Shimakonde apresenta dois tipos de concordância, nomeadamente, a concordância dentro da palavra determinada pela estrutura morfológica envolvendo a raiz nominal e o prefixo da respectiva classe e o padrão de concordância que envolve o sintagma do núcleo nominal SN e o verbo ou modificador quando ocorre a interação entre sintaxe e fonologia.

Ngunga (2002) é outro autor que apresenta um trabalho descritivo detalhado ao examinar os elementos da gramática da língua Yao, P20 na classificação de Guthrie (1967-71), falada na província do Niassa e nos países vizinhos, nomeadamente, Malawi, Zâmbia e Tanzania. Quanto à morfologia nominal do Yao, Ngunga mostra a similaridade desta língua com as outras línguas Bantu, relativamente à organização dos nomes em classes nominais, na maioria de casos formando pares de singular vs plural. O autor refere que Yao tem 18 classes nominais. Enfatiza que o nome é composto de duas partes, a saber, um prefixo que é variável em função da classe e um tema que é o portador do significado lexical. Segundo o mesmo autor, olhando para a estrutura interna do tema é possível distinguir o radical nominal e uma vogal final. O radical por sua vez, pode ser variável em função dos afixos que possa levar. O estudo de Ngunga (2002) inclui o exame de outros elementos da gramática tais como os pronomes pessoais absolutos, pronomes pessoais clíticos, pronomes pessoais reflexivos e possessivos. O trabalho abrange igualmente a classe dos demonstrativos, interrogativos, advérbios, ideofones e a categoria de interjeições, além do exame sobre o sistema de contagem na língua. Relativamente à contagem, o autor conclui dizendo que existem três bases, a saber, 5, 10 e 100.

No tocante aos numerais, Ngunga (2002) estabelece que em Yao o sistema de numerais não serve para contar objectos, mas o lugar que eles ocupam na ordem em termos de primeiro lugar, segundo, terceiro, etc. Todo o numeral em Yao é precedido por um prefixo do nome em causa seguido do numeral. Neste aspecto, Yao assemelha-se a outras línguas Bantu, mas difere no tocante ao facto de em Yao ocorrerem numerais múltiplos que expressam o número de vezes que um determinado evento tem lugar. Em Citshwa, os numerais servem também para indicar o lugar que os objectos ocupam, e não para contá-los, tal como ocorre em Yao. O estudo de Ngunga (2002) inclui números fracionais, percentagem, medidas, indicadores de nacionalidade, formas de orientação no espaço e orientação temporal. Tendo em conta o exame de factos descritos em Yao e considerando dados do Citshwa apresentados mais adiante, a maior conclusão que se tira a partir dos estudos anteriores é de que, por um lado, há aspectos recorrentes na morfologia das línguas

e, por outro, notam-se algumas diferenças que podem ser melhor explicadas tendo em conta a gramática de uma língua específica. Nas secções que se seguem iremos explorar com mais detalhe aspectos paramétricos que caracterizam a morfologia nominal do Citswha para melhor compreensão do funcionamento desta língua.

Concluindo, até aqui, mostramos que em Bantu existem duas tipologias na estrutura do nome. Existem línguas cuja estrutura do nome é similar em termos de este ser composta por duas partes distintas. Mostramos também que em algumas línguas co-ocorrem múltiplos prefixos, mas em outras o prefixo da classe nominal apresenta uma tipologia variável em termos da estrutura silábica. Existe outro grupo de línguas Bantu como Bila que não exhibe as classes nominais.

A análise feita aos trabalhos anteriores aqui arrolados permite chegar à mesma generalização segundo a qual, nas línguas Bantu, o nome é basicamente composto de duas partes, a saber, uma parte prefixal que indica formalmente a classe a que o nome pertence ou fornece informações de natureza cognitiva e a raiz nominal a parte invariável que incorpora a informação relevante de natureza lexical. Foi mostrado que existem poucas línguas faladas na zona linguística do Congo que constituem excepção relativamente ao agrupamento dos nomes em classes nominais. O ponto relativamente novo defendido na nossa abordagem é o reconhecimento de que o agrupamento dos nomes em classes nominais capta relações morfológicas formais permitindo a organização da categoria gramatical dos nomes em classes, mas o agrupamento dos nomes em subcategorias incorpora, também, aspectos cognitivos da linguagem que têm a ver com a necessidade de coisificação de factos, eventos e conceitos bem como a necessidade de captar a relação entre a linguagem em uso em contexto social. Esse aspecto é melhor captado examinando a natureza da complexidade tipológica que envolve determinados prefixos cuja variabilidade quer numérica quer tipológica não pode ser explicada exclusivamente com base em características formais. Mostramos também que apesar das similaridades existentes na morfologia nominal em Bantu, há pequenas diferenças que são melhor explicadas tendo em conta factores paramétricos de cada língua.

4.2. Visão geral sobre morfologia verbal em Bantu

Nesta secção ocupar-nos-emos da morfologia verbal em Bantu, dando uma visão geral sobre aspectos relevantes discutidos por diferentes estudiosos. O estudo da morfologia do verbo em Bantu tem atraído vários pesquisadores em linguística africana, designação genérica por vezes dada às línguas Bantu, porque se reconhece que a estrutura verbal é mais complexa comparativamente à estrutura do nome. Nesta secção, apresentamos as abordagens relativas à estrutura do verbo, bem como as diferentes formas da categorização do tempo verbal. Considerações gerais são igualmente feitas sobre aspecto, categoria gramatical que no entender de alguns estudiosos deve ser analisada de forma independente do tempo, mas há pontos de vistas diferentes que defendem que devido ao facto de o aspecto reflectir dinâmicas internas do tempo, aquele deve ser examinado concomitantemente com este. Neste estudo, o tempo verbal é examinado como categoria gramatical independente de aspecto, embora em alguns casos façamos referência explícita sobre a necessidade de olhar para essas duas categorias de forma integrada.

Uma observação preliminar mostra que os diferentes estudos que examinam a morfologia verbal usam diferente terminologia, facto que dificulta por vezes, fazer generalizações e comparações objectivas dos constituintes do verbo e suas categorias flexionais. No entanto, um exame mais profundo revela que apesar da aparente proliferação terminológica, a estrutura verbal em Bantu incorpora componentes básicos testados em diferentes línguas. Em termos distribucionais, existem componentes da estrutura do verbo localizados obrigatoriamente à esquerda do radical e outros que ocupam obrigatoriamente o seu lugar à direita do radical. Estes e outros aspectos são discutidos nas secções seguintes deste capítulo.

4.2.1. Estrutura do verbo em Bantu

A generalização correcta feita sobre a estrutura verbal em Bantu é que esta apresenta quatro áreas distintas mas interdependentes, nomeadamente, a área de prefixos, a de raiz ou radical, a área de sufixos e a área de vogal final ou vogal temática. Essa visão resulta de pesquisas recentes em várias línguas, pois, abordagens anteriores como as encontradas em Meeussen (1967) não tinham o mesmo entendimento, como veremos mais adiante.

Os diferentes trabalhos apresentam diferentes rótulos a cada uma das quatro componentes estruturais do verbo, mas no essencial, todas as abordagens convergem

quanto a funcionalidade estrutural nas gramáticas específicas das línguas Bantu. Outras subdivisões internas da estrutura verbal são possíveis fazendo com que as quatro áreas estruturais do verbo resultem em subcomponentes estruturais, também examinadas na presente investigação.

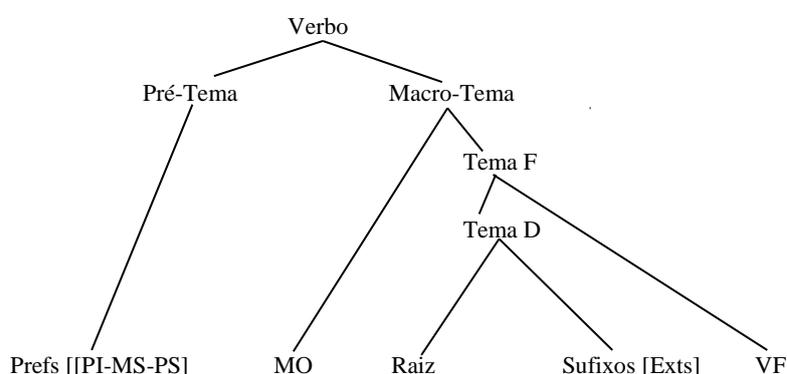
Em estudos anteriores, como o ensaio linguístico feito ao Ki-rundi, língua Bantu do grupo D62 segundo Guthrie (1971), falada no Burundi, Meeussen (1967) propõe 9 constituintes estruturais no verbo em Bantu, nomeadamente, (i) *Pré-inicial*; (ii) *Inicial*; (iii) *Pós-inicial*; (iv) *Marca*; (v) *Infixo*; (vi) *Radical*; (vii) *Sufixo*; (viii) *Final* e (ix) *Pós-final*. Vemos que Meeussen embora treinado para “picar” morfemas, a sua abordagem não se revela eficaz para captar a estrutura verbal em Bantu de forma mais simples. O mérito do seu trabalho é inegável até aos nossos dias, porque faz parte dos fundamentos essenciais que mostram a evolução da nossa compreensão sobre o funcionamento da gramática das línguas Bantu. Veremos mais adiante, que embora com algumas adaptações e melhorias, o modelo da estrutura verbal em Bantu proposto por Meeussen prevalece, no essencial, válido em muitos estudos recentes.

Nurse (2008) é outro linguista que se debruça sobre a estrutura do verbo em Bantu. O autor retoma a proposta de Meeussen (1967), entretanto, introduz algumas alterações tanto na designação quanto no número dos constituintes internos da estrutura do verbo. Segundo este autor, a posição (iv) designada *marca*, passa a ser *Formativo* e a posição (v) rotulada de *Infixo*, Nurse chama-a de *Limitativo*. A posição (vi) de Meeussen, Nurse subdivide-a em três sub-posições, nomeadamente, 6.1 *Infixo*; 6.2 *Radical*; 6.3 *Sufixo* ou *Extensão*. Vemos que Nurse (2008) não só expande para mais duas posições categoriais na estrutura verbal na posição (6), como inova a terminologia dos seus constituintes. Finalmente, a posição categorial (vii) antes ocupada por *suffixos* Nurse prefere que a mesma seja ocupada por *Pré-final*. O modelo da estrutura verbal apresentado por Nurse (2008) funde as posições *v*, *vi* e *vii* de Meeussen (1967) numa única posição, na qual, estão informações gramaticais incluindo, *infixo*, *radical* e *extensões*, como correctamente constata Okoudowa (2010). Nurse apresenta como inovação a inclusão da categoria estrutural *pré-final* que em Meeussen não existe e, estende a lista de 9 posições estruturais para 11 ao aumentar duas posições na estrutura verbal anteriormente proposta por Meeussen.

Ngunga (2014) adota basicamente a estrutura verbal em Bantu seguindo Meeussen (1967) para descrever a morfologia verbal das línguas Bantu, diferindo-se da primeira na

apresentação arbórea. A posição assumida pelo autor consubstancia o que acabamos de referir acima, quanto às diferentes formas em que a estrutura do verbo foi apresentada e como a mesma foi evoluindo em termos da composição e rotulagem dos constituintes. Como fizemos referência acima, diferentemente dos dois autores inicialmente referenciados que assumem uma estrutura verbal linear, Ngunga (2014) adota uma estrutura verbal hierarquicamente organizada, influenciado por modelos da linguística moderna. A estrutura verbal em forma de árvore virada de avesso é representada na figura 1.

Figura 1. Estrutura do verbo em Bantu (Ngunga, 2014)



A figura 1 mostra, primeiro, a existência de relações de dependência interna entre constituintes. A mesma mostra ainda que, com adoções e melhorias aos modelos propostos por Meeussen (1967), Nurse (2008), estão espelhadas não só as posições previstas na estrutura verbal, como modificadas algumas designações dos seus constituintes. Por exemplo *Tema F* representa tema flexionado, enquanto *Tema D* indica tema derivado; *MS* representa Marca do Sujeito e *PS* fica para pós-Sujeito. *PI* representa pré-Inicial, enquanto *MO* significa Marca do Objecto. Os Sufixos incluem extensões verbais e *VF* é vogal final, também chamada vogal temática ou terminal (VT).

Os modelos estruturais apresentados por Meeussen (1967), Nurse (2008) e Ngunga (2014) procuram, por um lado, evidenciar a complexidade da estrutura do verbo em Bantu, comparativamente à estrutura do nome nessas línguas e por outro, mostram relações de interdependência entre os constituintes. Todavia, a representação arbórea fornecida acima elucida melhor as relações hierárquicas, pois, revela as relações de precedência dos diferentes elementos que compõem a estrutura verbal.

De entre as três abordagens acima apresentadas, a abordagem feita por Ngunga (2014) tem vantagens em termos da ilustração das relações de interdependência entre os

constituintes internos do verbo, por isso, adoptamos o mesmo ponto de vista para o presente estudo. A escolha do modelo da estrutura hierárquica do verbo justifica-se pelo facto de ser o mais simples de interpretar e intuitivamente mais fácil de explicar as relações morfo-sintáticas entre componentes da estrutura do verbo em Bantu. Com efeito, a estrutura arbórea sugere que existem posições pré-definidas para a ocorrência de determinados elementos dentro da estrutura. Também faz prever, correctamente, que a violação da ordem de precedência dentro da estrutura pode gerar formas linguísticas não testadas na língua.

O último trabalho discutido nesta secção inclui Langa (2012), cuja abordagem envolve além da estrutura verbal, outros elementos relacionados com esta categoria gramatical, tais como tema e modo. Relativamente à estrutura, o autor conclui que em Changana, os constituintes do verbo são realizados através de diferentes morfemas quer derivacionais quer flexionais, sobretudo os que expressam o *tempo, aspecto e modo*. Quanto ao tempo, Langa (2012) mostra que o Changana não distingue o passado recente do remoto, nem o futuro próximo do distante, mas a língua caracteriza-se pela exibição de três tempos primários, a saber, o *passado* (simples ou absoluto com variações aspectuais), o *futuro* simples com variações aspectuais e o *presente* aspectual e habitual.

Voltando à estrutura do verbo em Changana, o autor mostra que as posições disponíveis para a distribuição dos morfemas na estrutura do verbo são 12, a saber: *pré-inicial, inicial, pós-inicial, pré-formativo, formativo, pós-formativo, pré-radical, radical, pós-radical, pré-final, final e pós-final*. Vemos que a abordagem feita por Langa (2012) sobre a estrutura verbal em Changana retoma o modelo estrutural visto em Meussen (1967), Nurse (2008) e Ngunga (2012) com as necessárias melhorias na estrutura inicial.

4.2.2. Categorias flexionais do verbo

O estudo do verbo é geralmente feito tendo em conta a estrutura e suas categorias internas genericamente conhecidas por categorias flexionais, segundo Odden (1981). Nesta subsecção apresentamos alguns trabalhos que abordam as diferentes categorias de flexão do verbo em geral e nas línguas Bantu em particular.

O termo flexão verbal é usado nesta pesquisa na asserção dada por Odden (1981) no seu estudo sobre o Shona. Segundo este autor, categorias flexionais referem-se a tempos

verbais e modo ou aspecto, quando em determinados contextos, se torna necessário separar ou não, em termos de descrição e análise, as categorias do tempo e do aspecto. Neste estudo, embora se faça a diferenciação do tempo e aspecto, empregamos o termo categorias flexionais do verbo para referir àquelas duas entidades. O objectivo principal desta subsecção é mostrar que o verbo partilha algumas similaridades em várias línguas Bantu quer do ponto de vista estrutural quer funcional, embora existam algumas diferenças encontradas em línguas particulares.

4.2.2.1. Tempo

São variadíssimas as definições do tempo verbal. Cunha (1970) diz que tempo é a variação que indica o momento em que se dá o facto expresso pelo verbo. Por sua vez, Cunha e Cintra (1985) definem o tempo como sendo uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a acção expressa pelo verbo.

Um aspecto a notar é que a definição do tempo feita em Cunha e Cintra (1985) é basicamente a mesma encontrada em Cunha (1970) fornecida acima. O outro ponto a reter a partir das definições do tempo feitas pelos autores indicados anteriormente é o facto de os mesmos não fazerem referência explícita à categoria flexional do aspecto.

Comrie (1976) caracteriza o tempo verbal em simultâneo com o aspecto, quando diz que o tempo situa o momento da ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior, simultâneo ou posterior a esse momento; aspectos são diferentes modos de observar a constituição temporal interna de uma situação. Na mesma óptica, embora se possa considerar de definição cíclica, Lyons (1979) define o tempo captando a sua relação com o aspecto. Este autor afirma que o tempo tem como característica essencial o relacionamento entre o tempo da acção, do acontecimento ou do estado referindo na frase ao momento da produção do enunciado (agora); o aspecto diz respeito ao tempo, especialmente ao contorno ou distribuição temporal de um acontecimento ou estado de coisas e não à sua localização no tempo.

Faraco e Moura (2004) definem o tempo como a propriedade que o verbo tem de localizar o facto no tempo, em relação ao momento em que se produz a enunciação. De forma mais simples, o tempo verbal pode ser definido como a variação do verbo que indica o momento no qual a acção ou o facto por si expresso teve lugar.

Azevedo (2000) é outro autor que define o tempo verbal sem dissociá-lo do aspecto, ao afirmar que, o tempo como categoria da linguagem verbal é parte da actividade discursiva que tem no momento de enunciação (ME) seu ponto de referência principal; a categoria gramatical do aspecto refere-se à duração do processo verbal, independentemente da época em que esse processo ocorre.

Notamos que embora com algumas diferenças, as definições do tempo fornecidas acima partilham alguns traços comuns que têm a ver com o facto de esta categoria gramatical indicar, localizar ou relacionar a ocorrência de uma acção ou facto expresso pelo verbo com o momento da enunciação.

Geralmente, olhando para a distribuição no eixo temporal, distinguem-se três categorias temporais básicas, a saber, *presente* (ou tempo zero) que serve de referência a partir da qual a acção ocorre no momento em que se fala; *pretérito* (ou passado), tempo no qual a acção transcorreu num momento anterior àquele em que se fala e *futuro*, referência temporal que indica que a acção ou o evento poderá ocorrer após o momento em que se fala. Citshwa caracteriza-se pela exibição destas três categorias gramaticais do tempo.

Vale a pena notar que actualmente sabemos que a categorização do tempo em três dimensões (passado, presente e futuro) não é universal. Nem todas as línguas naturais distinguem as três categorias gramaticais do tempo. Anderson, C., Stephen (1980) no seu artigo apresentado na 14ª conferência anual em Cotonou, Benin, intitulado “*tense/aspect in Ngyemboon-Bemileke*” revela que esta língua da África Ocidental exhibe apenas dois tempos verbais, nomeadamente *passado* e *não passado*. Contrariamente às línguas que categorizam o tempo em três dimensões, sabe-se que a maioria de línguas chinesas são descritas como “*tenseless*” (não temporais) por não exibirem a categoria gramatical de tempo, Comrie (1985, pg. 50 – 53).

4.2.2.2. Aspecto

Na secção anterior fizemos referência de forma geral à categoria gramatical do aspecto. Mostramos que alguns autores tratam o aspecto como uma dimensão interna do tempo, enquanto outros descrevem o tempo sem necessariamente estabelecer relação com o aspecto.

Nesta secção trazemos diferentes pontos de vista relativamente à categoria gramatical do aspecto e mostramos que todos convergem na visão segundo a qual o aspecto é uma categoria gramatical relacionada com diferentes modos de observação e percepção da constituição temporal interna de uma situação, segundo Comrie (1976). Igual ponto de vista é partilhado por Azevedo (2000) quando diz que o aspecto refere-se à duração do processo verbal, independentemente da época em que esse processo ocorre. Embora o tempo e o aspecto sejam categorias gramaticais diferentes, o aspecto, à semelhança do tempo, é indicado tanto por elementos gramaticais, quanto por interação de múltiplas categorias linguísticas, tais como o verbo, informação morfológica presente em determinados morfemas e modificadores adverbiais.

O exame mais atento aos diferentes estudos mostra que a categoria gramatical do aspecto abrange três dimensões, a saber, *completude* de uma acção, *duração* de acção e *desenvolvimento* de acção ou progresso. Nesta perspectiva, as definições dadas ao aspecto nem sempre captam as três dimensões. Dadas as definições do aspecto acima fornecidas, o aspecto pode ser redefinido como modo temporal que permite distinguir *nuances* internas da semântica verbal quanto à *completude*, *duração* e *desenvolvimento* da acção, evento ou processo expresso pelo verbo.

Quanto à *completude* o aspecto pode ser perfectivo, quando a intenção é destacar que o processo ou acção expressa pelo verbo está finalizado ou imperfectivo, quando se pretende indicar que o processo ou acção expressa pelo verbo tem certa duração e não está concluída. Relativamente à *duração* é outro elemento aspectual importante, porque permite distinguir ou classificar o processo ou acção expressa pelo verbo em *pontual* ou *momentâneo*, *durativo* ou *progressivo*, *iterativo* ou *frequentativo*. Os autores acima citados apontam que o aspecto *frequentativo* ou *iterativo* indica a repetição de uma acção; *habitual*: indica hábito ou repetição sistemática do processo iniciado pelo verbo; *incoativo*: mostra o começo do processo indicado pelo verbo; *durativo* ou *progressivo* indica que o processo se estende por algum tempo não ocorrendo pontualmente. O aspecto pontual ou momentâneo caracteriza acções momentâneas que não se estendem no eixo temporal. O aspecto *iterativo* ou *frequentativo* dá informação adicional sobre a frequência repetitiva de um processo expresso pelo verbo.

Finalmente, quanto ao *desenvolvimento* do processo expresso pelo verbo, a categoria gramatical de aspecto distingue-se em *inceptivo* ou *incoativo*, *cursivo* e *cessativo* ou

terminativo. Diz-se que o aspecto é inceptivo quando é inerente à semântica lexical e a ênfase que é dada ao início do processo expresso pelo verbo. A frase como “*veio, fechou a porta e dormiu*” ilustra o aspecto inceptivo. O aspecto *cursivo* ocorre quando o interesse é fazer o destaque do desenvolvimento do processo com recurso a outras categorias gramaticais tais como advérbios e outras categorias que reforçam o desenvolvimento de processos. O exemplo mais representativo é “*estudou toda a noite intensamente*”. O aspecto *cessativo* ou *terminativo* dá ênfase, através da semântica lexical, à parte final de um processo, como na frase “*o recenseamento do serviço militar obrigatório termina a 28 de Fevereiro de cada ano*”.

Existem, na literatura várias terminologias referentes às sub-categorias gramaticais do aspecto. Esse facto ocorre, em nosso entender, devido a diferentes formas como os modos verbais são percebidos nas gramáticas de línguas particulares e, por vezes, devido a definições imprecisas da categoria gramatical do aspecto. A categoria gramatical do aspecto não é produtiva em todas as línguas. Nas línguas em que essa categoria flexional é mais produtiva, como nas línguas eslavas, *Russian Linguistics* 39 [(2015)-link.] o aspecto é expresso através da informação morfológica robusta associada à estrutura do verbo. Nas línguas em que a categoria gramatical do aspecto não é produtiva, como é o caso do Citshwa, os modos aspectuais são expressos através de vários elementos tais como a semântica inerente ao verbo, verbos auxiliares, modificadores adverbiais e através de interação de estruturas sintáticas que dão conta do desenvolvimento, duração e completude de uma acção.

4.2.2.3. Tempo e aspecto em Bantu

Nesta secção trazemos algumas abordagens que chocam com as categorias gramaticais do tempo e o aspecto nas línguas Bantu. Os trabalhos aqui examinados apresentam três características distintas. Existe uma primeira categoria de estudos que analisam o tempo e o aspecto como entidades distintas e fazem a caracterização de cada uma das duas categorias gramaticais separadamente, como em Lietch (2003), Botne (2003), Mwita (2008), entre outros. A segunda categoria de estudiosos, incluindo Gerhard Philippon e Marie-Laura Mantlahuc (2003), embora reconhecendo as categorias gramaticais do tempo e aspecto, fazem abordagem mais desenvolvida em torno do tempo, mas pouco ou nada é referido sobre o aspecto de forma específica. Finalmente, existe o

terceiro grupo de pesquisas que apenas faz a caracterização do tempo verbal sem fazer referência ao aspecto. Desse facto decorre que algumas abordagens encontradas em estudos anteriores apresentam lacunas que não permitem saber se a relação entre o tempo e o aspecto se traduz através de processos morfo-sintáticos ou através de outros elementos referidos na secção 4.2.2.2. Não temos resposta definitiva em relação a este aspecto específico, sabe-se que algumas generalizações sobre o funcionamento das línguas Bantu resultam da aplicação cega de modelos de descrição e análise das gramáticas das línguas ocidentais. Com efeito, no passado, desenvolveu-se um esforço de estabelecer universais linguísticos em todas as línguas com base no modelo de Chomsky, N. & Halle (1968) traduzido na famosa obra conhecida por “The Sound Patterns of English”, ou simplesmente SPE. Trabalhos posteriores vieram demonstrar que parte dos universais linguísticos eram traços de línguas específicas ou parâmetros de línguas particulares.

Lietch (2003) no seu estudo sobre a morfologia verbal do Babole C101, segundo Guthrie (1971), mostra que a relação entre o tempo e aspecto tem interesse particular. O autor revela que existem três tempos verbais básicos, a saber, *passado*, *presente* e *futuro*, mas não apresenta uma caracterização detalhada da categoria gramatical do aspecto. O autor avança que nessa língua, o tempo passado é subdividido em *passado recente* ou *passado próximo*, com a sua correspondente parte negativa. Lietch (2003) reconhece ainda a existência do *passado anteriorizado*, mas não concretiza se essa categoria flexional é expressa morfologicamente ou através de interação entre diferentes categorias gramaticais. O autor afirma ainda que em Babole, o passado é subcategorizado em passado *verdadeiro*, passado *remoto*, com as formas negativas correspondentes. Como se pode ver, a terminologia usada por Lietch para indicar a sub-divisão do tempo é pouco comum, como é o caso do passado *verdadeiro*, comparativamente à terminologia encontrada em outros autores. Ora, esse facto coloca questões ligadas à necessidade de compreender melhor se o Babole apresenta diferentes tempos verbais ou se a terminologia usada pouco comum refere-se à mesma realidade linguística descrita em outras línguas.

Lietch (2003) faz alusão ao passado verdadeiro *estativo*, o que sugere tratar-se de uma categoria flexional que indica o valor aspectual. Outra categoria flexional que o estudo de Lietch (2003) apresenta em Babole é o presente que tem as subdivisões de presente *estativo* e presente *negativo estativo*. Como se pode depreender, não se tem a clareza sobre as motivações linguísticas que determinam a existência desta ou daquela subcategoria de flexão verbal. Da leitura feita ao trabalho sobre o Babole fica

aparentemente claro que a análise da categoria gramatical do tempo é colapsada ou confundida com a categoria gramatical do aspecto em Babole.

Botne (2003) analisa o tempo e aspecto em Lega D25, língua falada no Leste do Congo Democrático. Segundo este autor, Lega distingue os seguintes tempos verbais: *passado próximo; passado remoto e futuro remoto*. O Lega fornece evidência da existência de apenas dois tempos verbais, pois a língua não faz referência ao tempo *presente*. Segundo este autor, o Lega é diferente das outras línguas Bantu até aqui analisadas em termos de categorização do tempo, pois enquanto aquelas apresentam três tempos primários, esta exhibe apenas dois tempos básicos, sendo o *passado* e o *futuro*.

Quanto ao aspecto, o autor aponta para a existência de dois aspectos em Lega, nomeadamente, o aspecto *completivo* que indica que acção foi completada dentro do tempo e o aspecto *inceptivo* ou *inicial* que indica o início de uma acção dentro de um determinado tempo. Considerando apenas os dois autores até aqui mencionados, vemos que a categoria gramatical do aspecto é tratada de maneiras diferentes em Babole e em Lega.

O outro estudioso preocupado com o tempo e aspecto é Mwita (2008) que reconhece que o tempo e aspecto são categorias gramaticais que não podem ser analisadas separadamente dada a sua relação de interdependência. O autor examina o tempo e aspecto em Ki-Kuria E43, falado no Quênia. Segundo este autor, dados do Ki-Kuria permitem estabelecer seis categorias aspectuais, a saber, *perfectivo; imperfectivo; habitual; recíproco; causativo e passivo*. Infelizmente, o estudo não fornece exemplos extensivos que permitam concluir se os valores aspectuais de *reciprocidade, causatividade e passivo* são expressos através de morfemas aspectuais específicos ou através da semântica lexical inerente ao verbo ou ainda através de modificadores adverbiais.

A pesquisa adicional sobre o tempo e aspecto em Bantu é apresentada por Gerhard Philippon e Marie-Laura Mantlahuc (2003) que analisaram o verbo em Kilimanjaro, E60 e E74, respectivamente. Relativamente ao tempo, os autores afirmam existir três tempos básicos no Kilimanjaro, a saber, *passado; presente e futuro*. O passado é subdividido, por sua vez, em *passado remoto; passado intermediário e passado*. Os autores notam que em Kilimanjaro existe uma certa assimetria na forma como os tempos são subcategorizados. Mais concretamente, apenas o passado distingue diferentes sub-flexões, enquanto o futuro não permite sub-categorização temporal. Embora reconhecendo que fazendo referência à

categoria gramatical do aspecto, os autores não desenvolvem a discussão sobre este aspecto específico.

Lindfors (2003) descreve o tempo e aspecto do Swahili. Da análise feita aos dados desta língua, o autor constata que tal como ocorre em outras línguas Bantu, o Swahili apresenta três dimensões temporais, nomeadamente, o *passado*, *presente* e *futuro*. O passado é expresso pelo morfema (*li-*) como *tu-li-soma* “lemos”, enquanto o *presente* é indicado pelo morfema (*na-*) como em *tu-na-soma* “estamos a ler” e finalmente, o *futuro* é indicado pelo morfema (*ta-*) como em *tu-ta-soma* “leremos”. Relativamente ao aspecto o autor indica que a língua distingue dois tipos de aspectos: *habitual* e *progressivo*.

As abordagens aqui apresentadas mostram que todas elas partilham, pelo menos, dois pontos em comum. O primeiro tem a ver com o facto de todas as línguas do mundo categorizar o tempo, quer através de morfemas específicos, quer através da semântica inerente ao verbo ou ainda através de modificadores adverbiais. Vimos que a maior parte das línguas exibe três categorias temporais básicas, a saber, *passado*, *presente* e *futuro*, mas existem outras que apresentam mais ou menos tempos verbais, como o caso do Lega que apenas exibe o passado e o futuro. Outro aspecto comum relaciona-se com a existência de aspectos gramaticais que descrevem ou caracterizam os diversos eventos internos que ocorrem nos diversos tempos verbais. Com base nas abordagens acima feitas vemos que existem algumas similaridades nas diferentes línguas, quanto à existência de categorias flexionais. Há igualmente algumas diferenças que resultam do facto de nem todas as línguas sub-categorizarem a dimensão temporal da mesma forma. Essas diferenças refletem-se no modo como cada língua específica traduz verbalmente as *nuances* internas expressas pelas categorias flexionais. Intuitivamente, as diferenças podem, também, advir de como cada cultura percebe e interpreta os diferentes eventos que ocorrem no espaço e no tempo.

A análise feita às categorias flexionais em Bantu, mais especificamente do tempo e aspecto, permite concluir que, de forma geral, o verbo distingue três tempos primários mas, distinguem-se vários modos temporais que permitem distinguir *nuances* internas da semântica verbal quanto à *completude*, *duração* e *desenvolvimento* da acção, evento ou processo expresso pelo verbo. Mais adiante, veremos que Citshwa se assemelha a outras línguas Bantu ao distinguir três categorias de tempos verbais básicos e apresentar,

igualmente, outras sub-categorias de flexões verbais relacionadas com a forma como internamente cada acção é percebida e interpretada pelos falantes.

4.2.2.4. Derivação verbal em Bantu

Um aspecto recorrente na análise do verbo em Bantu são os processos derivacionais, como estratégia comum de formação de novas palavras. Derivação é um processo através do qual são produzidas palavras e ele consiste em combinar os afixos a uma base para obter uma palavra nova. Nesta secção vamos explorar, com base em estudos anteriores, a derivação verbal que tem sido reconhecida como um dos processos mais produtivos na morfologia das línguas Bantu.

Schadeberg (2003) apresenta o estudo relativo à derivação verbal em Bantu e diz que ela é realizada através de um conjunto de extensões verbais reconstruídas a partir do Proto-Bantu (PB). O autor faz a listagem de extensões verbais que geralmente ocorrem na maioria de línguas Bantu que inclui as extensões *causativa*, *aplicativa*, *impositiva*, *neutra*, *posicional ou (estativa)*, *associativa ou (recíproca)*, *extensiva*, *tentativa*, *reversiva*, *passiva*, e *parcial ou (reduplicativa)*. Não há evidência de que todas as extensões acima listadas sejam testadas numa mesma língua. Todavia, parte considerável destas estruturas morfológicas pode ser encontrada numa mesma língua.

Um aspecto que desde já vale a pena mencionar é o uso, por vezes, de terminologia diferenciada entre os vários autores para designar a mesma categoria morfológica. As diferentes categorias morfémicas podem ter nomes diferentes, mas o essencial é reconhecer a existência da categoria e a sua função gramatical.

A outra característica comum que tem sido indicada nos processos derivacionais em Bantu relaciona-se com as posições ocupadas por cada extensão na estrutura verbal. Mais especificamente, cada extensão ocupa uma determinada posição totalmente predizível, respeitando uma relação de precedência entre uma extensão e outra e entre estas com relação à base verbal.

Segundo Liphola (2001) o facto de a ordem das extensões na estrutura verbal ser fixa e não aleatória revela que a ordenação das extensões não é apenas determinada por regras morfológicas, mas também pela semântica inerente à estrutura final da palavra derivada. Outro estudo que discute a derivação em Bantu é apresentado por Waweru (2011) que

examina dados do Kikuyu, E51, língua Bantu falada no Quênia. Este autor afirma que em Kikuyu a derivação é realizada através de extensões verbais, tal como sucede em outras línguas. Nesta língua, é possível destacar cinco classes de extensões verbais, nomeadamente, *causativa*, *reversiva*, *recíproca*, *passiva* e *aplicativa*. Comparando a listagem de extensões feita por Schadeberg (2003) com o número de extensões testadas em Kikuyu, vemos que esta língua apresenta apenas parte de extensões listadas.

Geralmente, a posição ocupada por uma extensão na estrutura verbal é determinada pelas relações morfológicas de dependência em relação à raiz, mas também pela semântica inerente à palavra final derivada. Esquemáticamente, as extensões são distribuídas como ilustra a figura 2.

Figura 2. Distribuição de extensões verbais (segundo Liphola, 2015):

Prefix. Raiz + Ext X + Ext Y + Ext P + Ext. Z + VF

De acordo com o esquema acima fornecido, as línguas impõem uma determinada limitação no número de extensões que podem co-ocorrer numa estrutura verbal derivada.

Lietch (2003) no exame feito em Babole C101 observa que a derivação verbal naquela língua é concretizada, como em outras línguas Bantu, por afixos derivacionais dos quais se destacam os afixos de extensão *aplicativa*, *intensiva*, *causativa*, *reversiva*, e *recíproca*. Johnson M. Rose (1977) faz constatações similares em relação ao verbo em Kikuyu E50, língua Bantu falada no Quênia. Enquanto o Babole comporta um número não superior a seis extensões, em Kikuyu ocorrem cinco extensões verbais. Os estudos a que fazemos referência não explicitam se as extensões indicadas correspondem ou não ao número total de extensões existentes naquelas línguas.

Os estudos aqui arrolados sobre a derivação nas línguas Bantu convergem todos na ideia de que, as extensões verbais são por excelência, afixos derivacionais em Bantu. A generalização que se pode fazer é de que todas as línguas Bantu utilizam as extensões verbais para o processo derivacional. A grande diferença entre as línguas consiste no facto de nem todas elas apresentar o mesmo tipo e nem o mesmo número de extensões verbais.

4.3. Visão geral sobre a fonologia em Bantu

Uma das subáreas de grande interesse nos estudos linguísticos é a fonologia. Os trabalhos pioneiros desta área vem assumindo uma abordagem de fonologia linear, que só viria a ser confrontada com o modelo não linear por volta dos anos 80, devido à contribuição feita aos problemas encontrados na análise das línguas Bantu, até então não resolvidos pela fonologia linear. Nos parágrafos que se seguem passamos em revista alguns trabalhos considerados relevantes.

Trabalhos frequentemente citados na análise fonológica incluem Chomsky e Halle (1959), Clements, G. N. (1986), Kiparsky (1982), Goldsmith (1976), entre outros, por terem desenvolvido modelos que influenciaram toda a pesquisa linguística desde o século passado.

Um dos trabalhos que influenciou as discussões em linguística foi apresentado por Clements G. N. (1986) que examina o alongamento compensatório e a geminação de consoantes em Luganda. Antes, o autor faz o inventário do sistema vocálico do Luganda para, depois mostrar que o processo de alongamento da vogal era resultante de mudanças que se operavam na estrutura prosódica. O autor tenta, desta forma, explicar a não ocorrência de determinadas sequências de vogais em Luganda, prevendo as sequências vocálicas possíveis e impossíveis na língua.

O outro aspecto discutido por Clements, G. N. (1991) é a assimilação da altura da vogal em Bantu. O autor mostra que a altura da vogal do sufixo é dependente da propagação dos traços da última vogal do radical para a vogal seguinte. Na fase subsequente aos trabalhos considerados pioneiros na fonologia em Bantu, assiste-se ao debate de vários aspectos relacionados com o funcionamento da gramática das línguas Bantu.

Okoudowa (2005) desenvolveu um estudo sobre a descrição preliminar da fonologia em Lembaama, língua Bantu do grupo B62 falada no Gabão. Neste estudo, o autor faz a inventariação dos sons e descreve o sistema consonantal e vocálico da língua. Analisa um conjunto de processos fonológicos, incluindo a nasalização de vogais e a interação entre vogais e consoantes cuja estrutura fonética resultante dessa interação difere da estrutura fonológica.

Os resultados apresentados pelo autor mostram que Lembaama apresenta similaridades com outras línguas Bantu relativamente aos processos assimilatórios, mas aponta algumas diferenças, como por exemplo o facto de a língua apresentar um sistema vocálico composto por 14 vogais e 23 consoantes.

O outro estudo que se ocupa dos processos fonológicos em Bantu é apresentado por Wachira (2001). Este autor descreve os nomes e adjectivos em Kikuyu. Faz o inventário dos sons e apresenta um sistema vocálico composto por 7 vogais e 18 consoantes. O estudo de Kikuyu mostra ainda que a língua não permite a ocorrência de consoantes homorgâmicas na sua estrutura de superfície, embora a sequência NC ocorra na estrutura fonológica da língua. O estudo de Wachira concluiu que, em Kikuyu, as mudanças dos sons que ocorrem nas derivações podem ser melhor explicadas tomando-se em conta os dois níveis de representação, nomeadamente a representação da estrutura subjacente e a representação fonética que é obtida através da aplicação de regras fonológicas. Comparando os dados de Wachira (2001) com o trabalho de Okoudowa (2005), vemos que o primeiro aspecto que salta á vista é a diferença numérica de vogais e consoantes em Kikuyu e Lembaama. Todavia, essa diferença não deverá ser exclusiva a estas duas línguas, pois sabe-se que as línguas de uma forma geral diferem quanto ao número de vogais e consoantes de acordo com os seus sistemas fonológicos. Ladefoged (1996) mostra que cada língua selecciona diferentemente os sons disponíveis para compor o seu sistema fonológico.

O outro estudo que faz a abordagem de aspectos fonológicos é apresentado por Morrison (2011). Este autor examina a fonologia de Ki-bena, língua Bantu do grupo G63 falada no sul de Tanzania. O autor faz o levantamento dos sons e constata que Kibena é uma língua com 5 vogais e 23 consoantes.

O que este estudo chama particular atenção é o facto de o processo de pré-nasalização ocorrer apenas com as oclusivas vozeadas /b, d, g/ e com a consoante fricativa /s/. Assim, as sequências [mb], [nd], [ng] e [ns] são permitidas na língua, mas as restantes consoantes não co-ocorrem com a nasal. Neste caso específico Kibena difere da maioria de línguas Bantu que não apresentam alguma restrição para formar a sequência NC. Como veremos mais adiante, os processos que tendem a evitar a sequência NC e a eliminar sequência de vogais contíguas são comuns em Bantu, incluindo em Citshwa. Iremos mais adiante ver que este tipo de restrição envolvendo N+C é encontrado, também, em Citshwa.

Nesta língua apenas algumas consoantes co-ocorrem com a nasal. Mais especificamente, em Citshwa, a pré-nasalização apenas ocorre com as seguintes consoantes: /p/, /b/, /c/, /d/, /t/, /f/, /k/, /g/, /s/, e /y/, sendo assim, permitidas as seguintes sequências: [mp], [mb], [nd], [nt], [nc], [nj], [nk], [ng], [mf], [ns] e [ny]. A língua impõe restrições em relação as consoantes [x, z, v, l, r, h, hl]. Citshwa assemelha-se neste aspecto com Kibena quanto á restrição da pré-nasalização de algumas consoantes. Esta língua assemelha-se ainda a Kibena relativamente ao sistema vocálico composto por 5 vogais e ao sistema consonântico que é, composto por 23 consoantes nas duas línguas.

Hyman (2003) é um outro estudioso que investigou a fonologia de Basaá, uma língua Bantu A43 Guthrie (1967-1971) falada nos Camarões. À semelhança dos autores anteriores, Hyman faz o inventário dos sons e verifica que o Bassaá é uma língua que apresenta 7 vogais entre longas e breves. O autor constata que as vogais breves e longas contrastam em sílabas abertas e fechadas e a língua dispõe de 23 consoantes.

Além de examinar a fonologia na perspectiva segmental, o autor considera na sua análise os traços suprasegmentais afirmando que o Basaá apresenta dois tons contrastivos, nomeadamente, o tom alto (A) e o tom baixo (B). Vemos que o Basaá assemelha-se ao Kikuyu quanto ao número de vogais e ao Lembaama e Kibena quanto ao número de consoantes. Ambas apresentam um total de 23 consoantes e 7 vogais.

Outro estudo fonológico é apresentado por Heath (2003) com enfoque para Makaa, uma língua Bantu A83 (Guthrie, 1971), falada nos Camarões. O autor faz inventariação do sistema fonológico da língua e constata que a língua dispõe de 11 vogais e 22 consoantes. As vogais do Makaa podem ocorrer como longas ou breves perfazendo um total de 22. Quanto a estrutura da sílaba, o Makaa apresenta três tipos de estruturas silábicas, nomeadamente, CV, CVC e V, sendo que as sequências CV e CVC são as mais comuns na língua.

O autor faz saber que o Makaa apresenta dois processos fonológicos que conspiram para a resolução de hiatos, fenómeno geralmente indesejável na maioria das línguas, em particular nas línguas Bantu. Os processos recorrentes em Makaa são a elisão e assimilação. O primeiro processo consiste na eliminação de um som na sequência, quando o produto final resulte numa estrutura indesejada na língua. A assimilação é um processo através do qual dois sons partilham um ou mais dos seus traços quando estão próximos um do outro.

Heath explora o sistema tonal de Makaa e chega à conclusão segundo a qual esta língua tal como o Bassaá descrito por Hyman (2003), se serve de dois tipos de tons, a saber, tom alto (A) e tom baixo (B). Vemos que Makaa apresenta algumas similaridades com os casos descritos anteriormente. O estudo de Heath confirma a variabilidade de número de consoantes, facto que é determinado pelo sistema fonológico de cada língua. Como foi dito anteriormente sabemos que do ponto de vista fonológico, cada língua apresenta um inventário dos sons que seja apropriado para o seu sistema fonológico.

Lojenga (2003) analisa a fonologia do Bila D32 (Guthrie, 1971), língua da República Democrática do Congo. No seu estudo, a autora faz o inventário do sistema sonoro e observa que a língua exibe 9 vogais e um número de consoantes que a autora não especifica. O Bila atesta que a quantidade de vogais é variável em Bantu, embora a maioria dessas línguas exiba o sistema vocálico de cinco fonemas. Lojenga também faz observações genéricas relativas ao tom em Bila, chegando a afirmar que existem três níveis tonais, nomeadamente, alto (A), médio (M) e baixo (B). O estudo afirma ainda que quanto às possibilidades combinatórias, o Bila para além dos três tons de nível que produz, a língua exibe tons de contorno ao nível de superfície, totalizando cinco padrões tonais contrastivos. Neste aspecto, o Bila difere de outras línguas tais como Makaa e do Bassaá que apresentam apenas dois tipos de tons enquanto, o Bila tem três tons de nível.

Gérard Philippson e Montlahuc (2003) investigaram o sistema fonológico do Kilimanjaro, uma língua Bantu com o código E60 na classificação de Guthrie (1971) falada na Tanzania. Os dados do Kilimanjaro revelam a existência de um sistema vocálico de 5 vogais e 36 consoantes. Quanto ao tom o Kilimanjaro apresenta três contrastes tonais, nomeadamente, super-alto (SA), alto (A) e baixo (B). Relativamente à quantidade de padrões de tons de nível, esta língua assemelha-se ao Bila, mas difere desta pelo facto de o Kilimanjaro exibir o tom super-alto.

O exame feito aos estudos anteriores das línguas Bantu revela que existem algumas similaridades do ponto de vista de morfologia e de fonologia dessas línguas, mas são reconhecidas diferenças sensíveis entre elas. Com base nos trabalhos acima revisitados podemos concluir que, de forma geral, as línguas Bantu partilham algumas características comuns relacionadas com a estrutura morfológica e fonológica. As pequenas diferenças

prendem-se com questões específicas de cada língua que podem ser explicadas com base na forma como as gramáticas específicas são operacionalizadas em cada língua.

4.3.1. Estudos fonológicos das línguas Bantu faladas em Moçambique

Nesta secção vamos passar em revista alguns estudos descritivos das línguas Bantu faladas em Moçambique. O objectivo desta secção é explorar com detalhe a informação disponível e relacioná-la com os objectivos da presente pesquisa. Pretende-se aferir o grau de similaridades ou diferenças que essas línguas apresentam e fazer uma ponte para melhor compreensão do funcionamento do Citshwa.

A escolha dos estudos aqui apresentados foi determinada pela disponibilidade e acessibilidade de fontes existentes e a sua possível relevância para explicar os aspectos da morfologia e fonologia do Citshwa.

Todos os trabalhos apresentados sobre as línguas Bantu faladas em Moçambique mostram que estas partilham os mesmos princípios fonológicos gerais que governam o funcionamento das suas gramáticas. Por exemplo, todas estas línguas apresentam, em geral, o sistema vocálico de cinco vogais, havendo outras que contrastam entre as vogais longas e breves, como é o caso do Yao encontrado em Ngunga (2002). Além, disso, vários estudos têm demonstrado que estas línguas têm os mesmos processos morfo-fonológicos gerais que envolvem, a assimilação, semivocalização, nasalização, elisão e outras estratégias cuja finalidade é limpar a estrutura fonológica ao nível de superfície. Há pequenas diferenças fonéticas e fonológicas entre as línguas faladas em Moçambique. Do ponto de vista fonético ocorrem diferenças ao nível segmental resultantes das assimetrias encontradas no inventário sonoro. Do ponto de vista fonológico encontramos línguas que permitem determinados processos, tais como enfraquecimento de consoantes, redução vocálica, harmonia, palatalização de segmentos, entre outros, mas os mesmos processos são bloqueados total ou parcialmente em outras línguas. A discussão que em seguida apresentamos permite verificar os aspectos fundamentais discutidos nos diferentes trabalhos disponíveis.

Ngunga e Simbine (2012) fazem a inventariação do sistema fonológico do Chanagana e constatam que esta língua apresenta um sistema vocálico composto por cinco

vogais, nomeadamente, /a, i, e, o, u/. Os autores afirmam ainda que em Changana o alongamento vocálico não é contrastivo como acontece em Yao e noutras línguas Bantu.

O Changana apresenta alguns processos fonológicos que resultam da aplicação de algumas regras de resolução de hiatos. Essas regras incluem fusão, elisão, semivocalização, para além de processos assimilatórios tais como a harmonia vocálica e a palatalização. O estudo especifica que em Changana, a harmonia vocálica aplica-se obrigatoriamente em contextos não derivados.

Além dos processos acima indicados, Changana possui regras aplicadas a consoantes, nomeadamente, pré-nasalização, labialização e aspirantização. As regras envolvendo as consoantes em Changana são aquelas que intervêm na modificação das consoantes, quando estas ocorrem numa sequência.

Ngunga e Simbine discutem a fonologia suprasegmental do Changana, com enfoque para a sílaba e o tom. Em relação à sílaba, os autores afirmam que o Changana apresenta uma estrutura silábica básica do tipo CV, comum na maioria das línguas Bantu.

O outro traço suprasegmental examinado por estes autores é o tom. Em relação a este traço, os autores dizem existir dois tons em Changana, a saber o tom alto (A) e o tom baixo (B). Os autores não discutem as possibilidades combinatórias dos dois tons, sugerindo que eles se manifestam como tons de nível, sem derivarem os tons de contorno.

Liphola (2001) examina aspectos da morfologia e fonologia do Shimakonde. Além de apresentar a inventariação do sistema fonológico da língua, o autor analisa vários processos fonológicos incluindo aqueles que ocorrem no domínio segmental e os processos do nível prosódico. Os processos segmentais mais destacados dizem respeito à alternância segmental e modificações motivadas por diversas regras. O autor mostra que existem processos que ocorrem no domínio da palavra e outros que são motivados exclusivamente no domínio frasal e prosódico. Quanto aos processos prosódicos, o trabalho analisa o tom e afirma que Shimakonde exhibe cinco contrastes tonais, a saber, o tom alto (A), baixo (B), baixo-alto (BA), alto-baixo (AB) alto-descendente (AD) e todos recaem na penúltima sílaba.

Relativamente aos processos fonológicos segmentais, Liphola (2001) concentra a sua análise em regras que anulam o contraste vocálico em determinadas posições dentro da sílaba e outras que proíbem a co-ocorrência de determinados sons, bem como as regras de

modificação de consoantes. O exame feito aos trabalhos acima referidos mostra que as línguas Bantu faladas em Moçambique partilham muitos processos fonológicos, mas também exibem diferenças como foi dito anteriormente. Por sua vez, Ngunga (2002) descreve as regras fonológicas aplicadas às vogais e às consoantes em Yao. Em relação às regras aplicadas às sequências vocálicas elas são similares às que são descritas em outras línguas Bantu, tais como o Shimakonde e Changana conspirando contra sequências de vogais ou modificando determinados traços de consoantes devido a contiguidade. Os processos tais como pré-nasalização, palatalização, velarização e labialização resultam essencialmente de um princípio geral de assimilação. Na verdade, dependendo dos traços envolvidos na assimilação, regras específicas desencadeiam sub-processos que afectam os sons na sua estrutura fonológica. Outros processos examinados por Ngunga (2002) dizem respeito ao apagamento, oclusivização lateral de consoantes vozeadas depois da nasal e fricativização.

Quanto ao tom, Ngunga (2002) diz que o Yao é uma língua tonal e apresenta o tom alto e o tom baixo. Como vemos, o estudo que acabamos de analisar, tal como os outros já citados é relevante uma vez que permite fazer generalizações sobre aspectos comuns que caracterizam as línguas Bantu faladas em Moçambique. Estes trabalhos contribuem para tirar ilações que permitem examinar o Citshwa à luz das constatações feitas em línguas anteriormente estudadas.

4.3.2. Estudos descritivos anteriores do Citshwa

Citshwa é uma das línguas moçambicanas faladas ao sul de Moçambique e, como fizemos referência no capítulo introdutório, esta língua carece ainda de estudos descritivos mais detalhados quer na componente morfológica quer na componente fonológica. Nesta secção passamos em revista alguns trabalhos anteriores relativos ao Citshwa.

4.3.3. Estudos morfológicos do Citshwa

Decorre da observação factual que as línguas do grupo Bantu faladas em Moçambique carecem de trabalhos de descrição básica. Assim, são relativamente escassos os estudos da língua Citshwa. Nesta secção são apresentados alguns estudos descritivos cobrindo os domínios da morfologia nominal e verbal. O objectivo desta secção é fornecer

uma visão geral relativamente àquilo que se sabe a cerca da gramática desta língua, bem como mostrar algumas lacunas prevaletentes que obstaculizam a melhor compreensão dos princípios e processos que governam a gramática do Citshwa.

4.3.3.1. Morfologia nominal do Citshwa

O trabalho pioneiro do Citshwa é devido a Persson (1932) que fez o primeiro esboço da gramática da língua. Na sua obra, o autor aborda aspectos relacionados com morfologia, fonologia e sintaxe. Uma observação preliminar ao trabalho de Persson (1932) revela que longe de se tratar de gramática da língua, a obra é um agrupamento de várias notas que abordam diferentes aspectos relacionados com morfologia, fonologia e sintaxe, incluindo dados inconsistentes e sem apresentar análise detalhada. Contudo, alguns elementos de análise presentes no estudo de Persson (1932) constituem fundamentos essenciais para a compreensão de funcionamento do Citshwa.

Uma contribuição importante encontrada na gramática do Citshwa esboçada por Persson (1932) diz respeito à morfologia nominal. Este diz que o nome em Citshwa é composto de duas partes: prefixo e raiz. Persson apresenta um sistema de classes nominais composto por 8 prefixos e mostra que a maioria dos prefixos forma pares opondo a categoria do número gramatical correspondente a singular e plural. A tabela em 1 mostra os prefixos das classes nominais do Citshwa segundo Persson.

Tabela 1. Prefixos de classes nominais do Citshwa

Class	Prefixos Singular	Exemplo	Prefixos Plural	Exemplos
1	mu-	munhu 'pessoa'	va-	vanhu 'pessoas'
2	mu-	muzwa 'pico'	mi-	mizwa 'picos'
3	gi-	siku 'dia'	ma-	masiku 'dias'
4	xi-	xibya 'objecto'	zi-	zibya 'objectos'
5	yi-	hosi 'chefe'	ti-	tihosi 'chefes'
6	li-	lixaka 'etinia'	ti-	tixaka 'tribos'
7	wu-	Wuhosi 'poder'		
8	ku-	kuga 'comer'		

Fonte: Persson (1932)

Há três observações básicas e preliminares aos dados apresentados por Persson (1932). Primeiro, o autor considera que existem apenas 8 classes, porque entende que os prefixos correspondentes ao plural fazem parte da mesma classe nominal. Assim, os prefixos *mu-* e *va-* das classes 1 e 2, respectivamente são assumidos como fazendo parte de uma mesma classe nominal, mais concretamente da classe 1. Decompondo os dados na tabela 1, nota-se que existe um total de 14 classes nominais em Citshwa, pois de 1 a 6 totalizam 12 prefixos de classes. Acrescidos os prefixos das classes 7 e 8 resultam em 14 classes nominais e não 8, sugeridos no esboço gramatical de Persson (1932). Uma conclusão preliminar decorrente da análise dos dados constantes da tabela 1 é que Persson (1932) não utiliza os mesmos critérios comumente utilizados para a classificação de prefixos de classes nominais nas línguas Bantu, os quais assumem que os morfemas que formam pares de singular e plural pertencem a classes nominais distintas.

Segundo, em determinados exemplos, Persson (1932) assume a existência explícita de um prefixo de classe nominal na estrutura morfológica, mas os exemplos não atestam tal ocorrência, como acontece na classe 3 cujo prefixo é *gi*, mas a exemplificação é feita com a palavra *siku* e não *giku*, como seria de esperar.

Uma observação atenta ao prefixo do plural da classe 3 na tabela acima, leva-nos a creditar que o prefixo do singular da classe 3 seja \emptyset - (zero) e não *gi-* como se pode ver em \emptyset -*siku* vs *ma-siku* ‘dia vs dias’. O morfema *gi-* apresentado por Persson como sendo prefixo da classe 3 é de facto prefixo de marca de concordância com o numeral, no singular como em *siku gi n’we* ‘um dia’, *tiku gi n’we* ‘um país’

O outro elemento encontrado no estudo de Persson (1932) diz respeito aos quatro tipos de pronomes do Citshwa, nomeadamente, pronome pessoal (prefixos pronominais), pronome absoluto, pronome demonstrativo e pronome possessivo, indicados na tabela 2.

Tabela 2. Pronomes em Citshwa

Pers.	Class	Singular			Plural		
		Noun	Pron.Prefix		Noun.	Pron. Prefix	
		Prefix	Simple	Cont.	Prefix	Simple	Contin.
1 st person			nzi	nza		hi	ha
2 nd person			u	wa		mu	ma
3 rd person	1st cl.	mu-va	i, a	wa	va	va	va

	2nd cl.	mu-mi	wu	w	mi	yi	ya
	3rd cl.	gi-ma	gi	ga	ma	ma	mu-
	4th cl.	xi	xi	xa	zi	zi	za
	5th cl.	yi	yi	ya	ti	ti	ta
	6th cl.	li	li	la	ti	ti	ta
	7th cl.	wu	gi	ga			
	8th	ku	ku	ka			

Fonte: Persson (1932)

A tabela em (2) apresenta os pronomes e os respectivos prefixos propostos por Persson (1932). Na primeira coluna à esquerda temos as pessoas gramaticais representadas pelos números 1, 2, e 3, correspondendo a 1ª, 2ª e 3ª pessoas, cujos prefixos pronominais são: nzi, u, i, a, respectivamente. Os pronomes pessoais do singular são representados pelas vogais **i** e **a**, enquanto os do plural são representados por **va**. Ainda na tabela 2 observa-se dois tipos de pronomes, pronomes simples e pronomes contínuos. De acordo com autor acima citado, os pronomes contínuos são aqueles que são usados para o presente contínuo e, estão representados nas colunas 5 e 8. No entanto, o autor não apresenta exemplos que demonstram tal facto no contexto em que é sugerida a sua aplicação.

A observação dos dados da tabela 2 revela que o autor pretende estabelecer a relação morfo-sintática entre os prefixos de classes e os da marca de sujeito e ambos com os prefixos pronominais. A primeira limitação oferecida pelos dados da tabela 2 é o facto de os mesmos serem apresentados de forma sumária e fora da estrutura morfológica em que ocorrem, dificultando a sua análise objectiva e compreensão dos factos. Além disso, não fica evidente a relação entre os prefixos e as respectivas classes nominais, uma vez que as primeiras duas colunas à esquerda não tornam tal relação mais transparente.

A ilação que se pode tirar da análise dos dados da tabela 2 acima é de que Persson deve ter-se equivocado na sua análise sobre os pronomes pessoais que ocorrem, na língua confundindo as marcas de concordância de sujeito com as marcas pronominais. Nos exemplos em (4) apresenta-se dados com marcas de pronomes pessoais que ocorrem em Citshwa.

(4) Pronomes pessoais em Citshwa:

Glossário

mina ndzile ndleleni	‘eu estou no caminho’	(1ª pessoa do singular)
wena ule ndleleni	‘tu estás no caminho’	(2ª pessoa singular)
yena ile ndleleni	‘ele está no caminho’	(3ª pessoa do singular)
hina hile ndleleni	‘nós estamos no caminho’	(1ª plural)
n’wina mule-ndleleni	‘vós estais no caminho’	(2ª pessoa plural)
yena ile ndlel-eni	‘ele/ela está no caminho’	(3ª pessoa do singular)
vona vale-ndlel-eni	‘eles/elas estão no caminho’	(3ª pessoa do plural)
khumba gile ndleleni	‘o porco está no caminho’	
xi-n’wanana xile ndleleni	‘a criança está no caminho’	
hosi yile ndleleni	‘o chefe está no caminho’	
lidavi yile ndleleni	‘o ramo está no caminho’	

Fonte: Elaboração própria

Comparando os dados fornecidos na tabela 2 acima com os dados dos exemplos em 4 vê-se que existe diferenças entre o que Persson (1932) considerou de marcas pronominais pois, em (4) temos como marcas pronominais as formas *mina*, *wena*, *yena*, *hina* e *vona*, formas que coincide com o que ele designou mais tarde de pronomes absolutos como veremos mais adiante.

A complicação em Persson sobre a análise dos pronomes em Citshwa, talvez resulta do facto de o autor ter procurado associar o pronome pessoal às classes nominais, daí que tenha proposto uma análise dupla de um mesmo fenómeno o que naturalmente daria resultados diferentes. Na tabela 3 são apresentados os pronomes absolutos de que acima fizemos referência.

Tabela 3. Pronomes absolutos em Citshwa segundo Persson (1932)

		Singular	Plural
1st person		mina 'eu'	hina 'nós'
2nd person		wena 'tu'	n'wina 'vós'
3rd person	1st cl. 2nd cl.	yena 'ele/ela' vona 'eles/elas'	vona 'eles/elas' yona 'ele/ela'
	3rd cl. 4th cl. 5th cl. 6th cl. 7th cl. 8th cl.	gona 'ele/ela' xona 'ele/ela' yona 'ele/ela' lona 'ele/ela' gona kona	wona eles/elas zona eles/elas tona 'eles/elas' tona 'eles/elas'

Fonte: Persson (1932)

Na tabela acima, Persson indica mais de seis pronomes absolutos talvez por não olhar apenas para a sua função de substituto do nome, mas também á sua função de ênfase no processo comunicativo em Citshwa

Existe uma observação aos dados da tabela 3, análoga àquela feita em relação aos dados da tabela 2. Mais especificamente, os pronomes indicados na tabela 3 aparecem dissociados da estrutura morfológica corrente, facto que limita a análise objectiva dos mesmos, criando a dificuldade de compreender a relação morfo-sintática entre os prefixos de classes nominais e os prefixos pronominais. A outra observação com relevância para a análise morfológica do Citshwa diz respeito à diferenciação entre o prefixo da classe nominal 3 (*gi-*) e os respectivos prefixos pronominais (*go-/wo-*). Persson (1932) explica apenas o contexto morfológico do emprego do alomorfe *go-* que é no presente do indicativo e não indica o contexto do emprego do alomorfe *wo-*.

Os nossos dados mostram que em Citshwa ocorrem alternâncias morfológicas envolvendo prefixos de classes nominais e prefixos de sujeito por um lado e, por outro lado, entre aqueles e os prefixos de pronomes ou outros modificadores em geral. Geralmente, todos os trabalhos anteriores relacionados com o Citshwa notam a presença de alternâncias morfológicas, mas quase nenhum estudo tenta explicar os factores que motivam tais alternâncias. Este aspecto particular vai ser explorado de forma detalhada e extensiva no capítulo reservado à apresentação e análise de dados morfológicos na presente pesquisa.

Embora no presente estudo assumamos que algumas alternâncias prefixais sejam aparentes devido à aplicação de processos morfológicos, outras ocorrem como resultado da existência de morfemas independentes dentro da estrutura morfológica. Os dados apresentados por Persson (1932) na tabela 3 são testados na língua, relativamente aos

pronomes pessoais absolutos, correspondentes às três pessoas gramaticais, a saber, *mina* “eu”, *wena* “tu” e *yena* “ele” para o singular e *hina*, “nós”, *n’wina* “vós” e *vona* “eles” para o plural, como ilustram os exemplos em (5).

(5) Pronomes absolutos do Citshwa:

Pessoa	Singular	Exemplos	Glossário
1 ^a	<i>mina</i>	<i>mina ndzigile</i>	‘eu comi’
2 ^a	<i>wena</i>	<i>wena ugile</i>	‘tu comeste’
3 ^a	<i>yena</i>	<i>yena agile</i>	‘ele comeu’
<i>Plural</i>			
1 ^a	<i>hina</i>	<i>hina higile</i>	‘nós comemos’
2 ^a	<i>n’wina</i>	<i>n’wina mugile</i>	‘vós comestes’
3 ^a	<i>vona</i>	<i>vona vagile</i>	‘eles comeram’
	<i>zvona</i>	<i>zvi gile</i>	‘eles comeram’

Fonte: Persson (1932)

Persson apresenta para além de pronomes absolutos [+humanos] descritos em (5) outros pronomes [-humanos] e de humanos também, tais como: *xona*, *gona*, *yona* e *tona*, classes 7, 6 e 10 respectivamente. Em (6) são apresentados alguns exemplos da funcionalidade desses pronomes.

(6) Pronomes [-+humanos] em Citshwa:

Pessoa	Singular	Exemplos	Glossário
3 ^a	<i>gona</i>	<i>gona khumba gigile</i>	‘ele, o porco comeu’
3 ^a	<i>xona</i>	<i>xona ximanga xigile</i>	‘ele, o gato comeu’
	<i>xona</i>	<i>xona xin’wanana xigile</i>	‘ela, criança comeu’

3 ^a	yona	yona mbuti yigile	‘ele, o cabrito comeu’
		yona hosi yigile	‘ele, o chefe comeu’
3 ^a	lona	lona lidavi liwile	‘ele, o ramos caiu’
Plural			
3 ^a	wona	makhumba magile	‘eles, os porcos comeram’
3 ^a	zona	zimanga zigile	‘eles, os gatos comeram’
		zona zivanana zigile	‘elas, as crianças comeram’
3 ^a	tona	tona timbuti tigile	‘eles, os cabritos comeram’
		tona tihosi tigile	‘eles, os chefes comeram’
3 ^a	tona	tona tidavi tiwile	‘eles, os ramos caíram’

Fonte: Persson (1932)

Os exemplos em (6) mostram o contexto de ocorrência e funcionalidade de pronomes [-+humanos] xona, gona, yona e tona, absolutos descritos acima.

Persson (1932) ocupa parte do seu esboço da gramática do Citshwa examinando também demonstrativos. O autor faz a listagem de demonstrativos em Inglês e procura estabelecer as formas análogas encontradas em Citshwa como estabelecido na tabela 4.

Tabela 4. Pronomes demonstrativos do Citshwa

<i>Class</i>	<i>este</i>	<i>estes</i>	<i>esse</i>	<i>esses</i>	<i>aquele</i>	<i>aqueles</i>
1	loyi	lava	loye	lavo	gaya	lavaya
2	lowu	leyi	lowo	loyo	lowuya	leyiya
3	legi	laya	lego	lawo	legiya	lawaya
4	lexi	lezi	lexo	lezo	lexiya	leziya
5	leyi	leti	leyo	leto	leyiya	letiya
6	leli	leti	lelo	leto	leliya	letiya
7	legi		lego		legiya	
8	loku		loko		lokuya	

Fonte: Persson (1932)

Uma vez mais, os dados da tabela 4 dão uma visão geral de demonstrativo em Citshwa, mas não revelam a relação morfológica entre a forma do demonstrativo e o prefixo da classe ou prefixo do sujeito correspondente. Um exame atento dos dados da tabela 4 revela que existem traços morfológicos comuns entre os diferentes prefixos de categorias gramaticais. Por exemplo, a classe 4 é representada pelo prefixo *xi-* e *zi-* respectivamente e os demonstrativos correspondentes aparecem com os morfemas *lexi* e *lezvi*, respectivamente (ou *le-xi* e *le-zi*), na versão de Persson (1932).

Compulsando os dados da tabela 4 de Persson (1932) vemos que alguns demonstrativos apresentam similaridades com os dados encontrados em Cidzivi, variante do Citshwa analisada neste estudo. Entretanto, notamos haver algumas diferenças morfológicas e fonéticas em determinados morfemas. Na tabela 5 incluímos demonstrativos listados por Chivambo (2017).

Tabela 5. Pronomes demonstrativos em Citshwa

<i>Class</i>	<i>este</i>	<i>estes</i>	<i>aquele</i>	<i>aqueles</i>	<i>aquele lá</i>	<i>aqueles lá</i>
1	lweyi	lava	lwiya	lavaya	gaya	lavaya
2	lowu	leyi	lowuya	liya	lowuya	liya
3	legi	lawa	lego	lawo	legiya	lawaya
4	leci	lezvi	leco	lezvo	leciya	lezviya
5	leyi	leti	leyo	leto	letiya	letiya
6	leyi	leti	leyo	leto	letiya	letiya
7	legi	lawa	legiya	lawayaa	legiya	lawaya
8	----		----		----	-----

Fonte: Elaboração própria

Vemos que existem semelhanças e diferenças entre alguns demonstrativos nas tabelas 4 e 5. Vamos fazer referência a algumas delas apenas em jeito de ilustração. Nas classes 7 e 8 Persson (1932) aponta seis demonstrativos, sendo três para cada classe, enquanto Chivambo (2017) lista seis demonstrativos na classe 7 e zero para a classe 8. Persson (1932) diz que os demonstrativos correspondentes à classe 1 são *loyi* (este), *lava* (estes), *loye* (aquele) e *lavo* (aqueles), enquanto os demonstrativos para classe 2 são *lowu*, *leyi*, *lowo* e *loyo*, correspondendo a “este”, “estes”, “aquele” e “aqueles”, respectivamente.

Chivambo (2017) indica para a mesma classe 1 os demonstrativos *lweyi*, *lava*, *lwiya* e *lavaya*, enquanto para a classe 2 os demonstrativos são *lowu*, *leyi*, *lowuya* e *liya*.

Com vista a fazer comparação de similaridades e diferenças entre alguns demonstrativos das classes 1 e 2 arrolados pelos dois autores observemos a tabela 6.

Tabela 6. Demonstrativo das classes 1 e 2

	Demonstrativo classe 1	Demonstrativo classe 2
Persson (1932)	loyi; <i>lava</i> ; loye; lavo	<i>lowu</i> ; <i>leyi</i> ; lowo; loyo
Chivambo (2017)	lweyi; <i>lava</i> ; lwiya; lavaya	<i>lowu</i> ; <i>leyi</i> ; lowuya; liya

Fontes: Persson (1932) e Chivambo (2017)

Com base na tabela 6 vemos que os dois autores apresentam similaridades quanto ao demonstrativo *lava* da classe 1 e os demonstrativos *lowu* e *leyi* da classe 2. Vemos que existem diferenças morfológicas relativamente aos restantes demonstrativos. Além de diferenças morfológicas vemos igualmente algumas diferenças fonéticas traduzidas pela alternância da última vogal de alguns dos pronomes.

Persson (1932) distingue ainda duas sub-classes de pronomes demonstrativos que, indicam a dimensão temporal de “muito tempo atrás” e a dimensão de “similaridade”, como ilustrado na tabela 7.

Tabela 7. Demonstrativos de ‘muito tempo atrás’ e de ‘semelhanças’

"Muito tempo atrás"		"Semelhante"	
<i>Singular</i>	<i>Plural</i>	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
gayani ‘aquele/aquela’	lavayani ‘aqueles/aquelas’	ywaloyi ‘este mesmo’	valava ‘esses mesmos’
lowuyani ‘aquele/aquela’	leyiyani ‘aqueles/aquelas’	walowu ‘esse mesmo’	yaleyi ‘esses mesmos’
legiani ‘aquele/aquela’	lawayani ‘aqueles/aquelas’	gwalegi ‘este mesmo’	walawa ‘estes mesmos’
lexiani ‘aquilo’	lexiani ‘aquilo’	xwalexi ‘este mesmo’	zalezi ‘estes mesmos’
leyiyani ‘aquilo’	letiyani ‘aquilo’	ywaleyi ‘estes’	twaleti ‘estes mesmos’
leniyani ‘lá’	letiyane ‘aqueles/aquelas’	lwaleli	twaleti ‘estes mesmos’
Legiyani		gwalegi	
Lokuyani		kwaloku	

Fonte: Persson (1932)

Tal como mostramos haver similaridades e diferenças morfológicas e fonéticas entre demonstrativos nas tabelas 4 e 5 encontramos similaridades e diferenças morfológicas e fonéticas entre demonstrativos identificados por Persson (1932) na tabela 7 e os mesmos demonstrativos identificados por Chivambo (2017), listados na tabela 8.

Tabela 8. Demonstrativos de ‘muito tempo atrás’ e de ‘semelhança’

<i>"Muito tempo atrás"</i>		<i>"Semelhante"</i>	
<i>Singular</i>	<i>Plural</i>	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
lavaya ‘estes’	lavaya ‘aqueles/aquelas’	yolweyo ‘esse mesmo’	volavo ‘esses mesmos’
lowuya ‘aquele/aquela’	leniyani ‘lá’	wolowo ‘esse mesmo’	
legia ‘aquele’	lawaya ‘aqueles’	golego ‘esse mesmo’	walawo ‘esses mesmos’
leciya ‘aquilo/aquela’	levziya	colego ‘isto’	zvolevzo ‘esses mesmos’
letiya ‘aquilo’	letiyani	yolweyo ‘esse mesmo’	twaleto ‘estes mesmos’
leniya ‘lá’	leniyani	yolweyi ‘este mesmo’	twaleto ‘esses mesmos’
legiya ‘aquele’		golegi ‘este mesmo’	

Fonte: Elaboração própria

Observando a primeira coluna das tabelas 7 e 8 vemos que existem similaridades e diferenças numéricas, morfológicas e fonéticas entre os demonstrativos correspondentes a “temporalidade distante” na forma do singular e do plural. Uma das diferenças que ressalta á vista entre os dados das tabelas 7 e 8 é a presença de prefixos agregados (go-, yo-, co-, wo- e-twa-etc.) aos demonstrativos afectados, cuja função é enfatizadora, que usam a marca da coisa da classe de que se fala, independentemente da distância espacial ou temporal, como se pode ver nas colunas 3 e 4 da tabela 8. Outro aspecto colocado por Persson (1932) sobre esta categoria gramatical de “temporalidade distante” tem a ver com a presença do morfema *-ni* na posição final como em 9a, enquanto a mesma categoria termina com a vogal longa na mesma posição, segundo Chivambo (2017), como se pode ver na tabela 9b.

Tabela 9: Demonstrativos de temporalidade distante em Cõtshwa:

a) gayani ‘aquele/aquela’	b) gayaa ‘aquele/aquela’
lowuyani ‘aquele/aquela’	lowuyaa ‘aquele/aquela’
legiani ‘aquele/aquela’	legiaa ‘aquele/aquela’

lexiani ‘aquilo’	leciyaa ‘aquilo’
leyiyani ‘aqueles/aquelas’	letiyaa ‘aqueles/aquelas’
leniyani ‘lá’	leniyaa ‘lá’
legiyani ‘aquele’	legiyaa ‘aquele’
lokuyani	

Fonte: Elaboração própria

Os dados indicados na tabela 9 revelam que o demonstrativo *le-xiani* em 9a tem a forma *leciyaa* em 9b denunciando diferenças morfológicas e fonéticas. A forma *leyiyani* em 9a assume a forma *letiyaa* em 9b, facto que sustenta a análise que temos vindo a desenvolver. Entretanto, embora os dados da tabela 9 apresentem diferenças formais, em termos semânticos são iguais. O alongamento vocálico em 9b tem apenas função enfática e não distintiva.

Os exemplos em (7) ilustram os demonstrativos de temporalidade distante em Citswha, com base nos dados fornecidos na tabela 8.

(7) Demonstrativos de eventos ocorridos a longo tempo atrás e semelhanças:

Glossário

siku legiaa	‘aquele dia mesmo’
siku golego	‘esse dia mesmo’
lembe legiaa	‘aquele ano mesmo’
malembe lawayaa	‘aqueles anos mesmos’
coleco	‘isto mesmo’
gayaa	‘aquele mesmo’
wolowo	‘esse mesmo’
zvolezvo	‘isso mesmo’
yolweyo	‘esse mesmo’

twaletlo	‘estes mesmos’
masiku yolawo	‘esses dias mesmos’
tihweti toleto	‘esses meses mesmos’

Fonte: Elaboração própria

A outra sub-área explorada no esboço da gramática do Citshwa proposto por Persson (1932) diz respeito às partículas possessivas. Quanto às partículas possessivas o autor indica a existência de 14 prefixos de possessivos ilustrados na tabela 10.

Tabela 10. Partículas possessivas em Citshwa

	<i>Class 1</i>	<i>Class 2</i>	<i>Class 3</i>	<i>Class 4</i>	<i>Class 5</i>	<i>Class 6</i>	<i>Class 7</i>	<i>Class 8</i>
Singular	wa	wa	ga	xa	ya	la	ga	Ka
Plural	wa	ya	ya	za	ta	ta	-	-

Fonte: Persson (1932)

A tabela em (10) apresenta partículas possessivas de Citshwa propostas por Persson (1932), cujos exemplos representativos retirados do mesmo autor são indicados em (8).

(8) Partículas possessivas em Citshwa:

Classe	Partícula Poss.	Exemplos	Glossário
Classe 1	wa	n’wanana OP	wa dadani P ‘filho/filha do papá’
(mu-va)	va	vanana OP	va dadani P ‘filhos/filhas do papá’
Classe 2	wa	nenge OP	wa dadani P ‘perna do papá’
(mu-mi)	ya	minenge OP	ya dadani P ‘pernas do papá’
Classe 3	ga	tihlo OP	ga dadani P ‘olho do papá’
(gi-ma)	ya	matihlo OP	ya dadani P ‘olhos do papá’
Classe 4	xa	xihloka OP	xa dadani P ‘machado do papá’
(xi-za)	zi	zihloka OP	za dadani P ‘machados do papá’

Classe 5	ya	ngoma OP	ya	dadani P	‘batuque do papá’
(ya-ta)	ta	tingoma OP	ta	dadani P	‘batuques do papá’
Classe 6	ya	lisimu OP	ya	dadani P	‘canção do papá’
(li-ti)	ta	tisimu OP	ta	dadani P	‘canções do papá’
Classe 7	ga	wuxinji OP	ga	adani P	‘misericórdia do papá’
(wu)					
Classe 8	ka	kuga OP	ka	dadani P	‘comida do papá’
(ku)					

Fonte: Persson (1932)

Os dados em (8) mostram que neste tipo de construções o objecto possuído (OP) geralmente precede o possuidor (P) de acordo Persson (1932). O presente estudo corrobora com a posição assumida pelo autor quanto à precedência do objecto possuído em relação ao possuidor. No entanto, não estamos de acordo quanto à ordenação das classes nominais pois, mais uma vez verificamos o mesmo problema atrás referido em que, o autor considera as classes 1 e 2 como sendo uma única classe.

Finalmente, o outro aspecto discutido no esboço da gramática do Citswa no domínio da morfologia nominal diz respeito aos sufixos locativos. Persson (1932) constata correctamente que nesta língua a locativização é feita através de sufixação de morfemas locativos cuja estrutura morfológica depende da última vogal do nome a que os locativos são afixados. De uma forma geral, Persson (1932) faz incorrectamente a generalização segundo a qual a locativização é feita com muitos morfemas cuja forma depende da vogal final do nome. O autor afirma que o nome cuja vogal final é **e** ou **i** ser-lhe-á afixado o morfema locativo *-ni*; se o nome terminar com a vogal central baixa **a** o sufixo locativo toma a forma de *-eni*; se o nome terminar com a vogal **o**, afixa-se o morfema locativo *-weni* e, finalmente, nomes cuja vogal final é **u** o sufixo locativo é *-wini*. A exemplificação dos locativos propostos por Persson é feita com os dados em (9).

(9) Sufixos locativos em Citshwa:

Glossário

sinya ‘árvore’	sinyeni	/sinya-ini/	‘na árvore; perto da árvore’
sava ‘areia’	saveni	/sava-ini/	‘na areia; perto de areia’
hosi ‘chefe’	hosini	/hosi-ini/	‘no chefe; perto do chefe’
hloko ‘cabeça’	hlokweni	/hloko-ini/	‘na cabeça; perto da cabeça’
vele ‘seio’	veleni	/vele-ini/	‘no seio ou sobre o seio’
ndleve-‘orelha’	ndleveni	/ndleve-ini/	‘na orelha ou sobre orelha’
reve-‘lado’	reveni	/reve-ini/	‘ao lado ou no lado’
munhu ‘pessoa’	munhwini	/munhu-ini/	‘na pessoa; sobre a pessoa’

Fonte: Persson (1932)

Os dados fornecidos em (9) revelam que a generalização segundo a qual a locativização em Citshwa é feita através de muitos sufixos não é testada. Uma análise mais atenta apresentada por Chivambo (2012) mostra que a locativização é realizada apenas com o sufixo *-ini* que se apresenta aparentemente de formas diferentes devido a processos morfológicos que ocorrem na junção morfé mica entre a vogal final do nome e a vogal inicial do sufixo locativo. Processos morfológicos envolvendo sequências vocálicas em Citshwa são discutidos mais adiante.

Chunguane (2003) descreve, igualmente as estratégias de locativização do Citshwa com o enfoque para a variante Cihlengwe. O autor defende que em Chihlengwe são adotadas duas estratégias de locativização, a saber, a locativização simples realizada através de palavras com semântica inerente de locativo (advérbios de lugar) e locativização complexa realizada através de afixação de morfemas locativos aos nomes. Nesse aspecto particular, Cihlengwe assemelha-se a Cidzivi ao recorrer às duas estratégias de locativização nomeadamente, lexical e morfológica. Quanto à locativização morfológica,

Chunguane (2003) distingue dois morfemas locativos, nomeadamente, *-eni* e *-ini*. Chunguane (2003) difere de Chivambo (2012) relativamente ao número de morfemas locativos. Enquanto o primeiro assume a existência de dois morfemas locativos *-eni* e *-ini*, o segundo assume a existência de apenas um morfema locativo *-ini* e explica as diferentes formas de realização com base nas alternâncias resultantes da interação entre a última vogal do nome e a vogal inicial do morfema locativo. Neste estudo, assumimos a abordagem segundo a qual, mesmo em Cihlengwe a alternância entre *-eni* vs *-ini* pode ser devidamente explicada com base em processos morfo-fonológicos.

4.3.3.2. Morfologia verbal do Citshwa

Nesta subsecção continuamos a trazer uma visão geral sobre estudos anteriores do Citshwa, com enfoque para a morfologia verbal.

Persson (1932) refere que em Citshwa o verbo apresenta-se sob duas formas: a forma afirmativa e a forma negativa e, contrariamente a muitas línguas europeias em que a negação é expressa por palavras separadas, em Citshwa a negação é, parte integrante do verbo. Basicamente, a constatação de Persson sobre a forma diferenciada como a negação é realizada em Citshwa comparativamente a muitas línguas europeias decorre do facto de nas línguas Bantu, muitas categorias gramaticais, tais como marca do sujeito, marca do objecto, propriedades modais do verbo, entre outros, estarem morfológicamente presentes na estrutura do verbo.

Persson (1932) diz ainda que o infinitivo verbal em se tratando de verbo ordinário, caracteriza-se pela ocorrência da vogal *a* em posição final e pela presença do morfema *ku* na posição inicial do infinitivo verbal em Citshwa. Actualmente sabemos que essa constitui característica básica do verbo não derivado em Bantu. Quanto ao modo, Persson (1932) revela a existência de dois modos verbais, a saber, o modo indicativo e imperativo.

4.3.3.3. Estrutura do verbo em Citshwa

Na secção 4.2.1 deste capítulo, mostramos a estrutura geral do verbo em Bantu. A estrutura indicada acima toma em conta todos os possíveis constituintes internos, mas dependendo da categoria flexional do verbo, ela pode tomar diferentes formas.

Embora Persson (1932) faça menção à estrutura do verbo em Citshwa, o autor não apresenta esquematicamente a estrutura verbal, limitando-se apenas a indicar os morfemas *ku-* como infinitivo verbal e o morfema *-a* como tema verbal.

O estudo de Gundane (2015) sobre a morfologia do verbo em Citshwa concluiu que, esta categoria gramatical apresenta uma estrutura básica do tipo *-CV-* que ocorre na maioria das línguas Bantu. Fazemos notar que a estrutura do tipo *-CV-* diz respeito à forma canônica da estrutura silábica, por isso, a generalização feita por Gundane (2015) não dá conta da estrutura verbal, mas da estrutura silábica.

4.3.3.4. Tempo em Citshwa

O Citshwa, segundo constatações feitas por Persson (1932) distingue os seguintes tempos verbais: *passado, presente e futuro*.

O presente é subdividido em dois presentes: (i) presente simples formado pela associação do prefixo nominal com o núcleo verbal. A tabela 11 apresenta os prefixos do presente simples em Citshwa.

Tabela 11. Prefixos usados na formação do presente simples

		Singular	Plural
1st persson		nzi wona ‘vejo’	hi-wona ‘vemos’
2nd persson		u wona ‘vês’	mu-wona ‘vêm’
3rd persson	1st cl.	i wona ‘vê’	va-wona ‘vêm’
	2nd cl.	u wona ‘vês’	yi wona ‘vê’
	3rd cl.	gi wona ‘vê’	ma wona ‘vêm’
	4th cl.	xi wona ‘vê’	zi wona ‘vêm’
	5th cl.	yi wona ‘vê’	ti wona ‘vêm’
	6th cl.	li wona ‘vê’	ti wona ‘vêm’
	7th cl.	gi wona ‘vê’	
	8th cl.	ku wona ‘ver’	

Fonte: Persson (1932)

De acordo com Persson (1932), este tipo de presente (presente simples) é usado apenas quando o verbo é seguido por um objecto ou outro adjunto, como mostram os exemplos abaixo a seguir em (10).

(10) Presente simples em Citshwa

Glossário	
nzi ranza munhu loye	‘gosto desta pessoa’
yiga byanyi xontle xikhathi	‘este come capim todo o tempo’
nzi chikele zalezi	‘acabo de chegar agora’
a hosi yita nyamuntla	‘o chefe vem hoje’

Fonte: Persson (1932)

O outro tipo de presente em Citshwa segundo o autor que temos vindo a citar é o presente contínuo ou definido. Este tipo de presente é usado quando o verbo aparece na posição final da frase ou é precedido por um pronome. Veja a tabela 12.

Tabela 12. Prefixos usados na formação do presente contínuo

		Singular	Plural
1st pers.		nza wona ‘eu vejo’	ha wona ‘nós vemos
2nd pers.		wa wona ‘tu vês’	ma wona ‘vós vedes’
3rd pers.	1st cl.	wa wona ‘ele /ela vê’	va wona eles/elas vêm
	2nd cl.	wa wona ‘ele /ela vê’	ya wona ‘eles/elas vêm
	3rd cl.	ga wona ‘ele/ela vê’	ma wona ‘eles/elas vêm’

Fonte: Persson (1932)

Os dados da tabela em (12) podem ser exemplificados conforme se mostra em (11).

(11) Presente contínuo em Citshwa

Glossário	
nza ranza	‘eu amo’
wa ku tiva	‘ele ti conhece’
a hosi yata	‘o chefe vem’
wena wa zitiva	‘tu conheces’

Fonte: Persson (1932)

4.3.3.4.1. Tempo presente

O tempo presente é aquele que indica a ocorrência de uma acção no momento preciso da sua ocorrência. Em (12) apresenta-se as diferentes possibilidades da construção do tempo presente em Citshwa.

(12) Tempo presente em Citshwa:	Glossário
a. mina ndzi-o-ga ~ ndzo-ga nyama	‘eu estou a comer carne’
wena u-o-ga ~ wo-ga nyama	‘tu estás a comer carne’
yena o-ga ~ o-ga nyama	‘ele está a come carne’
hina hi-o-ga ~ ho-ga nyama	‘nós estamos a comer carne’
n’wina mu-o-ga ~ mo-ga nyama	‘vós estais a comer carne’
vona vo-o-ga ~ vo-ga nyama	‘eles estão a comer carne’
b. mina ndz-a ga ~ ndza-ga nyama	‘eu como carne’
wena w-a-ga ~ wa-ga nyama	‘tu comes carne’
yena wa-ga ~ wa-ga nyama	‘ele come carne’
hina hi-a-ga ~ ha-ga nyama	‘nós comemos carne’
n’wina mu-a-ga ~ ma-ga nyama	‘vós comes carne’
vona vo-a-ga ~ va-ga nyama	‘eles estão comem carne’
c. mina ndz-i- ga ~ ndzi-ga nyama	‘eu como carne’
wena u-ga ~ u-ga nyama	‘tu comes carne’
yena a-ga ~ a-ga nyama	‘ele come carne’
hina hi-ga ~ hi-ga nyama	‘nós comemos carne’
n’wina mu- a-ga ~ mu-ga nyama	‘vós comes carne’

Os exemplos em (12) mostram que, o presente em Citshwa pode ser expresso por diferentes morfemas dependendo do contexto da sua ocorrência. Em (12a) o presente é, expresso pelo morfema /o/ que ao mesmo tempo é marca do aspecto exclusivo. Em (12b) o tempo presente é, expresso pelo morfema /a/, vogal final da marca do sujeito. Finalmente, em (12c) temos os morfemas /i, u/ que, expressam igualmente o tempo presente nesta língua.

O outro estudo desenvolvido anteriormente que discute o tempo em Citshwa é apresentado por Gundane (2015). Este autor afirma que, o Citshwa distingue cinco tempos verbais, a saber, *passado simples*; *passado composto*; *presente pontual*; *presente habitual*; e *futuro*. Gundane (2015) faz a identificação dos distintos sufixos que caracterizam os tempos verbais em Citshwa, como se indica na tabela 13.

Tabela 13. Marcas de tempo passado em Citshwa

<i>Tempos</i>	<i>Sufixos</i>	
Passado simples	-ile	
Passado composto	-à e -ilè	
Presente pontual	-ó	
Presente habitual	-à	
Futuro	ta-	

Fonte: Gundane (2015)

Os trabalhos de Persson (1932) e Gundane (2015) mostram haver diferenças na forma como categorizam o tempo em Citshwa. O exame mais exaustivo revela que, de facto tais diferenças são aparentes, porque resultam de percepções relativas a *nuances* aspectuais. No essencial, todos os autores reconhecem a existência de três tempos primários, nomeadamente, passado, presente e futuro. Entretanto, Persson (1932) e Gundane (2015) divergem quanto à subcategorização feita no interior da mesma categoria flexional. Existem também diferenças entre os dois autores relativamente aos sufixos que caracterizam cada tempo verbal.

4.3.3.4.2 Passado

O Citshwa distingue os seguintes tipos de passado: passado, *passando contínuo* e *passado remoto*. Estes tempos são expressos pelos morfemas *-ile*, *ha-* e *-wa* respectivamente. O passado é formado pela afixação do morfema *-ile* na posição final do verbo. Este tipo de passado exprime uma acção realizada e acabada no momento da sua enunciação, como confirmam os exemplos em (13).

(13) Passado:

	Glossário
ndzi won-ile dadani wa wena	‘eu vi o teu pai’
ugi won-ile khumba ga mina	‘tu viste o meu porco’
awu won-ile muti wa mina	‘ele viu a minha casa’
va-g-ile zambani ga mina	‘eles comeram a minha batata’
va-tsutum-ile tolo	‘eles fugiram ontem’
va-gondz-ile nguvu	‘eles estudaram muito’
va-etlel-ile	‘eles dormiram’
va-vuk-ile	‘eles acordaram’
mu-nyik-ile tumbula n’wana	‘vós deste mandioca a criança’
a-xav-ile mova tolo	‘ele/ela comprou um carro ontem’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Como atestam os dados em (13), independentemente da pessoa gramatical e do número, o passado é caracterizado pela afixação do morfema *-ile* á direita da raiz verbal. Estes exemplos mostram ainda que quer os verbos de um lugar quer aqueles que exibem mais de um lugar têm a mesma terminação.

4.3.3.4.3. Passado contínuo

O passado contínuo expressa uma acção em progresso no passado, geralmente quando uma outra acção intervém. Este tempo é formado através da inserção do morfema **ha-** entre a marca do sujeito do verbo principal e o morfema perfectivo **-ile** no final do verbo auxiliar, como mostram os exemplos em (14).

(14) Passado contínuo:

	Glossário
a. andzi kum ile na ndzah at shama	‘ele encontrou-me a sentar’
andzi kum ile na ndzah as uka	‘ele encontrou-me a sair’
andzi kum ile na ndzah aga	‘ele encontrou-me a comer’
andzi kum ile na ndzah ats utsuma	‘ele encontram-me a correr’
hi va kum ile na vah at ihra	‘ele encontrámo-los a trabalhar’
va vakum ile na vah ar ila	‘encontraram-os a chorar’
mu- va won ile na vah ak ina	‘vós viste-os a dançar’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os exemplos em (14) mostram a formação do passado contínuo em Citshwa que resulta da combinação do morfema perfectivo **-ile** que é colocado no verbo á esquerda que expressa a ideia do passado e do morfema **ha-** marca do tempo/aspecto que é inserido entre a marca do sujeito e o verbo principal que expressa a ideia de progressão da acção iniciada no passado.

4.3.3.4.4. Passado remoto

O passado remoto é formado através da combinação do auxiliar **wa-** que é inserido entre a marca do sujeito e a raiz verbal e o morfema perfectivo **-ile** que se coloca no final do verbo. Os exemplos em (15) ilustram esta categoria flexional.

(15) Passado remoto:

	Glossário
vanana va wa ngonzile	‘as crianças tinham estudado’
vanana va wa hlambile	‘as crianças tinham tomado banho’
vanana va wa gile	‘as crianças tinham comido’
yena a wa etlelile	‘ele tinha dormido’
mina ndzi wa gile	‘eu tinha comido’
hina hi wa tsutsumile	‘nós tínhamos fugido’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os exemplos em (15) comportam-se da mesma maneira, ambos são introduzidos pelo morfema **-wa-** antes do verbo e exibem o morfema **-ile** em posição final do verbo.

O exame do tempo passado em (14) a (15) revela que a categoria temporal do passado é a mesma, contudo a distinção entre os diferentes passados pode ser explicada com base no aspecto. Os exemplos em (15) deixam transparecer que as acções de “estudar”, “tomar banho”, “comer”, “dormir”, “fugir” tiveram lugar e foram consumadas no passado, antes de outras acções ocorridas posteriormente.

4.3.3.4.5. Futuro

É visão comum e partilhada em diferentes trabalhos anteriores que o Citshwa forma o futuro através da colocação do morfema *ta-* imediatamente antes do verbo e depois da marca do sujeito.

A língua Citshwa distingue os seguintes tipos de futuro: futuro simples, futuro contínuo e futuro passado, como se ilustra nas secções que se seguem.

(16) Futuro simples em Citshwa:

	Glossário
mina ndzi ta famba	‘eu irei’
wena u ta etlela	‘tu dormirás’
hina hi ta ga wuswa	‘nós comeremos xima’
vona va ta ba mufufana	‘eles baterão no rapaz’
hina hi ta tsumma	‘nós fugiremos’
vona va ta hlamba	‘eles tomarão banho’
tiyindlu ti ta wa	‘as casas cairão’
vona va ta xava mimova	‘eles comprarão carros’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os exemplos em (16) caracterizam o futuro simples positivo. Esta sub-categoria do tempo verbal mostra que todos os verbos nesta categoria flexional do futuro exibem o morfema **ta-** anteposto ao verbo.

4.3.3.4.6. Futuro contínuo

Em Citshwa, o futuro contínuo é formado através da combinação dos morfemas **ta-** marca do futuro e **ha-** marca do tempo/aspecto que são inseridos entre a marca do sujeito e o verbo principal respectivamente, como ilustram os exemplos em (17).

(17) Futuro contínuo:

	Glossário
a. ndzi- ta va ndza ha tirha	‘eu estarei ainda a trabalhar’
u- ta va wa ha tirha	‘tu estarás ainda a trabalhar’
a- ta va a ha tirha	‘ele estará ainda a trabalhar’
hi- ta va ha- ha tirha	‘estaremos ainda a trabalhar’
b. ndza- ha taya gondza	‘ainda irei estudar’

ndza- hataya hlakana	‘ainda irei brincar’
ha- hataya tsutsuma	‘ainda iremos correr’
va- hataya etlela	‘ainda irão dormir’
vanana va- hataya hlamba	‘as crianças ainda irão tomar banho’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os exemplos em (17) exibem o morfema **ta-**, morfema da marca do futuro e o morfema **ha-** marca do tempo/aspecto cuja função é de indicar que a acção expressa pelo verbo estará em progresso no futuro. Em (17a) o morfema **ta-** marca do futuro é inserido entre a marca do sujeito e **-va-**, forma *do verbo* auxiliar **kuva** e, o morfema **ha-** marca do tempo/aspecto é inserido entre a marca do sujeito e o verbo. Nos exemplos em (17b) os morfemas **ta-** marca do futuro e o morfema **ha-** marca do tempo/aspecto co-ocorrem e são inseridos entre a marca do sujeito e **ya**, marcador deítico do itivo. Os dados seguintes em (18) revelam que as formas negativas do futuro exibem o prefixo de negação *-nga-* seguido imediatamente pelo morfema **ta-** marca do futuro, antes *de -va-*, marca do auxiliar verbal **kuva** ‘estar’ e do morfema de tempo e aspecto **ha-** que é inserido entre a marca de sujeito e o verbo principal, como mostram os exemplos em (18).

(18) Forma negativa do futuro contínuo:

	Glossário
a. ndzi-nga tava ndza hatirha	‘eu não estarei ainda a trabalhar’
u-nga tava wa hatirha	‘tu não estarás ainda a trabalhar’
a-nga tava a hatirha	‘ele não estará ainda a trabalhar’
hi-nga tava ha- hatirha	‘nós não estaremos ainda a trabalhar’
b. a-nga ta hayatirha	‘ele não irá trabalhar’
ndzi-nga tahayagondza	‘eu não irei estudar’
ndzi-nga tahayahlakana	‘eu não irei brincar’
hi-nga ta hayaga	‘nós não iremos comer’
va-nga ta hayaetlela	‘eles não irão dormir’

vanana va-nga **ta** hayahlamba ‘as crianças não irão tomar banho’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Nos exemplos em (18) mostra-se o processo de formação da forma negativa do futuro contínuo. Em (18a), a negação é formada através da inserção do morfema **ta-** entre a marca de negação **-nga** e **va-** formara do verbo auxiliar *kuva* ‘estar’ e antes do morfema **ha-** marca do tempo/aspecto do verbo principal. Em (18b) a negação é formada pela inserção do morfema da marca do futuro **ta-** entre **-nga-** e o morfema **ha-** marca do tempo/aspecto. O morfema **ha-** marca do tempo e aspecto é inserido entre **ta-** marca do futuro e **ya** marcador deítico itivo antes do verbo principal

4.3.3.4.7. Futuro Passado

Esta sub-categoria flexional é caracterizada pela presença do auxiliar *kuva* ‘estar’ logo depois do morfema de marca do futuro e antes da marca do sujeito, mais o morfema perfectivo **-ile** na posição final do verbo principal, como em (19).

(19) Futuro passado:

	Glossário
Ndzi- tava ndzi nyimbelel-ile	‘eu terei cantado’
u- tava ufamb-ile	‘tu terás ido’
hi- tava a nyimbelel-ile	‘nós teremo cantado’
ndzi- tava ndzi gondz-ile	‘eu terei estudado’
u- tava uhlakan-ile	‘tu terás brincado’
hi- tava hitsutsum-ile	‘nós teremos fugido’
va- tava va etlel-ile	‘eles terão dormido’
vanana-va- tava va etlel-ile	‘as crianças terão dormido’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os exemplos em (19) comportam-se da mesma maneira que os dados vistos em (17a) pois, estes apresentam também o auxiliar verbal *kuva* ‘estar’ depois do morfema de marca

do futuro e antes da marca do sujeito. Os dados em (20) correspondem às formas negativas dos verbos fornecidos em (19) acima.

(20) Forma negativa do futuro passado:

	Glossário
ndzi-nga- tava ndzi nyimbelel-ile	‘eu não terei cantado’
u-nga- tava ufamb-ile	‘tu não terás ido’
a-nga- tava afamb-ile	‘ele/ele não terá ido’
ndzi-nga- tava ndzi gondz-ile	‘eu não terei estudado’
u-nga- tava u hlakan-ile	‘tu não terás brincado’
hi-nga- tava hi tsutsum-ile	‘nós não teremos fugido’
hi-nga- tava hi etlel-ile	‘nós não terão dormido’
vanana va-nga- tava va hlamb-ile	‘as crianças não terão tomado banho’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Vemos que a forma negativa do futuro passado é indicada pelo morfema de negação **-nga** seguido da marca do futuro **ta-** e auxiliar verbal **va** do auxiliar verbal *kuva* antes da marca de sujeito e, finalmente, o morfema perfectivo **-ile** em posição final do verbo principal.

Tal como vimos no tempo passado, as sub-categorias do tempo futuro fazem parte de uma única categoria flexional do tempo futuro. As diferenças entre as diferentes sub-categorias flexionais resultam de diferentes modos como cada acção é desenvolvida e percebida dentro do mesmo tempo verbal.

4.3.3.5. Aspecto em Citshwa

Poucos são os estudos que fazem referências ao aspecto em Citshwa. Gundane (2015) no estudo da morfologia do verbo do Citshwa aponta para as categorias aspectuais indicadas na tabela 14.

Tabela 14. Aspectos e morfemas de aspecto em Citshwa

<i>Aspecto</i>	<i>Morfema</i>	<i>Exemplo</i>	<i>Gloss</i>
Perfectivo	-ile	yèná àmahílé yindlu	'ele fez casa'
Imperfectivo habitual	-wa	míná ndziwákhòtsá tivátì	'eu trancava as portas'
Imperfectivo pontual	-wo	míná ndziwókhòtsá tivátí	'eu estava trancando as portas'
Progressivo	-há	míná ndziwáhákhòtsá tivátí	'eu estava a trancar as portas'

Fonte: Gundane (2015):

Decorre da observação factual que segundo a tabela 14, Gundane (2015) sugere a existência de quatro categorias aspectuais em Citshwa. Mostraremos mais adiante que a presente dissertação assume diferente abordagem.

4.3.3.5.1. Derivação verbal em Citshwa

A presente subsecção analisa alguns processos derivacionais em Citshwa com base em estudos anteriores incluindo Persson (1932), Ugembe (2012), Gundane (2015), entre outros.

Persson (1932) afirma que a estrutura e o significado de um verbo simples podem ser modificados através de sufixos derivacionais. A tabela em 15 apresenta sufixos (extensões verbais) que participam em processos derivacionais do verbo em Citshwa.

Tabela 15. Sufixos (Extensões verbais) do Citshwa

<i>Ordem</i>	<i>Extensão verbal</i>	<i>Marcas (sufixo)</i>
1	Causativa	-isa
2	Recíproca	-na
3	Intensiva	-isisa
4	Neutra	-eka, -akala
5	Passiva	-wa, -iwa
6	Reflexiva	-ti
7	Aplicativa	-ela, -etela

Fonte: Persson (1932)

Os dados contidos na tabela acima são muito próximos aos encontrados nesta investigação, mas existem algumas diferenças, como iremos ilustrar mais adiante. Os exemplos incluídos em (21) mostram a ocorrência de extensões verbais nos moldes propostos por Persson (1932).

(21) Extensões verbais em Citshwa

	<i>Extensão</i>	<i>Verbo na forma não derivada</i>	<i>Forma verbal derivada</i>	<i>Glossário</i>
Causativa	ku ga:	‘comer’	kug-isa:	‘fazer comer’
	kululama: direito’	‘ser	kululam-isa:	‘tornar direito’
Recíproca	ku randza:	‘amar’	ku randza-na:	‘amar um ao outro’
	ku wona:	‘ver’	ku wona-na:	‘ver um ao outro’
Intensiva	ku wona:	‘ver’	ku won-isisa:	‘ver com maior clareza’
	ku gondza:	‘estudar’	ku gondz-isisa:	‘estudar detalhadamente’
Neutra	ku wona:	‘ver’	ku won-eka:	‘visível’
	ku woneka:	‘visível’	ku wonekela	‘ser transparente’
Passiva	ku wona:	‘ver’	ku won-iwa:	‘ser visto’
	ku yiva:	‘roubar’	ku yiv-iwa:	‘ser roubado’
Reflexiva	ku randza:	‘gostar’	ku ti randza:	‘gostar-se a si mesmo’
	ku bayisa:	‘doer’	ku ti bayisa:	‘magoar-se’
Aplicativa	ku tirha:	‘trabalhar’	ku tir-ela:	‘trabalhar para alguém’
	ku ruma:	‘mandar’	ku rum-ela:	‘mandar para alguém’

Fonte: Persson (1932)

Implicitamente, Persson (1932) identifica sete extensões verbais em Citshwa. Há três observações importantes relativas aos exemplos em (21). Primeiro, Persson (1932) não identifica com clareza as juntas morfêmicas de todas as extensões. Por exemplo, o autor

assume que a extensão recíproca é *-na*, quando na verdade este morfema tem a estrutura morfológica *an-* seguida de vogal final.

A segunda observação prende-se com o facto de nem todas as alternâncias morfélicas derivacionais indicadas na terceira coluna da tabela 15 serem demonstradas nos exemplos em (21), fazendo com que não haja suficiente evidência linguística dos factos descritos. A terceira observação, observa-se que as extensões neutra *-ek-* e passiva *-iw-* são ambas traduzidas com recurso ao verbo auxiliar “ser visível” e “ser roubado”, respectivamente.

Um exame atento mostra que, a extensão neutra equivale àquilo que abordagens correntes em Bantu chamam de extensão impositiva e ou extensão estativa. Ambas se assemelham no facto de incorporarem a eventual “possibilidade” de ‘ser visto’ ou ‘ser roubado’, condição distinta de ‘ser capaz de ser visto’ ou ‘ser capaz de ser roubado’. Como se pode ver, a diferença entre essas duas categorias de extensões com a extensão passiva é o facto de no primeiro caso não ficar evidente, morfológicamente, a presença do agente da passiva, enquanto na extensão passiva se requerer, morfológicamente, a presença do agente da passiva como em ‘ser visto por’ ou ‘ser capaz de ser visto por’.

Não é totalmente surpreendente, contudo, que a abordagem de extensões verbais feita por Persson (1932) não capte a complexidade da morfologia verbal em Citshwa. Nota-se, de forma geral a existência de terminologia comum para determinados morfemas derivacionais em todas as línguas, mas constata-se, também a existência de terminologia diferenciada para certas extensões cuja ocorrência é limitada a línguas específicas.

4.3.3.5.2. Estudos fonológicos do Citshwa

Nesta subsecção são analisados alguns estudos anteriores que versam sobre aspectos da fonologia do Citshwa nomeadamente, os sons da língua, a sílaba, o tom e os processos fonológicos.

4.3.3.5.3. Os sons da língua Citshwa

Persson (1932) fez a primeira inventariação dos sons do Citshwa tendo constatado que a língua apresenta um sistema fonológico composto por 20 consoantes e 5 vogais. O mesmo autor afirma que as vogais do Citshwa podem ocorrer como longas ou breves. Persson (1932) não descreve os contextos em que as vogais são breves ou longas nem fornece exemplos detalhados para sustentar as suas afirmações.

Em relação à sílaba, o estudo de Persson (1932) não fornece nenhuma informação substancial sobre a tipologia e estrutura da sílaba, limitando-se apenas a referir que muitas sílabas terminam em vogal. O mesmo tipo de referência genérica é feito em relação ao tom. Persson (1932) não apresenta dados sobre o tom, mas reconhece que o tom é elemento importante que pode distinguir significados entre pares de palavras. O estudo que temos vindo a citar, apesar de pioneiro na descrição do Citshwa, ele apresenta lacunas quer do ponto de vista de insuficiência de dados, quer do ponto de vista de descrição e análise das principais categorias gramaticais da língua. Entretanto, como foi referido anteriormente, apesar das limitações, o trabalho de Persson (1932) tem o mérito de ter criado bases para estudos posteriores melhorados, dos quais a presente dissertação faz parte, com vista a melhor compreensão dos princípios e processos que governam o funcionamento da gramática do Citshwa.

Na componente de investigação fonológica, Ugembe (2012) estuda o tom verbal em Citshwa (Xitshwa). No referido estudo, o autor propõe-se a descrever o tom verbal e explicar como o mesmo funciona na língua. A prescrição dos dados disponibilizados permite aferir a existência de dois tipos de tons contrastivos, a saber, o tom alto (A) e o tom baixo (B). O autor afirma que o tom pode ocorrer em qualquer posição dentro do verbo, incluindo na última sílaba. As restrições da ocorrência do tom são motivadas por diferentes factores, tais como (i) estrutura da raiz verbal; (ii) categoria funcional do prefixo (marca de sujeito ou de objecto). O estudo acima citado concentrou a análise do tom no verbo, entretanto, o tom, pode ocorrer também ao nível da palavra.

Ugembe (2012) descreve, igualmente, o princípio básico do tom encontrado em quase todas línguas tonais, nomeadamente, a propagação, processo através do qual o tom ligado a uma determinada unidade (segmental, morfológica ou prosódica) ter a habilidade de se associar a outras unidades no interior de um determinado domínio. O autor mostra que, quanto à direccionalidade de propagação, em Citshwa, a propagação do tom ocorre da

esquerda para direita, fazendo com que o padrão tonal seja semelhante ao descrito na maioria de outras línguas Bantu faladas em Moçambique. O estudo de Ugembe (2012) constitui um contributo para compreender o funcionamento da parte da Gramática do Citshwa, na sua componente de fonologia supra-segmental.

Gundane (2015) desenvolve uma pesquisa fonológica do Citshwa, examinando o sistema segmental, bem como os processos fonológicos envolvendo vogais e consoantes. Quanto ao sistema vocálico, o autor revela que a língua apresenta 5 vogais que podem ser longas ou breves, retomando um pouco a visão encontrada em Persson (1932). Gundane (2015) difere de Persson (1932) relativamente ao alongamento vocálico, quando afirma que o processo que alonga vogais não é contrastivo, desempenhando apenas funções demarcativas entre as palavras. Relativamente às consoantes, Gundane (2015) faz a descrição e análise desta categoria de sons com base nos três parâmetros tradicionalmente utilizados na descrição de consoantes, a saber, lugar de constrição ou ponto de articulação, vibração das cordas vocais e comportamento da corrente do ar.

O outro aspecto abordado por Gundane (2015) na fonologia do Citshwa relaciona-se com os processos fonológicos envolvendo vogais e consoantes. Quanto aos processos fonológicos que afectam as vogais, o estudo destaca quatro regras que afectam sequências vocálicas, a saber: semivocalização, elisão, coalescência e harmonia vocálica. Embora a presente dissertação corrobore com os factos descritos por Gundane (2015) relativamente aos processos fonológicos, a nossa pesquisa não conseguiu determinar as bases que evidenciam a regularidade da harmonia vocálica. Os nossos dados mostram que, a harmonia vocálica em Cidzivi é relativamente mais restritiva.

No tocante á processos envolvendo consoantes, Gundane (2015) aponta assimilação, velarização, labialização, nasalização, aspiração e fricativização como regras mais comuns de modificação dos sons consonânticos. Nesse aspecto, a pesquisa desenvolvida neste estudo mostra haver regularidades nos processos envolvendo modificações das consoantes.

Gundane (2015) ocupa parte da sua análise examinando padrões tonais. Quanto ao tom, o autor distingue dois tipos de tons de nível em Citshwa, nomeadamente tom alto (A) e tom baixo (B), partilhando desse modo o mesmo ponto de vista encontrado em Ugembe (2012). Finalmente, o outro aspecto que merece análise relativamente extensa no trabalho de Gundane (2015) diz respeito à sílaba. O autor diz correctamente que existem diferentes

formas da estrutura silábica na língua, mas a estrutura canónica da sílaba é do tipo -CV-, como ocorre em diferentes línguas Bantu.

4.3.3.5.4. Conclusão

O presente capítulo fez a revisão da literatura, cobrindo estudos pioneiros e trabalhos mais recentes. Nele foram revistos estudos descritivos sobre aspectos da morfologia e fonologia nas línguas Bantu em geral, estudos descritivos sobre as línguas Bantu faladas em Moçambique, estudos descritivos sobre a morfologia da língua Citshwa e estudos descritivos sobre a fonologia do Citshwa. A conclusão decorrente da passagem em revista dos estudos anteriores é de que nas línguas Bantu, o sistema nominal é caracterizado pela existência de prefixos de classes nominais que, na atualidade, são vistos não apenas como categorias da organização dos nomes em géneros, mas também como categorias que expressam relações da gramaticalização. Todos os estudos concordam que, geralmente, cada nome está associado a uma determinada classe, havendo igualmente, classes que agrupam nomes com características morfológicas distintas. Apesar da aparente uniformidade na organização dos nomes em classes nominais, denotam-se algumas diferenças quanto ao número de classes nominais que, cada língua apresenta. Outro aspecto relevante sobre a estrutura do nome em Bantu tem a ver com ausência total de prefixos nominais canónicos em algumas línguas, tais como o Bila D.32 falada nos Camarões.

Relativamente à morfologia verbal, a revisão da literatura revelou haver similaridades na estrutura do verbo e uma diversidade na estrutura interna da sílaba, em virtude do tamanho da raiz verbal. Geralmente, a estrutura básica da sílaba tem a forma -CV- podendo tomar outras formas tais como -V-, -VC-, -CVC-, -CVCV- e formas polissilábicas.

O capítulo da revisão da literatura confirmou existir em Bantu disparidades quanto à quantidade de vogais. Existem línguas com o sistema vocálico de mais de cinco vogais, mas a maioria mostra um padrão que, reduziu as 14 vogais propostas no Proto-Bantu (PB) para 5, como acontece no Citshwa. A variabilidade numérica é igualmente notória na classe de consoantes. O exame do sistema consonântico mostra que há línguas com sistemas simétricos de consoantes nos quais para cada som da mesma sub-categoria existe o outro som análogo correspondente. Essa situação não é testada em todas as línguas, pois encontramos sistemas consonânticos assimétricos, onde a presença de uma consoante de

uma sub-classe não representa a presença da sua contraparte dentro da mesma sub-classe. Esse facto deve-se à evolução fonético-fonológica (variação e mudança de sons) que afectou cada língua ao longo do tempo, dando origem a situações em que algumas línguas perderam alguns sons e outras ganharam mais sons.

O outro aspecto importante a reter foi a regularidade nos processos fonológicos que ocorrem quando estão envolvidas sequências vocálicas indesejadas V-V ou sequências envolvendo uma nasal mais uma consoante (N-C). Em ambos os casos ocorrem regras que acabam modificando um dos segmentos na sequência ou a ambos. O exame feito especificamente para o estudo do Citshwa permite concluir que o '*Outlines of Tshwa Grammar*' de Persson (1932) oferece uma análise preliminar do Citshwa, mas o estudo mostra inconsistências quer do ponto de vista de dados fornecidos, quer do ponto de vista de análise dos mesmos, embora constitua um ponto de partida fundamental para o desenvolvimento de pesquisa da língua Citshwa.

CAPÍTULO 5: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS MORFOLÓGICOS

5.0. Introdução

Este capítulo faz a apresentação e análise de dados relativos à morfologia do Citshwa. Para melhor organização e gestão de informação, o capítulo é sub-dividido em duas partes, nomeadamente, a parte dedicada à apresentação e análise de dados sobre a morfologia nominal em 5.1 e a reservada para apresentação e análise de dados relativos à morfologia verbal em 5.2. Espera-se que a apresentação e análise de dados, neste capítulo, permita a confirmação ou não de regularidades de processos linguísticos do Citshwa identificados em estudos anteriores.

5.1. Apresentação e análise de dados de morfologia nominal

A discussão relativa à morfologia compreende duas partes. A primeira parte aborda a morfologia nominal e a segunda discute a morfologia verbal. Inicia-se, com a descrição detalhada dos prefixos de classes nominais, morfemas de concordância, de tempo-aspecto ou sufixos de categorias flexionais e, finalmente, extensões verbais.

Iremos mostrar que, os padrões de concordância são determinados, em parte, pelos núcleos nominais, por isso, a correlação entre os prefixos da classe nominal e o padrão de concordância é parcialmente estabelecida. Mostramos ainda que a concordância envolvendo verbos com marcas de sujeito, objecto, adjectivos, números e numerais é determinada por ralações de dependência morfo-sintática. A descrição detalhada de aspectos acima referidos revela-se importante e indispensável, porque, por um lado, a gramática do Citshwa carece de descrição detalhada com vista a aferir as similaridades e diferenças entre esta língua e outras línguas mais relacionadas e, por outro, porque interessa captar as generalidades encontradas nas línguas do grupo S50 na classificação de Guthrie (1967-71).

A língua Citshwa, objecto da presente pesquisa, pertence ao grupo S51, Tswa-Ronga de acordo com a classificação de Guthrie (1967-71), do qual fazem parte Xironga, Citshwa e Xichangana, línguas mutuamente inteligíveis. Motivado por visão histórica eurocêntrica e encorajado pelo exercício desenvolvido nos anos 80 por algumas correntes que se lançaram na busca de “línguas maioritárias vs línguas minoritárias” em Moçambique,

como atestam os trabalhos da época que incluem Babalola (1983), Katupha (1986) entre outros, NELIMO (1989). Relativamente á língua objecto de estudo, NELIMO (1989) aponta para a existência do nome Tsonga que abrange três línguas Xirhonga, Xichangana e Citshwa, diferentemente da designação proposta por Gutrhie (1967-71) Tswa-Ronga. Estas línguas (mutuamente inteligíveis) são faladas nas províncias de Maputo, Gaza e Inhambane e na zona meridional das províncias de Manica e Sofala”. NELIMO (1989) afirma ainda que “as três línguas são faladas na zona meridional da República do Zimbabwe e na África do Sul, na província do Transvaal”.

Tradicionalmente, os factores determinantes para o agrupamento de línguas por zonas linguísticas foram as similaridades morfológicas e a inteligibilidade mútua. O outro factor foi olhar para as propriedades formais e semânticas dos prefixos nominais. Actualmente, embora ainda se reconheça a importância de zonas linguísticas e se mantenham determinadas línguas dentro do mesmo grupo devido às propriedades formais e semânticas e devido à proximidade genética das línguas, vários estudiosos das línguas Bantu, incluindo Odden (1996), Ngunga (2014), Ngcobo (2010), entre outros, mostram que a morfologia nominal não tem sido examinada como há anos atrás. Hoje, a morfologia nominal pode ser dividida em morfologia de classe nominal e morfologia de temas (nominais ou verbais). Em geral, a primeira é considerada mais complexa do que a segunda, na medida em que o número dos prefixos de classes nominais e a forma específica do prefixo variam de língua para língua.

A generalização sobre a morfologia nominal do Citshwa pode ser formulada nos seguintes termos: à semelhança de outras línguas Bantu, em Citshwa, os nomes apresentam duas partes. A primeira compreende um prefixo e a segunda parte é composta por uma raiz ou tema nominal. O exame da estrutura interna da palavra revela existirem as classes nominais 1, 3, 5, 7, 9, 11 e 12 que são usadas para nomes no singular, enquanto as classes 2, 4, 6, 8, 10 e 13 correspondem à forma do plural dos nomes.

O exame mais profundo sobre o agrupamento de nomes em classes nominais revela que a abordagem baseada em propriedades formais e semânticas para agrupar os nomes em diferentes classes não consegue dar conta das relações de dependência morfo-sintáticas na sua plenitude. Como veremos mais adiante, em Citshwa, existem nomes que exibem heterogeneidade em termos de sua colocação em uma determinada classe nominal. Esse facto parece sugerir que o agrupamento de nomes em classes nominais transcende as

propriedades formais e semânticas, requerendo abordagens que incluam aspectos cognitivos de aprendizagem e elaboração de conhecimento.

Resulta da observação factual que o número exacto de prefixos nominais varia de língua para língua. Citshwa exhibe classes de 1 a 17, mas não exhibe as classes nominais 12 e 13, como acontece em algumas línguas Bantu tais como Shona e Chichewa, entre outras, segundo Msaka (2019), Mkanganwi (2002), Corbett (1987). Nas secções que se seguem fazemos uma descrição mais extensiva da estrutura morfológica do nome e do verbo em Citshwa.

5.1.1. Morfologia nominal e padrões de concordância em Citshwa

A pesquisa documental feita sobre as línguas Bantu permite fazer a generalização segundo a qual nestas línguas, os nomes agrupam-se em classes nominais. O Citshwa segue o padrão geral encontrado em outras línguas Bantu. Geralmente, as classes nominais são classificadas de acordo com critérios baseados em propriedades formais e semânticas. Trabalhos recentes têm mostrado que embora o agrupamento dos nomes em classes nominais seja correctamente motivado por propriedades formais e semânticas ainda persistem algumas zonas menos claras relacionadas com a necessidade de saber, com precisão, que propriedades semânticas podem ser chamadas para explicar o agrupamento dos nomes em várias classes nominais.

Novas abordagens como as encontradas em Ngcobo (2010), Idiata (2005), entre outros, defendem que o agrupamento dos nomes em classes deve ter em conta, também, relações associativas entre membros da mesma categoria e regras sócio-culturais de interpretação. No presente trabalho, a organização dos nomes em classes capta a necessidade de incorporar as propriedades formais e semânticas, mas também admite uma análise que incorpora situações que melhor podem ser explicadas com base na abordagem cognitiva como proposto por Idiata (2005). Segundo este autor citado por Ngcobo (2010), nas línguas Bantu, actualmente, as classes nominais funcionam fortemente como itens gramaticalizados fazendo com que o critério semântico seja aparentemente ofuscado.

Carstens (1993) faz notar que nas línguas Bantu cada nome pertence a um número de classe nominal, afirmação indisputável para todos os estudiosos que se ocupam desta temática. Hendrikse e Poulos (1994) partilham o mesmo ponto de vista ao afirmarem que o

universo das classes nominais é dividido em 23 classes e espera-se que cada número de classe nominal satisfaça determinados critérios linguísticos. O maior problema que ainda persiste é saber que critérios linguísticos são satisfeitos por todas as classes nominais conhecidas. Os autores acima referidos não se limitam apenas à necessidade de satisfação de critérios formais e semânticos, mas admitem que existe um leque de critérios relativamente maiores que as línguas exploram para agrupar os nomes em diferentes classes.

Com base em estudos anteriormente realizados, vemos que as classes são geralmente indicadas por números que variam de 1 a 23. Todavia, como foi referido anteriormente, o Citshwa apresenta classes nominais que variam de 1 a 17. Nesse aspecto, o Citshwa assemelha-se a Xhosa, segundo Braver (2016), Changana, de acordo com Ngunga e Simbine (2012) e Zulu, segundo Ngcobo (2010). Todas as línguas acima referidas exibem entre 1 a 15 ou 1 a 16 classes nominais. Apesar de limitação numérica dos prefixos, essas línguas conseguem explorar outros critérios para agrupar os nomes em classes. O outro aspecto que corrobora com análises anteriores é relativo à opacidade da semântica dos prefixos nominais, porque as propriedades semânticas sozinhas não motivam nem explicam o agrupamento de determinados nomes em certas ou várias classes.

Ngunga (2014) refere explicitamente que a semântica de prefixos de classes nominais é opaca. Alguns prefixos de classes nominais estão associados à semântica específica, como é o caso das classes 1 e 2 que se referem apenas a seres humanos ou nomes étnicos e a alguns seres personificados ou humanizados. Em Citshwa, existem, porém, algumas exceções em relação à aparente transparência semântica das classes 1 e 2. Por exemplo, embora, por um lado, algumas palavras tais como \emptyset -xaka ‘parente’ vs ma-xaka ‘parentes’ sugiram, semanticamente, que deveriam apresentar os prefixos das classes 1 e 2, respectivamente, estes nomes pertencem às classes 5 e 6, cujos prefixos são \emptyset - e ma-, respectivamente. Por outro lado, em Citshwa, a classe 14 é (w)u- (*bu- em Proto-Bantu). Frequentemente, esta classe envolve nomes não contáveis tais como, wu-tomi ‘vida’, wu-siwana ‘pobreza’, wu-pumbu ‘parvice’, wu-lombe ‘mel’, wu-kwele ‘ciúme’, etc. Alguns nomes desta classe, quando formam o plural recorrem ao prefixo da classe 6 ma-, como em ma-lombe ‘méis. Finalmente, o prefixo da classe nominal 11 li- forma o plural com a classe 10 ti-. Estas complicações morfológicas mostram, claramente que propriedades semânticas e formais não explicam totalmente o agrupamento de nomes em classes nominais.

A literatura relevante disponível, incluindo Mchombo (1995), Carstens (1991), Ngunga (2002), Langa (2012) entre outros, aponta que olhando para vários dados em Bantu é possível afirmar que a atribuição de uma classe nominal para determinado nome baseando-se em um conjunto de critérios, sendo alguns mais objectivos e outros menos transparentes, exigindo certo grau de abstração.

Um critério que permite colocar o nome em uma classe é o fonológico. O critério fonológico permite que se mantenha a distinção entre prefixos tais como ci- em ci-godo ‘tronco’ e ti- como em ti-davi ‘ramos’, assegurando a distinção fonémica entre /c/ e /t/. A distinção fonémica é fundamental, porque os dois sons representam entidades linguísticas distintas na língua intuitivamente reconhecíveis pelos falantes. O critério fonológico permite igualmente explicar as classes nominais com base em relações associativas entre membros de determinadas categorias.

O segundo critério para atribuir uma classe a um determinado nome assenta no padrão de formação de pares singular/plural. Como veremos mais adiante, apenas determinados pares singular/plural são possíveis, enquanto outros prefixos não podem formar aleatoriamente esse tipo de pares. No caso do Citshwa, as classes 1 e 3, cujos prefixos são mu-, como em mu-nhu ‘pessoa’ vs mu-ti ‘casa’, bem como as classes 16 e 17 cujos prefixos são ka- como em [ka-hloko ‘sobre a cabeça’ vs ka-bukuxa ‘para Bukuxa’], vemos que os prefixos mu- e ka- são similares, mas pertencem a classes distintas. Esse facto revela que as semelhanças fonéticas de prefixos não satisfazem totalmente os critérios para agrupar os nomes em classes.

Finalmente, a atribuição do prefixo a uma raiz nominal mostra existir grau de complexidade, porque exhibe o carácter idiossincrático do léxico. O carácter idiossincrático do léxico abre espaço na análise para admitir que regras sócio-culturais de interpretação, nos termos em que essa questão é abordada por Ngcobo (2010) desempenham o papel considerável no agrupamento de nomes em classes nominais. O carácter idiossincrático na selecção de um prefixo para determinados nomes pode ser demonstrado com algumas palavras emprestadas do Português e Inglês para o Citshwa. Em Citshwa, a palavra ø-butawu ‘botão’ exhibe o prefixo zero da classe 5 no singular e forma o plural com o prefixo ti- da classe 10, como em ti-butawu. Todavia, a classe 10 também é o plural da classe 9, como em m-buti ‘cabrito’ vs ti-mbuti ‘cabritos’. A classe 10 forma, igualmente, o plural com a classe 11, cujo prefixo é li-, como em li-davi ‘ramo’ vs ti-davi ‘ramos’. Tendo em

conta a descrição feita acima, deveríamos esperar que o singular para a palavra ‘botão’ fosse *m-butawu (classe 9) ou *li-butawu (classe 11), para formar o plural com o prefixo ti-. Todavia, as formas *m-butawu e *li-butawu não são testadas na língua. Também não ocorre a forma *ma-butawu (classe 6), como plural de ø-butawu (classe 5).

Uma situação análoga passa-se com a palavra ø-repulani ‘avisão’, provavelmente emprestada do Inglês ‘airplane’. Em Citshwa, este item lexical é da classe 5, com o prefixo nominal zero e forma o plural com o prefixo mi- da classe 4, como em mi-repulani ‘aviões’. Como vemos, nem todos os nomes da classe 5 formam o plural com o prefixo da classe 6. Sabemos que, nesta língua, geralmente, a classe 6 é o plural da classe 5, donde esperaríamos que o plural de ø-butawu fosse ma-butawu, como em ø-repulani vs mi-repulani. Como o prefixo mi- também forma o plural da classe 3 mu-, alternativamente, era de esperar que o singular para a palavra ‘avisão’ fosse *mu-repulani, estrutura não permitida na língua.

Estes exemplos mostram claramente que além de propriedades semânticas e formais, o agrupamento dos nomes em classes tem a ver igualmente, com um conjunto de parâmetros que incluem noções ligadas a concretude, atribuição, orientação espacial, bem como a necessidade de fazer uso de domínio abstrato, nos moldes defendidos por Hendrikse e Poulos (1992).

A descrição das classes nominais mostra que embora seja possível indicar, por um lado alguns factores que determinam as relações entre o tema nominal e o prefixo da classe nominal e por outro, agrupar os nomes em pares singular/plural, ainda permanecem áreas menos claras que demandam uma análise mais holística explorando as áreas de morfo-sintaxe, morfo-fonologia, morfo-semântica, bem como o domínio cognitivo para melhor compreensão do funcionamento das gramáticas das línguas Bantu em geral e, das línguas Bantu faladas em Moçambique em particular. Os exemplos em (22) apresentam prefixos das classes nominais do Citshwa.

(22) Prefixos de classes nominais em Citshwa:

Prefixo	Classe	Exemplos	Glossário
mu-	1	mu-nhu	‘pessoa’
va-	2	va-nhu	‘pessoas’

mu-	3	mu-ti	‘casa’
mi-	4	mi-ti	‘casas’
∅-	5	∅-tiku	‘país
ma-	6	ma-tiku	‘países’
ci-	7	ci-godo	‘tronco’
zvi-	8	zvi-godo	‘troncos’
N-	9	m-buti	‘cabrito’
ti-	10	ti-m-buti	‘cabritos’
li-	11	li-davi	‘ramo’
ti-	10	ti-davi	‘ramos’
(w)u-	14	wu-hlalu	‘missanga’
	(6)	ma-hlalu	‘missangas’
ku-(infin)	15	ku-famba	‘caminhar’
ka-(loc.)	16	ka-hloko	‘sobre a cabeça’
ka-(loc.)	17	ka-Bukuxa	‘para Bukuxa’

Fonte: Elaboração própria

As classes nominais fornecidas em (22) podem ser agrupadas em pares de singular vs plural, conforme se segue: 1/2, 3/4, 5/6, 7/8, 9/10, 11/10 e 14/6. Em Citshwa, as classes 15, 16 e 17 não formam pares singular/plural, em virtude de a classe 15 ser infinitivo verbal e as restantes classes 16 e 17 serem locativos.

Em (23), são fornecidos exemplos de pares de classes nominais em Citshwa opondo os números singular vs plural, tendo em conta os dados fornecidos em (22).

(23) Formação de pares singular vs plural:

Classe	Nominal	Singular/Plural	Glossário
1/2	mu-nhu	(sg.)	‘pessoa’
	va-nhu	(pl.)	‘pessoas’
3/4	mu-ti	(sg.)	‘casa’
	mi-ti	(pl.)	‘casas’
5/6	∅-tiku	(sg.)	‘país’
	ma-tiku	(pl.)	‘países’
7/8	ci-godo	(sg.)	‘tronco’
	zvi-godo	(pl.)	‘troncos’
9/10	m-buti	(sg.)	‘cabrito’
	ti-m-buti	(pl.)	‘cabritos’
11/10	li-davi	(sg.)	‘ramo’
	ti-davi	(pl.)	‘ramos’
14/6	wu-hlalu	(sg.)	‘missanga’
	ma-hlalu	(pl.)	‘missangas’
15 (infin.)	ku-famba		‘caminhar’
16 (loc.)	ka-hloko		‘sobre a cabeça’
17 (loc.)	ka-Bukuxa		‘para Bukuxa’

Fonte: Elaboração própria

Vemos a partir dos dados em (23) que as classes 5 e 14 fazem o plural com a classe 6 e as classes 9 e 11 fazem o plural com a classe 10. Como anteriormente foi dito, as classes 15, 16 e 17 não formam o plural.

Em Citshwa, a complicação de agrupamento dos nomes em diferentes classes nominais pode ser particularmente observada com nomes da classe 9 cujo prefixo de classe nominal é uma nasal, como ilustram os exemplos em (24).

(24) Formação do plural da classe 9 em Citshwa:

			Glossário
m-buti	‘cabrito’	ti-m-buti	‘cabritos’
m-boni	‘testemunha’	ti-m-boni	‘testemunhas’
n-dlela	‘caminho’	ti-n-dlela	‘caminhos’
n-dleve	‘orelha’	ti-n-dleve	‘orelhas’
n-dawu	‘lugar’	ti-n-dawu	‘lugares’
n-goti	‘corda’	ti-n-goti	‘cordas’
n-jalu	‘alguidar’	ti-n-jalu	‘alguidares’
n-janji	‘peixe’	ti-n-janji	‘peixes’
n-tivi	‘sábio’	ti-n-tivi	‘sábios’
n-yangwa	‘entrada’	ti-ny-angwa	‘entradas’
n-holwa	‘pardal’	ti-nh-olwa	‘pardais’
n-yoka	‘cobra’	ti-ny-oka	‘cobras’
n-hovu	‘nariz’	ti-n-hovu	‘narizes’
n-hamu	‘pescoço’	ti-n-hamu	‘pescoços’

Fonte: Elaboração própria

Vemos que todos os exemplos indicados em (24) exibem a nasal prefixal no singular. A forma do plural correspondente exhibe o prefixo **ti-** da classe 10 seguido da nasal que ocorre antes da raiz nominal. Estes exemplos permitem concluir que em Citshwa, a classe 9 forma o plural com a classe 10 respeitando as propriedades formais que governam geralmente o agrupamento dos nomes em Bantu.

Os exemplos fornecidos em (25) revelam que Citshwa dispõe de categorias de nomes com o prefixo zero (\emptyset) no singular que formam, igualmente, o plural com a classe 10, como se ilustra com os dados que abaixo se seguem.

(25) Formação do plural de nomes com o prefixo \emptyset em Citshwa:

			Glossário
\emptyset -simbi	‘ferro’	ti-simbi	‘ferros’
\emptyset -salu	‘sarna’	ti-salu	‘sarnas’
\emptyset -tlarhi	‘esperto’	ti-tlarhi	‘espertos’
\emptyset -hlaru	‘jiboia’	ti-hlaru	‘jiboias’
\emptyset -whari	‘galinha de mato’	ti-whari	‘galinhas do mato’
\emptyset -haka	‘fruto de cacana’	ti-haka	‘frutos de cacana’
\emptyset -hawu	‘macaco’	ti-hawu	‘macacos’
\emptyset -homu	‘boi’	ti-homu	‘bois’
\emptyset -hosi	‘chefe’	ti-hosi	‘chefes’
\emptyset -huku	‘galinha’	ti-huku	‘galinhas’

Fonte: Elaboração própria

Comparando os dados em (24) e (25) vemos que no primeiro caso, a formação do plural é feita com o prefixo da classe 10 (ti-) mais a nasal prefixal seguida da raiz nominal, enquanto no segundo caso, a formação do plural é feita exclusivamente com o prefixo da classe 10 seguida da raiz nominal.

Os dados em (25) sugerem por um lado, que existe uma categoria de nomes com o prefixo \emptyset que se comportam morfológicamente como se fossem da classe 9. Por outro lado, o facto de os nomes da classe 9 formarem o plural através da co-ocorrência de dois prefixos de classes nominais distintas (ti-N-) sugere que os dois prefixos estejam a funcionar morfológicamente como entidades monolíticas gramaticalizadas, pondo de lado as suas propriedades formais. A nasal prefixal na classe 9 não funciona como entidade morfológica com propriedades formais inerentes, mas sim, funciona apenas quando precedida do prefixo \emptyset , como em \emptyset N-, cujo plural é formado com a classe 10 dando origem

a ti-N. Considerando os dados fornecidos em (24) e em (25) pode-se, correctamente fazer duas generalizações relativas ao agrupamento das classes nominais 9 e \emptyset .

Primeiro, em Citshwa existe uma categoria de nomes que formam o plural com a classe 2, 4, 8 e 10 tendo em conta propriedades semânticas e propriedades formais observadas em diferentes línguas Bantu. Segundo, existe outra categoria de nomes que formam o plural com uma ou outra classe nominal tendo em conta a necessidade da variação e mudança linguística que pode mudar uma palavra de valor lexical para adquirir o valor gramatical, devido à necessidade de pluralização, concretude e abstracção impingidas no conhecimento sócio-cultural traduzido pelas línguas.

Os exemplos em (26) mostram que o facto de um nome exhibir o prefixo \emptyset (zero) não demanda a formação do plural com a classe 10, como ilustrado com os dados em (24). Os Exemplos adicionais em (26) revelam que existe uma categoria de nomes com o prefixo nominal \emptyset (zero) que formam o plural com o prefixo nominal 6 (ma-), como se ilustra com os exemplos em (26).

(26) Nomes com o prefixo \emptyset que formam o plural com a classe 6 em Citshwa:

			Glossário
\emptyset -dzolo	‘joelho’	ma-dzolo	‘joelhos’
\emptyset -lembe	‘ano’	ma-lembe	‘anos’
\emptyset -levu	‘barba’	ma-levu	‘barbas’
\emptyset -rama	‘bochecha’	ma-rama	‘bochechas’
\emptyset -rambu	‘osso’	ma-rambu	‘ossos’
\emptyset -raku	‘nádega’	ma-raku	‘nádegas’
\emptyset -rambu	‘ruína’	ma-rambu	‘ruínas’
\emptyset -riwa	‘abóbora’	ma-riwa	‘abóboras’
\emptyset -siku	‘dia’	ma-siku	‘dias’
\emptyset -simu	‘machamba’	ma-simu	‘machambas’

ø-sindza	‘porcelana’	ma-sindza	‘porcelanas’
ø-thanga	‘coxa’	ma-thanga	‘coxas’
ø-tsala	‘celeiro’	ma-tsala	‘celeiros’
ø-tiku	‘país’	ma-tiku	‘países’
ø-tilu	‘céu’	ma-tilu	‘céus’
ø-tihlu	‘olho’	ma-tihlu	‘olhos’
ø-tino	‘dente’	ma-tino	‘dentes’
ø-tlivi	‘lagoa’	ma-tlivi	‘lagoas’
ø-kamba	‘folha’	ma-kamba	‘folhas’
ø-khamba	‘ladrão’	ma-khamba	‘ladrões’
ø-khala	‘carvão’	ma-khala	‘carvões’
ø-khutla	‘rã’	ma-khutla	‘rãs’
ø-khwati	‘floresta’	ma-khwati	‘florestas’
ø-woko	‘braço’	ma-woko	‘braços’

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos em (26) são análogos aos dados anteriores, porque todos têm o prefixo zero. Todavia, estes exemplos aparentemente similares diferem na forma como fazem o plural. Vimos que existe uma categoria de nomes com o prefixo ø- formando o plural com o prefixo da classe 10 (**ti-**) e outra categoria de nomes com o prefixo ø- que, formam o plural com o prefixo da classe 6 (**ma-**), bem como categorias de palavras com o prefixo ø- que formam o plural com o prefixo da classe 4, como ficou ilustrado atrás com a palavra *repulani* classe 5, cujo prefixo é ø- e o plural é *mi-repulani* classe 4.

5.1.2. Padrões de concordância

De acordo com Langa (2012), cada prefixo de uma classe nominal rege o padrão de concordância das unidades lexicais sob seu domínio. Assim, o prefixo da classe 1 determina que os nomes sob domínio do núcleo nominal devem obedecer ao padrão de concordância dessa classe. Odden (1996) por sua vez faz menção ao facto de a divisão dos nomes em classes ser parcialmente determinada pelo padrão de concordância induzido pelo núcleo nominal. O mesmo autor explicita que, de uma forma geral, o sistema morfo-sintático de concordância em Bantu requer que quando uma palavra Y faz a concordância com a palavra Z, então Y pertence à mesma classe nominal que Z. Todavia, o autor reconhece a existência de complicações no padrão de concordância, devido a irregularidades de algumas formas nominais. Com efeito, veremos mais adiante que a concordância não é sempre controlada pela categoria morfológica do nome. O nome de uma determinada classe causa sempre a concordância em palavras de diferentes classes, sobretudo se o nome for [+humano].

Em Cishwa, tal como em outras línguas Bantu, o padrão de concordância é geralmente dominado pelo núcleo nominal. Os exemplos em (27) mostram a relação de dependência morfo-sintática entre os prefixos da classe nominal e os prefixos da marca do sujeito (MS).

(27) Concordância com marca de sujeito (MS):

Classe	Prefixo		MS	Exemplos	Glossário
cl1.	mu-	(1 ^a pess sg.)	ndzi- ndzi-	wa-wile	‘eu tinha caído’
			MS	MC VP	
cl1.	mu-	(1 ^a pess pl.)	hi- hi-	wa-wile	‘nós tínhamos caído’
			MS	MC VP	
cl2.	mu-	(2 ^a pess sg.)	u- u-	wa-wile	‘tu tinhas caído’
			MS	MC VP	
cl2.	mu-	(2 ^a pess pl.)	mu- mu-	wa-wile	‘vós tinhas caído’
			MS	MC VP	
	cl1.	mu- mu-nhu	a-	wa-wile	‘a pessoa tinha caído’
			MS	MC VP	

cl2.	va-	va- va- nhu	va-	wa-wile	‘as pessoas tinham caído’
			MS	MC VP	
cl3.	mu-	wu- mu-ti	wu-	wa-wile	‘a casa tinha caído’
			MS	MC VP	
cl4.	mi-	yi- mi-ti	yi-	wa-wile	‘as casas tinham caído’
			MS	MC VP	
cl5.	∅-	gi- ∅-rambu	gi-	wa-wile	‘o osso tinha caído’
			MS	MC VP	
cl6.	ma-	ma- ma-rambu	ma-	wa-wile	‘os ossos tinham caído’
			MS	MC VP	
cl7.	ci-	ci- ci-godo	ci-	wa-wile	‘o tronco tinha caído’
			MS	MC VP	
cl8.	zvi-	zvi- zvi-godo	zvi-	wa-wile	‘os troncos tinham caído’
			MS	MC VP	
cl9.	N-	yi- mbuti	yi-	wa-wile	‘o cabrito tinha caído’
			MS	MC VP	
cl10.	ti-	ti- ti-mbuti	ti-	wa-wile	‘os cabritos tinham caído’
			MS	MC VP	
cl11.	li-	yi-li-davi	yi-	wa-wile	‘o ramo tinha caído’
			MS	MC VP	
cl14.	wu-	gi- wu-hlalu	gi-	wa-wile	‘a missanga tinha caído’
			MS	MC VP	
cl15.	ku-	ku- ku-tlarhila	ku-	wa-wile	‘a esperteza tinha caído’
			MS	MC VP	
cl16.	ka-	ku- ka-hloko	ku-	wa-wile	‘sobre a cabeça tinha caído’
			MS	MC VP	
cl17.	ka-	ku- ka-bukuxa	ku-	wa-wile	‘para Bukuxa tinha caído’
			MS	MC VP	

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (27) mostram que olhando para a pessoa gramatical apenas a MS da segunda pessoa do plural é que coincide com o prefixo da classe nominal com a qual, faz concordância (**mu-**). A MS das restantes pessoas gramaticais, não coincide com o prefixo da respectiva classe nominal. Além disso, estes dados revelam igualmente que a MS das

classes 6, 7, 8, 10 e 15 coincide com os prefixos das respectivas classes nominais. A marca do sujeito das restantes classes nominais não coincide com os prefixos das respectivas classes nominais. As classes nominais 4, 9 e 11 exibem a MS yi-, enquanto a marca do sujeito das classes 5 e 14 é gi-. A classe 3 cujo prefixo da classe nominal é **mu-** é a única que exhibe a MS wu-. As classes nominais 16 e 17 seleccionam a MS ku- distinta dos respectivos prefixos de classe nominal.

Vemos que diferentemente do Xichangana que cada prefixo de uma classe nominal rege o padrão de concordância das unidades lexicais sob seu domínio, Langa (2012), Citshwa comporta-se ligeiramente de forma diferente, na medida em que um conjunto de prefixos pode reger um determinado padrão de concordância, como ilustram os prefixos das classes 4, 9 e 11, por um lado, e os prefixos das classes 5 e 14, por outro. Com base nos exemplos em (27) vemos que de facto, em Citshwa, a divisão dos nomes em classes é, parcialmente determinada pelo padrão de concordância induzido pelo núcleo nominal. A determinação parcial do padrão de concordância entre a classe nominal e o núcleo é justificada pela existência de nomes de certas classes nominais cujo padrão de concordância não obedece estritamente a relação acima estabelecida, nomeadamente, quando uma palavra Y faz a concordância com a palavra Z, então Y pertence à mesma classe nominal que Z. Nas línguas Bantu, não é só o sujeito da frase que apresenta o co-referente na estrutura morfo-sintática, mas também há categorias gramaticais ou relações entre propriedades cognitivas que também podem ter co-referentes no nível mais abstrato das gramáticas de diferentes línguas, como se pode ver na secção seguinte.

5.1.2.1. Concordância com a marca do objecto (MO)

De acordo com Ngunga & Simbine (2012), quando o núcleo da frase é um verbo transitivo espera-se que exista um nome a completar-lhe o sentido, o que se chama geralmente complemento directo ou objecto directo. Nesta secção examinamos a concordância com a MO em Citshwa, em verbos transitivos, com vista a aferir a sua correlação com o prefixo da classe nominal ou com a marca do sujeito, como mostram os exemplos em (28).

(28) Concordância com marca de objecto (MO):

Classe	Prefixo	Marca Object	Exemplos	Glossário
cl1.	mu- (1 ^a pess sg)		mina ndzi nyikelile Buku	‘eu entreguei livro’
cl1.	mu- (1 ^a pess sg)	ndzi- MS	gi- MO wena unyikelile Buku	nyikelile VP ‘tu entregaste o livro’
cl1.	mu- (2 ^a pess sg)	u- MS	gi- MO n’wina munyikelile Buku	nyikelile VP ‘vós entregaste o livro’
cl1.	mu- (2 ^a pess pl)	mu- MS	gi- MO hina hinyikelile Buku	nyikelile VP ‘nós entregamos livro’
cl1.	mu-	hi- MS	gi- MO n’wina munyikelile wukosi	nyikelile VP ‘vós entregaste o poder’
cl2.	va-	mu- MS	gi- MO vona vanyikelile wuk osi	nyikelile VP ‘eles entregaram o poder’
cl3.	mu-	va- MS	gi- MO muti wu nyikelilwe	nyikelile VP ‘a casa foi entregue’
cl4.	mi-	mu- MS	wu- MO miti y inyikelilwe	nyinyikelilwe VP ‘as casas foram entregues’
cl5.	∅-	mi- MS	yi MO tiku gi	nyikelilwe VP ‘o país foi entregue’
cl6.	ma-	∅- MS	gi MO matiku ma nyikelilwe	nyiyikelwe VP ‘os países foram entregues’
cl7.	ci-	ma- MS	∅- MO cikola ci nyikelilwe	nyikelilwe VP ‘a escola foi entregue’
cl8.	zvi-	∅- MS	ci MO zvikola zvi nyikelilwe	nyikelilwe VP ‘as escolas foram entregues’
		∅- MS	zvi MO	nyikelilwe VP

cl9.	N-		mbuti y inyikelilwe	‘o cabrito foi entregue’
		∅- MS	yi MO	nyikelilwe VP
cl10.	ti-		tĩmbuti tĩ nyikelilwe	‘os cabritos foram entregues’
		∅- MS	ti MO	nyikelilwe VP
cl11.	li-		lidavi y itsemiwilwe	‘o ramo foi cortado’
		∅- MS	yi MO	tsemiwilwe VP
cl14.	wu-		wulolo g itsemiwilwe	‘a preguiça foi cortada’
		∅- MS	gi MO	tsemiwilwe VP

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (28) descrevem o processo da construção da concordância do nome com a marca do objecto. Tal como ilustram os dados, a concordância do nome com a MO, na 1ª pessoa do singular e na 2ª pessoa do plural, respectivamente é, marcada pelo morfema **gi-**, o mesmo morfema de concordância que ocorre nas classes 5 e 14. A classe 3 apresenta como morfema da marca de concordância o morfema **wu-**. As classes 4, 9 e 11 apresentam o morfema **yi-** como marca da concordância com o objecto. Finalmente, as classes 6, 7, 8, 10 apresentam marcas de concordância com objecto semelhantes aos prefixos das classes nominais com as quais o objecto concorda, **ci-** **zvi** e **ti** respectivamente. De referir que é pura coincidência entre as MO das classes 6, 7, 8 e 10 com os prefixos das classes nominais pois, os marcadores da MO são entidades morfológicamente distintas dos prefixos das classes nominais.

5.1.2.2. Concordância da MS com reflexivo

Em Citshwa o morfema **-ti-** é um pronome reflexivo para todos os nomes de diferentes classes nominais. Este morfema indica que a acção praticada pelo sujeito reflete-se sobre si mesmo, como ilustram os exemplos em (29).

(29) Concordância com o reflexivo:

MS	Classe	Exemplos	Glossário	
ndzi-	1	(1 ^a pess sg.)	ndzo-MS ti- tshuva ‘estou a coçar-me’ MR VPI	
			ndzo-MS ti- ambexa ‘estou a vestir-me’ MR VPI	
			ndzo-MS ti- xanisa ‘estou a castigar-me’ MR VPI	
			ndzo-MS ti- xavisa ‘estou a vender-me’ MR VPI	
hi-	1	(1 ^a pess pl)	ho-MS ti- tshuva ‘estamo-nos a coçar’ MR VPI	
			ho-MS ti- ambexa ‘estamo-nos a vestir’ MR VPI	
			ho-MS ti- gondzisa ‘estamo-nos a ensinar’ MR VPI	
			ho-MS ti- tsakisa ‘estamo-nos alegrar’ MR VPI	
u-	1	(2 ^a pess sg)	wo-MS ti- tshuva ‘estás a coçar-te’ MR VPI	
			wo-MS ti- ambexa ‘estás a vestir-te’ MR VPI	
			wo-MS ti- nyenya ‘estás a rejeitar-te’ MR VPI	
			wo-MS ti- cava ‘estás a temer-te’ MR VPI	
mu-	1	(2 ^a pess pl)	mo-MS ti- tshuva ‘estais a coçar-vos’ MR VPI	
			mo-MS ti- ambexa ‘estais a vestir-vos’ MR VPI	
			mo-MS ti- dzunda ‘estais a orgulhar-vos’ MR VPI	
			mo-MS ti- wona ‘estais a ver-vos’ MR VPI	
a-	1	(3 ^a pess sg.)	o-MS ti- tshuva ‘ele está a coçar-se’ MR VPI	
			o-MS ti- ambexa ‘ele está a vestir-se’ MR VPI	
			o-MS ti- wona ‘ele está a ver-se’ MR VPI	
			o-MS ti- tsika ‘ele está a deixar-se’ MR VPI	
va-	2	(3 ^a pess pl)	o-MS ti- tshuva ‘eles estão a coçar-se’ MR VPI	
			vo-MS ti- ambexa ‘eles estão a vestir-se’ MR VPI	
			vo-MS ti- nyenya ‘eles estão a rejeitarem-se’ MR VPI	
mu-	3	(sg.)	mu-kwana	wu-MS ti- petsile ‘a faca dobrou-se’ MR VP
mi-	4	(pl.)	mi-kwana	yi-MS ti- petsile ‘as facas dobraram-se’

∅	5	(sg.)	khele	MS ga- MS	MR ti- MR	VP tshuva ‘o sapo está a coçar-se’ VP
ma- se’	6	(pl.)	ma-khele	ma-	ti-	tshuva ‘os sapos estão a coçar-
ci-	7	(sg.)	ci-manga	MS co- MS	MR ti- MR	VP tshuva ‘o gato está a coçar-se’ VP
zvi- se’	8	(pl.)	zvi-manga	zvo-	ti-	tshuva ‘os gatos estão a coçar-
N-	9	(sg.)	mbuti	MS yo- MS	MR ti- MR	VP tshuva ‘o cabrito está a coçar’ VP
ti- coçar-se’	10	(pl.)	ti-mbuti	to-	ti-	tshuva ‘os cabritos estão a
li-	11	(sg.)	li-davi	MS yo- MS	MR ti- MR	VP tshuva ‘o ramo está a coçar-se’ VP
ti- se’	10	(pl.)	ti-davi	to-	ti-	tshuva ‘os ramos estão a coçar-
				MS	MR	VPI

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (29) mostram que em Citshwa, independentemente da classe nominal do nome e independentemente do verbo, o morfema reflexivo é sempre **-ti-**. Nesse aspecto, Citshwa assemelha-se a muitas línguas Bantu as quais exibem o morfema reflexivo que morfologicamente não depende do núcleo verbal nem da classe nominal. Em Citshwa é pura coincidência que o prefixo da classe nominal 10 seja morfologicamente idêntico ao morfema reflexivo **-ti-**. Os dois morfemas são, morfologicamente distintos sem relação de dependência morfo-sintática.

Há um aspecto que salta à vista que merece alguma explicação nos exemplos em (29). Ele diz respeito às diferenças existentes entre os morfemas que indicam a MS da 1ª, 2ª, e 3ª pessoas gramaticais e dos prefixos de concordância das classes 2, 6, 7, 8, 10 e subsequentes. Vemos que em (29) os prefixos da MS diferem aparentemente dos prefixos da MS das mesmas pessoas gramaticais e mesmas classes em (29). Recapitulando, nos exemplos em (27) temos as marcas de sujeito **mu-, hi-, va-, yi-, gi-, ma-, ci-, zvi-, ti-**, etc, enquanto em (29), os mesmos morfemas apresentam-se como **ho-, mo-, vo-, yo-, go-, co-, zvo-, to-**, etc. Vemos que existe aparente alternância envolvendo os prefixos da MS nos dois exemplos. A aparente alternância dos prefixos do sujeito de uma determinada classe nominal nos dados em (27) e (29) é ilustrada com apenas alguns exemplos na tabela 16.

Tabela 16: Alternância de prefixos de MS em (27) e (29).

<i>MS em (27)</i>	<i>MS modificado em (29)</i>
mu-	m-o-
yi-	y-o-
hi-	h-o-
va-	v-o-
ci-	c-o-
zvi-	zv-o-
ti-	t-o-
gi-	g-o-

Fonte: Elaboração própria

A pergunta que deve ser respondida é saber quais são efectivamente as MS em Citshwa, face às alternâncias indicadas na tabela 16. Colocando a questão de forma diferente por que existem diferenças entre as MS em (27) e (29)

O maior interesse deste capítulo é proceder á análise morfológica e não as alternâncias dos morfemas resultantes da interação entre morfologia e fonologia ou entre as primeiras e a sintaxe. Embora o foco neste momento não seja a análise de alternâncias dos morfemas entendemos que, para melhor compreensão dos factos descritos, devemos explicar de forma breve alguns processos morfo-fonológicos que motivam as alternâncias dos prefixos da MS indicados na tabela 16.

Para explicar as diferenças entre os dados em (27) e (29), Liphola (2015) afirma que existem dois caminhos distintos de análise morfológica. O primeiro caminho consiste na “coisificação” dos morfemas. Segundo a abordagem ontológica tradicional, morfemas são “coisas” ou “seres” que combinam umas com as outras para formar palavras. Nesta perspectiva, a diferença entre os dados em (27) e (29) seria explicada com base na alomorfia. A abordagem alomórfica assume que as línguas dispõem de “peças” alternativas que podem ser usadas em uns casos e outros, quando seja necessário. A análise tradicional que trata morfemas como “coisas” considera o ser, em si mesmo, na sua essência e plenitude, sem ter em conta os factores que contribuem para a efetivação de mudanças que afectam os membros. A linguística moderna tem vindo a mostrar que morfemas não

constituem seres com essência imodificável. Morfemas são um produto de operações morfológicas que interagem com outros processos gramaticais em uma língua determinada.

O segundo caminho para explicar as pequenas diferenças morfológicas entre morfemas é, aquele que considera morfemas como regras. Segundo Liphola (2015), a abordagem que assume morfemas como “regras” parte do princípio que morfemas constituem o produto final dos processos ou operações morfológicas que podem afectar a estrutura de palavras.

Neste estudo assumimos a segunda abordagem e defendemos que em Citshwa a estrutura dos prefixos que compõem o pré-tema verbal é do tipo MS-V-Reflexivo, onde V representa o verbo contendo a marca do tempo-aspecto. Assim, nos exemplos em (29), o morfema que segue a marca do sujeito antes do morfema reflexivo indica que, o tempo e aspecto são representados pela vogal arredondada – o-. Resulta da observação factual que em diferentes tempos verbais o morfema do tempo-aspecto varia. Assim, podemos agora descrever a estrutura morfológica dos morfemas que compõem o pré-tema verbal em (29) como indicado em (30).

(30) Estrutura morfológica do pré-tema verbal:

Classe	Pessoa gramatical/prefixo	Pré-tema
c11	1 ^a pess sg	ndzi-oti-
hina	1 ^a pess pl.	hi-oti-
wena	2 ^a pess sg.	u-oti-
n'wina	2 ^a pess pl.	mu-oti-
yena	3 ^a pess sg.	oti-
cl2	2 ^a pess. pl	
vona	va-	va-oti-
cl6	ma-	ma-oti-
cl7	ci-	ci-oti-

cl8	zvi-	zvi-oti-
cl10	ti-	ti-oti-

Fonte; Elaboração própria

Os dados ilustrados em (30) corroboram com os exemplos em (29) que mostram a ocorrência de estruturas do tipo o-ti-tshuva, o-ti-tsika, o-ti-ambexa, o-ti-wona, onde a marca do sujeito é omissa, mas o morfema do tempo-aspecto **-o-** está, presente de forma explícita.

Sumarizando a discussão em torno da alternância entre os prefixos de concordância podemos explicar que a aparente alternância envolvendo os morfemas **ndzi~ndzo-**, **hi~ho-**, **u~wo-**, **zvi~zvo-**, **yi~yo-**, **va~vo-**, etc, resulta de processos morfo-fonológicos distintos como consequência da interação entre diferentes níveis da organização da gramática. Com efeito, as formas tais como ho-ti-ambexa ‘estamo-nos a vestir’, ndzo-ti-ambexa ‘estou a vestir-me’ e mo-ti-tshuva ‘estão a coçar-se’ provêm de hi-o-ti-ambexa, ndzi-o-ti-ambexa e ma-o-ti-tshuva. Vemos que ocorrem processos que envolvem a supressão da vogal do morfema da marca do sujeito hi-, ndzi- e ma-, respectivamente, antes do morfema que indica tempo-aspecto do verbo. Por outro lado, a forma wo-ti-ambexa ‘estás a vestir-te’ resulta da estrutura u-o-ti-ambexa porque sabemos que a marca do sujeito da 2ª pessoa do singular é o morfema u-. Nesse caso, o morfema que indica o sujeito é composto pela vogal alta que ocorre em posição inicial. Esse morfema vocálico semivocaliza antes do morfema do tempo-aspecto constituído pela vogal média recuada. Basicamente, os processos morfo-fonológicos envolvidos na modificação dos morfemas demandam ou a supressão das vogais na sequência ou alternativamente a semivocalização de uma das vogais na sequência, como ilustram as derivações em (31).

(31) Derivações de estruturas morfológicas de tipo ndzo-, ma- e wo-:

a)	ndzi-o-ti-tshuva	Estrutura morfológica
	ndzø-o-ti-tshuva	Operações morfológicas
	ndzo-ti-tshuva	Produto final de operações morfológicas
b)	ma-o-ti-tshuva	Estrutura morfológica
	mø-o-ti-tshuva	Operações morfológicas

	mo-ti-tshuva	Produto final de processos morfológicos
c)	u-o-ti-tshuva	Estrutura morfológica
	w-o-ti-tshuva	Operações morfológicas
	wo-ti-tshuva	Produto final de regras morfológicas

Fonte: Elaboração própria

Como fica demonstrado com as derivações em (31) acima, os processos morfofonológicos envolvidos na alteração dos morfemas permitem compreender melhor alguns padrões de concordância e as restrições impostas pela gramática do Citswha. Detalhes sobre esta questão específica podem ser encontrados em Chivambo e Liphola (2022)

5.1.2.3. Concordância com demonstrativo

Em Citswha o demonstrativo é uma unidade morfológica composta por duas sílabas, sendo a primeira com a estrutura CV- seguida de outra sílaba correspondente ao morfema da marca do sujeito da classe nominal a que o demonstrativo diz respeito. A qualidade da vogal da primeira sílaba pode ser afectada por processos morfo-fonológicos complexos que se traduzem na relação entre vogais arredondadas, vogais anteriores e baixas. A discussão detalhada sobre o comportamento das vogais é apresentada no capítulo da análise fonológica.

Uma observação dos dados do Citswha permite afirmar que a concordância entre os demonstrativos e o núcleo nominal é feita através de morfemas específicos de concordância para cada classe nominal. Entretanto, existem classes nominais que partilham o mesmo demonstrativo como são os casos das classes 4, 9, e 11, cujo demonstrativo é, le-yi. O demonstrativo da classe 3 é lowu. As classes 4, 9, 11 seleccionam o demonstrativo leyi, as classes 6 e 16 seleccionam o demonstrativo lawa e as classes 5 e 14 exibem o demonstrativo legi.

A generalização sobre a concordância entre o demonstrativo e o núcleo nominal em Citswha pode ser formulada da seguinte maneira: geralmente, a marca da concordância com o núcleo nominal aparece na última sílaba do demonstrativo, excluindo as classes nominais 1, 6, 15 e 16, as quais não exibem o demonstrativo com uma relação explícita de dependência morfo-sintática com o núcleo nominal correspondente, como ilustram os exemplos fornecidos em (32).

(32) Concordância nome + demonstrativo:

Classe	MS	Nome	Demonstrativo	Glossário
1	mu-	mu-nhu	lwe-yi	‘esta pessoa’
2	va-	va-nhu	la-va	‘estas pessoas’
3	wu-	mu-ti	lo-wu	‘esta casa’
4	yi-	mi-ti	le-yi	‘estas casas’
5	∅-	rambu	le-gi	‘este osso’
6	ma-	ma-tiku	la-wa	‘estes países’
7	ci-	ci-godo	le-ci	‘este tronco’
8	zvi-	zvi-godo	le-zvi	‘estes troncos’
9	yi-	m-buti	le-yi	‘este cabrito’
10	ti-	ti-mbuti	le-ti	‘estes cabritos’
11	yi-	li-davi	le-yi	‘este ramo’
14	gi-	wu-hlalu	le-gi	‘esta missanga’
15	ku-	ku-runga	lo-ku	‘este costurar’
16	ka-	ka-mati	la-wa	‘sobre esta água’
17	ka-	ka-tiku	le-gi	‘neste país’

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (32) revelam que o demonstrativo é composto por duas partes. A primeira parte é invariável constituída por uma sílaba do tipo CV-, na qual a consoante é sempre uma lateral seguida da vogal média ou baixa. A segunda parte do demonstrativo é composta por um morfema correspondente à cópia do prefixo da marca do sujeito, com algumas exceções, como veremos mais adiante. Com a exceção dos demonstrativos das classes nominais 1, 5, 6, 14, 16 e 17 que não apresentam o prefixo da marca do sujeito semelhante a MS com a qual estabelece a concordância, todas as restantes classes nominais mostram que a segunda sílaba do demonstrativo é semelhante ao morfema da MS da classe

com a qual faz a concordância. Assim, se a marca do sujeito é **wu-**, como em *wu-wawile* ‘tinha caído’, o demonstrativo correspondente é **lo-wu** (classe 3). Se a MS é **yi-** como em **yi-wawile** ‘tinha caído’, o demonstrativo correspondente é **le-yi** (classe 4) e quando as MS são **ci-** e **zvi-**, os demonstrativos aparecem com os morfemas **le-ci** e **le-zvi**, respectivamente (classes 7 e 8).

A caracterização dos morfemas pode ser complicada devido à interação dos processos morfológicos e fonológicos. Por exemplo, a qualidade da vogal da primeira sílaba do demonstrativo é geralmente determinada pela vogal final do morfema variável do demonstrativo, devido à harmonia vocálica, assunto que não será discutido em detalhe neste capítulo. Todavia, dada a interferência da harmonia vocálica na caracterização correcta dos morfemas ou da estrutura morfológica do Citshwa julgamos importante fazer breves considerações sobre a harmonia vocálica para melhor compreensão dos dados que estamos a descrever.

Os dados em (32) mostram que quando a vogal final do demonstrativo é alta, a primeira sílaba do demonstrativo tem a vogal média anterior como em **le-gi**, **lo-ku** ou **le-ti**. Quando a última vogal do demonstrativo é baixa, a primeira sílaba tem vogal baixa, como em **la-va** e **la-wa**. Finalmente, os mesmos dados revelam que quando a última vogal do demonstrativo é arredondada, a primeira sílaba à esquerda também tem a vogal arredondada como em **lo-wu**. Nesse aspecto particular, Citshwa assemelha-se a outras línguas Bantu, como Shimakonde, descrito por Liphola (2001) que afirma haver naquela língua uma relação de dependência morfo-sintática entre a última sílaba do demonstrativo em relação ao morfema que indica a marca do sujeito. O autor diz que o demonstrativo exhibe uma parte invariável composta pela vogal *a-* seguida do morfema da MS. Para efeitos de demonstração fornecemos, alguns exemplos ilustrativos de concordância do nome + demonstrativo em Shimakonde em (33).

(33) Nome + demonstrativo em Shimakonde

Classe	Pref	Nome	+Demonstrativo			Glossário
1	mu-	munw	aju	/mu-nu	a-ju/	‘esta pessoa’
2	va-	vanw	ava	/va-nu	a-va/	‘estas pessoas’

3	mu-	muty	awo	/mu-ti	a-wo/	‘aquela cabeça’
4	mi-	mity	avi	/mi-ti	a-vi/	‘estas cabeças’
5	li-	ligaga	ali	/li-gaga	a-li/	‘esta mandioca seca’
6	ma-	magaga	ala	/ma-gaga	a-la/	‘estas mandiocas secas’
7	shi-	shipula	ashi	/shi-pula	a-shi/	‘esta faca’
8	vi-	vipula	avi	/vi-pula	a-vi/	‘estas facas’
9	(i)N-	imula	ayi	/i-mula	a- i/	‘este nariz’
10	di-	dimula	adi	/di-mula	a-di/	‘estes narizes’
11	lu-	lungajw	alu	/lu-ngajo	a-lu/	‘esta peugada’
(10)		dingajw	adi	/di-ngajo	a-di/	‘estas peugadas’
12	ka-	kadodw	aka	/ka-dodo	a-ka/	‘esta perna pequena’
13	tu-	tudodw	atu	/tu-dodo	a-tu/	‘esta perna grande’
14	u-	unony	awu	/u-noni	a- u/	‘esta ramela’
15	ku-	kumanya	aku	/ku-manya	a-ku/	‘este conhecimento’
16	pa-	pamotw	apa	/pa-moto	a-pa/	‘sobre este fogo’
17	ku-	kushikola	aku	/ku-shikola	a-ku/	‘para esta escola’
18	mu-	muti	amu	/mu-ty	a-mu/	‘nesta cabeça’

Fonte: Liphola (2001)

Liphola (2001) mostra que com a exceção das classes nominais 1, 3, 4, e 6 cujo demonstrativo não é semelhante ao prefixo da classe nominal para a posição final, todos os restantes exemplos revelam que a última sílaba do demonstrativo é semelhante ao prefixo da respectiva classe nominal.

Os dados do Shimakonde apresentados em (33) são análogos aos do Citshwa vistos em (32). Em ambos os casos o padrão de concordância entre o demonstrativo e o nome é determinado pela classe do nome com o qual o demonstrativo concorda. A outra semelhança na concordância entre essas duas línguas é que o demonstrativo é, composto

por duas partes, sendo uma parte invariável que envolve as sílaba **le-** em Citshwa e **a-** em Shimakonde e uma segunda parte variável que incorpora ou **MS** ou o prefixo da classe nominal correspondente. Finalmente, tanto em Citshwa quanto em Shimakonde existem algumas exceções. Estas revelam a existência de classes cuja concordância entre o demonstrativo e o nome não segue o padrão geral de concordância encontrado na língua.

Conclui-se que em Citshwa, a concordância entre o nome e o demonstrativo segue um padrão geral encontrado em outras línguas Bantu, com algumas diferenças ditadas por parâmetros específicos da estrutura morfológica da língua.

5.1.2.4. Concordância do nome com possessivo

Geralmente, na maioria das línguas distinguem-se duas formas do possessivo. Existe o “possessivo preposicional” que apresenta uma estrutura morfo-sintática do tipo ‘X de Y’. Em Citshwa, regra geral, o possessivo preposicional é, mais produtivo envolvendo núcleos nominais de todas as classes como em **n’wana wa** Chivambo, correspondente a “filha/filho do Chivambo” em Português, ou **buku ga** Chivambo “livro do Chivambo”. Existem poucas exceções do possessivo não preposicional na língua envolvendo exclusivamente nomes das classes nominais 1/2 como em **n’wana mina** equivalente a “filha/filho” de mim em Português, diferente de **n’wana wa mina** equivalente a “meu/minha filho/filha” em Português. Embora os dois tipos de possessivos sejam morfológicamente distintos, neste estudo vamos transcrever todos os possessivos como se fossem não preposicionais. Assim, em **n’wana wa hina**, no lugar de transcrevermos como “filho de nós”, transcrevemos como “nosso filho/filha”.

Existem duas generalizações sobre a concordância do possessivo com o nome em Citshwa. A primeira generalização é de que nesta língua o possessivo é realizado preferencialmente através de um conector ligando o possessor e o possuído, seguindo a estrutura do tipo ‘X de Y’, como ilustrado acima. Existe, igualmente, uma classe limitada de nomes que permitem a construção possessiva não preposicional, como foi igualmente ilustrado. A segunda generalização diz que o prefixo de concordância do possessivo (MP) é morfológicamente distinto do prefixo da classe nominal, excepto para as classes 2, 7, 8, 10 e 15 as quais exibem a marca do possessivo morfológicamente idêntico ao prefixo da classe nominal correspondente. A estrutura morfológica da MP das classes 7, 8, 10 e 15 apresenta, porém, ligeiras diferenças quando comparada com os respectivos prefixos de

classes nominais. Os exemplos mais representativos de concordância entre o nome e o possessivo são fornecidos em (34).

(34) Concordância + possessivo preposicional:

Classe	Nome	+	Possessivo	MP	Exemplos	Glossário
1	makabzi		mina	wa	makabzi w-a -mina	‘meu irmão’
1	n’wana		mina	wa	n’wana w-a -mina	‘minha/meu filha/o’
1	dadani		mina	wa	dadani w-a -mina	‘meu pai’
1	mu-nhu		mina	wa	munhu w-a -mina	‘minha pessoa’
2	va-nhu		mina	va	vanhu v-a -mina	‘minhas pessoas’
3	mu-ti		mina	wa	muti w-a -mina	‘minha casa’
4	mi-ti		mina	ya	miti y-a -mina	‘minhas casas’
5	ø-tiku		mina	ga	tiku g-a -mina	‘meu país’
6	ma-tiku		mina	ya	matiku y-a -mina	‘meus países’
7	ci-godo		mina	ca	cigodo c-a -mina	‘meu tronco’
8	zvi-godo		mina	zva	zvigodo zv-a -mina	‘meus troncos’
9	m-buti		mina	ya	mbuti y-a -mina	‘meu cabrito’
10	ti-mbuti		mina	ta	timbuti t-a -mina	‘meus cabritos’
11	li-davi		mina	ya	lidavi y-a -mina	‘meu ramo’
10	ti-davi		mina	ta	tidavi t-a -mina	‘meus ramos’
14	(w)u-hlalu		mina	ga	whuhlalu g-a -mina	‘minha missanga’
6	ma-hlalu		mina	ya	mahlalu y-a -mina	‘minhas missangas’

15	ku-runga	mina	ka	ku-runga k-a -mina	‘meu costurar’
16	ka-ndawu	mina	ya	kandawu y-a -mina	‘sobre o meu lugar’
17	ka-muti	mina	wa	kamuti w-a -mina	‘para a minha casa’

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos em (34) mostram que o possessivo é introduzido por um morfema de concordância (**-a**), comum a todas classes nominais. Este morfema, para além de exprimir a ideia de posse é ao mesmo tempo, hospedeiro de prefixos extra-dependentes dos nomes com os quais estabelece a relação de concordância. A combinação entre os prefixos extra-dependentes e morfema genitivo (**-a**) resulta em prefixos de concordância propriamente ditos como ficou ilustrado nos exemplos em (34). Geralmente, em Citswá, o prefixo de concordância do possessivo apresenta características morfológicas similares as do prefixo do nome com o qual o possessivo concorda havendo todavia, algumas diferenças ditadas pelas operações morfológicas. Considerando a forma do prefixo do possessivo nos dados em (34) é, possível distinguir quatro sub-categorias de possessivos. A primeira sub-categoria envolve as classes 4, 6, 9, 11 e 16 cujo prefixo de concordância é **ya-**. O segundo grupo é representado pelas classes nominais 1, 3 e 17 que seleccionam o prefixo **wa-** na concordância entre o nome e o possessivo. A terceira categoria é representada pelas classes nominais 5 e 14 que escolhem o prefixo **ga-** e, finalmente a quarta sub-categoria envolve cinco classes, nomeadamente, 2, 7, 8, 10 e 15 cujos prefixos de concordância entre o possessivo e o nome são morfológicamente idênticos aos prefixos da classe nominal exibindo, contudo, ligeiras diferenças entre eles. Vamos analisar detalhadamente este último caso.

Um exame feito aos prefixos de concordância do possessivo e mais o nome das classes 2, 7, 8, 10 e 15 revela duas situações. A primeira situação é aquela em que o prefixo do possessivo **va-** é morfológicamente idêntico ao prefixo da respectiva classe nominal 2. A segunda situação envolve os prefixos dos possessivos **ca-**, **zva-**, **ta-** e **ka-**, cujas características morfológicas são, ligeiramente diferentes das dos prefixos de classes nominais correspondentes **ci-**, **zvi-**, **ti-** e **ku-**. Vemos que as marcas de concordância do possessivo destas classes exibem ligeiras diferenças morfológicas devido a processos morfológicos que em seguida são analisados com profundidade. Vemos que a relação entre

o prefixo da classe nominal e a marca de concordância do possessivo é estabelecida nos seguintes termos: **ci-/ca-, zvi-/zva-, ti-/ta- e ku/ka-**.

Numa abordagem morfológica que considera morfemas como “coisas” é, possível, admitir a existência de dois alomorfes. Segundo essa abordagem, as alternâncias dos prefixos em (34) podem ser explicadas assumindo a existência de um prefixo de classe nominal com características morfológicas diferentes das características do prefixo do possessivo. A segunda análise morfológica que entende morfemas como produto final dos processos morfológicos assumiria que os prefixos dos possessivos das classes nominais 7, 8, 10 e 15 e os respectivos prefixos das classes nominais em (34) são morfológicamente idênticos e explicaria as pequenas alternâncias entre eles como sendo devidas à ocorrência de processos morfológicos. Nessa abordagem, as ligeiras diferenças entre o prefixo do possessivo e o prefixo da classe nominal resultam da interação entre a morfologia e fonologia. Com vista a mostrar as semelhanças entre os prefixos das classes nominais e a dependência morfológica dos prefixos do possessivo em relação aos primeiros, examinemos parte de dados fornecidos em (35).

(35) Possessivos das classes 7, 8, 10 e 15:

Classe	Nome	Possessivo	MP	Exemplos	Glossário
7	ci-godo	ci-amina	ca-	cigodo ca -mina	‘meu tronco’
8	zvi-godo	zvi-amina	zva-	zvigodo zva -mina	‘meus troncos’
10	ti-m-buti	ti-amina	ta-	timbuti ta -mina	‘meus cabritos’
15	ku-runga	ku-amina	ka-	kurunga ka -mina	‘meu costurar’

Fonte: Elaboração própria

Vemos que em (35) a estrutura silábica do possessivo é #CV-V.CVCV como em ci-amina. A ocorrência da sequência vocálica em #CV-V cria o contexto apropriado para o desencadeamento de processos morfo-fonológicos. Como foi dito anteriormente, uma forma de explicar a diferença entre **ci-** e **ca-** em (35), por exemplo, seria assumir a existência de um prefixo da classe nominal **ci-** morfológicamente diferente do prefixo de concordância do possessivo **ca-**, como acontece com as classes 4, 6, 9, 11 e 16, por um lado, e com as classes 1, 3, e 17 por outro. Assim, em ci-godo ca-mina ‘meu tronco’, o prefixo **ci-** de ci-godo é diferente do prefixo **ca-** de **ca-mina** devido à alomorfia.

Tendo em conta a segunda abordagem, neste trabalho assumimos que os morfemas de concordância dos possessivos **ca-**, **zva-** **ta-** e **ka-** resultam da modificação dos prefixos das classes nominais **ci-**, **zvi-**, **ti-** e **ku-**, respectivamente, como consequência de processos morfológicos. Mais concretamente, a primeira vogal do possessivo na sequência é alta e ocorre antes da vogal inicial baixa. Assumindo que o morfema é um produto de processos morfológicos podemos explicar os dados em (35) afirmando que a estrutura morfológica antes da ocorrência de processos morfológicos é *ci-godo ci-amina*, *zvi-godo zvi-amina*, *ti-mbuti ti-amina* e *ku-runga ku-amina*, como foi demonstrado acima. A supressão da vogal alta do prefixo do possessivo dá origem a uma estrutura morfológica ligeiramente diferente, como demonstrado nas derivações representadas em (36).

(36) Operações morfo-fonológicas da marca de concordância do possessivo:

zvi-godo zvi-amina	Estrutura morfológica antes de operações
zvi-godo zvø-amina	Processos morfológicos
zvi-godo zvamina	Estrutura depois de operações morfológicas

Fonte: Elaboração própria

Com base nas derivações feitas em (36) é, possível explicar a diferença entre os prefixos das classes nominais 7, 8, 10 e 15 e os respectivos morfemas de concordância do possessivo. Conclui-se dizendo que em Citswa existe uma sub-categoria de classes nominais, nomeadamente, 2, 7, 8, 10 e 15 que, segue o mesmo padrão de concordância encontrado em outras línguas Bantu evidenciando a dependência morfológica dos prefixos de concordância em relação aos prefixos das classes nominais.

Os exemplos em (37) fornecem evidência adicional de que o possessivo tem a estrutura morfo-sintática do tipo “X de Y” e segue o mesmo padrão de concordância encontrado na língua.

(37) Concordância do nome + possessivo:

Classe	Nome	Possessivo	MP	Exemplos	Glossário
1	munhu	wa	wa	munhu w- a -xivale	‘pessoa do xivale’
2	vanhu	va	va	vanhu v- a -teresa	‘pessoas da teresa’

3	mu-ti	wa	wa	muti w- a -wena	‘tua casa’
4	mi-ti	ya	ya	miti y- a -yena	‘casas dele’
5	∅-tiku	ga	ga	tiku g- a -yena	‘país dele’
6	ma-tiku	ya	ya	matiku y- a -n’wina	‘vossos países’
7	ci-godo	ca	ca	cigodo c- a -hina	‘nosso tronco’
8	zvi-godo	zva	zva	zvigodo zv- a -hina	‘nossos troncos’
9	m-buti	ya	ya	mbuit y- a -wena	‘teu cabrito’
10	ti-m-buti	ta	ta	timbuti t- a -n’wina	‘vossos cabritos’
11	li-davi	ya	ya	lidavi y- a -yena	‘ramo dele’
10	ti-davi	ta	ta	tidavi t- a -vona	‘ramos deles’
14	w(u)-hlalu	ga	ga	wuhlalu g- a -hina	‘nossa missanga’
6	ma-hlalu	ya	ya	mahlalu y- a -hina	‘nossas missangas’
15	ku-runga	ka	ka	ku-runga k- a -n’wina	‘vosso costurar’
16	ka-ndawu	ya	ya	kandawu y- a -yena	‘no lugar dele’
17	ka-muti	wa	wa	kamuti w- a -yena	‘na casa dele’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os exemplos em (37) estabelecem que, por um lado, existe uma categoria de possessivos cujo padrão de concordância é fortemente determinado pela classe nominal do nome com o qual concorda. Contudo, esses prefixos estão sujeitos a pequenas modificações devido a processos morfo-fonológicos como foi demonstrado anteriormente. Por outro lado, existem categorias de possessivos cujos prefixos de concordância são morfologicamente distintos dos prefixos das classes nominais respectivas.

Além dos possessivos preposicionais, Citshwa apresenta opcionalmente limitados casos de possessivos não preposicionais envolvendo as classes nominais 1 e 2 abrangendo diferentes graus de parentesco. Os exemplos mais representativos são fornecidos em (38).

(38) Nome + possessivo não preposicional em Citshwa:

	Glossário
n'wana-min-a	'meu/minha filho/a'
vana-min-a	'meus/minhas/filhos/as'
sati-min-a	'minha esposa'
va-sati-min-a	'minhas/meus/esposas/os'
va-sati-n'win-a	'esposa/o/vossa/o'
nuna-hin-a	'nosso esposo'
vanuna-hin-a	'nossos esposos'
sati-yen-a	'esposa/o/ dele/dela'
va-sati-yen-a	'esposas/os/dela/dele'

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os dados em (38) revelam que, em Citshwa o possessivo não preposicional dispensa a cópula ou o prefixo de concordância entre o nome mais possessivo. Dada a restrição deste tipo de estrutura morfo-sintática na língua consideramos tratar-se de uma exceção, comparativamente ao tipo do possessivo que incorpora a estrutura morfo-sintática do tipo “X de Y”, de acordo com o referido a cima em (38).

5.1.2.5. Concordância do nome + Modificador

Antes de falarmos do processo de concordância entre o nome e o modificador torna-se necessário esclarecer que em Citshwa existem muito poucos adjectivos propriamente ditos. A maioria das expressões adjectivais que ocorrem na língua é formada por meio de verbalização de nomes ou por modificadores genitivos, Persson (1932). A seguir em (39) apresentamos alguns dos poucos adjectivos propriamente ditos que a língua reconhece:

(39) Adjectivos em Citshwa:

	Glossário
kuluka	‘gordo’
saseka	‘bonito’
leha	‘alto/comprido’
hombe	‘grande’
tsongwani	‘pouco/pequeno’
koma	‘curto/baixo’
ntima	‘preto’
pswuka	‘vermelho’
nandziha	‘gostoso’
tsombela	‘doce’
dzunga	‘azedo’
wondza	‘magro’

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (39) mostram alguns dos adjectivos plenos que ocorrem na língua. Dissemos alguns porque, os dados acima são, apenas demonstrativos pois, ainda não encontramos um estudo que mostre em termos quantitativos quantos adjectivos esta língua comporta. Como dizia Persson (1932), a maioria de expressões adjectivais que ocorrem em Citshwa pode ser formada a partir de verbos ou de nomes, bem como através de modificador genitivos. Os dados em (40) mostram algumas expressões adjectivais com a qualidade de ser/estar que resultam da combinação do prefixo **ku-** classe 15 com o adjectivo. Este processo de formação de expressões adjectivais através da verbalização é o mais produtivo em Citshwa.

(40) Adjetivação através da verbalização

	Glossário
ku-kuluka	‘ser gordo’
ku-saseka	‘ser bonito’
ku-leha	‘ser alto/comprido’
ku-koma	‘ser curto/baixo’

ku-ntima	‘ser preto’
ku-pswuka	‘ser vermelho’
ku-nandziha	‘ser gostoso’
ku-tsombela	‘ser doce’
ku-dzunga	‘ser azedo’
ku-wondza	‘ser magro’

Fonte: Elaboração própria

Apresentados alguns dos adjetivos que ocorrem na língua e alguns dos processos através dos quais podem ser derivados, na secção que se segue apresenta-se o processo de construção da concordância envolvendo o nome e o modificador.

5.1.2.5. 1. Concordância do nome + Modificador

Em Citshwa, todos os modificadores apresentam prefixos de concordância. A concordância entre o modificador e o núcleo nominal em Bantu mostra que, em alguns casos, o prefixo de concordância do modificador (Modif) é, a cópia do prefixo da classe nominal do nome com o qual o modificador concorda. Em Citshwa, a marca do modificador segue, em geral, o mesmo padrão de concordância encontrado com o possessivo em Bantu. Mais especificamente, as classes 2, 7, 8, 10 e 15, apresentam, prefixos de concordância que, são idênticos aos respectivos prefixos das classes nominais, envolvendo alguma complicação na qualidade da vogal final devido a processos morfofonológicos. A segunda generalização sobre a concordância do nome com o modificador é de que, os morfemas do (Modif) da classe 7 exibem dois alomorfes com a estrutura **Ca-** e **Co-**, dependendo do tipo do modificador envolvido. Primeiro consideremos os exemplos em (41).

(41) Nome + Modificador em Citshwa:

Classe	Nome	+	Rad. Adj	MC	Exemplos	Modif	Glossário
1	mu-nhu		sasek-a	wo-	munhu anga	wosakeka Modif	‘pessoa que é bonita’
2	va-nhu		wondz-a	vo-	vanhu vanga	vowondza Modif	‘pessoas que são magras’
3	mu-ti		homb-e	wa-	muti wunga	wahombe Modif	‘casa que é grande’
4	mi-ti		tsongw-ani	yi-	miti yinga	yitsongwani	‘casas pequenas’

5	ø-tiku	sasek-a	go-	tiku ginga	gosaseka	‘país que é bonito’
					Modif	
6	ma-tiku	homb-a	ya-	matiku manga	yahombe	‘países que são grandes’
					Modif	
7	ci-godo	vevuk-a	co-	cigodo cinga	covevuka	‘tronco que é leve’
					Modif	
8	zvi-godo	bhindz-a	zvo-	zvigodo zvinga	zvobhindza	‘troncos que são pesados’
					Modif	
9	N-m-buti	nandzih-a	yo-	mbuti yinga	yonandziha	‘cabrito que é saboroso’
					Modif	
10	ti-m-buti	ntim-a	ta-	timbuti tinga	tantima	‘cabritos que são pretos’
					Modif	
11	li-davi	leh-a	yo-	lidavi yinga	yoleha	‘ramo que é cumprido’
					Modif	
10	ti-davi	kom-a	to-	tidavi tinga	tokoma	‘ramos que são curtos’
					Modif	
14	(w)u-hlalu	bhas-a	go-	wuhlalu yinga	gobhasa	‘missanga que é branca’
					Modif	
6	ma-hlalu pretas’	ntim-a	ya-	mahlalu manga	yantima	‘missangas que são pretas’
					Modif	
15	ku-runga	sasek-a	ko-	kurunga kunga	kosaseka	‘costura que é bonita’
					Modif	
16	ka-ndawu calmo’	rul-a	yo-	kandawu yinga	yorula	‘sobre o lugar que é calmo’
					Modif	
17	ka-muti	homb-e	ka-	kamuti wunga	wahombe	‘para casa grande’
					Modif	

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos fornecidos em (41) mostram que os prefixos de concordância com modificador variam de classe para classe havendo no entanto, classes nominais que partilham os mesmos morfemas de concordância com o modificador, como são os casos das classes 3, 17; 5, 14, 9, 11 e 16 cujos morfemas de concordância com o modificador são **wa**, **go** e **yo** respectivamente. As classes 1, 2, 6, 7, 8, 10, 15, apresentam como morfemas de concordância com os modificadores os seguintes: **wo**, **vo-**, **ya-** **co-**, **zvo-**, **ta-/to-**, e **ko-**, cujos prefixos de classes nominais correspondentes são **mu-**, **va-**, **ma-** **ci-**, **zvi-**, **ti-** e **ku-**. Um aspecto importante a notar diz respeito à classe 10 que dependendo do tipo do modificador selecciona os morfemas de concordância **to-** ou **ta-**. O facto de o prefixo de concordância do modificador apresentar alguma semelhança morfológica com o prefixo da respectiva classe nominal revela a existência de dependência morfo-sintática entre estas categorias linguísticas.

Aparentemente existem diferenças morfológicas entre a marca de concordância do modificador e o prefixo da classe nominal correspondente, sendo mais saliente em uns casos e menos evidente em outros casos. Iremos explicar as razões que ditam as diferenças

morfológicas envolvendo prefixos de concordância na estrutura nome+modificador. Como foi demonstrado anteriormente com os dados em (41), os morfemas de concordância do possessivo com os nomes das classes 2, 7, 8, 10 e 15 são va-, ca-, zva-, ta-, e ka-. As similaridades entre os prefixos das classes nominais 2, 7, 8, 10 e 15 e os prefixos de concordância do possessivo com estas classes são ilustradas em (42).

(42) Semelhanças e diferenças entre prefixos de classes nominais e do Modificador:

Classe N	Prefixo	MC	Exemplos		Glossário
2	va-	va-	va-nhu	vanene Modif	‘boas pessoas’
7	ci-	ca-	ci-godo	cahombe Modif	‘tronco grande’
8	zvi-	zva-	zvi-godo	zva hombe Modif	‘troncos grandes’
10	ti-	ta-	ti-yindlu	tahombe Modif	‘casas grandes’
15	ku-	ka-	ku-fuya	kahombe Modif	‘grande criação’

Fonte: Elaboração própria

Vemos a partir dos exemplos em (42) que, existem semelhanças entre os prefixos das classes nominais 2, 7, e 8 com as marcas do modificador. A classe 15 é que apresenta diferença entre o prefixo da classe e a marca do modificador, cuja marca do modificador é, ka-. As semelhanças entre os prefixos de classes nominais e as marcas do modificador, não devem ser vistas como sendo cópia de uma entidade á outra, mas sim, uma mera coincidência como ficou demonstrado com a classe 15.

Temos estado a assumir nesta análise que morfemas constituem o produto final de operações morfológicas e não “coisas” que se juntam mecanicamente para formar palavras. Nessa base, mostramos anteriormente com base nas derivações em (42) que o possessivo pode conter morfemas que tenham sido afectados por processos morfológicos. Essa abordagem difere daquela que tradicionalmente assume diferenças morfológicas entre morfemas de determinada categoria como sendo governados por princípios alomórficos. Sem negar a existência de alomorfes, a nossa análise dá ênfase a processos linguísticos dinâmicos que determinam a estrutura da língua, quer do ponto de vista sincrónico quer diacrónico.

Assumimos que a estrutura morfológica tanto do modificador quanto do possessivo é composta de prefixos de concordância que geralmente apresentam características morfológicas semelhantes às do prefixo da classe nominal do núcleo com o qual o possessivo ou o modificador concorda. Assim, a estrutura linguística ti-davi ta-yena “ramos dele” é analisada como resultante de operações morfo-fonológicas que alteram os morfemas em ti-davi ti-ayena. O processo morfo-fonológico que afecta a estrutura dos morfemas envolve basicamente, a supressão da vogal prefixal do possessivo dando origem à estrutura morfológica mais correcta. Similarmente vemos que todos os morfemas de concordância do modificador em (41), com a excepção das classes 3, 4, 6, e 17, exibem a vogal média arredondada em posição final.

Com vista a captar a mesma generalização de análise morfológica sobre a gramática do Citshwa, assumimos neste trabalho que, os prefixos de concordância do modificador das classes 2, 7, 8 e 10, embora, apresentam características semelhantes de prefixos de classes nominais e dos nomes com os quais concordam, não se pode pensar que eles sejam cópias destes, mas sim, estruturas linguísticas independentes.

Na abordagem em que se assume a coisificação dos morfemas, não como produto final de processos morfológicos explicar-se-ia a diferença entre os morfemas em (41) com base em alomorfia. Bastaria assumir que as três categorias de prefixos escolhem morfemas distintos. As semelhanças morfológicas entre o prefixo das classes nominal 2, 7, 8 e 10 com a respectiva marca de concordância com o modificador seria, explicada com base em coincidências de entidades morfológicas distintas.

Na verdade, o exame mais profundo dos dados disponíveis revela que em Citshwa existem duas sub-categorias de modificadores com propriedades morfológicas distintas. A primeira categoria é representada pelo maior número de modificadores que, exibem a vogal posterior média arredondada em posição final como wo-, vo-, go-, co-, zvo-, yo- to-ko. Dentro desta sub-categoria, a marca de concordância do modificador com o núcleo nominal das classes 2, 7, 8 e 10 é, morfológicamente idêntica ao prefixo da classe nominal correspondente. Há, contudo, diferenças aparentes que podem ser explicadas com base em processos morfológicos que afectam alguns morfemas. A segunda sub-categoria da marca do modificar inclui um número relativamente limitado de modificadores cujos prefixos de concordância seleccionam a vogal central baixa, como em wa-, ya- e ta-. Na verdade, os prefixos de concordância de adjetivo “wa-ya-ta-” ou “ta-ya-wa-” envolve núcleos

nominais das classes 3, 4, 6, 10, e 17, sendo que as classes 3 e 17 seleccionam o prefixo de concordância wa-, enquanto as classes 4 e 6 optam pelo prefixo de concordância ya- e, finalmente a classe 10 selecciona o prefixo de concordância ta-.

Tendo em conta os dados em análise, vamos assumir que a vogal do prefixo do modificador que aparece na estrutura morfológica resulta de processos morfo-fonológicos, como foi demonstrado anteriormente. Assim, as formas morfológicas dos prefixos vo-, co-, zvo-, to-, yo-, e ko- ilustradas em (41), resultam de modificações dos morfemas correspondentes aos prefixos de classes nominais seguidos de morfemas dos modificadores como em va-o-, ci-o-, zvi-o-, ti-o- e ku-o-, respectivamente, como demonstram as derivações em (43).

(43) Operações morfológicas envolvendo o prefixo do modificador:

a.	ci-godo	ci-ovevuka	Estrutura morfológica
	ci-godo	cø-ovevuka	Processo morfológico
	ci-godo	co-vevuka	Produto final
b.	zvi-godo	zvi-obhindza	Estrutura morfológica
	zvi-godo	zvø-obhindza	Operações morfológicas
	zvi-godo	zvo-bhindza	Morfema produto final

Fonte: Elaboração própria

As derivações em (43) mostram que, por exemplo, a forma ci-godo co-vevuka ‘tronco leve’ resulta de alterações da estrutura morfológica ci-godo ci-o-vevuka. Similarmente, em zvi-godo zvo-bhindza ‘trancos pesados’, ocorre a alteração na estrutura morfológica de zvi-godo zvi-obhindza ‘trancos pesados’. A supressão da vogal prefixal em posição final do prefixo do modificador dá origem a c-ovevuka. Os casos como ti-mbuti ta-ntima ‘cabritos pretos’ e ti-davi to-koma ‘ramos curtos’ onde os prefixos do modificador são ta- e to-, respectivamente, podem ser facilmente explicados assumindo a mesma abordagem. Em ti-mbuti ta-ntima a estrutura morfológica é ti-mbuti ti-antima, enquanto em ti-davi to-koma, a estrutura morfológica é ti-davi ti-okoma. Aplicando operações morfológicas ilustradas em (43) obtém-se a forma morfológica correcta do prefixo de concordância do modificador.

Note-se que por um lado, as classes 9, 11 e 16 apresentam o prefixo do modificador yo-, enquanto as classes 4 e 6 exibem o prefixo do modificador ya-. Por outro lado, a classe 10 exhibe os prefixos do modificador ta- e to-. A abordagem ontológica tradicional remete esse tipo de alternância de morfemas para a alomorfia, entendida como a variação de um morfema sem mudança no seu significado. Como se pode apreender a partir dessa visão, os prefixos ta- e to-, ambos da classe 10 são, fortemente léxico-dependentes. Num caso, temos ti-okoma e no outro temos ti-antima mas o morfema sujeito ao processo morfofonológico é sempre o mesmo, mais concretamente o morfema ti-.

Notamos igualmente que os dados em (41) envolvem a alternância dos prefixos ya-/yo- e wa-/wo-. Nestes casos assumimos que a vogal prefixal é baixa a- como em wahombe ‘grande’. Todavia, o morfema wa- é alterado para wo- como em wo-sakeka ‘bonita/bonito’, porque a estrutura sujeita a operações morfológicas é wa-osakeka. A supressão da segunda vogal da sequência V+V dá origem ao resultado correcto, do prefixo do modificador. A análise proposta aqui explica as diferenças nos prefixos do modificador da classe 1 que, exhibe o morfema de concordância wo- enquanto os prefixos das classes 3 e 17 apresentam o prefixo de concordância wa-. A mesma análise dá conta das diferenças morfológicas envolvendo os prefixos do modificador ga-, go- e gi- das classes 5 e 14, como veremos mais adiante.

Os exemplos adicionais fornecidos em (44) mostram que o carácter seleccional do prefixo de concordância do modificador é, determinado pelo prefixo da classe nominal bem como pelo núcleo nominal com o qual o modificador concorda.

(44) Nome + Modificador:

Classe	Nome	+	Rad. Adj	MC	Exemplos	Glossário
1	mu-nhu		homb-e	wa	munhu wahombe Modif	‘pessoa grande’
2	va-nhu		homb-e	va	vanhu vahombe Modif	‘pessoas grandes’
3	mu-ti		tsongw-ani	wu	muti wutsongwani Modif	‘casa pequena’
4	mi-ti		tsongw-ani	yi	miti yitsongwani Modif	‘casas pequenas’
5	∅-tiku		tsongw-ani	gi	tiku gitsonwani Modif	‘país pequeno’
6	ma-tiku		tsongw-ani	ma	matiku matsongwani Modif	‘poucos países’

7	ci-godo comprido'	leh-a	co	cigodo	coleha	'tronco
8	zvi-godo compridos'	leh-a	zvo	zvigodo	zvoleha	'trancos
9	m-buti	kuluk-a	yo	mbuti	yokuluka	'cabrito gordo'
10	ti-m-buti	kuluk-a	to	timbuti	tokuluka	'cabritos gordos'
11	li-davi	bas-a	yo	lidavi	yobhasa	'ramo branco'
10	ti-davi	antim-a	ta	tidavi	tantima	'ramos pretos'
	ti-davi	okom-a	to	tidavi	tokoma	'ramos curtos'
14	(w)u-kosi	nen-e	gi	wukosi	ginene	'poder perfeito'
6	ma-kosi perfeitos'	nen-e	ma	makosi	manene	'poderes
15	ku-runga	bzekel-a	ko	kurunga	kobzekela	'costura torta'
16	ka-ndawu profundo'	et-a	yo	kandawu	yoeta	'no lugar
17	ka-muti	bhiah-a	wo	kamuti	wobhiha	'na casa feia'

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos em (44) atestam a ocorrência do mesmo padrão de concordância encontrado nos dados fornecidos em (41). Estes exemplos mostram ainda que o modificador “pequeno” nos exemplos acima envolvendo as classes 3, 4 e 5 permite, a co-ocorrência de morfemas de concordância wa-, ya-, ga-, tendo os prefixos das respectivas classes nominais mu-, mi-, ø- e ma-. Além disso, os exemplos indicados em (44) mostram que, a classe 10, tal como acontece nos exemplos em (41) exhibe os morfemas to- e ta-, quando o modificador concorda com o núcleo nominal, como em ti-davi to-koma “ramos curtos”, ti-mbuti to-kuluka “cabritos gordos” e ti-davi ta-ntima “ramos pretos”. Esse facto faz com que se coloque a pergunta sobre as razões que ditam alternâncias de prefixo de concordância do modificador na classe 10. Por que dois prefixos diferentes para a mesma classe nominal?

Para explicarmos a diferença entre ti-, to- e ta- nos casos tais como ti-davi to-koma em (41) e ti-davi ta-ntima em (44), assumimos que as formas to- e ta- resultam de operações morfológicas afetando o prefixo ti- da classe nominal 10. Basicamente, esse morfema é modificado quando seguido do morfema adjectival com um morfema vocálico em posição inicial. Assim, tidavi to-koma provém de ti-davi ti-okoma através de um

processo fonológico que elimina a vogal /o/ do radical adjectival antes da vogal alta /i/ do morfema **ti-** cujo produto final na superfície é **to-**. Processo igual ocorre em *ti-davi ta-ntima* que resulta, também da eliminação da vogal alta /i/ do morfema *ti* antes da vogal baixa /a/ do radical adjectival *antim-a*. Aplicando operações morfo-fonológicas de supressão de segmentos vocálicos na sequência obtém-se as formas *to-koma* e *ta-ntima*.

5.1.2.6. Concordância do nome com numerais cardinais e ordinais

Em *Citshwa*, a concordância entre o nome, numerais cardinais e numerais ordinais é caracterizada pela existência de prefixos de concordância do número ou numeral (PrefNum) de dois tipos. Há uma categoria de PrefNum que é morfológicamente idêntica ao prefixo da classe nominal. Existe a segunda categoria de numerais, cujos prefixos de concordância não coincidem com os prefixos das classes nominais com as quais estabelecem a concordância. Os exemplos mais representativos de concordância com numerais cardinais são indicados em (45).

(45) Nome + numerais cardinais:

Classe	Prefixo	Nome	+	PrefNum	Numeral	Glossário
1	mu-	mu-nhu		mu-	n’we	‘uma pessoa’
2	va-	va-nhu		va-	mbiri	‘duas pessoas’
3	mu-	mu-ti		wu-	n’we	‘uma casa’
4	mi-	mi-ti		yi-	mbiri	‘duas casas’
5	∅-	ti-ku		gi-	n’we	‘um país’
6	ma-	ma-tiku		ma-	mbiri	‘dois países’
7	ci-	ci-godo		ci-	n’we	‘um tronco’
8	zvi-	zvi-godo		zvi-	mbiri	‘dois troncos’
9	N-	N-buti		yi-	n’we	‘um cabrito’
10	ti-	ti-m-buti		ti-	mbiri	‘dois cabritos’

11	li-	li-davi	yi-	n’we	‘um ramo’
10	ti-	ti-davi	ti-	mbiri	‘dois ramos
14	(w)u-	wu-hlalu	gi-	n’we	‘uma missanga’
6	ma-	ma-hlalu	ma-	mbiri	‘duas missangas’
15	ku-	ku-famba	ku-	n’we	‘uma
caminhada’					

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos em (45) revelam que Citshwa apresenta dois padrões de concordância com numerais cardinais. O primeiro padrão mostra que o morfema de concordância do nome com o numeral cardinal é, idêntico ao prefixo da respectiva classe nominal, como ilustram os exemplos das classes 1, 2, 6, 7, 8 e 10. Estas classes exibem certa regularidade no padrão de concordância ao exibir o prefixo do número ou numeral morfologicamente idêntico ao prefixo da classe nominal.

O segundo padrão de concordância do nome com numeral mostra que o PrefNum é morfologicamente distinto do prefixo da classe nominal como ilustram as classes 3, 4, 5, 9, 11 e 14, onde o prefixo da classe nominal não coincide com o PrefNum. Geralmente, a concordância entre o nome e numeral em Bantu mostra que os adjetivos, os numerais, os possessivos, os demonstrativos e os verbos são todos dependentes do nome.

Os exemplos em (46) revelam que, apenas, nomes de certas classes nominais exibem o mesmo morfema prefixal de concordância com o numeral.

(46) Concordância do nome + numeral cardinal:

Classe	Nome + Numeral	PrefNum	Glossário
1	mu-nhu mu-n’we	mu-	‘uma pessoa’
2	va-nhu va-nharu	va-	‘três pessoas’
2	va-nhu va-mune	va-	‘quatro pessoas’
2	va-nhu va-tlanu	va-	‘cinco pessoas’
2	va-nhu va-tlanu ni-mun’we	va-	‘seis pessoas’

2	va-nhu	va-khume	va-	‘dez pessoas’
2	va-nhu	va-zana	va-	‘cem pessoas’
4	mi-ti	ya-khumi	ya-	‘dez casas’
5	ti-yindlu	ta- zana	ta-	‘cem casas’
8	zvi-godo	zva-zana	zva	‘cem troncos’
6	ma-tiku	ya-khume	ya-	‘dez países’
2	va-nhu	va-muni wa mazana	va-	‘quatrocentas pessoas’
8	zvi-godo	zva-khumi ni zvi-mbiri	zva-	‘vinte e dois troncos’
10	ti-mbuti	ta-ma-khumi manharu	ta-	‘trinta cabritos’

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (46) têm o mesmo padrão descrito em (45). O primeiro padrão mostra que existe certa regularidade captada através de semelhanças morfológicas entre o PrefNum e o respectivo prefixo da classe nominal, como ilustram os exemplos das classes 2, 8 e 10. Como explicamos anteriormente, existem pequenas diferenças morfológicas entre certos morfemas como resultado de operações morfológicas. O exemplo da classe 8 em (46) revela como operações morfológicas afectam os morfemas em *zvi-godo zva-khumi ni zvi-mbiri* ‘vinte e dois troncos’.

A questão é saber por que o morfema de concordância em *zva-khumi* não é **zvi-khumi*. Para explicar a ocorrência do morfema *zva-* assumimos que a partir da classe 4 a língua emprega construções genitivas.

O segundo padrão de concordância com numerais ordinais mostra que o PerfNum não coincide com o prefixo da classe nominal, como ilustram as classes 4, 5 e 6 fornecidos nos exemplos em (47).

(47) Nome + numerais ordinais:

Classe	Nome	Numeral Ordinal	Prefixo	Glossário
1	mu-nhu	wo-sangula	wo-	‘1ª pessoa’
1	mu-nhu	wa-wumbiri	wa-	‘2ª pessoa’
1	mu-nhu	wa-wunharu	wa-	‘3ª pessoa’
1	mu-nhu	wa-muni	wa-	‘4ª pessoa’
1	mu-nhu	wa-wutlanu	wa-	‘5ª pessoa’
1	mu-nhu	wa-wukhumi	wa-	‘10ª pessoa’
2	va-nhu	va-khumi	va-	‘10ª pessoas’
3	mu-ti	wo-sungula	wo-	‘1ª casa’
4	mi-ti	yo-sungula	yo-	‘1ªs casas’
5	ø-tiku	go-sungula	go-	‘1º país’
6	ma-tiku	yo-sungula	yo-	‘1ºs países’
7	ci-godo	ca-tlanu wamakhumi	ca-	‘50º tronco’
8	zvi-godo	zva-khumi nimuni	zva-	‘18º troncos’
10	ti-mbuti	ta-makhumi manharu	ta-	‘30º cabritos’
11	li-vati	ya-wukhumi nitlanu	ya-	‘15ª porta’
	li-davi	ya-tlanu nimuni	ya-	‘9º ramo’

Os dados em (47) mostram que a concordância do nome com numerais ordinais apresenta padrões análogos aos descritos em (45) e (46). Mais especificamente existe um padrão mais geral de concordância o qual revela haver coincidência entre o numeral e o prefixo da respectiva classe nominal, como atestam os exemplos das classes 2, 7, 8 e 10.

O segundo padrão de concordância do nome com o numeral mostra que não existe coincidência entre o PrefNum e o prefixo da classe nominal como vemos nas classes 1, 3, 4, 5, e 11. Defendemos que as bases para explicar essas diferenças podem ser buscadas numa abordagem morfológica na qual se assume a presença de entidades distintas na estrutura morfológica.

Tendo examinado a morfologia nominal e os padrões de concordância em Citshwa, na secção que se segue, apresentamos a análise detalhada da morfologia verbal em Citshwa.

5.2. Apresentação e análise de dados da morfologia verbal

Todos os estudos incluindo Ngunga (2014), Langa (2012), entre outros autores, concordam que, nas línguas Bantu o verbo é, construído à volta da raiz a partir da qual se pode combinar com um número variável de afixos. O tamanho do tema verbal é variável, mas a sua estrutura mínima é, composta pela raiz mais a vogal final (VF), também designada de vogal temática, cuja selecção é morfológicamente determinada.

O Citshwa não constitui excepção relativamente às características gerais do verbo em Bantu acima descritas. Nesta língua, os verbos no infinitivo tais como *ku-box-a* ‘furar’, *ku-los-a* ‘saudar’, *ku-pets-a* ‘dobrar’, entre outros, apresentam o prefixo da classe nominal 15 (ku-) seguido da raiz verbal *-box-*, *-los-* e *-pets-* mais a vogal final –a. Note-se que os verbos acima fornecidos são trissilábicos, donde resulta que a raiz verbal tenha a estrutura silábica do tipo –CVC-. Quando o verbo é dissilábico como em *ku-f-a* ‘morrer’, *ku-b-a* ‘bater’, *ku-w-a* ‘cair’ e *ku-y-a* ‘ir’, constata-se que a raiz verbal é constituída por uma consoante que pode ser plena como em *ku-b-a* ‘bater’ ou semi-vogal (labial ou palatal) como em *ku-w-a* ‘cair’ e *ku-y-a*. ‘ir’. Este facto faz com que a estrutura silábica da raiz seja do tipo –C-, –W- ou –Y-.

Uma vez que a escolha da VF é determinada morfológicamente, em Citshwa, os verbos perfectivos mostram que são compostos por morfemas que indica o sujeito anteposto à raiz verbal, seguindo-se o morfema perfectivo –ile na posição final, como ilustram os exemplos em (48).

(48) Vogal final do verbo perfectivo em Citshwa:

Infinitivo	Glossário	Perfectivo	Glossário
ku-y-a	‘ir’	a-y-ile	‘foi’
ku-w-a	‘cair’	a-w-ile	‘caiu’
ku-rung-a	‘costurar’	a-rung-ile	‘ele costurou’
ku-vek-a	‘guardar’	a-vek-ile	‘ele guardou’
ku-pet-a	‘meter’	a-pet-ile	‘ele meteu’
ku-tshev-a	‘pescar’	a-tshev-ile	‘ele pescou’
ku-pim-a	‘medir’	a-pim-ile	‘ele mediu’
ku-won-a	‘ver’	a-won-ile	‘ele viu’
ku-tol-a	‘untar’	a-tol-ile	‘ele untou’
ku-rum-a	‘mandar’	a-rum-ile	‘ele mandou’
ku-rung-a	‘costurar’	va-rung-ile	‘eles costuraram’
ku-vek-a	‘guardar’	va-vek-ile	‘eles guardaram’
ku-tsev-a	‘pescar’	va-tsev-ile	‘eles pescaram’
ku-rum-a	‘mandar’	va-rum-ile	‘eles mandaram’

Fonte: Elaboração própria

A outra forma verbal que selecciona o morfema diferente de **-a** em posição final é o perfectivo negativo, cuja terminação é feita com o morfema **-angi**, como ilustram os exemplos em (49).

(49) Perfectivo negativo em Citshwa:

	Glossário
a-ndzi-bhik- angi	‘eu não cozinhei’
a-nga-g- angi	‘ele não comeu’

a-nga-f- angi	‘ele não morreu’
a-nga-t- angi	‘ele não veio’
a-nga-n’w- angi	‘ele não bebeu’
a-nga-fuy- angi	‘ele não criou’
a-nga-bhik- angi	‘ele não cozinhou’
a-nga-ny- angi	‘ele não defecou’
a-va-g- angi	‘eles não comeram’
a-va-f- angi	‘eles não morreram’
a-va-bhik- angi	‘eles não cozinham’
a-va-tsutsum- angi	‘eles não correram’
a-va-khohlol- angi	‘eles não tossiram’

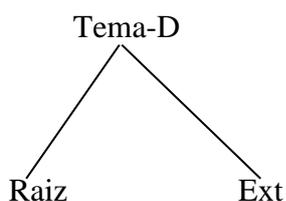
Fonte: Elaboração própria

Os dados em (49) mostram ainda que a forma negativa do perfectivo, além de exibir o morfema *-angi* em posição final, também apresenta o morfema *a-* em posição inicial do verbo, indicando a negatividade.

Com base nos exemplos em (48) e (49) pode-se concluir que em Citshwa a estrutura mínima do verbo é determinada pelo tamanho do tema verbal, sendo por isso, semelhante à estrutura descrita em outras línguas Bantu. Esta é constituída pela raiz e um número de morfemas com diferentes funções. Os morfemas podem ser, colocados à esquerda da raiz verbal e à sua direita. Os morfemas colocados à direita da raiz exceptuando a vogal temática são, também conhecidos como extensões verbais.

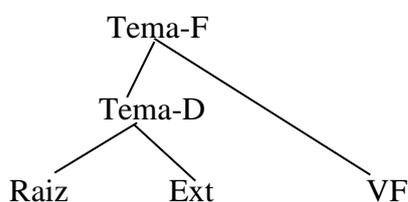
A combinação da raiz com extensões verbais define o tema derivacional (Tema D) do verbo ou raiz estendida cuja ilustração é feita em (50).

(50) Representação do tema derivacional:



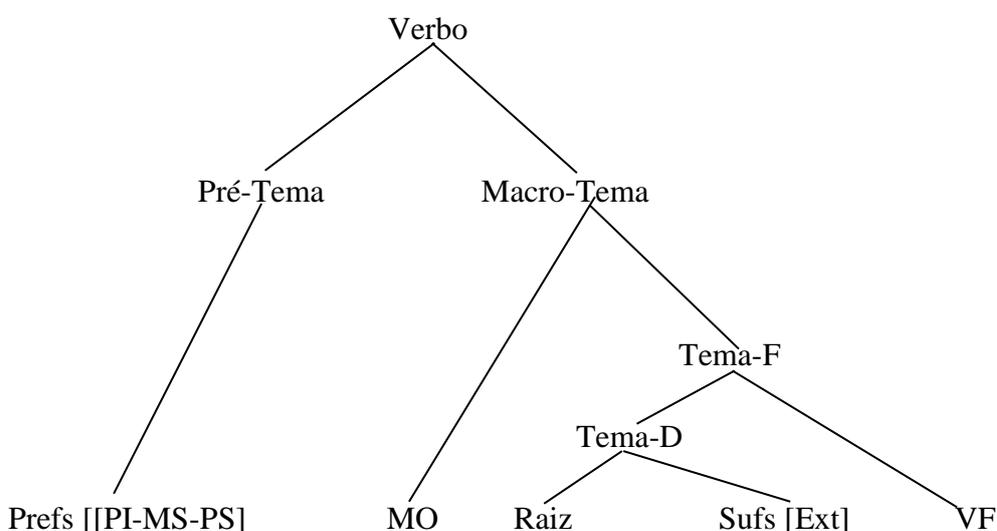
Segundo Odden (1996) o tema derivacional constitui o domínio da aplicação, por excelência, da harmonia vocálica, assunto discutido no capítulo da análise fonológica desta dissertação. Juntando a vogal temática ou vogal final (VF) ao tema derivacional obtém-se o tema flexional (Tema-F) como indicado em (51).

(51) Representação do tema flexional:



O macro-tema resulta da junção dos morfemas da marca de objecto (MO) ao tema flexional. O verbo é, pois constituído por morfemas flexionais que se agregam ao macro-tema, como ilustra a estrutura em (52), que motiva a organização hierárquica interna do verbo.

(52) Estrutura do verbo em Bantu:



Fonte: Ngunga (2014)

A estrutura indicada em (52) mostra que o tema derivacional (Tema D) inclui a raiz e extensões verbais. A extensão verbal é um afixo que se junta à raiz verbal para derivar, modificar ou estender um verbo. Vemos que à esquerda do macro-tema pode-se agregar prefixos que indicam a marca do sujeito (MS), Pós-Sujeito (PS) e Pré-Inicial (PI), dando origem ao pré-tema.

Todos os trabalhos recentes relativos à organização interna do verbo nas línguas Bantu concordam com a estrutura hierárquica do verbo indicada em (52) embora, existam ligeiras diferenças relativamente aos rótulos adotados para os diferentes constituintes da estrutura interna arbórea. Por exemplo, Langa (2012) assume a estrutura indicada em (52), mas difere ligeiramente quanto à posição pós-inicial que é, excluída na representação. Liphola (2015) adota a estrutura idêntica, quando examina o verbo em Shimakonde, mas difere dos outros autores ao considerar que, o verbo, basicamente, inclui prefixos flexionais e o macro-tema. Segundo este autor, o macro-tema, por sua vez é constituído por marca do objecto e tema.

Liphola (2015) coloca o tema flexional e derivacional numa única categoria designada de tema, fazendo com que a raiz, as extensões e a vogal final estejam numa relação estrutural não binária. O autor justifica que a adoção dessa estrutura da organização interna do verbo é assumida para dar conta do facto de em Shimakonde a flexão verbal ser expressa também, através de prefixos flexionais ocorrendo antes da marca do objecto.

Okoudowa (2010), embora não faça uso da representação hierárquica da estrutura verbal em (52), reconhece a hierarquização da estrutura verbal como sendo a que melhor capta as relações internas entre constituintes do verbo. O autor conclui afirmando que a estrutura hierárquica é importante, porque sintetiza todos os outros modelos, uma vez que permite mostrar a relação de interdependência entre os elementos que integram a estrutura morfológica do verbo em Bantu. No presente estudo, adotamos a estrutura arbórea do verbo representada em (52) porque, embora reconhecendo pequenas diferenças encontradas nos diferentes autores no essencial, ela capta melhor a representação hierárquica de todos os elementos que compõem a estrutura do verbo susceptíveis à análise morfológica do verbo em Citshwa.

Voltando ao exame específico do tema derivacional, uma observação factual permite afirmar que em Citshwa, certas extensões verbais são mais produtivas do que outras. Com

efeito, as extensões listadas em (53) são mais produtivas, excepto a extensão reversiva *-ul-* que é lexicalmente restringida.

(53) Extensões verbais em Citsywa:

Extensão	Sufixo	Exemplo	Glossário
Aplicativa	-el-	ku-rung-a	‘costurar’
		ku-rung-el-a	‘costurar para’
		ku-vek-el-a	‘guardar para’
		ku-rim-el-a	‘cultivar para’
		ku-won-el-a	‘ver para’
		ku-rum-el-a	‘mandar para’
Causativa directa	-is-	ku-rung-a	‘costurar’
		ku-rung-is-a	‘fazer costurar’
		ku-vek-is-a	‘fazer guardar’
		ku-rim-is-a	‘fazer cultivar’
		ku-lomb-is-a	‘fazer emprestar’
		ku-rum-is-a	‘fazer mandar’
Causativa indirecta	-isw-	ku-vek-isw-a	‘fazer guardar por’
		ku-rim-isw-a	‘fazer cultivar por’
		ku-lomb-isw-a	‘ser feito emprestado por’
		ku-tsem-isw-a	‘ser feito cortado por’
Estativa	-ek-	ku-vek-a	‘guardar’
		ku-vek-ek-a	‘ser guardável’
		ku-pets-ek-a	‘ser dobrável’

		ku-rim-ek-a	‘ser cultivável’
		ku-lomb-ek-a	‘ser emprestável’
Intensiva	-isis-	ku-rim-is-a	‘fazer cultivar’
		ku-rim-isis-a	‘cultivar intensamente’
		ku-lomb-isis-a	‘emprestar intensamente’
Passiva	-iw-	ku-rim-a	‘cultivar’
		ku-rim-iw-a	‘ser cultivado por’
		ku-lomb-iw-a	‘ser emprestado por’
Frequentativa	-etetel-	ku-rim-el-a	‘cultivar para’
		ku-rim-etetel-a	‘cultivar frequentemente’
		ku-lomb-etetel-a	‘emprestar frequentemente’
Recíproca	-an-	ku-won-a	‘ver’
		ku-won-an-a	‘ver um ao outro’
		ku-lomb-an-a	‘emprestar um ao outro’
Reversiva	-ul-	ku-val-a	‘fechar’
		ku-v-ul-a	‘abrir’

Fonte: Elaboração própria

Note-se que, em Citshwa, as extensões intensiva e frequentativa resultam de um processo recursivo que consiste na reduplicação do mesmo morfema. No caso específico da extensão intensiva ocorre a reduplicação do morfema *-is-* que de forma isolada corresponde à extensão causativa, enquanto a extensão frequentativa é, o produto da reduplicação do morfema *-et-* que, não ocorre de forma isolada é, seguida da extensão applicativa *-el-*.

5.2.1. Raiz verbal

A partir das extensões verbais fornecidas em (53) vemos que, o verbo inclui na sua estrutura diferentes constituintes, a saber, prefixos, raiz verbal, extensões e a vogal final como indicado na representação feita em (52). A raiz constitui a parte nuclear do verbo, contendo o valor semântico primário. Morfologicamente, ela nunca aparece de forma isolada. Em Citshwa a raiz verbal, apresenta diferentes estruturas silábicas, como referido anteriormente nesta secção. Todavia, a estrutura silábica básica canónica na língua é CV, como em todas as línguas Bantu podendo ocorrer diferentes formas de estruturas da raiz, dependendo do tamanho do tema, como se ilustra nos dados em (54).

(54) Diferentes formas de raiz verbal em Citshwa:

Tipos de raiz	Raiz	Exemplos	Glossário
-C-	-f-	ku- f -a	‘morrer’
	-b-	ku- b -a	‘bater’
	-w-	ku- w -a	‘cair’
	-y-	ku- y -a	‘ir’
-N-	-ny-	ku- ny -a	‘defecar’
-CVC-	-rum-	ku- rum -a	‘mandar’
-CVCVC-	-rangel-	ku- rangel -a	‘adiantar’
-CVCVCVC-	-xukuval-	ku- xukuval -a	‘estar deprimido’
	-dadaval-	ku- dadaval -a	‘ser parvo’

Fonte: Elaboração própria

Com base nos exemplos em (54) pode-se constatar que a raiz pode ser constituída apenas por uma consoante plena ou por uma semi-vogal e uma nasal. A raiz verbal pode, envolver ainda consoantes labializadas e pré-nasalizadas como ilustram os exemplos em (55).

(55) Estrutura silábica de raiz verbal em Citshwa:

a. Raiz verbal labializada: Glossário

-Cw-	-pw-	ku- pw -a	‘vazar’
	-psw-	ku- psw -a	‘queimar’
	-thwas-	ku- thwas -a	‘ser aprovado’
	-gwandz-	ku- gwandz -a	‘arrombar’
	-swar-	ku- swar -a	‘ser feio’
	-kwanyel-	ku- kwanyel -a	‘murchar’

b. Raiz verbal pré-nasalizada:

-CVNC-	-lomb-	ku- lomb -a	‘emprestar’
	-femb-	ku- femb -a	‘femba’
	-teng-	ku- teng -a	‘estar calmo’
	-long-	ku- long -a	‘preparar’
	-dhanj-	ku- dhanj -a	‘lamber’
-NCVC-	-ngenh-	ku- ngenh -a	‘entrar’
-CVNCVCVC-	-gombonyok-	ku- gombonyok -a	‘ser torto’

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (55a) e (55b) mostram que em Citshwa a raiz verbal está sujeita apenas a dois processos de modificação consonantal, nomeadamente, labialização e pré-nasalização. Em Citshwa todas as consoantes estão sujeitas a labialização, com exceção de poucas consoantes, como veremos mais adiante no capítulo 6.

Não foram testados na língua dados envolvendo a raiz verbal contendo consoantes palatalizadas como **Cy-**. Interpretamos a ausência da sequência **C+y** como uma lacuna no sistema morfológico da língua ou insuficiência de dados em nosso poder, como referido anteriormente.

5.2.2. Tema verbal

O outro conceito operativo básico na análise do verbo diz respeito ao tema verbal. De acordo com Ngunga (2014:167), o tema verbal “é a parte do verbo que inclui, para além da raiz, também os sufixos derivacionais e flexionais”.

A definição do tema verbal acima feita revela que, de forma geral, a distinção entre o tema derivacional e o tema flexional serve para a caracterização das partes de uma estrutura maior. Os exemplos mais representativos dos temas verbais em Citshwa são fornecidos em (56).

(56) Tema verbal:

a. Tema não derivacional:

Raiz	Tema	Exemplos	Glossário
-g-	-g-a	ku-ga	‘comer’
-famb-	-famb-a	ku-famba	‘andar’
-rang-	-rang-a	ku-ranga	‘adiantar’
-tsem-	-tsem-a	ku-tsema	‘cortar’
-tsham-	-tsham-a	ku-tshama	‘sentar’
-kin-	-kin-a	ku-kina	‘dançar’
-dhemb-	-dhemb-a	ku-dhemba	‘armadilhar’
-ring-	-ring-a	ku-ringa	‘provar’

b. Tema derivacional:

Raiz	Tema	Exemplos	Glossário
-g-	-g-el-a	ku-gela	‘comer por’
-femb-	-femb-el-a	ku-fembela	‘farejar por’
-rang-	-rang-el-a	ku-rangela	‘adiantar por’
-ring-	-ring-an-a	ku-ringana	‘provar um ao outro’

-kin-	-kin- is -a	ku-kinisa	‘fazer dançar’
-thsam-	-thsam- is -a	ku-thsamisa	‘fazer sentar
-rim-	-rim-etelel-a	ku-rimetelela	‘cultivar frequentemente’
-famb-	-ta-famb-is -a	va-ta-fambhisa	‘irão fazer andar’
-lomb-	ta-lomb-isis -a	va-ta-lombisisa	‘irão fazer emprestar’
-famb-	-ta-famb-is-etet-el-iw -a	va-ta-famb-iseteteliwa	‘serão feitos andar frequentemente’

Fonte: Elaboração própria

A diferença básica entre os exemplos em (56a) e (56b) é que no primeiro caso os temas verbais incluem apenas a raiz e a vogal temática, enquanto em (56b) os temas verbais incluem para além da raiz, os sufixos derivacionais (-el-, -an-, -is-, etc.) bem como o sufixo flexional (-ta-).

5.2.3. Combinação de extensões verbais

Diferentes estudos têm vindo a constatar que, constitui uma característica geral em Bantu que os diferentes sufixos derivacionais podem ser, combinados entre si obedecendo restrições hierárquicas de natureza morfológica e semânticas.

Os autores tais como Katupha (1991), Ngunga (1997), Waweru (2011), Langa (2012), Liphola (2015), só para citar alguns exemplos partilham o mesmo ponto de vista relativamente às possibilidades combinatórias de extensões verbais em Bantu. Citshwa assemelha-se a outras línguas Bantu quanto às restrições combinatórias de extensões. Assim, as extensões verbais ilustradas anteriormente em (53), acima, podem combinar entre si numa ordem morfológicamente hierarquizada para derivar novas formas verbais. Os exemplos indicados em (57) - (58) ilustram possíveis combinações de diferentes extensões verbais em Citshwa.

(57) Combinação de extensão applicativa -el- com a extensão recíproca -an-:

Verbo Ext. Applicativa + Ext. Recíproca

	Glossário
a. ku-rim-a	‘cultivar’
ku-bhik-a	‘cozinhar’
ku-rim-a	‘cultivar’
ku-lomb-a	‘levar emprestado’
ku-khom-a	‘assegurar’
b. ku-rim-el-a	‘cultivar para
ku-lomb-el-a	‘emprestar para’
ku-bhik-el-a	‘cozinhar para’
ku-khom-el-a	‘assegurar para’
ku-vek-el-a	‘guardar para’
ku-won-el-a	‘ver para
ku-rim- el-an -a	‘cultivar para um ao outro’
ku-lomb- el-an -a	‘emprestar para um ao outro’
ku-bhik- el-an -a	‘cozinhar para um ao outro’
ku-khom- el-an -a	‘assegurar para um ao outro’
ku-vek-el-an-a	‘guardar para um ao outro’
ku-won-el-an-a	‘ver para um ao outro.

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (57a) mostram a ocorrência dos verbos sem sufixos derivacionais enquanto em (57b), os mesmos verbos apresentam-se com sufixos derivacionais fazendo

uso de extensões aplicativa e recíproca. Estes dados mostram ainda que a co-ocorrência de extensões aplicativa e recíproca é permitida desde que a primeira preceda a segunda.

Os exemplos adicionais em (58) revelam que a extensão passiva ocorre antes da extensão aplicativa. A violação da precedência gera uma estrutura linguística não permitida na língua.

(58) Combinação de extensão aplicativa -el- com passiva -iw-:

Verbo Ext. Aplicativa + Ext. Passiva	Glossário
ku-rim- el -a	‘cultivar para’
ku-khom- el -a	‘assegurar para’
ku-tsem- el -a	‘cortar para’
ku-lomb- el -a	‘emprestar para’
ku-rum- el -a	‘mandar para’
ku-bhoh- el -a	‘amarrar para’
ku-box- el -a	‘furar para’
ku-xav- el -a	‘comprar para’
ku-rim- el-iw -a	‘ser cultivado por para’
ku-khom- el-iw -a	‘ser assegurado por para’
ku-tsem- el-iw -a	‘ser cortado por para’
ku-rum- el-iw -a	‘ser mandado por para’
ku-bhoh- el-iw -a	‘ser amarrado por para’
ku-box- el-iw -a	‘ser furado por para’
ku-xav- el-iw -a	‘ser comprado por para’

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos adicionais fornecidos em (58) mostram que a extensão causativa deve ocorrer antes da extensão recíproca para não violar a ordem hierárquica estabelecida pelos morfemas em relação à raiz.

(59) Combinação da extensão causativa -is- com recíproca -an-:

Verbo Ext. Causativa + Ext. Recíproca

	Glossário
ku-rim- is -a	‘fazer cultivar’
ku-hlongol-a	‘perseguir’
ku-hlongol- is -a	‘fazer perseguir’
ku-rum- is -a	‘fazer mandar’
ku-rang- is -a	‘fazer adiantar’
ku-ring- is -a	‘fazer provar’
ku-gondz- is -a	‘fazer aprender’
ku-bhoh- is -a	‘fazer amarrar’
ku-lomb- is -a	‘fazer emprestar’
ku-box- is -a	‘fazer furar’
ku-rim- is-an -a	‘fazer cultivar um ao outro’
ku-hlongol- is-an -a	‘fazer perseguir um ao outro’
ku-rum- is-an -a	‘fazer mandar um ao outro’
ku-rang- is-an -a	‘fazer adiantar um ao outro’
ku-ring- is-an -a	‘fazer provar um ao outro’
ku-gondz- is-an -a	‘fazer aprender um ao outro’
ku-bhoh- is-an -a	‘fazer amarrar um ao outro’
ku-lomb- is-an -a	‘fazer emprestar um ao outro’

ku-box-**is-an**-a

‘fazer furar um ao outro’

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos em (59) mostram que em Citshwa podem co-ocorrer mais de duas extensões obedecendo a mesma ordem hierárquica morfológicamente inviolável.

(60) Combinação de múltiplas extensões:

Glossário

ku-b-**is-etetel-iw**-a

‘fazer bater frequentemente por’

ku-rang-**is-etetel-iw**-a

‘fazer adiantar frequentemente por’

ku-won-**is-etetel-iw**-a

‘fazer ver frequentemente por’

ku-g-**is-etetel-iw**-a

‘fazer comer frequentemente por’

ku-rung-**is-etetel-iw**-a

‘fazer adiantar frequentemente por’

ku-hlongol-**is-etetel-iw-an**-a

fazer perseguir frequentemente um ao outro por’

ku-lomb-**el-is-etetel-iw-an**-a

‘fazer emprestar frequentemente para um ao outro por’

ku-ring-**el-is-etetel-iw-an**-a

‘fazer provar frequentemente para um ao outro por’

ku-femb-**el-is-etetel-iw-an**-a ‘fazer farrejar frequentemente para um ao outro por’

Fonte: Elaboração própria

Tendo em conta os exemplos fornecidos em (60), é possível determinar a ordem combinatória de extensões verbais em Citshwa como ilustrado em (61).

(61) Ordem combinatória de extensões verbais em Citshwa:

Raiz 	aplicativa 	causativa 	frequentativa 	passiva 	recíproca 	V-Final
--femb	el-	-is-	-etetel-	-iwa-	-an-	a

‘Fazer farrejar frequentemente um ao outro por’

Fonte: Elaboração própria

5.3. Morfologia flexional

Até ao momento temos vindo a mostrar que a combinação da raiz com determinados morfemas é o processo que desencadeia a formação do tema derivacional.

Segundo Ngunga (1997) a combinação do tema derivacional com o morfema vocálico apropriado na posição final da palavra dá origem ao tema flexional. A morfologia flexional não só examina o tipo de extensões verbais como analisa os diferentes morfemas que determinam o tempo verbal e aspecto. Tem sido reconhecido que embora o tempo verbal e aspecto sejam categorias indissociáveis, diferentes estudos têm analisado essas categorias separadamente por razões práticas da descrição de dados para permitir melhor compreensão. No presente estudo iremos seguir a mesma abordagem. Primeiro, analisamos o tempo verbal e mais tarde examinamos questões aspectuais.

De acordo com Mateus et.al (2003) o tempo verbal é, geralmente definido como categoria gramatical cuja função é localizar eventos ou estados expressos através da língua em diferentes tipos de enunciados. A forma mais comum de se fazer a localização é através dos tempos verbais. Além do tempo verbal, outras categorias tais como advérbios ou expressões adverbiais do tempo e certas construções temporais também desempenham essa função. Neste trabalho, não nos vamos ocupar de advérbios ou expressões adverbiais, nem de outras construções temporais, embora reconheçamos a sua existência e funcionalidade na gramática do Citshwa.

O Citshwa apresenta, tal como outras línguas Bantu, três tempos verbais básicos, nomeadamente: presente, passado e futuro descritos detalhadamente em seguida.

5.3.1. Tempo passado

Em Citshwa, o tempo passado é construído a partir da raiz verbal a qual se afixa o morfema perfectivo -ile na posição final, como ilustram os exemplos em (62).

(62) Passado positivo:

		Glossário
va-g- ile	nyama	‘eles comeram carne’
va-tsal- ile	buku	‘eles escreveram o livro’
va-chikel- ile	tolo	‘eles chegaram ontem’

va-tem-ile	lidavi	‘eles cortaram o ramo’
hi-g-ile	nyama	‘nós comemos carne’
hi-tsem-ile	lidavi	‘nós cortamos o ramo’
hi-tsutsum-ile	vike gingambela	‘nós corremos na semana passada’
hi-famb-ile	tolo	‘nós andámos ontem’

Fonte: Elaboração própria

Todos os verbos fornecidos em (62) mostram que independentemente da pessoa gramatical, o tempo passado é indicado pelo morfema *-ile* na posição final do verbo.

Os dados em (62) incluem a forma negativa dos verbos fornecidos em (63). O passado negativo é caracterizado pela ocorrência do(s) morfema(s) genitivos *-a-* e *-angi* antes da marca de sujeito e depois da raiz verbal respectivamente, como ilustramos seguidamente em (63).

(63) Passado negativo em Citshwa:		Glossário
a-va-g-angi	nyama	‘eles não comeram carne’
a-va-tsal-angi	buku	‘eles não escreveram o livro’
a-va-chikel-angi	tolo	‘eles não chegaram ontem’
a-va-tsem-angi	lidavi	‘eles não cortaram o ramo’
a-hi-g-angi	nyama	‘nós não comemos carne’
a-hi-tsem-angi	lidavi	‘nós não cortamos o ramo’
a-hi-famb-angi	tolo	‘nós não andámos ontem’

Fonte: Elaboração própria

Os verbos indicados em (63) dizem que o passado negativo em Citshwa é marcado pelo morfema *a-* anteposto à marca do sujeito e o morfema *-angi* que se afixa no final da raiz verbal.

Existe duas formas de analisar o morfema de negação *-angi*. A primeira forma é assumir que a estrutura morfológica deste morfema de negação é *-angi* (-VCV), como antes assumido. A segunda forma de analisar este morfema é assumir que a vogal baixa

que aparece em posição inicial do morfema negativo é geralmente o mesmo morfema que ocorre em posição final (VF) nas outras formas verbais, como *famb-a* ‘vai!’ ou *ku-famb-a* ‘ir’. Assumindo esta análise alternativa, o morfema de negação seria reduzido a *-Ngi*, como em *a-va-famba-ngi* ‘eles não andaram’. Não temos evidência para defender uma abordagem específica, mas tendo em conta que, regra geral, as extensões verbais apresentam uma estrutura silábica do tipo *-VC-*, assumimos que o morfema negativo *-angi* com vista a captar a generalidade descritiva dos dados.

5.3.2. Tempo presente

De acordo com Ngunga (2014), o tempo presente é basicamente aspectual pois, ele se deixa confundir facilmente com o aspecto habitual. Uma característica importante do tempo presente é que os factos anunciados pelos verbos coincidem com o momento da enunciação.

Em Cítshwa o tempo presente é morfologicamente indicado pelo morfema *o-*, marca de aspecto exclusivo que, pode ocorrer de forma independente ou aglutinado ao prefixo que indica a classe nominal, como ilustram os exemplos em (64).

(64) Presente progressivo positivo:	Glossário
a. yena o -g-a nyama	‘ele está comer carne’
yena o -tsal-a mabuku	‘ele está escrever o livro’
yena o -chikel-a nyamutla	‘ele está chegar hoje’
yena o -tsem-a lidavi	‘ele está cortar o ramo’
b. vona v- o -g-a nyama	‘eles estão a comer carne’
vona v- o -tsem-a lidavi	‘eles estão a cortar o ramo’
vona v- o -tsutsum-a wotle masiku	‘eles estão a correr todos os dias’
vona v- o -famb-a hixihatla	‘eles estão andar de pressa’
hina h- o -tsutsum-a wotle masiku	‘nós estamos a correr todos os dias’
hina h- o -khohlol-a wotle masiku	‘nós estamos a tossir todos os dias’

n'wina m-**o**-tlualatlula

'vós estais a saltitar'

mina ndz-**ho**-wulawula

'eu estou a falar'

Fonte: Elaboração própria

Vemos a partir dos dados em (64a) que quando o verbo envolve a 3ª pessoa do singular, o tempo presente exhibe o morfema **o-** seguido do macro-tema ou do tema flexional.

Na 1ª e 3ª pessoa do plural, o morfema do tempo é aparentemente *ho-* e *vo-*, que resultam da junção dos prefixos *hi-o-* e *va-o-*, respectivamente. Na verdade, as formas *ho-* e *vo-* são o resultado de operações morfo-fonológicas que acabam alterando a estrutura dos morfemas. Assim, a forma verbal *vo-famba* 'estão a andar' resulta de processos morfológicos que afectam a estrutura morfológica de *va-o-famba*, enquanto a forma verbal *ho-tsutsuma* 'estamos a correr' é produto de operações morfológicas que afectam a estrutura *hi-o-tsutsuma*, onde o morfema *hi-* indica a pessoa gramatical, *-o-* constitui a marca de tempo-aspecto exclusivo, seguido da raiz verbal *-tsutsum-* a.

A presença do morfema *ndzo-* na forma verbal correspondente a 1ª pessoa do singular, como em *ndzo-wulawula* 'estou a falar' pode ser facilmente explicada como sendo o resultado da combinação dos morfemas *ndzi+o+wulawul-a*. Operações morfológicas que afectam os prefixos *ndzi+o-* através da supressão da vogal /i/ na última posição do morfema *ndzi-*, dando como produto final o morfema *ndzo-* seguido do tema verbal *-wulawul-a*. Todos estes exemplos mostram que a marca do tempo-aspecto é presente de forma explícita e expressa através de alterações morfo-fonológicas dos morfemas envolvidos. Consideremos as formas negativas correspondentes aos verbos em (62) fornecidas em (65).

(65) Presente progressivo negativo:

Glossário

yena **a-nga-g-i** nyama

'ele não está a comer carne'

vona **a-va-g-i**

'eles não estão a comer'

vona **a-va-tsem-i** lidavi

'eles não estão a cortar o ramo'

vona **a-va-tsutsum-i**

'eles não estão a correr'

hina	a-hi-wulawul-i	‘nós não estamos a falar’
n’win	a-mu-tlulatlul-i	‘vós não estais a saltitar’

Fonte: Elaboração própria

É generalização correcta segundo a qual, a negação do tempo presente é marcada por dois morfemas, nomeadamente, o morfema *-i* na posição final do verbo e o morfema *a-* que ocorre sempre na posição inicial do verbo.

5.3.3. Tempo futuro

Segundo Rose et al (2002) citados por Langa (2012:34), o tempo futuro é “a categoria que se refere à ocorrência de eventos depois do momento de enunciação”. Em Citshwa o tempo futuro é indicado pelo morfema *-ta-* infixado entre a MS e a raiz verbal, como mostram os exemplos em (66).

(66) Tempo futuro positivo:

	Glossário
yena a- ta -g-a nyama mandziku	‘ele comerá carne amanhã’
yena a- ta -tsal-a bukhu	‘ele escreverá o livro’
yena a- ta -chikel-a nyamutla	‘ele chegará hoje’
yena a- ta -tsem-a lidavi	‘ele cortará o ramo’
vona va- ta -g-a nyama	‘eles comerão carne’
vona va- ta -tsem-a lidavi	‘eles cortarão o ramo’
vona va- ta -tsutsum-a	‘eles correrão’
vona va- ta -etlel-a	‘eles dormirão cedo’
vona va- ta -famb-a hicihatla	‘eles andarão de pressa’
mina ndzi- ta -tsutsum-a	‘eu correrei’
hina hi- ta -tsutsum-a	‘nós correremos’
hina hi- ta -khohlol-a	‘nós tossiremos’

wena u-**ta**-y-a cikoleni ‘tu irás à escola’

n’wina mu-**ta**-gondza ‘vós estudarás’

Fonte: Elaboração própria

Resulta da observação factual que a partir dos dados em (66), o futuro é indicado pelo morfema *-ta-* em Citshwa que ocorre imediatamente antes da raiz verbal. A forma negativa correspondente aos verbos em (66) é indicada em (67).

(67) Tempo futuro negativo:

Glossário

a.	yena anga- ta -g-a nyama mandziku	‘ele não comerá carne amanhã’
	yena a- nga -ta-tsal-a buku nyamutla	‘ele não escreverá o livro hoje’
	yena a- nga -ta-tsal-a buku	‘ele não escreverá o livro’
	yena a- nga -ta-chikel-a nyamutla	‘ele não chegará hoje’
	yena a- nga -ta-tsem-a lidavi	‘ele não cortará o ramo’
b.	vona-va- nga -ta-g-a nyama	‘eles não comerão carne’
	vona-va- nga -ta-tsem-a lidavi	‘eles não cortarão o ramo’
	vona va- nga -ta-tsutsum-a	‘eles não correrão’
	vona va- nga -ta-famb-a hicihatla	‘eles não andarão de pressa’
	hina hi- nga -ta-tsutsum-a	‘nós não correremos’
	hina hi- nga -ta-khohlol-a	‘nós não tossiremos’
	wena u- nga -ta-y-a cikoleni	‘tu não irás à escola’
	mina ndzi- nga -ta-tsutsum-a	‘eu não correrei’
	n’wina mu- nga -ta-gondza	‘vós não estudareis’

Fonte: Elaboração própria

O exame feito aos exemplos em (67) revela que a forma negativa do tempo futuro é caracterizada pela infixação do morfema de negação *-nga-* entre a marca de sujeito e a marca de tempo-aspecto *-ta-*. Vemos que para cada tempo verbal existe um morfema específico responsável pela indicação da categoria temporal em causa

5.4. Conceituação de tempo e aspecto

Embora tenhamos feito referência ao tempo na secção anterior, nesta secção examinamos o aspecto não totalmente dissociado ao tempo, uma vez que as duas categorias são intimamente relacionadas. Mostramos que embora a literatura relevante mostre haver alguns pontos de encontro na abordagem destas duas categorias, também existem diferenças na sua abordagem como mostramos seguidamente. Na secção anterior fizemos referência genérica do tempo-aspecto, mas o interesse maior foi descrever os tempos verbais primários da língua.

O aspecto é uma categoria gramatical que tem merecido especial atenção de vários autores dentre os quais Comrie (1976), Botne (1987), Nurse (2003), Ngunga (2014), Macalane (2009) entre outros. Comrie (1976) ao analisar o aspecto, estabelece uma distinção entre tempo e aspecto, definindo o tempo como uma categoria deíctica, cuja função é localizar situações no eixo temporal extra-linguístico, tomando como referência o presente, embora se possa recorrer a outros pontos de referência no eixo temporal. Quanto ao aspecto, o mesmo autor diz que este tem a ver com os constituintes internos de uma situação. O aspecto lida com a forma como uma acção se desenvolve no eixo temporal. Botne (1987) citado por Ilanga (2012) não foge a abordagem feita acima pelo autor anterior, mas alerta que existem questões não totalmente esclarecidas na literatura relacionadas com a relação entre tempo e aspecto. Exemplificando, Botne (1987) refere que algumas questões não totalmente esclarecidas estão refletidas, em parte, nas diferenças terminológicas para classificar os diferentes tipos de valores aspectuais, sobretudo, quando se trata do aspecto imperfectivo.

A visão não uniforme no tratamento do aspecto imperfectivo é reforçada por Nurse (2003) quando este afirma que os termos latinizados tais como progressivos, contínuo, habitual, frequentativo, entre outros, são “confusos” e pouco transparentes se comparados com a tripartição do tempo, em passado, presente e futuro. Entretanto, Bybee et al (1994) opõe-se à posição de Nurse (2003) ao considerar que os termos em causa são claros, mas a falta da clareza reside na tripartição do tempo. Este autor entende que o presente é mais uma categoria aspectual do que temporal. Liphola (2001) vai mais longe quando afirma que a categorização do tempo não é universal em todas as línguas humanas e, por isso, prefere o termo de categorias flexionais colocando o tempo e aspecto numa categoria mais ampla.

Neste estudo assumimos a posição defendida por Bybee et al (1994) que considera que tempo e aspecto são categorias distintas, embora internamente dependentes. O autor em causa assume ainda que o tempo presente é funcionalmente mais uma categoria aspectual do que temporal, posição igualmente assumida no presente estudo. Os dados do Citshwa corroboram com esse ponto de vista como em seguida iremos demonstrar. Langa (2012), citando Macalane (2009) faz a correlação de tempo-aspecto através de uma tabela conceptual reproduzida em 17 abaixo, mostrando as diferenças entre estas duas categorias.

Tabela 17: Diferenças entre tempo e aspecto

Tempo	Aspecto
O Tempo: categoria relacional ou indexal; localiza o momento da ocorrência da situação em relação ao momento de enunciação ou qualquer outro ponto tomado como “tempo referencial ou de ancoragem”.	O aspecto: diz respeito à perspetivação temporal interior de uma dada eventualidade, concentrando-se unicamente no intervalo de tempo em questão
O Tempo tem um carácter défítico: assenta no presente enunciativo como um marco de referência em relação ao qual podem ser determinados um <i>antes</i> e um <i>depois</i>	O aspecto é uma categoria “autónoma” em termos referenciais.
O tempo aborda as situações ou estados de coisas de um modo essencialmente “exterior”, encarando-as com um todo “atómico”.	O aspecto perspectiva as situações a partir do seu “interior”, analisando-as sub-atómicamente
Alguns advérbios limitam-se a determinar uma mera localização temporal para eventos, sem grandes consequências ao nível aspectual	As classes aspectuais são uma propriedade típica do aspecto.

Fonte: Langa (2012)

Feita a caracterização geral do tempo-aspecto, nas secções que se seguem apresentamos a discussão mais detalhada sobre o aspecto em Citshwa.

5.4.1. Aspecto em Citshwa

Ngunga (2014) vê o aspecto como sendo uma categoria gramatical que indica a maneira como os factos referidos pelo verbo acontecem num determinado tempo, independentemente das categorizações do tempo feitas pelas diferentes línguas.

Neste trabalho apresentamos algumas categorias aspectuais que ocorrem em Citshwa recorrendo à terminologia mais utilizada na literatura. Foi referido que o tempo passado distingue duas categorias aspectuais, a saber, factos ocorridos no passado que tenham terminado e factos que tenham acontecido no passado, mas que ainda continuam a decorrer

no momento da sua enunciação. A distinção entre os factos ocorridos no passado e que tenham terminado e aqueles factos que tendo ocorrido no passado continuam no momento de enunciação motiva as subcategorias do aspecto do passado perfectivo e o aspecto do passado imperfectivo.

5.4.1.1. Aspecto perfectivo

De acordo com Binnik (1999), Bybee et al (1994), Katamba, (1994), Spencer (1991), todos citados por Langa (2012:35) o aspecto pode reflectir acções ou estados que tenham iniciado e terminado no passado em relação ao momento de enunciação e acções ou estados que iniciaram no passado mas que decorrem até ao momento da sua enunciação.

Langa (2012) por sua vez, afirma que o aspecto perfectivo é aquele que se refere á situações completas com princípio, meio e fim, enquanto o aspecto imperfectivo, é aquele que descreve situações ou eventos em progresso em relação a um ponto de referência particular, quer seja no passado, quer seja no presente. Em (68) são fornecidos exemplos representativos dando conta do aspecto perfectivo em Citshwa.

(68) Aspecto perfectivo positivo:

	Glossário
va-g- ile nyama	‘eles comeram carne’
hi- g- ile nyama	‘nós comemos carne’
hi-y- ile cikoleni	‘nós fomos à escola’
va-tsal- ile buku	‘eles escreveram o livro’
va-chikel- ile	‘eles chegaram’
va-tsem- ile livadi	‘eles cortaram o ramo’
hi-tsem- ile lidavi	‘nós cortamos o ramo’
hi-tsutsum- ile	‘nós corremos’
hi-etlel- ile	‘nós dormimos’
hi-famb- ile	‘nós andamos’

u-tsem-**ile** lidavi ‘tu cortaste o ramo’

mu-tsem-**ile** lidavi ‘vós cortastes o ramo’

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (68) revelam que, independentemente da pessoa gramatical, o aspecto perfectivo é caracterizado pela presença do morfema *-ile* em posição final do verbo. Todos os verbos indicados em (68) mostram que os enunciados expressos pelos diferentes verbos caracterizam acções que tiveram início no passado e terminaram no momento da enunciação. Dados fornecidos em (69) correspondem à forma negativa dos exemplos indicados em (68).

(69) Aspecto perfectivo negativo:

Glossário

a-hi-g-angi	‘nós não comemos’
a-hi-g-angi nyama	‘nós não comemos carne’
a-hi-y-angi cikoleni	‘nós não fomos à escola’
a-va-g-angi nyama	‘eles não comeram carne’
a-va-tsal-angi buku	‘eles não escreveram o livro’
a-va-chikel-angi	‘eles não chegaram’
a-va-tsem-angi livadi	‘eles não cortaram o ramo’
a-hi-tsem-angi lidavi	‘nós não cortamos o ramo’
a-hi-tsutsum-angi	‘nós não corremos’
a-hi-etlel-angi	‘nós não dormimos’
a-hi-famb-angi	‘nós não andamos’
a-wu-tsem-angi lidavi	‘tu não cortaste o ramo’
a-mu-tsem-angi lidavi	‘vós não cortastes o ramo’

Fonte: Elaboração própria

As formas negativas indicadas em (69) são correspondentes às formas verbais positivas em (68). Resulta da observação factual que em Citshwa a negação de um evento

no perfectivo negativo é expressa por dois morfemas, **a-** e **-angi**, respectivamente como atestam os dados em (69). Vemos que o primeiro morfema de negação pertence ao pré-tema ocorrendo sempre na posição inicial do verbo e o segundo morfema faz parte do tema flexional ocorrendo sempre na posição final do verbo.

Consideremos os seguintes exemplos em (70), onde o verbo faz a enunciação de dois eventos ocorridos no passado, mas cronologicamente, uma acção teve lugar antes da outra ter ocorrido.

(70) Aspecto perfectivo positivo envolvendo duas acções no passado:

	Glossário
ndzi- wa-y-ile cikoleni nayin- ile vula	‘eu tinha ido à escola, quando choveu’
ndzi- wa-g-ile	‘eu tinha comido’
u- wa-g-ile nyama	‘tu tinhas comido carne’
va- wa-g-ile nyama	‘eles tinham comido carne’
a- wa-tsal-ile buku	‘ele tinha escrito o livro’
hi- wa-g-ile nyama	‘nós tínhamos comido carne’
mu- wa-tsem-ile lidai	‘vós tinha cortado o ramo’

Fonte: Elaboração própria

Vemos que os exemplos em (70) incluem verbos no perfectivo envolvendo duas acções que ocorrem no mesmo eixo temporal. O exame a estes dados mostra que o perfectivo é expresso através da combinação dos morfemas **-wa-** e **-ile** afixados entre a marca de sujeito em posição final do verbo respectivamente.

A diferença básica entre os dados em (69) e (70) é que enquanto no primeiro caso a acção é estanque e limitada a um ponto específico do eixo temporal, no segundo caso, estão envolvidas duas acções ou eventos ambos ocorridos no passado, sendo uma anterior a outra. No exemplo ndzi-wa-y-ile cikoleni nayinile vula ‘tinha ido à escola quando choveu’ mostra que a acção de chover ocorrida no passado teve lugar antes do evento de ir à escola, mas ambas acções ficaram consumadas. A instanciação das duas acções ocorridas no passado é feita através dos morfemas **-wa-** e **-ile**.

Em (71) são fornecidos exemplos correspondentes à forma negativa do perfectivo envolvendo duas acções ambas ocorridas no passado.

(71) Aspecto perfectivo negativo envolvendo duas acções passadas:

	Glossário
va- wa-nga-g-angi nyama	‘eles não tinham comido carne’
va- wa-nga-tsal-angi buku	‘eles não tinham escrito o livro’
va- wa-nga-chikel-angi	‘eles não tinham chegado’
va- wa-nga-tsem-angi livadi	‘eles não tinham cortado o ramo’
hi- wa-nga-g-angi nyama	‘nós não tínhamos comido carne’
hi- wa-nga-tsem-angi lidavi	‘nós não tínhamos cortado o ramo’
hi- wa-nga-tsutsum-angi	‘nós não tínhamos corrido’
hi- wa-nga-etlel-angi	‘nós não tínhamos dormido’
hi- wa-nga-famb-angi	‘nós não tínhamos andado’
hi- wa-nga-y-angi	‘nós não tínhamos ido à escola’
hi- wa-nga-g-angi	‘nós não tínhamos comido antes’
u- wa-nga-tsem-angi lidavi	‘tu não tinhas cortado o ramo’
mu- wa-nga-tsem-angi lidavi	‘vós não tinhas cortado o ramo’

Fonte: Fonte: Elaboração própria

Os exemplos em (71) mostram que a forma verbal negativa correspondente aos exemplos positivos é feita através do morfema negativo **-angi**, como demonstrado anteriormente. Os morfemas **-wa-** e **-nga-** são aspectuais. Faz-se notar que o morfema negativo **-angi** encontrado em (71) foi caracterizado nos exemplos anteriormente fornecidos em (69) ocorrendo sempre na posição final do verbo.

5.4.1.2. Aspecto imperfectivo

Ngunga (2014:183) refere que o aspecto imperfectivo “é aquele que melhor ilustra a definição de aspecto ao indicar a forma como os acontecimentos que se dão no interior de uma unidade do tempo, pois indica que o acto referido pelo verbo é progressivo, contínuo, durativo ou iterativo”. Por sua vez Bybee et al (1974) citado por Langa (2008:44) diz que “o aspecto imperfectivo pode ser visto como descrevendo eventos que estejam em progresso em relação a um ponto de referência particular, seja no passado ou no presente, ou pode ser visto como uma característica do período de tempo, isto é, uma situação habitual”. Olhando para o posicionamento dos dois autores quanto ao aspecto imperfectivo, vemos que ambos coincidem ao considerarem esta categoria gramatical como sendo aquela que descreve acções ou eventos ainda em progresso. Em (72) apresentam-se exemplos com aspecto imperfectivo progressivo em Citswā.

(72) Aspecto imperfectivo progressivo ou contínuo:

		Glossário
yena	a-(wa) ha -tsal-a buku	‘ele ainda está a escrever o livro’
vona	va- ha -g-a nyama	‘eles ainda estão a comer carne’
vona	va- ha -tsal-a buku	‘eles ainda estão a escrever o livro’
vona	va- ha -chikel-a	‘eles ainda estão a chegar’
vona	va- ha -tsem-a lidavi	‘eles ainda estão a cortar o ramo’
hina	ha- ha -g-a nyama	‘nós ainda estamos a comer carne’
hina	ha- ha -tsem-a lidavi	‘nós ainda estamos a cortar o ramo’
hina	ha- ha -famb-a	‘nós ainda estamos a andar’
hina	ha- ha -y-a cikoleni	‘nós ainda vamos à escola’
wena	wa- ha -g-a nyama	‘tu ainda estás a comer a carne’
n’wina	ma- ha -gondz-a	‘vós ainda estais a estudar’

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (72) revelam que a acção expressa pelo verbo terá começado momentos antes da enunciação e ela continua a decorrer no momento da enunciação. Vemos que em

Citshwa, o aspecto imperfectivo positivo é expresso pelo morfema **-ha-** infixado imediatamente antes da raiz verbal. Os dados indicados em (72) mostram que nos verbos envolvendo a 1ª pessoa do plural co-ocorrem dois morfemas idênticos *ha-* e *-ha-*, sendo que o primeiro mais à esquerda corresponde à marca de sujeito, com modificações morfológicas, enquanto o segundo é a marca de aspecto imperfectivo progressivo.

5.4.1.3. Aspecto imperfectivo progressivo futuro

Em Citshwa, a outra categoria aspectual que ocorre é o imperfectivo progressivo futuro que indica a duração de uma acção que se vai realizar no futuro no eixo temporal. O aspecto imperfectivo progressivo futuro é expresso através dos morfemas **-ha-** e **-ta-** ocorrendo entre a marca de sujeito e a raiz verbal, como ilustram os dados fornecidos em (73).

(73) Aspecto imperfectivo progressivo futuro:

		Glossário
vavasati	va- ha-ta -y-a kin-a	‘as mulheres ainda irão dançar’
vavasati	va- ha-ta -y-a rim-a	‘as mulheres ainda irão cultivar’
vanana	va- ha-ta -y-a cikoleni	‘as crianças ainda irão à escola’
vavanuna	va- ha-ta -y-a ak-a tiyindlu	‘os homens ainda irão construir casas’
hina	ha- ha-ta -y-a tsem-a lidavi	‘nós ainda iremos cortar o ramo’
vanana	va- ha-ta -y-a cikoleni	‘as crianças irão à escola’
wena	wa ha-ta -y-a bel-a bola	‘tu ainda irás jogar a bola’
n’wina	ma ha-ta -y-a gondz-a	‘vós ainda ireis estudar’
mina	ndza ha-ta -y-a famb-a	‘eu ainda irei andar’
vanana	va- ha-ta -y-a boleni	‘as crianças ainda irão ao futebol’
vona	va- ha-ta -y-a etlel-a	‘eles ainda irão dormir’
hina	ha- ha-ta -y-a etlel-a	‘nós ainda iremos tossir’

Fonte: Elaboração própria

Vimos anteriormente que a marca do tempo futuro é o morfema **-ta-**. Vemos nos dados em (73) que o aspecto imperfectivo progressivo futuro é indicado pelo morfema do tempo futuro **-ta-** que ocorre imediatamente depois da marca do aspecto **-ha-**, sendo por isso, o mesmo morfema ilustrado em (72).

A diferença entre os dados em (72) e (73) é o facto de neste último caso também se adicionar o morfema **-ta-** que ocorre imediatamente antes da raiz verbal para indicar que a acção vai ter lugar futuramente. As formas negativas correspondentes aos dados em (72) e (73) são fornecidas em (74) e (75), respectivamente.

(74) Aspecto imperfectivo progressivo ou contínuo negativo:

	Glossário
yena a nga ha- tsal-i buku	‘ele ainda não está a escrever o livro’
vona a va- ha- g-i nyama	‘eles ainda não estão a comer carne’
vona a va- ha- tsal-i buku	‘eles ainda não estão a escrever o livro’
vona a va- ha- chikel-i	‘eles ainda não estão a chegar’
vona a va- ha- tsem-i lidavi	‘eles ainda não estão a cortar o ramo’
hina a ha- ha- g-i nyama	‘nós ainda não estamos a comer carne’
hina a ha- ha- tsem-i lidavi	‘nós ainda não estamos a cortar o ramo’
hina a ha- ha- famb-i	‘nós ainda não estamos a andar’
hina a ha- ha- y-i cikoleni	‘nós ainda não vamos à escola’
wena a wa- ha- g-i nyama	‘tu ainda não estás a comer a carne’
n’wina a ma- ha- gondz-i	‘vós ainda não estais a estudar’

Fonte: Elaboração própria

(75) Aspecto imperfectivo progressivo futuro negativo:

		Glossário
vavasati	va-nga ta- ha -y-a kina	‘as mulheres não irão dançar’
vavasati	va-nga ta- ha -y-a rima	‘as mulheres não irão cultivar’
vanana	va-nga ta- ha -y-a-cikoleni	‘as crianças não irão à escola’
vavanuna casas	va-nga-ta- ha -y-a aka tiyindlu	‘os homens não irão construir’
hiana	hi-nga-ta- ha -y-a tsema lidavi	‘nós não iremos cortar o ramo’
wena	u-nga ta- ha -y-a bela bola	‘tu não irás jogar a bola’
nwina	mu-nga ta- ha -y-a gondza	‘vós não ireis estudar’
mina	ndzi-nga ta- ha -y-a gondza	‘eu ainda não irei andar’
zvivanana	zvi-nga ta- ha -y-a boleni	‘as crianças não irão ao futebol’
vona	va-nga-ta-ha-y-a etlela	‘eles não irão dormir’
hina	hi-nga-ta- ha -y-a khohlola	‘nós não iremos tossir’

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (74) e (75) apresentam algumas semelhanças com os exemplos anteriores, mas têm também algumas diferenças.

As semelhanças são marcadas pela presença do morfema **ha-** que indica o aspecto anteposto à raiz verbal. Em (74) vemos igualmente que, o morfema vocálico /i/ em posição final é marca de tempo-aspecto imperfectivo. As diferenças entre (74) e (75) notam-se na ausência do morfema **-ta-** em (74) porque este morfema indica o tempo futuro. Também vemos que a negação é indicada pelo morfema vocálico **a-** em (74) enquanto em (75) vemos a ocorrência dos morfemas **-nga-ta-** antes do morfema **-ha-**.

Entre estes dados existem semelhanças ainda quanto ao posicionamento do morfema de marca de aspecto, pois em ambos os casos o morfema **ha-** encontra-se inserido entre a marca de sujeito (MS) e a raiz verbal. Finalmente, estes dados mostram diferenças quanto ao posicionamento do morfema de aspecto. Em (74) ele é inserido entre a marca de sujeito

(MS) e a marca de tempo, enquanto em (75) o mesmo morfema aspectual é, inserido entre o morfema de marca de tempo (MT) e a raiz verbal.

5.4.1.4. Aspecto durativo

O aspecto durativo descreve acções que ainda decorrem no momento da produção de enunciados a eles referentes, no tempo presente, como fizemos referência anteriormente. Geralmente, este aspecto coincide com o tempo gramatical da sua produção.

Em Citshwa, o aspecto durativo é caracterizado pela presença do morfema **-ha-**, o mesmo morfema que marca o aspecto progressivo, ocorrendo entre a marca de sujeito e a raiz do verbal, como ilustram os exemplos representativos fornecidos em (76).

(76) Aspecto durativo:

			Glossário
mina	ndza- ha -y-a	cikoleni	‘eu ainda estou a ir à escola’
wena	wa- ha -g-a	di’nwa	‘tu ainda estás a comer laranja’
hina	ha- ha -gondz-a	buku	‘nós ainda estamos a ler o livro’
hina	ha- ha -famb-a		‘nós ainda estamos a andar’
n’wina	ma- ha -won-a	bola	‘vós ainda estais assistir o futebol’
vona	va- ha -tsem-a	lidavi	‘eles ainda estão a cortar o ramo’
vona	va- ha -hlanganyetel-a	ndzilu	‘eles ainda estão avivar a brasa’
hina	ha- ha -somborotel-a	lingoti	‘nós ainda estamos a enrolar a corda’

Fonte: Elaboração própria

Em Citshwa, o aspecto durativo é indicado pelo morfema **-ha-** anteposto imediatamente à raiz verbal. Uma característica importante nos dados em (74) é que do ponto de vista funcional, o aspecto durativo assemelha-se ao aspecto imperfectivo progressivo ilustrado anteriormente.

Na verdade, tanto o imperfectivo durativo quanto o imperfectivo progressivo ou contínuo refletem, em parte, o mesmo valor aspectual, por causa de “continuidade” de acção no eixo temporal. Como se pode depreender, as acções descritas pelos verbos em

(76) acima tiveram início antes da sua enunciação e duram até ao momento da produção de enunciados que a elas se referem.

Uma observação factual apoiada pela análise de dados permitem constatar que não existe diferença crucialmente relevante entre o aspecto imperfectivo progressivo e o aspecto durativo. Este facto corrobora com a ideia avançada por Nurse (2003) de que os termos latinizados na designação de categorias aspectuais podem criar confusão em algumas línguas, como sucede neste caso com Citshwa, língua do grupo Bantu. Tendo em conta essa constatação factual, assumimos na presente pesquisa que se torna importante evitar transposições terminológicas de forma cega de conceitos que descrevem realidades linguísticas diferentes para a descrição de realidades linguísticas distintas.

Conclui-se que, com base nos dados acima analisados em Citshwa o aspecto linguisticamente mais evidente é o imperfectivo progressivo que alternativamente pode ser designado de imperfectivo durativo.

5.5. Conclusão

Neste capítulo analisamos a estrutura interna da palavra começando pela discussão da morfologia nominal. Na análise da estrutura do nome vimos que ele é, constituído por duas partes, uma parte reservada a prefixos de classe nominal a que cada nome pertence e outra a raiz. Relativamente aos prefixos de classes nominais a língua apresenta 17 prefixos de classes nominais. Os prefixos das classes 1 a 14 agrupam-se em pares de singular/plural, excepto as classes 15, 16 e 17 que, não formam pares para indicar a dicotomia singular vs plural. Ainda na análise do nome examinamos, os padrões de concordância e, vimos que, a língua apresenta diferentes marcas de concordância que, apesar de em alguns casos, serem idênticas aos prefixos de classes nominais dos nomes com os quais fazem concordância, elas são entidades independentes destes.

Na segunda parte deste capítulo foi feita a análise da estrutura do verbo em Citshwa bem como os diferentes tipos de estrutura silábica. Os dados permitem concluir que, a estrutura do verbo compreende três partes, nomeadamente, a área reservada aos prefixos, seguida de raiz simples ou derivada e finalmente a vogal temática. O estudo mostra ainda que a estrutura canónica básica da sílaba é do tipo CV, podendo variar em função do tamanho do tema verbal ou de diferentes sufixos (extensões) para derivar novas formas

verbais. Ficou demonstrado que existem oito extensões verbais na língua, nomeadamente: aplicativa, causativa, estativa, intensiva, passiva, frequentativa, recíproca e reversiva. Algumas extensões podem combinar entre si para derivar novas formas verbais obedecendo certa hierarquia permitida na gramática da língua. No tocante à raiz verbal esta pode ser constituída por diferentes tipos dependendo do tamanho do verbo ou ainda se a raiz é constituída por consoante plena ou por uma semi-vogal. A pesquisa conclui que quanto ao tema verbal, tal como acontece em outras línguas Bantu, em Citshwa, este é constituído pela combinação da raiz do verbo com várias extensões e a vogal final.

A discussão sobre a morfologia flexional em Citshwa mostra haver três tempos verbais básicos a saber, passado, presente e futuro expressos através de morfemas que captam a dimensão interna existente entre essa categoria gramatical no eixo temporal que tem relação com a categoria aspectual. Finalmente, a análise de dados relevantes mostrou que, existem duas grandes categorias aspectuais, nomeadamente, o aspecto perfectivo e o aspecto imperfectivo. Estas classes, por sua vez, integram sub-categorias de aspectos que, têm a ver com a dimensão interna sobre como cada evento tem lugar num determinado eixo temporal. Foi ilustrado que para o caso do Citshwa, a distinção entre o aspecto imperfectivo progressivo ou contínuo e o aspecto imperfectivo durativo refletem a mesma instanciação linguística que tem a ver com a “continuidade” ou “duração” de eventos descritos pelo verbo no eixo temporal.

CAPÍTULO 6: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS FONOLÓGICOS

6.0. Introdução

O presente capítulo descreve e analisa o sistema fonológico do Citshwa. Mais especificamente, ele faz o inventário dos segmentos consonânticos e vocálicos da língua e examina as regras da estrutura silábica. A discussão explora, especialmente os processos que, produzem alternâncias de sons como resultado de confluência de sequências de vogais (V-V). A análise das regras resultantes da interação segmental apresentada neste capítulo pretende também, mostrar que, em Citshwa, embora ocorram processos fonológicos mais comuns encontrados na maioria das línguas Bantu envolvendo V-V, motivados pelo reajustamento da estrutura silábica, tais como semivocalização, fusão e apagamento de vogais existem algumas restrições morfo-fonológicas que fazem com que esta língua seja fonologicamente diferente das outras línguas Bantu discutidas em estudos anteriores.

Todos os trabalhos que examinam a fonologia em Bantu incluindo Clements (1986), Hyman (1985), Odden (1996), Kisseberth (1974), Ngunga (2000), Liphola (2001), apenas para citar alguns exemplos mostram que, a estrutura silábica pode ser, reajustada através da aplicação de várias regras afetando a sequência das vogais.

Alguns autores tais como Odden (1996) e Liphola (2001) mostram que a regra de semivocalização muito comum em Bantu é, opcional em Kimatuumbi e Shimakonde respectivamente, suportando a visão segundo a qual o processo de semivocalização deve ser parametrizado. O facto de a semivocalização ser opcional em algumas línguas retira, o carácter de ser uma regra de aplicação obrigatória, como é, defendido na abordagem feita por Clements (1986) no seu estudo sobre o “alongamento compensatório e geminação de consoantes em Luganda”. Com efeito, no estudo sobre Luganda, o autor acima citado afirma que, naquela língua, todas as vogais altas na posição pré-vocálica semivocalizam.

A opcionalidade na aplicação de uma regra indica que a gramática ou permite fazer reajustamento ou deixa que a estrutura fonológica subjacente seja mantida ao nível da superfície. Por outras palavras, a opcionalidade na aplicação de uma regra acontece quando o mesmo falante pronuncia a mesma sequência de sons de duas formas diferentes: ora aplicando a regra ora deixando de aplicar a regra. No caso concreto da semivocalização, a opcionalidade na aplicação da regra estabelece que seja mantida a sequência /V-V/ da

estrutura silábica subjacente ou que a primeira vogal na sequência adquira o traço da consoante passando a consoante mais glide.

Neste estudo mostramos que em Citshwa, a semivocalização ocorre apenas em contextos restritos envolvendo as vogais arredondadas /u, o/ antes de sufixos, mas a regra é totalmente bloqueada em outros contextos em que seria de esperar que a regra fosse aplicada. Argumentamos que o bloqueio da semivocalização em contextos potencialmente favoráveis para a sua aplicação é devido ao princípio da inalterabilidade da estrutura CV proposto por Hayes (1986). O princípio da inalterabilidade da estrutura CV simplesmente diz que a estrutura silábica subjacente não pode ser alterada.

Nas secções seguintes apresentamos uma análise mais detalhada sobre cada uma das questões acima colocadas.

6.1. Inventário segmental do Citshwa: as consoantes e vogais em Citshwa tem o seguinte inventário segmental:

(77) Inventário segmental do Citshwa.

1a) Consoantes:

	Lab.	Alv.	Pal.	Vel.	Glott.
Oclusivas	p	t	c	k	h
	b	d	j	g	
Nasais	m	n	ny(ɲ)	n'	
Fricativas	v	f	x		
		s			
		z			
Lateral		l			
Vibrante		r			

(78) Fonemas consonânticos em Citshwa:

Fonema	Exemplo	glossário
/p/	ku- p anga	‘clarear’
/b/	ku- b anga	‘usurpar’
/t/	ku- t ota	‘untar’
/d/	ku- d emba	‘armadilhar’
/c/	ku- c ova	‘empurrar’
/j/	ku- j ova	‘urinar’
/x/	ku- x ava	‘comprar’
/k/	ku- k ama	‘espremer’
/g/	g ambu	‘sol’
/s/	ku- s ima	‘resistir’
/z/	z ambu	‘corrida’
/f/	ku- f uma	‘governar’
/v/	ku- v uma	‘ressoar’
/h/	ku- h ala	‘raspar’
/hl/	ku- hl amba	‘tomar banho’
/y/	ku- y iva	‘roubar’
/l/	ku- l onga	‘preparar’
/n’/	n’ weti	‘lua’

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (78) estabelecem que /p, b, t, d, c, j, f, l, y, k, g, x, s, z, v, h, hl, n'/ são fonemas em Citshwa.

Os exemplos disponibilizados em (79) dão evidência adicional da ocorrência de fonemas consonânticos /m, n, ny, r, w/ em Citshwa.

(79) Fonemas consonânticos em Citshwa:

Glossário		
/m/	mati	‘água’
/n/	nati	‘moela’
/ny/	nyanga	‘curandeiro’
/r/	rumbi	‘ruína’
/w/	wongo	‘cérebro’

Fonte: Elaboração própria

Como se pode observar, os exemplos fornecidos em (78) e (79) atestam a existência de 23 consoantes fonémicas indicadas previamente em (77).

6.1.3. Modificação de consoantes em Citshwa

De acordo com Ngunga (2014) as consoantes podem estar sujeitas à combinações dando origem a uma ou várias modificações. As referidas modificações são motivadas por factores fisiológicos que permitem ou não a combinação de articuladores para produzir um determinado som, tendo em conta o sistema fonológico de cada língua.

Enquanto fisiologicamente é possível produzir qualquer som, nem todos os sons fazem parte da comunicação numa determinada língua. Cada língua selecciona, no universo dos sons possíveis os segmentos limitados para constituir o seu sistema fonológico. As modificações mais comuns das consoantes em Citshwa incluem as indicadas em (80).

(80) Modificações de consoantes:

pré-nasalização;

labialização;

fricatização;

aspiração.

Nas secções seguintes, vamos examinar as modificações das consoantes indicadas em (78) em Citshwa.

6.1.3.1. Pré-nasalização

A pré-nasalização é um processo fonológico assimilatório que ocorre devido à sequência nasal mais consoante (N+C) fazendo com que a nasal adquira o traço [α lugar], onde α corresponde ao ponto de articulação da consoante seguinte. Vale esclarecer que a pré-nasalização é uma regra que deriva estruturas fonéticas [NC], diferente da nasalização, processo através do qual um segmento não nasal adquire o traço [+nasal]. Por isso, nem toda a sequência [NC] resulta da pré-nasalização. Tal como existe [y] proveniente de /i/ e [y] vindo do fonema /y/ também ocorre foneticamente a forma [NC] que resulta da combinação de [N+C] e existe [NC] cuja estrutura fonológica é /NC/.

Por exemplo, na palavra cikamba “unha” vemos que, não é possível explicar a sequência NC foneticamente [mb] com base na pré-nasalização. Não parece, haver evidência linguística que mostre ter ocorrido uma regra fonológica para derivar sequência [NC]. Tal como em cikamba onde /NC/ faz parte da estrutura fonológica existem outras palavras com a sequência [NC] derivadas de /N+C/.

A generalização sobre a pré-nasalização pode ser formulada nos seguintes termos: ela é, um processo através do qual a nasal assimila o ponto de articulação da consoante seguinte devido ao encontro de /N+C/. Vamos motivar a pré-nasalização no contexto em que o prefixo da classe nominal segue uma consoante. Os exemplos em (81) envolvem o prefixo nominal da classe 9 /N/ seguido de consoante na posição inicial da raiz.

(81) Pré-nasalização envolvendo o arquifonema prefixal N antes de C:

					Glossário
nduku	/N-duku/	‘bengala	vs	ti-nduku	‘bengalas’
njele	/N-jele/	‘chocalho’	vs	ti-njele	‘chocalhos’
mbuti	/N-buti/	‘cabrito’	vs	ti-mbuti	‘cabritos’
ngoma	/N-goma/	‘bataque’	vs	ti-ngoma	‘bataques’
nxiyi	/N-xiyi/	‘pestanda’	vs	ti-n-xiyi	‘pestandas’
ntsumi	/N-tsumi/	‘emissário’	vs	ti-ntsumi	‘emissários’
ncuva	/N-cuva/	‘jogo’	vs	ti-ncuva	‘jogos’
ndzima	/N-dzima/	‘etapa’	vs	ti-ndzima	‘etapas’
nhloko	/N-hloko/	‘cabeça’	vs	ti-nhloko	‘cabeças’

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos representativos da classe 9 fornecidos em (81) mostram que quando o prefixo /N/ se junta à consoante inicial da raiz ocorre a sequência /N-C/ que desencadeia o processo de assimilação dando a estrutura [NC] na superfície. Estes dados também, mostram que a realização de /N/ depende do lugar de articulação da consoante seguinte. /N/ realiza-se [m], quando a consoante seguinte é labial.

O arquifonema nasálico /N/ pronuncia-se [n] quando seguido de V ou quando a consoante seguinte é, alveolar como em [nduku] “bengala”. O mesmo som aparece [ɲ] na superfície, quando a consoante seguinte é palatal como em [ɲjalu] “alguidar” e, pronuncia-se [ŋ] quando a consoante seguinte é velar como em [ŋgelo] “gamela”. Os exemplos em (81) mostram ainda que na forma do plural os nomes exibem o prefixo de plural /ti-/ que precede o prefixo do singular /N/ da classe 9 dando origem à co-ocorrência de dois prefixos de classes.

O processo de pré-nasalização resultante do encontro do arquifonema /N/ com a consoante inicial da raiz é formalmente representada em (82).

(82) Pré-nasalização e assimilação da nasal na sequência /N+C/ em Citshwa:

/N-C/	Estrutura fonológica
NC	Assimilação da nasal
[NC]	Estrutura fonética

Fonte: Elaboração própria

A formalização da pré-nasalização em (82) revela que neste caso, o processo não envolve o apagamento de alguma vogal do prefixo, pois o arquifonema /N/ não apresenta vogal na estrutura fonológica.

Os dados adicionais fornecidos em (83) envolvem nomes da classe 3, cujo prefixo é /mu-/.

(83) Pré-nasalização em Citshwa:

				Glossário	
mbulu	/mu-bulu/	‘remédio’	vs	mimbulu	‘remédios’
mpuva	/mu-puva/	‘cano’	vs	mimpuva	‘canos’
mpele	/mu-pele/	‘fralda’	vs	mimpele	‘fraldas’
ntwalu	/mu-twalu/	‘bagagem’	vs	mintwalu	‘bagagens’
nkolo	/mu-kolo/	‘garganta’	vs	minkolo	‘gargantas’
ngelo	/mu-gelo/	‘gamela’	vs	mingelo	‘gamelas’
ndzava	/mu-dzava/	‘cesto’	vs	mindzava	‘cestos’
ncongo	/mu-congo/	‘rio’	vs	mincongo	‘rios’
ngangu	/mu-gangu/	‘lar’	vs	mingangu	‘lares’
nkondzo	/mu-kondzo/	‘pé’	vs	minkondzo	‘pés’

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos indicados em (83), embora se pareçam foneticamente com os dados em (81), estes são fonologicamente distintos. Os nomes em (83) são todos da classe 3 cujo prefixo é /mu-/ e têm o prefixo do plural /mi-/ da classe 4. Estes exemplos mostram que ao nível de superfície, quando o prefixo da classe 3 se junta à consoante inicial da raiz ocorre a pré-nasalização envolvendo a assimilação automática da nasal ao ponto de articulação da consoante seguinte. Diferentemente dos nomes da classe 9, os exemplos da classe 3 pré-nasalizam depois do apagamento da vogal alta do prefixo. Os processos fonológicos

envolvendo a pré-nasalização em (83) podem ser formalizados como é ilustrado nas derivações em (84).

(84) Pré-nasalização e assimilação de /N+C/ em Citshwa:

/NV-C/	Estrutura fonológica
N∅ - C	Apagamento de V
NC	Assimilação da nasal
[NC]	Estrutura fonética

Fonte: Elaboração própria

Vemos que embora as sequências [NC] sejam idênticas em (81) e (83), elas são, de proveniências distintas fonologicamente. Existem, contudo, similaridades entre os dados em (81) e (83). Primeiro, ambas sequências N-C causam a pré-nasalização. Segundo, a pré-nasalização provoca, automaticamente a assimilação entre a nasal e o lugar da articulação da consoante seguinte. Terceiro, quer o plural da classe 9 quer o da classe 3 realizam-se antepondo o prefixo do plural à sequência pré-nasalizada [NC].

O apagamento da vogal prefixal para gerar a sequência NC pode ser ainda motivado com os exemplos fornecidos em (85).

(85) Motivando o apagamento da vogal de prefixo em Citshwa:

					Glossário
mfana	/mu-fana/	‘rapaz’	vs	vafana	‘rapazes’
mphangi	/mu-phangi/	‘assaltante’	vs	vaphangi	‘assaltantes’
mfumi	/mu-fumi/	‘governante’	vs	vafumi	‘governantes’
mfambi	/mu-fambi	‘viajante’	vs	vafambi	‘viajantes’
mkombi	/mu-kombi/	‘guia’	vs	vakombi	‘guias’

Fonte: Elaboração própria

Os nomes incluídos nos exemplos em (85) são da classe 1 cujo prefixo é /mu-/ com o correspondente prefixo do plural /va-/. Estes dados mostram que, na forma do singular a vogal /u/ do prefixo não se realiza foneticamente antes de uma consoante, devido à regra geral que apaga essa vogal nessa posição, tal como acontece com os nomes da classe 3 em (83). Quando a vogal do prefixo é apagada deriva-se a sequência NC que por sua vez desencadeia o processo de pré-nasalização da consoante seguinte. Convém clarificar que a primeira coluna à esquerda reflete a transcrição fonológica dos sons e não a escrita convencional da língua.

Os processos envolvidos em (85) podem ser formalizados com as derivações em (86) repetidas em (87).

(86) Pré-nasalização e assimilação de /N+C/ em Citshwa:

/NV-C/	Estrutura fonológica
N∅ - C	Apagamento de V
NC	Assimilação da nasal
[NC]	Estrutura fonética

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos fornecidos de (81)-(83) atestam que em Citshwa, as consoantes /p, b, t, d, c, f, j, k, g/ estão sujeitas a pré-nasalização. Estes dados revelam ainda que a pré-nasalização pode ser desencadeada pelo encontro do arquifonema /N/ e a consoante inicial da raiz ou pela sequência N+C resultante do apagamento da vogal /u/ do prefixo das classes nominais 1 e 3. Formalmente, a pré-nasalização pode ser representada como indicado em (87).

(87) Assimilação da nasal ao ponto de articulação da consoante:

[+nas] → [α lugar] /- [α lugar]

A regra formulada em (87) diz que a nasal na sequência NC é pronunciada no ponto de articulação da consoante seguinte contendo o traço [αlugar]. Na verdade devido à regra assimilatória de [αlugar], a realização de [N] depende do ponto de articulação da consoante seguinte como foi anteriormente ilustrado.

Neste estudo, não foram encontrados exemplos que dão conta da pré-nasalização das consoantes /v, l, x, r, s, hl/. As sequências *[Nv], *[Nl], *[Nx], *[Nr], *[Ns], *[Nhl], não são testadas, o que mostra que Citshwa impõe restrições de pré-nasalização em relação a algumas consoantes nesta língua.

6.1.3.2. Labialização

Segundo Hyman (2003) a labialização também designada de velarização é, outro mecanismo de modificação de consoantes.

A labialização consiste em dupla articulação envolvendo a articulação principal da consoante e a articulação secundária da semivogal labial /w/. Em Citshwa, as consoantes /p, b, d, c, t, k, g, l, m, n', r, x, s, z, hl, / podem ser labializadas. Em (88) apresenta-se os

exemplos que dão conta do mecanismo de modificação de consoantes em Citshwa por labialização.

(88) Labialização de consoantes do Citshwa:

		Glossário
[p ^w]	ku- pwa	‘vazar’
[th ^w]	ku- thwasa	‘passar num teste’
[sv ^w]	ku- svwiye la	‘varrer’
[k ^w]	ku- kwangula	‘falar alto’
[r ^w]	ku- rwala	‘carregar’
[z ^w]	ku- zwata	‘fazer perceber’
[x ^w]	ku- xwanya	‘espalhar’
[b ^w]	bweka	‘metade de um liquido’
[d ^w]	madwa	‘saída secreta do rato’
[gw]	gwanyi	‘capim’
[l ^w]	lwandle	‘oceano’
[m ^w]	mwani	‘genro’
[z ^w]	zwananu	‘entendimento’
[k ^w]	kwela	‘assobio’
[t ^w]	twalu	‘bagagem’
[c ^w]	mucwova	‘saco’
[s ^w]	swanyi	‘excremento de animal’
[n ^w]	n’weti	‘lua’
[hl ^w]	kuhlwanya	‘espalhar’

Fonte: Elaboração própria

Não foram encontrados exemplos de labialização envolvendo as consoantes /f, v, j, ny, y, h/ em Citshwa. A não ocorrência de *[f^w], *[v^w], *[j^w], *[ny^w] e *[y^w] pode ser explicada com base em restrições nas possibilidades combinatórias de sons que compõem o sistema fonológico da língua. Como é sabido, as línguas só selecionam sons possíveis para formar o seu sistema fonológico, entre os sons disponíveis.

6.1.3.3. Aspiração

O outro processo de modificação de consoantes, encontrado em Citshwa é, aspiração. Segundo Lodhi (2003), a aspirantização pode ser descrita como uma explosão um tanto exagerada uma vez que contrasta com a implosão. Este processo consiste na combinação de articulação de uma consoante plena acompanhada com a constrição da glote, cujo resultado é a produção de uma consoante aspirada.

Em Citshwa, apenas as consoantes /**p; b; t; d; c; k; g; r; v; m, n, w**/ estão sujeitas à aspiração, como mostram os exemplos em (89).

(89) Aspiração de consoantes em Citshwa:

				Glossário
[p ^h]	ph aphatani	‘borboleta’	map ph aphatani	‘borboletas’
[c ^h]	ch aka	‘sujidade’	machaka	‘sujidades’
[t ^h]	th ama	‘orgulho’	mathama	‘orgulhos’
[k ^h]	kh amba	‘ladrão’	mak kh amba	‘ladrões’
[r ^h]	rh ama	‘bochecha’	mar rh ama	‘bochechas’
[m ^h]	mh amba	‘missa’	tim h amba	‘missas’
[n ^h]	nh amu	‘pescoço’	tin h amu	‘pescoços’
[w ^h]	wh eti	‘mês’	ti w heti	‘meses’
[ts ^h]	mut sh evi	‘pescador’	vath sh evi	‘pescadores’
[ps ^h]	ps hani	‘praia’	map sh hani	‘praias’

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos fornecidos em (89) mostram consoantes aspiradas. Em Citshwa, a aspiração dos segmentos *[f^h, l^h, y^h, ny^h, hl^h, j^h, s^h, x^h] é proibida. Não estão claras as razões da restrição da aspiração destas consoantes. Uma possível explicação seria, para alguns casos, a incompatibilidade fisiológica dos articuladores envolvidos na produção dos sons. Por exemplo, no caso específico da consoante [l], não é possível fisiologicamente libertar o ar através da cavidade lateral da língua e simultaneamente produzir uma constrição na glote para produzir a aspiração e obter o segmento *[l^h]. Todavia, essa explicação não parece dar conta dos sons *[ny^h, y^h], cuja produção é restringida.

A restrição da aspiração de certos sons em Citshwa é melhor explicada com base no princípio fonológico geral segundo o qual, para cada língua existem sons possíveis e sons impossíveis para compor o sistema fonológico da língua.

6.1.3.4. Fricativização

De acordo com Clements (1996) a fricativização é um processo de modificação de consoantes plenas co-articulando-as em combinação com alguma consoante fricativa. Em Citshwa, apenas as consoantes oclusivas labiais e alveolares /**p, b, t, d**/ estão, sujeitas à fricativização, como ilustram os exemplos em (90).

(90) Fricativização em Citshwa:

		Glossário
[p ^s]	ku- ps onga	‘chupar’
[b ^z]	ku- bz ala	‘semear’
[b ^v]	ku- bv unwala	‘mergulhar’
[t ^s]	ku- tse ma	‘cortar’
[d ^z]	ku- dz undza	‘elogiar’
[p ^f]	ku- pf una	‘ter muita colheita’

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos em (90) mostram o processo de fricativização de consoantes em Citshwa. Estes exemplos revelam que as consoantes não vozeadas fricativizam fazendo a constrição da fricativa correspondente não vozeada [p^s, t^s, p^f], enquanto as consoantes vozeadas fazem a constrição da fricativa vozeada correspondente [b^z, b^v, d^z]. Em Citshwa, os segmentos /c, k, g, j, m, n, ny, l, r, w, y, h hl, nʔ/ não fricativizam.

6.2. Vogais

Todos os trabalhos anteriores que discutem sobre Citshwa, tais como, Ngunga (2014), Gundane (2015), Chivambo (2012), Chunguane (2003) e Persson, 1932) concordam que, esta língua apresenta um sistema vocálico composto por cinco vogais apresentadas em (1b). A presente pesquisa corrobora com o mesmo ponto de vista, segundo o qual as cinco vogais acima indicadas fazem parte do sistema fonológico do Citshwa. A exemplificação de fonemas vocálicos do Citshwa é feita em (91).

(91) Fonemas vocálicos do Citshwa:

Glossário

/p/	ku-patsa	‘juntar’
/p/	ku-potsa	‘desviar’
/f/	ku-famba	‘caminhar’
/f/	ku-femba	‘farejar’

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (91) mostram que as vogais /e; o; a/ contrastam o significado de palavras, portanto são fonemas.

Adicionalmente, os exemplos em (92) revelam que, existem pares mínimos envolvendo as palavras –pinga e -penga, facto que denuncia a presença de fonemas /i; u; e/. Os pares mínimos –bula e –bola mostram a ocorrência de formas vocálicos /u; o/ que contrastam entre si, opondo significados nas diferentes palavras.

Glossário

(92)	/p/	ku-pinga	‘carregar’
	/p/	ku-penga	‘desaparecer’
	/b/	ku-bula	‘conversar’
	/b/	ku-bola	‘apodrecer’

Fonte: Elaboração própria

Com base nos exemplos fornecidos em (91) e (92) conclui-se que as vogais /i; u; e; o; a/ são fonemas em Citshwa.

6.2.1. Alongamento vocálico

Em Citshwa, a vogal da penúltima sílaba é sempre longa, mas não existe contraste entre a vogal longa e breve na língua. O alongamento da vogal é exemplificado com os dados em (93).

(93) Alongamento da penúltima vogal em Citshwa

	Glossário
a) kuu-ga	‘comer’
ku-geela	‘comer para’
ku-ganaana	‘comer um ao outro’
ku-ganaganaana	‘comer frequentemente um ao outro’
b) ku-piima	‘medir’
ku-pimeela	‘medir para’
ku-pimaana	‘medir um ao outro’
ku-pimeleela	‘medir constantemente para’
ku-pimapimaana	‘medir um ao outro frequentemente’

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos em (93a) e (93b) ilustram o seguinte: há alongamento da vogal na penúltima sílaba. O primeiro exemplo em (93a) mostra que a raiz verbal é constituída por uma consoante -C-. Nesse caso, a vogal do prefixo ku- que, ocupa a primeira posição da palavra torna-se longa porque, ocupa ao mesmo tempo, a penúltima posição. O segundo exemplo de (93a) mostra que o mesmo prefixo apresenta-se com a vogal breve, porque não está na penúltima posição, enquanto a vogal do morfema de extensão verbal se torna longa na penúltima sílaba.

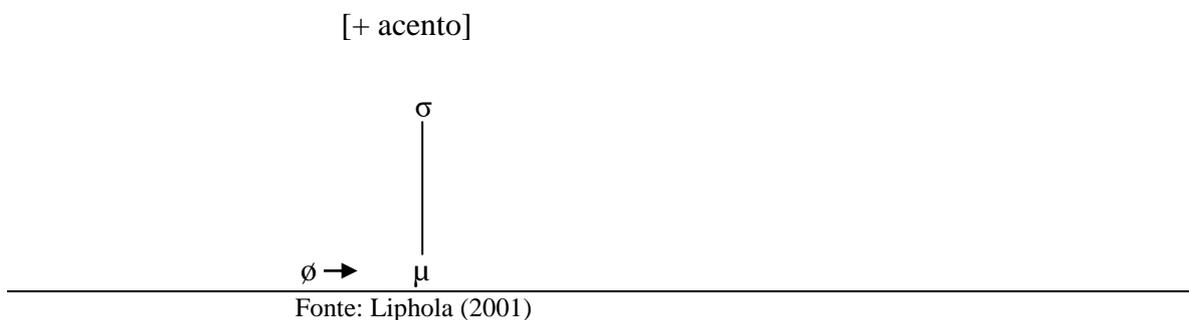
O primeiro exemplo em (93b) mostra que o radical é constituído pela estrutura – CVC-. Nesse caso, a vogal do prefixo ku- é breve, porque, não se localiza na penúltima posição, na qual o alongamento se aplica. Contudo, a primeira vogal do radical em (93b) torna-se longa, porque ocupa a penúltima posição. Todos estes exemplos mostram que quando se adiciona mais morfemas à direita da raiz verbal, o alongamento da vogal desloca-se sempre para a penúltima sílaba.

Com base nos exemplos fornecidos em (93) podemos afirmar que em Citshwa, o alongamento é condicionado pela posição que a vogal ocupa na estrutura silábica, devido ao princípio de peso pela posição (weight-by-position) proposto por Hayes (1989).

Baseando-se na teoria moráica, Hayes diz que o princípio de peso pela posição estabelece que as sílabas pesadas são acentuadas. Com base nesse princípio, o autor assume que o alongamento da vogal resulta do acréscimo de uma mora extra.

Neste trabalho vamos assumir a abordagem de Hayes (1989) para explicar o alongamento da vogal na penúltima sílaba em Citshwa. Formalmente, adoptamos a representação de alongamento vocálico feita por Liphola (2001) no estudo de Shimakonde que apresenta o alongamento vocálico na penúltima sílaba como indicado em (94).

(94) Alongamento vocálico induzido por acento:



A regra indicada em (94) diz que a vogal acentuada recebe uma mora extra devido ao princípio de peso pela posição. A regra em (94) mostra igualmente que o alongamento é, induzido pelo acento abstracto que recai sobre a penúltima sílaba.

Tendo em conta a regra formulada em (94) podemos, afirmar que em Citshwa, o alongamento da vogal na penúltima sílaba é devido ao acento abstracto que induz a inserção de uma mora a mais nesta posição. Nesse aspecto particular Citshwa assemelha-se a Shimakonde, outra língua Bantu falada em Moçambique, onde o acento abstracto recai sobre a sílaba na penúltima posição e causa o alongamento da vogal, por isso, nessa posição a sílaba torna-se automaticamente pesada por causa do acento.

6.3. Ajustamento da estrutura silábica

Toda a literatura relevante que se debruça sobre a sequência de vogais contíguas reconhece que, as línguas em geral procuram evitar a ocorrência de sequências vocálicas (V-V) recorrendo a vários processos de ajustamento da estrutura silábica. O exame dos processos envolvidos no ajustamento da estrutura silábica envolve várias regras tais como semivocalização, elisão, fusão, entre outras.

Em Bantu, Clements (1986), no seu trabalho sobre “alongamento compensatório e geminação de consoantes em Luganda” criou as bases que viriam mais tarde, dar lugar aos estudos extensivos dos processos relativos ao ajustamento da estrutura silábica. Um dos processos de ajustamento da estrutura da sílaba é a semivocalização, regra que será discutida a seguir.

Neste trabalho mostramos que Citshwa é, uma das línguas que procura evitar sequências de vogais contíguas em determinados contextos, seguindo o mesmo padrão encontrado em outras línguas Bantu. Todavia, mostramos também que diferentemente de outras línguas Bantu onde a vogal alta em posição inicial é potencialmente candidata à semivocalização, Citshwa exhibe a semivocalização da vogal alta em contextos muito restritos, confirmando que esse processo não é universal, mas uma regra paramétrica.

O facto de em Citshwa a vogal alta potencialmente candidata não estar sujeita à semivocalização em todos os contextos mostra que, existem três padrões fonológicos relativos à semivocalização, a saber, (i) línguas em que a semivocalização é obrigatória como Luganda, Clements (1986), (ii) línguas onde a semivocalização é opcional como em Kimatuumbi, Odden (1996) e Shimakonde, Liphola (2001) e (iii) línguas em que a semivocalização é, fortemente condicionada por parâmetros morfológicos como Citshwa.

6.3.1. Semivocalização

Casali (1996) diz que a semivocalização é o termo usado exclusivamente para referir o processo no qual, a primeira das duas vogais adjacentes apresenta-se como semivogal. Como vemos, a definição feita por Casali (1996) é cíclica, porque, não esclarece a natureza do processo linguístico em causa. Por isso, neste trabalho vamos examinar a semivocalização nos moldes propostos por Hyman (1975) que olha para este processo, como uma forma de ajustamento da estrutura silábica.

A semivocalização é, um processo de ajustamento da estrutura silábica, através do qual, a vogal se desassocia da âncora moráfica antes da outra vogal. Com efeito, segundo Katamba (1989) a semivocalização resulta da perda do traço silábico [+sil] por parte do segmento vocálico. Mais adiante iremos mostrar que a análise baseada na perda do traço [+sil] não capta a relação entre o traço apagado e a estrutura hierárquica da sílaba.

Hyman (1975) relaciona o processo da semivocalização com a estrutura interna da sílaba ao assumir que esta regra desliga a vogal inicial na sequência do núcleo silábico.

O trabalho piloto sobre a semivocalização em Bantu foi realizado por Clements (1986), como foi referido na secção anterior. O estudo deste autor e os trabalhos subsequentes fazem a previsão correcta de que todas as vogais altas /i, u/ passam a semivogal antes da outra vogal.

A generalização de Clements resulta do facto de o seu estudo, não incluir todas as sequências vocálicas possíveis, pois, a sua análise foi apenas motivada no contexto em que envolvia a combinação entre a vogal do prefixo da classe nominal e a vogal inicial da raiz. O estudo de Clements acima referido, não incluía os contextos em (95) através dos quais é possível motivar a semivocalização em qualquer língua, cujo levantamento foi, feito por Odden (1996) na sua pesquisa sobre Kimatuumbi.

(95) Contexto para motivar a semivocalização:

prefixo de classe nominal + raiz

prefixo de locativo + raiz

prefixo de locativo + prefixo de classe nominal

marca de sujeito + raiz

marca de sujeito + marca de tempo-aspecto

marca de sujeito + marca de objecto

marca de objecto + raiz

vogal de tema + vogal de tema

Fonte: Odden (1996)

A observação dos dados em (95) permite ver que é, possível motivar a semivocalização tendo em conta essas combinações, mas elas não incluem a combinação envolvendo a vogal do tema + locativo. O contexto envolvendo o tema seguido do locativo é onde ocorre a semivocalização obrigatória em Citshwa.

Vamos mostrar em seguida que, todos os estudos de Clements (1986), Odden (1997), Ngunga (2000), entre outros, fazem generalizações correctas ao afirmarem que as vogais

altas pré-vocálicas /i, u/ semivocalizam antes da outra vogal. Liphola (2001) mostra ainda que em Shimakonde, além das vogais altas, a semivocalização ocorre igualmente com as vogais pré-vocálicas médias /e, o/ no contexto frasal, uma vez que raramente ocorrem prefixos com vogais /e, o/.

A generalização sobre a semivocalização em Citshwa é formulada nos seguintes termos: nesta língua apenas as vogais pré-vocálicas arredondadas /u, o/ semivocalizam antes das vogais do sufixo /i, a/. A semivocalização não ocorre antes de /u, e, o/, porque não existem na língua sufixos com estas vogais. Os exemplos demonstrativos são fornecidos em (96).

(96) Semivocalização de /u+a/ em Citshwa:

		Glossário	
a.	cibuku		‘espelho’
	citulu		‘cadeira
	cilatu		‘sapato’
	cifulu		‘caroço de coco’
	cibamu		‘arma’
b.	cibukwana	/ci-buku-ana/	‘espelho pequenos’
	citulwana	/ci-tulu-ana/	‘cadeira pequena’
	cilatwana	/ci-latu-ana/	‘sapato pequeno’
	cifulwana	/ci-fulu-ana/	‘pequeno cafulo’
	cibamwana	/ci-bamu-ana/	‘arma pequena’

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (96b) mostram que a vogal /u/ passa a [w] antes da vogal baixa. Este é o contexto em que todos os estudos, incluindo Katamba (1989), Hyman (1975), Odden (1996), Ngunga (2000), Liphola (2001), entre outros, preveem, correctamente, que a vogal alta /u/ semivocaliza antes da outra vogal.

Os dados adicionais fornecidos em (97) demonstram que a vogal /u/ também semivocaliza-se antes da vogal /i/ do sufixo locativo.

(97) Semivocalização da vogal /u+i/ em Citshwa:

		Glossário	
a.	cibuku	‘espelho’	
	citulu	‘cadeira	
	cilatu	‘sapato’	
	cifulu	‘caroço de coco’	
	cibamu	‘arma’	
b.	cibukwini	/ci-buku- u -ini/	‘no espelho’
	citulwini	/ci-tulu- u -ini/	‘na cadeira’
	cilatwini	/ci-latu- u -ini/	‘no sapato’
	cifulwini	/ci-fulu- u -ini/	‘no cafulo’
	cibamwini	/ci-bamu- u -ini/	‘na arma’

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos indicados em (97a) e (97b) estabelecem que a vogal /u/ está sujeita a semivocalização antes das vogais /a/ e /i/. Por enquanto e, tendo em conta os dados acima fornecidos, ainda não é possível concluir se a vogal /u/ semivocaliza antes de /e, o, u/, porque sequências envolvendo estas vogais não são testadas ao nível frasal.

Em Bantu, raramente as vogais médias ocorrem nos prefixos de classes nominais, daí a dificuldade de testar a semivocalização envolvendo vogais médias no interior da palavra em posição pré-vocálica.

Os exemplos dados em (98) ilustram a semivocalização de /o/ seguida da vogal /a/. Estes dados revelam que tal como a vogal alta que semivocaliza antes de /a/, a vogal média está sujeita ao mesmo processo.

(98) Semivocalização de /o+a/ em Citshwa:

	Glossário	
nkolo		‘garganta’
woko		‘braço’
khombo		‘maldição’
mombo		‘testa’
dzolo		‘joelho’
nkondzo		‘pé’
nkolwana	/nkolo-ana/	‘garganta pequena’
wokwana	/woko-ana/	‘braço pequeno’
khombwana	/khombo-ana/	‘maldição pequena’
mombwana	/mombo-ana/	‘testa pequena’
dzolwana	/dzolo-ana/	‘joelho pequeno’
nkondzwana	/nkondzo-ana/	‘pé pequeno’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Em seguida, mostramos que a vogal média arredondada /o/ também passa a [w] antes de /i/, como atestam os exemplos fornecidos em (99).

(99) Semivocalização de /o+i/ em Citshwa:

	Glossário
nkolo	‘garganta’
woko	‘braço’
khombo	‘maldição’
mombo	‘testa’
dzolo	‘joelho’

nkondzo	‘pé’	
nkolweni	/nkolo- ini /	‘na garganta’
wokweni	/woko- ini /	‘no braço’
khombweni	/khombo- ini /	‘na maldição’
mombweni	/mombo- ini /	‘na testa’
dzolweni	/dzolo- ini /	‘no joelho’
nkondzweni	/nkondzo- ini /	‘no pé’

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos em (99) apresentam uma complicação. Era de esperar que a forma de superfície de /nkolo-**ini**/ fosse *[nkolw-**ini**] e não [nkolw-**eni**]. A pergunta que deve ser respondida é, de onde vem a vogal [e] na estrutura de superfície nos exemplos fornecidos em (99). Convém notar que em (97), /u+i/ resulta em [wi] na superfície como em cibukwini proveniente da estrutura fonológica /ci-buku-**ini**/. É preciso notar ainda que a forma *[cibukini] não ocorre, porque a vogal alta não é apagada. Todavia, a sequência /o+i/ em (99) dá origem a [we] como em [wokweni] de /woko-**ini**/ e não *[wokw-**ini**] na estrutura fonética.

Para explicar a ocorrência de [e] na estrutura fonética nos dados em (99) vamos assumir duas análises competitivas. A primeira análise é assumir que a vogal alta do sufixo harmoniza a sua altura com a vogal final da palavra. Mais tarde, ocorre a semivocalização da vogal média arredondada em posição final da palavra como ilustram as derivações em (100).

(100) Regras derivacionais entre harmonia e semivocalização em Citshwa:

/woko- ini /	Estrutura Fonológica
woko- eni	Harmonia da altura vocálica
wokw- eni	Semivocalização
[wokweni]	Estrutura Fonética

Fonte: Elaboração própria

As derivações em (100) sugerem que a regra de harmonia vocálica deve ser aplicada antes da semivocalização para derivar a estrutura fonética mais correcta. A análise assumida nas derivações em (100) teria de defender a harmonia vocálica de curta distância impedindo que, ela atinja vogais mais distantes. Todavia os exemplos acima considerados, não apresentam evidência linguística para defender a ordenação de regras fonológicas em (100), por isso, vamos considerar a segunda análise desses dados.

A segunda análise, como dissemos, alternativa à primeira seria assumir que, a harmonia vocálica do sufixo pode ser causada por vogais mais à esquerda da palavra fazendo com que as consoantes sejam totalmente transparentes à regra da harmonia vocálica, como ilustram as derivações em (101).

(101) Harmonia vocálica antes de semivocalização:

/woko-ini/	Estrutura Fonológica
wokw-ini	Semivocalização
wokw-eni	Harmonia de altura vocálica
[wokweni]	Estrutura Fonética

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos em (101) mostram que a harmonia ocorre entre a vogal do sufixo e a primeira vogal da palavra. Nesse caso, a consoante que fica entre as duas vogais é, transparente para efeitos da harmonia vocálica. Não temos evidência para defender apenas uma determinada análise, por isso, vamos considerar as duas abordagens como sendo correctas. O ponto principal que pretendemos mostrar é o facto de em Citshwa as vogais arredondadas /u, o/ estarem sujeitas à semivocalização antes de /a/ e /i/.

Em Citshwa, a semivocalização de /u, o/ antes da vogal sufixal é obrigatória. Este é o único contexto em que ocorre a semivocalização em Citshwa. Veremos mais adiante que nesta língua, as vogais altas de prefixos nominais potencialmente sujeitas à semivocalização em outras línguas Bantu, não semivocalizam em Citshwa.

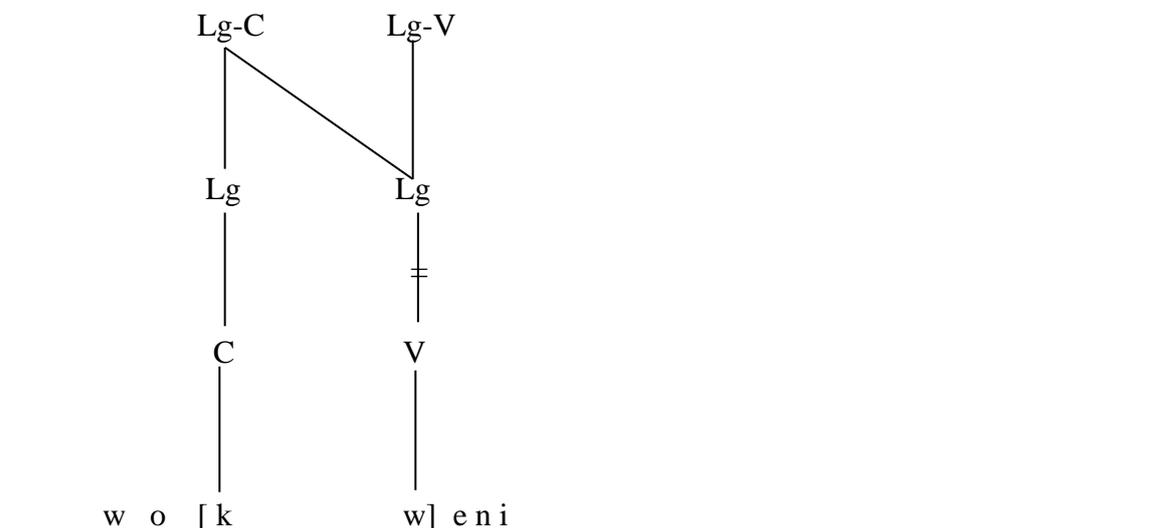
Estudos anteriores incluindo Clements (1986), defendem a obrigatoriedade da semivocalização em algumas línguas, mas Odden (1996) mostra que essa regra é, opcional em Kimatuumbi. As bases sobre as quais tornam a semivocalização obrigatória em

algumas línguas e opcional em outras podem, ser explicadas assumindo o carácter paramétrico desta regra.

Segundo Katamba (1989) a semivocalização ocorre quando um segmento vocálico perde o traço silábico [+sil]. Na mesma óptica, Clements & Hume (1995), com base no modelo de geometria de traços -feature geometry-, analisam a semivocalização como a desvinculação (apagamento) do traço do lugar de articulação do nóculo vocálico (V-pl), ou simplesmente lugar vocálico (Lg-V) e a sua associação ao lugar de articulação da consoante (C-pl) ou Lg-C.

Vemos que as duas abordagens são similares, diferindo no tipo de modelos teóricos. No modelo de traços adotado por Katamba (1989), a semivocalização é o apagamento do traço [+sil], enquanto na teoria da geometria de, traços a semivocalização envolve a desvinculação do lugar de articulação. A principal diferença entre essas duas abordagens é que a teoria de traços é incapaz de explicar as razões da retenção das propriedades vocálicas na semivogal, uma vez que assume o apagamento do traço [+sil]. O modelo teórico de geometria de traços permite, reter os traços da vogal associando-os aos nósulos de consoante como ilustra a estrutura em (102).

(102) Semivocalização na teoria de geometria de traços:



Fonte: Clements and Hume (1995)

A representação em (102) mostra que a vogal /o/ na posição final da palavra deixa, de ficar associada ao nóculo do lugar de articulação da vogal (Lg-V) passando a ser, vinculada ao nóculo do lugar da articulação da consoante seguinte (Lg-C). Deste modo, a

semivogal não perde as propriedades vocálicas, mas passa, ao mesmo tempo a ter algumas propriedades da consoante em termos do lugar da articulação.

6.3.2. Elisão

Segundo Trask (1996) citado por Mangoya (2013:82) a elisão ou apagamento é, “a perda de um segmento de uma palavra ou outra forma fonológica”. A elisão pode ser condicionada por vários factores dependendo das restrições impostas pela gramática de uma língua particular. Ngunga (2000) afirma que o apagamento é um processo através do qual uma das vogais na sequência V-V é elidida.

A generalização sobre a elisão em Citshwa é a seguinte: nesta língua, a vogal anterior é apagada antes da outra vogal. Observemos que, os exemplos indicados em (103) envolvendo a vogal anterior na posição pré-vocálica.

(103) Elisão envolvendo /i+a/ em Citshwa:

		Glossário	
a.	lidavi		‘ramo’
	muti		‘casa’
	nthwasi		‘estagiário/a’
	khwati		‘mato’
	gwanyi		‘capim’
	lirimi		‘língua’
	lingoti		‘corda’
b.	lidavana	/lidavi-ana/	‘ramo pequeno’
	mutana	/muti-ana/	‘casa pequena’
	nthwasana	/nthwasi-ana/	‘estagiário pequeno’
	khwatana	/khwati-ana/	‘mato pequeno’

bzanyana	/bzanyi-ana/	‘capim pequeno’
lirimana	/lirimi-ana/	‘língua pequena’
lingotana	/lingoti-ana/	‘corda pequena’

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos em (103a) mostram que a vogal em posição final da palavra realiza-se como tal, quando não é seguida pela vogal baixa do sufixo. Em (103b) vemos que a vogal /i/ na posição pré-vocálica, não semivocaliza, mas é apagada antes da vogal baixa do sufixo. Este é o contexto em que muitos autores incluindo Clements (1986), Hyman (1985), Ngunga (2000), Liphola (2001), entre outros, predizem que a vogal alta semivocaliza antes da outra vogal. Os dados acima revelam que em Citshwa, a vogal alta não semivocaliza antes de /a/, mas é apagada.

Consideremos em seguida os exemplos em (104) que seguem o mesmo padrão encontrado nos dados em (103).

(104) Elisão envolvendo /e+a/ em Citshwa:

	Glossário	
vele		‘seio’
ndleve		‘orelha’
nenge		‘perna’
mpele		‘fralda
njele		‘chocalho’
khele		‘cova’
velana	/vele-ana/	‘seio pequeno’
ndlevana	/ndleve-ana/	‘orelha pequena’
nengana	/nenge-ana/	‘perna pequena’
mpelana	/mpele-ana/	‘fralda pequena’
njelana	/njele-ana/	‘chocalho pequeno’

Os dados em (104) revelam que a vogal média anterior na posição pré-vocálica é apagada antes da vogal /a/. Os dados em (103) e (104) permitem formalizar a regra que apaga a vogal como indicado em (105).

(105) Regra de apagamento de /i/ e /e/ em Citshwa:

[+sil; +ant] → ∅ / — [+sil; +bx] Apagamento de V

A regra formulada em (105) diz que as vogais anteriores são apagadas antes da vogal /a/. Os exemplos em (106) envolvem a sequência /e-i/ e mostram que a segunda vogal na sequência é apagada.

(106) Elisão envolvendo /e+i/ em Citshwa:

Glossário

vele	‘seio’	
ndleve	‘orelha’	
nenge	‘perna’	
mpele	‘fralda	
njele	‘chocalho’	
khele	‘cova’	
veleni	/vele- ini /	‘no seio’
ndleveni	/ndleve- ini /	‘na orelha’
nengeni	/nenge- ini /	‘na perna’
mpeleni	/mpele- ini /	‘na fralda’
njeleni	/njele- ini /	‘no chocalho’
khleni	/khele- ini /	‘na cova’

Os dados em (106) mostram o apagamento de uma das vogais da sequência quando é precedida por outra vogal. Vemos que existe diferença na vogal sujeita ao apagamento entre os dados em (103) e (104) e os exemplos em (106). Em (103) e (104) a primeira vogal na sequência é apagada, resultando na estrutura [velana] correspondente a /vele-ana/ “seio pequeno”, enquanto em (106) a segunda vogal na sequência apaga-se, dando origem a [veleni] cuja estrutura profunda é /vele-ini/ “no seio”. A regra que apaga a vogal em (106) é formalizada em (107).

(107) Regra de apagamento de /i/ em Citshwa:

$$[+sil; +alt; +ant] \rightarrow \emptyset /[-alt; -bx, +ant]—$$

A regra formulada em (107) diz que a vogal alta anterior apaga-se depois da vogal média. O exame das regras em (105) e (107) revela que a vogal alta anterior está sujeita a duas regras distintas de apagamento. A primeira regra impõe que a vogal /i/ deve apagar-se antes de /a/ e a mesma vogal deve ser apagada depois de /e/.

Os dados fornecidos em (108) envolvem a sequência de duas vogais idênticas /i+i/.

(108) Elisão envolvendo as sequências /i+i/ em Citshwa:

	Glossário	
muti		‘casa’
nthwasi		‘estagiário’
khwati		‘mato’
rumbi		‘ruína’
bhimbi		‘oceano’
khumbi		‘parede’
vimbi		‘onda’
mutini	/muti+i-/	‘na casa’
nthwasini	/nthwasi-i-/	‘no estagiário’
khwatini	/khwati-i-/	‘no mato’

rumbini	/rumbi-ini/	‘na ruina’
bhimbini	/bhimbi-ini/	‘no oceano’
khumbini	/khumbi-ini/	‘na parede’
vimbini	/vimbi-ini/	‘na onda’

Fonte: Elaboração própria

Os exemplos em (108) envolvendo a sequência de /i+i/ mostram que existem duas possibilidades de análise. A primeira possibilidade consiste em assumir que as duas vogais na sequência fundem-se resultando em uma vogal na superfície. A segunda possibilidade seria assumir que, à semelhança da regra em (107) que elimina uma das vogais na sequência, também em (108) uma das vogais é apagada. Não temos evidência linguística para defender qual das duas vogais é apagada, porque foneticamente não teríamos como provar esse facto. Também não temos evidência linguística para defender qual das duas análises é a mais correcta, por isso, vamos assumir que as duas abordagens são possíveis. A regra de fusão das vogais altas idênticas é representada em (109).

(109) Fusão de vogais altas idênticas /i+i/:

$$/i+i/ \rightarrow [i]$$

A regra em (109) diz que a sequência de duas vogais altas idênticas resulta em uma vogal longa na superfície. Entretanto, como a vogal da penúltima sílaba é sempre longa devido a uma regra independente que alonga vogais nesta posição, a vogal derivada pela regra de fusão em (109) daria sempre origem a uma vogal longa na superfície.

6.3.3. Fusão ou Coalescência de vogais

De acordo com Mutaka e Tamanja (2000) a coalescência de vogais refere-se ao processo onde duas vogais de qualidades diferentes fundem-se e resultam numa única vogal. Ngunga e Simbine (2012) referem que, a fusão de duas vogais diferentes resulta numa vogal com características das duas que lhe deram origem. Por sua vez, Bergman (1968) define a coalescência como a sequência de duas vogais, não idênticas que, se realizam numa terceira vogal com traços fonológicos das duas vogais que lhe deram origem.

Como se pode constatar, todos os autores acima citados concordam que a fusão é o processo cujo resultado é, a produção de uma terceira vogal com características que refletem os traços das duas vogais que lhe deram origem. Em (110) apresentam-se os exemplos elucidativos da fusão vocálica em Citshwa.

(110) Fusão envolvendo /a+i/ em Citshwa:

		Glossário	
a.	ndlela		‘caminho’
	tshala		‘celeiro’
	ndlala		‘fome’
	tshomba		‘riqueza’
	ntsunga		‘montanha’
	nonga		‘corrente de água’
	nhonga		‘pau’
b.	ndleleni	/ndlela+i/	‘no caminho’
	tsaleni	/tsala+i/	‘no celeiro’
	ndlaleni	/ndlala+i/	‘na fome’
	tshombeni	/tshomba+i/	‘na riqueza’
	ntsungeni	/tsunga+i/	‘na montanha’
	nongeni	/nonga-i/	‘na corrente’
	nhongeni	/nhonga-i/	‘no pau’

Fonte: Elaboração própria

Os dados em (110) mostram que as formas *[nongaini] e *[nhongaini] ou [ndlalaini] e [ndlelaini] não são testáveis, porque preservam as duas vogais na sequência /a+i/. Estes dados também mostram que as formas *[nongini] e *[nhongini] ou *[ndlalini], não são permitidas porque essas formas dão erradamente a entender que a primeira vogal na sequência é apagada.

Para explicar as formas linguísticas em (110) vamos assumir que a sequência vocálica /a+i/ é sujeita ao processo de fusão, resultando na vogal média [e]. De acordo com Bergman (1968) a fusão ou a coalescência é, a sequência de duas vogais, não idênticas que se realizam numa terceira vogal com traços fonológicos das duas vogais que lhe deram origem.

Este é o contexto em que o Citshwa se assemelha às outras línguas Bantu, nas quais o encontro da vogal /i/ com a vogal baixa /a/ dá origem a uma terceira vogal contendo as características das primeiras duas vogais. A regra que formaliza a fusão de /a+i/ é apresentada em (111).

(111) Regra de fusão de /a+i/ em Citshwa:

$$[+sil; +bx] + [+sil; +alt; +ant] \rightarrow [-alt; -bx; +ant]$$

A regra formulada em (111) diz simplesmente que em Citshwa, a sequência /a+i/ dá origem à vogal [e] na superfície.

Até aqui consideramos sequências vocálicas envolvendo a vogal final da palavra antes da outra vogal em posição inicial do sufixo. Motivamos três processos que afectam a sequência V-V neste contexto, a saber, semivocalização, elisão e fusão. Mostramos que em Citshwa, as vogais arredondadas /u, o/ em posição final da palavra semivocalizam antes da outra vogal, mas as restantes vogais na mesma posição são sujeitas a outros processos fonológicos, nomeadamente, elisão e fusão. Na secção que se segue vamos examinar a sequência de vogais envolvendo os prefixos de classes nominais em Citshwa.

6.4. Bloqueio da semivocalização em Citshwa

Todos os trabalhos que examinam a sequência de vogais envolvendo prefixos de classes nominais e a vogal em posição inicial da raiz, incluindo autores tais como Clements (1986) e Odden (1996), Ngunga (2000), só para citar alguns exemplos afirmam que em Bantu, as vogais altas /i, u/ de prefixos semivocalizam antes da outra vogal. Citshwa apresenta contra-exemplos que, mostram que esta língua comporta-se diferentemente das restantes línguas Bantu. Em Citshwa, as vogais altas do prefixo não semivocalizam antes da outra vogal.

A generalização sobre o bloqueio da semivocalização de vogais altas dos prefixos em Citshwa é formulada nos seguintes termos: em Citshwa, as vogais altas dos prefixos não semivocalizam dentro da palavra, devido ao princípio de inalterabilidade da estrutura silábica proposto por Hayes (1986). O princípio de inalterabilidade da estrutura silábica obriga que, vogais da estrutura fonológica sejam mantidas na estrutura de superfície.

Diferentemente de outras línguas Bantu, Citshwa apresenta o padrão mais comum que bloqueia a semivocalização de vogais altas prefixais. O padrão mais comum mostra que as vogais altas dos prefixos são mantidas na sequência V+V. Adicionalmente, a língua mostra que existe a semi-vogal /y/ na estrutura subjacente que interfere entre a vogal alta /i/ do prefixo e a primeira vogal da raiz verbal.

Os exemplos em (112) incluem nomes da classe nominal 1 cujo prefixo é /mu-/. Estes dados revelam que, contrariamente ao padrão geral encontrado em Bantu onde a vogal alta do prefixo semivocaliza, em Citshwa o processo é totalmente bloqueado, mantendo a sequência de vogais da estrutura fonológica.

(112) Não semivocalização de /u+V/ prefixal em Citshwa:

			Glossário	
/u+a/:	mu aki	*mwaki	/mu-aki/	‘construtor’
	mu amukeli	*mwamukeli	/mu-amukeli/	‘recebedor’
	mu angameli	*mwangameli	/mu-angameli/	‘pastor’
/u+e/:	mu engiseti	*mwengiseti	/mu-engiseti/	‘ouvinte’
	mu endzi	*mwendzi	/mu-endzi/	‘viajante’
	mu ehleketi	*mwehleketi	/mu-ehleketi/	‘pensador’
/u+i/:	mu ilisi	*mwyilisi	/mu-ilisi/	‘pregador de mau presságio’
	mu isi	*mwisi	/mu-isi/	‘acompanhante’
	mu imbi	*mwimbi	/mu-imbi/	‘cantor’
/u+o/:	mu ololi	*mwololi	/mu-ololi/	‘endireitador’
	mu olovisi	*mwolovisi	/mu-olovisi/	‘amolecedor’

muoki	*mwoki	/mu-oki/	‘tirador de brasa’
muongoli	*mwongoli	/mu-ongoli/	‘salvador’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os exemplos fornecidos em (112) mostram que a vogal alta /u/ do prefixo da classe nominal 1 não é sujeita a semivocalização. Não foram testados dados envolvendo a sequência /u+u/. Contudo, tendo em conta o padrão de bloqueio de semivocalização, a nossa análise faz igual previsibilidade de que a sequência envolvendo vogais altas idênticas /u+u/ daria origem a [u+u].

A estratégia do bloqueio da semivocalização é encontrada também com a vogal do prefixo da classe 15, cujos exemplos são fornecidos em (113).

(113) Bloqueio de semivocalização em Citshwa:

a. /u+a/:

			Glossário
kuala	*kwala	/ku-ala/	‘negar’
kuava	*kwava	/ku-ava/	‘separar’
kuanama	*kwanama	/ku-anama/	‘ser largo’
kuaneka	*kwaneka	/ku-aneka/	‘estender’
kualakanya	*kwalakanya	/ku-alakanya/	‘lembrar’
kuangula	*kwangula	/ku-angula	‘intervir com a palavra’

b. /u+e/:

kueta	*kweta	/ku-eta/	‘ser profundo’
kuetlela	*kwetlela	/ku-etlela/	‘dormir’
kuehleketeta	*kwehleketeta	/ku-ehleketa/	‘pensar’
kuengeta	*kwengeta	/ku-engeta/	‘repetir’
kuendza	*kwendza	/ku-endza/	‘viajar’

c. /u+o/:

kuoka	*kwoka	/ku-oka/	‘tirar a brasa’
kuokola	*kwokola	/ku-okola/	‘tirar algo da brasa’
kuololoxa	*kwololoxa	/ku-ololoxa/	‘endireitar’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os dados em (112) e (113) envolvem a vogal prefixal alta. Os exemplos fornecidos em (112a) - (113c) revelam que a vogal /u/ da classe 15 não semivocaliza antes da outra vogal. Este é o contexto em que todos os trabalhos anteriores sobre a interação vocálica em Bantu predizem que a vogal alta do prefixo semivocaliza antes da outra vogal. Estes dados mostram que em Citshwa não ocorre a semivocalização obrigatória como em Luganda, segundo Clements (1986), nem ocorre a semivocalização opcional como em Kimatuumbi e em Shimakonde, segundo Odden (1996) e Liphola (2001), respectivamente.

Os exemplos do Citshwa acima considerados estabelecem que a semivocalização das vogais altas dos prefixos nominais não é um processo obrigatório em todas as línguas Bantu. O facto de ter sido constatado em estudos anteriores que a semivocalização das vogais altas prefixais tinha o carácter opcional em outras línguas Bantu tais como em Kimatuumbi e Shimakonde retirava o argumento tradicional segundo o qual as vogais altas prefixais são sujeitas à semivocalização obrigatória em Bantu.

Para explicar o bloqueio da semivocalização da vogal alta do prefixo em Citshwa nos exemplos (112) e (113) assumimos o princípio da ‘inalterabilidade da estrutura silábica’ dentro da palavra, nos termos em que esse conceito foi discutido por Hayes (1986). Segundo este autor, a inalterabilidade da estrutura silábica diz que, a estrutura silábica subjacente não pode ser alterada, quando a gramática da língua imponha a sua preservação.

Os exemplos adicionais fornecidos em (114) envolvem a vogal alta /i/ do prefixo da classe nominal 7, que também não é sujeita à semivocalização devido ao princípio da inalterabilidade.

(114) Bloqueio de semivocalização da vogal /i/ da classe nominal 7:

a. /i+a/:

			Glossário
cialakanyisu	* cyalakanyisu	/ci-alakanyisu/	‘lembrança’
ciavelo	* cyavelo	/ci-avelo/	‘prémio’

b. /i+e/:

ciengeto	* cyengeto	/ci-engeto/	‘aumento’
cienge	* cyenge	/ci-enge/	‘fase’
ciengetelo	* cyengetelo	/ci-engetelo/	‘augmentativo’

c. /i+o/:

ciove	* cyove	/ci-ove/	‘gancho’
ciololi	* cyololi	/ci-ololi/	‘nome de instrumento’
ciolovisu	* cyolovisu	/ci-olovisu/	‘amolecedor’

Fonte: Elaboração própria

Em Citshwa, não foram testados exemplos envolvendo a sequência /i+u/ na classe nominal 7. Vemos em (114) que a vogal alta /i/ da estrutura fonológica é mantida na estrutura fonética sem estar sujeita à reajuste através da semivocalização, devido ao princípio da inalterabilidade da estrutura silábica.

Os dados indicados em (114a-114c) mostram que a vogal /i/ não semivocaliza antes de /a, e, o/. Como afirmamos anteriormente, estes exemplos revelam a existência em Citshwa, de um padrão diferente da interação de sequências vocálicas nesta língua, relativamente ao padrão encontrado em estudos anteriores em Bantu, alguns dos quais fizemos referência acima.

Adicionalmente, os dados em (115) incluem o prefixo da marca de sujeito (MS) (1ª pessoa de singular) seguido da vogal na posição inicial da raiz verbal. Estes exemplos mostram, também, que a vogal alta da MS não semivocaliza antes da outra vogal devido à aplicação do princípio da inalterabilidade da estrutura silábica.

(115) Bloqueio de semivocalização da vogal alta de MS:

a. /i+a/: Glossário

ndziakile	*ndzyakile	/ndzi-akile/	‘construi’
ndziavile	*ndzyavile	/ndzi-avile/	‘dividi’
ndzialile	*ndzyalile	/ndzi-alile/	‘neguei’
ndzianekile	*ndzyanekile	/ndzi-anebile/	‘estendi’

b. /i+e/:

ndziendzile	*ndzyendzile	/ndzi-endzile/	‘viajei’
ndziengetelile	*ndzyengetelile	/ndzi-engetelile/	‘aumentei’

c. /i+o/:

ndziokile	*ndzyokile	/ndzi-okile/	‘tirei a brasa’
ndziokolile	*ndzyokolile	/ndzi-kolile/	‘tirei da brasa’
ndziololoxile	*ndzyololoxile	/dzi-ololoxile/	‘endireitei’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

À semelhança do que acontece com os dados anteriores, a vogal alta dos exemplos fornecidos em (115) não semivocaliza. A sequência V+V permite que cada vogal mantenha o seu estatuto do núcleo da sílaba independente na superfície.

Tendo em conta os exemplos fornecidos de (112) a (115) conclui-se que em Citshwa, a vogal alta prefixal é bloqueada totalmente na semivocalização. A generalização sobre a semivocalização pode ser, agora, reformulada nos seguintes termos: em Citshwa a semivocalização ocorre apenas com as vogais arredondadas /u,o/ quando estão na posição final da palavra e seguidas por outra vogal, na posição inicial do sufixo. Por isso, a semivocalização é favorável no contexto da interação entre a fonologia e a sintaxe, mas o processo é totalmente bloqueado dentro da palavra.

6.5. Presença de /y/ e /w/ na representação fonológica do Citshwa

Nos exemplos em (77) e (78) afirmamos que /y/ e /w/ são fonemas. As palavras /-yiva/ e /-wongo/ “roubar” e “cérebro”, respectivamente, constituem evidência linguística.

Um aspecto de particular atenção é o facto de em algumas palavras, uma observação menos atenta parecer sugerir que além de /y/ presente na estrutura fonológica, este som é também inserido entre a vogal do prefixo e a vogal inicial da raiz, como sugerem os exemplos em (116).

			Glossário	
(116)	kuyila	*kuila ~ *kwila	/ku-ila/	‘mão presságio’
	kuyisa	*kuisa ~ *kwisa	/ku-isa/	‘acompanhar’
	kuyimba	*kuimba ~ *kwimba	/ku-imba/	‘cantar’
	kuyeyisa	*kueyisa ~ *kweyisa	/ku-ieyisa/	‘desrespeitar’
	kuya	*kuia ~ *kwia	/ku-ia/	‘ir/jogar’
	kuyaya	*kuiaya ~ *kwiaya	/ku-yaya	‘ser babá’
	kuyuyutela	*kuiuyutela ~ *kwiuyutela	/ku-yuyutela/	‘rezar pragas’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os dados em (116) pode erradamente sugerir que ocorre inserção de /y/ entre a vogal alta do prefixo e a vogal inicial da raiz em Citshwa para explicar o bloqueio da semivocalização da vogal alta do prefixo. Mostramos que essa análise é incorreta, porque ela assume erradamente representações fonológicas erradas em (116). Vamos considerar, em primeiro, lugar a análise que assume a inserção de /y/ nos exemplos em (116) para mostrar que a mesma não dá conta dos exemplos acima considerados.

Como vemos, os exemplos em (116) mostram aparentemente uma estratégia diferente adoptada pela língua para evitar a sequência de vogais. As formas asteriscadas não ocorrem na língua. Estes exemplos mostram ainda que, é proibido ter vogais seguidas em sílabas independentes e, não é permitida a transformação da vogal alta do prefixo /u/ em semivogal [w].

Para explicar a ocorrência da semivogal [y] na estrutura de superfície a análise teria de, assumir a existência de uma regra independente que insere a consoante [y] entre a

vogal alta do prefixo e a vogal inicial da raiz. Como foi dito anteriormente, essa análise é incorreta porque parte de uma suposição errada sobre a estrutura fonológica dos verbos fornecidos em (116).

Mudando a suposição sobre a estrutura fonológica em (116), a análise em (117) fornece uma solução simples para explicar a ocorrência da semivogal nestes verbos. Na verdade, a análise correcta é, assumir a presença de /y/ na estrutura fonológica dos verbos em (116), como ilustram os dados repetidos em (117).

			Glossário	
(117)	kuyila	*kuila ~ *kwila	/ku-yila/	‘mão presságio’
	kuyisa	*kuisa ~ *kwisa	/ku-yisa/	‘acompanhar’
	kuyiva	*kuiva ~ *kwiva	/ku-yiva	‘roubar’
	kuyimba	*kuimba ~ *kwimba	/ku-yimba/	‘cantar’
	kuyeyisa	*kueyisa ~ *kweyisa	/ku-yeyisa/	‘desrespeitar’
	kuya	*kuia ~ *kwia	/ku-ya]/	‘ir/jogar’
	kuyaya	*kuiaya ~ *kwiaya	/ku-yaya/	‘ser babá’
	kuyuyutela	*kuiuyutela ~ *kwiuyutela	/ku-yuyutela/	‘insultar’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os exemplos em (117) mostram que na segunda e terceira colunas é proibida a sequência VV na superfície. Estes exemplos mostram ainda que a vogal alta do prefixo da classe 15 não semivocaliza, porque este processo é bloqueado no interior da palavra. Além disso a vogal alta do prefixo não pode semivocalizar em (117) porque ela é imediatamente seguida de consoante. Exemplos adicionais que mostram a ocorrência de /y/ na estrutura fonológica são indicados em (118).

(118) Exemplos com /y/ na estrutura fonológica:

			Glossário
ciyambalu	/ci-yambalu/		‘vestimenta’.
ciyangulu	/ci-yangulu/		‘pergunta’
ciyeyisu	/ci-yeyisu/		‘desrespeito’
ciyoyo	/ci-yoyo/		‘desgraçado’
ciyuyutelo	/ci-yuyutelo/		‘insulto’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Para explicar a diferença entre os dados em (116), (117) e (118) vamos assumir que em (116), a sequência /V+V/ ocorre na estrutura fonológica e é, mantida na estrutura de superfície devido ao bloqueio da semivocalização dentro da palavra. Em (117) e (118), existe a sequência /V+y/ na estrutura fonológica e ela é, igualmente mantida na estrutura fonética. Concluimos que existem similaridades e diferenças entre os dados em (116), (117) e (118): as similaridades consistem no facto de em todos os casos a estrutura fonológica ser mantida na representação fonética. Quer em (116) quer (117) e (118) há bloqueio da semivocalização da vogal alta do prefixo dentro da palavra. O que difere os dados em (116) e (117) e (118) é o facto de eles apresentarem diferentes estruturas fonológicas. Os exemplos adicionais mostram que em Citswá, à semelhança da consoante /y/ que ocorre na estrutura fonológica, /w/ também ocorre na estrutura subjacente da língua como ilustram os exemplos em (119).

(119) Consoante /w/ na estrutura fonológica:

					Glossário
wongo	/ø-wongo/	‘cérebro’	vs	ma-wongo	‘cérebros’
woko	/ø-woko/	‘braço’	vs	ma-woko	‘braços’
wasi	/ø-wasi/	‘ácido’	vs	ma-wasi	‘ácidos’
wetela	/ø-wetela/	‘hotel’	vs	ma-wetela	‘hotéis’
wisa	/ø-wisa/	‘caída’	vs	ma-wisa	‘caídas’
bweka	/ø-bweka/	‘metade’	vs	ma-bweka	‘metades’

lwandle	/ø-lwandle/	‘mar’	vs	ma-lwandle	‘mares’
khwati	/ø-khwati/	‘mato’	vs	ma-khwati	‘matos’
kwembe	/ø-kwembe/	‘abóbora’	vs	ma-kwembe	‘abóboras’
a. kuwa	/ku-wa/	‘cair’			
kuwoca	/ku-woca/	‘assar’			
kuwela	/ku-wela/	‘cair sobre’			
kugwandza	/ku-gwandza/	‘arrombar’			
kuphukwa	/ku-phukwa/	‘falhar’			
kurwala	/ku-rwala/	‘carregar’			
kucwongola	/ku-cwongola/	‘marchar’			
kucwanyela	/ku-cwanyela/	‘varrer’			
kucwokola	/ku-cwokola/	‘desistir’			

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os exemplos em (119) envolvem nomes cujo prefixo de singular é zero (ø). O primeiro exemplo em (119a) mostra a ocorrência de /w/. Os restantes exemplos em (119a) envolvem nomes cujo prefixo do singular é zero seguido de uma consoante labializada na posição inicial da raiz.

Os dados em (119b) incluem o prefixo da classe 15. Os primeiros três exemplos em (119b) exibem a vogal alta do prefixo da classe 15, seguida da aproximante labial /w/, por isso, a vogal alta do prefixo não semivocaliza. Os restantes exemplos em (119b) mostram que a vogal alta do prefixo é seguida de uma consoante labializada na posição inicial da raiz. Alguns exemplos deste grupo mostram que a consoante labializada pode ocorrer na posição final da palavra como em [-phukwa]. Em todos estes exemplos, não existe evidência linguística que mostre que a consoante [w] tenha sido derivada através de uma regra fonológica a partir da vogal /u/ da estrutura fonológica.

Concluindo, para explicar a ocorrência de [w] nos dados indicados em (119) assumimos que nestas palavras a aproximante labial [w] ocorre na estrutura fonológica da

língua, tal como acontece com a aproximante palatal /y/ nos exemplos fornecidos em (119).

6.6. Exceções ao bloqueio de semivocalização

Em Citshwa, foram encontrados poucos casos que permitem a semivocalização de vogais altas de prefixos dentro da palavra. Dado o número limitado de casos na língua, iremos tratá-los como exceções. Os exemplos de semivocalização da vogal alta do prefixo são fornecidos em (120).

(120) Exceções ao bloqueio da semivocalização dentro da palavra:

					Glossário
mwani	/mu-ani/	‘genro’	vs	va-mwani	‘genros’
n’wani	/n’u-ani/	‘outro	vs	va-n’wani	‘outros’
kokwani	/koku-ani/	‘avô/avó’	vs	va-kokwani	‘avôs/avós’
bukwani	/buku-ani/	‘pessoa’	vs	va-bukwani	‘os bukwanes’
khwatini	/ku-atini/	‘pessoa’	vs	va-khwatini	‘os khwatines’
ngwenya	/ngu-enya/	‘pessoa’	vs	va-ngwenya	‘os ngwenya’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

6.7. Desarmonização vocálica em Citshwa.

De acordo com Katamba (1989) a harmonia vocálica é um processo pelo qual, todas as vogais são obrigadas a partilhar uma ou mais propriedades fonológicas dentro de um certo domínio, geralmente designado palavra. Para que isso aconteça, algumas vogais cedem as suas qualidades às outras vogais à medida que partilham as qualidades das outras dentro da palavra.

A generalização sobre a harmonia vocálica em Citshwa pode ser formulada nos seguintes termos: nesta língua, a qualidade da vogal da extensão verbal é determinada pela estrutura morfológica que não tem acesso à informação fonológica resultante do processo derivacional.

O presente estudo mostra que em Citshwa não ocorre a harmonia vocálica entre a vogal do sufixo e a vogal da raiz. Os exemplos fornecidos em seguida mostram que radicais contendo vogais altas e vogais médias seleccionam sufixos com vogais altas, bem como exibem sufixos com vogais médias.

Em primeiro lugar, consideramos exemplos envolvendo uma raiz verbal seguida de uma extensão verbal cuja vogal, aparentemente, harmoniza em altura com a vogal precedente da raiz.

(121) Não harmonia vocálica em Citshwa:

			Glossário
ku-kin-is-a	‘fazer dançar’	cf. ku-kina	‘dançar’
ku-bhis-is-a	‘fazer arrotar’	cf. ku-bisa	‘arrotar’
ku-ping-is-a	‘fazer carregar’	cf. ku-pinga	‘carregar’
ku-bhik-is-a	‘fazer cozinhar’	cf. ku-bhika	‘cozinhar’
ku-pim-is-a	‘fazer medir’	cf. ku-pima	‘medir’
ku-rim-is-a	‘fazer cultivar’	cf. ku-rima	‘cultivar’
ku-ril-is-a	‘fazer chorar’	cf. ku-rila	‘chorar’
ku-ring-is-a	‘fazer provar’	cf. ku-ringa	‘provar’
ku-rung-is-a	‘fazer coser’	cf. ku-runga	‘coser’
ku-lum-is-a	‘fazer morder’	cf. ku-luma	‘morder’
ku-tshuv-is-a	‘fazer coçar’	cf. ku-tshuva	‘coçar’
ku-fuy-is-a	‘fazer criar’	cf. ku-fuya	‘criar’
ku-rum-is-a	‘fazer mandar’	cf. ku-ruma	‘mandar’
ku-fum-is-a	‘fazer governar’	cf. ku-fuma	‘governar’
ku-funugul-is-a	‘fazer destapar’	cf. ku-funungula	‘destapar’
ku-gumul-is-a	‘fazer colidir’	cf. ku-gumula	‘colidir’
ku-cuculul-is-a	‘fazer ficar de cócoras’	cf. ku-cuculula	‘acocorar-se’
ku-khungumul-is-a	‘fazer destruir’	cf. ku-khungumula	‘destruir’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os dados em (121) parecem sugerir que quando a última vogal do radical é alta, o sufixo aparece com a vogal alta. Iremos mais tarde mostrar que essa situação não reflete o processo de harmonia vocálica comumente encontrado em algumas línguas Bantu.

Os exemplos adicionais em (122) seguem o mesmo padrão encontrado em (121), onde a altura da vogal do sufixo parece ser determinada pela altura da última vogal do radical.

(122) Não harmonia vocálica em Citshwa:

			Glossário
ku-kin-isis-a	‘dançar intensamente’	cf. ku-kina	‘dançar’
ku-bhis-isis-a	‘arrotar intensamente’	cf. ku-bisa	‘arrotar’
ku-ping-isis-a	‘carregar intensamente’	cf. ku-pinga	‘carregar’
ku-bhik-isis-a	‘cozinhar intensamente’	cf. ku-bhika	‘cozinhar’
ku-rung-isis-a	‘coser intensamente’	cf. ku-runga	‘coser’
ku-fuy-isis-a	‘criar intensamente’	cf. ku-fuya	‘criar’
ku-rum-isis-a	‘mandar intensamente’	cf. ku-ruma	‘mandar’
ku-fum-isis-a	‘governar intensamente’	cf. ku-fuma	‘governar’
ku-funungul-isis-a	‘destapar intensamente’	cf. ku-funungula	‘destampar’
ku-bhik-iw-a	‘ser cozinhado’	cf. ku-bhika	‘cozinhar’
ku-pim-iw-a	‘ser medido’	cf. ku-pima	‘medir’
ku-rim-iw-a	‘ser cultivado’	cf. ku-rima	‘cultivar’
ku-ril-iw-a	‘ser chorado’	cf. ku-rila	‘chorar’
ku-ring-iw-a	‘ser provado’	cf. ku-ringa	‘provar’
ku-rung-iw-a	‘ser cosido’	cf. ku-runga	‘coser’
ku-lum-iw-a	‘ser mordido’	cf. ku-luma	‘morder’
ku-tshuv-iw-a	‘ser coçado’	cf. ku-tshuva	‘coçar’
ku-fuy-iw-a	‘ser criado’	cf. ku-fuya	‘criar’
ku-rum-iw-a	‘ser mandado’	cf. ku-ruma	‘mandar’
ku-fum-iw-a	‘ser governado’	cf. ku-fuma	‘governar’
ku-funungul-iw-a	‘ser destampado’	cf. ku-funungula	‘destampar’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os dados seguintes em (123) envolvem radicais com vogais de alturas diferentes. Estes exemplos sugerem que quando o radical apresenta vogais de alturas diferentes, a altura da vogal do sufixo harmoniza com a altura da última vogal do radical.

(123) Aparente harmonia vocálica em radicais com vogais de alturas diferentes:

			Glossário
ku-totel-is-a	‘fazer untar’	cf. ku-totela	‘untar’

ku-tshovel-is-a	‘fazer partir’	cf. ku-tshovela	‘partir’
ku-tshuvel-is-a	‘fazer coçar’	cf. ku-tshuvela	‘coçar’
ku-tlhuvel-is-a	‘fazer infiltrar’	cf. ku-tlhuvela	‘infiltrar’
ku-yeyis-is-a	‘fazer desrespeitar’	cf. ku-yeyisa	‘desrespeitar’
ku-yeyis-isis-a	‘desrespeitar intensamente	cf. ku-yeyisa	‘desrespeitar’
ku-yeyis-iw-a	‘fazer ser desrespeitado’	cf. ku-yeyisa	‘desrespeitar’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os exemplos em (122) e (123) poderiam defender uma abordagem segundo a qual quando o radical tem duas vogais de alturas diferentes, a vogal do sufixo harmoniza em altura com a última vogal do radical. Este facto poderia defender a abordagem de que em Citshwa, a altura da vogal do sufixo é sensível à altura da vogal imediatamente precedente da raiz. A vogal do sufixo seria incapaz de “ver” a altura da vogal mais à esquerda do radical. Os exemplos fornecidos em (124) mostram que independentemente da qualidade da vogal da raiz, a extensão verbal applicativa exhibe sempre a vogal média /e/.

(124) Não harmonia vocálica em Citshwa:

				Glossário
a.	ku-lot-el-a	‘afiar para’	cf. ku-lota	‘afiar’
	ku-won-el-a	‘ver para’	cf. ku-wona	‘ver’
	ku-pos-el-a	‘enviar para’	cf. ku-posa	‘enviar’
	ku-tshov-el-a	‘partir para’	cf. ku-tshova	‘partir’
	ku-khom-el-a	‘assegurar para’	cf. ku-khoma	‘assegurar’
	ku-lomb-el-a	‘emprestar para’	cf. ku-lomba	‘emprestar’
	ku-tot-el-a	‘untar para’	cf. ku-tota	‘untar’
	ku-femb-el-a	‘farejar para’	cf. ku-femba	‘farejar’
	ku-tek-el-a	‘levar para’	cf. ku-tek-a	‘levar’
	ku-them-el-a	‘arrebentar para’	cf. ku-thema	‘arrebentar’
	ku-tsem-el-a	‘cortar para’	cf. ku-tsema	‘cortar’
b.	ku-bhik-el-a	‘cozinhar para’	cf. ku-bhika	‘cozinhar’
	ku-pim-el-a	‘medir para’	cf. ku-pima	‘medir’
	ku-ring-el-a	‘provar para’	cf. ku-ringa	‘provar’
	ku-rung-el-a	‘coser para’	cf. ku-runga	‘coser’
	ku-fum-el-a	‘governar para’	cf. ku-fuma	‘governar’
	ku-rum-el-a	‘mandar para’	cf. ku-ruma	‘mandar’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os exemplos em (124a) envolvem radicais com a vogal média e todos seleccionam o sufixo com a vogal média. Estes exemplos poderiam induzir a uma análise errada, segundo a qual, a altura da vogal do sufixo seja determinada pela altura da vogal da raiz. Todavia, essa análise é refutada pelos dados em (124b) onde o radical contém vogais altas e o sufixo da extensão verbal applicativa também apresenta a vogal média.

Com base nos dados indicados em (123) e (124) é possível fazer a conclusão preliminar de que em Citshwa não ocorre a harmonia vocálica entre a vogal da extensão verbal e a vogal da raiz e que, a selecção da vogal do sufixo é determinada pela morfologia.

Os exemplos seguintes em (125) ilustram que independentemente da altura da vogal do radical, a extensão verbal exhibe sempre a vogal média /e/.

(125) Não harmonia da extensão estativa:

				Glossário
a.	ku-vek- ek -a	‘guardável’	cf. ku-veka	‘guardar’
	ku-hlev- ek -a	‘fofocável’	cf. ku-hleva	‘fofocar’
	ku-femb- ek -a	‘farejável’	cf. ku-femba	‘farrejar’
	ku- pos - el -a	‘enviar para’	cf. ku-posa	‘enviar’
	ku-tshov- el -a	‘partir para’	cf. ku-tshova	‘partir’
	ku-khom- el -a	‘assegurar para’	cf. ku-khoma	‘assegurar’
	ku-lomb- el -a	‘emprestar para’	cf. ku-lomba	‘emprestar’
b.	ku-bhik- el -a	‘cozinhar para’	cf. ku-bhika	‘cozinhar’
	ku-pim- el -a	‘medir para’	cf. ku-pima	‘medir’
	ku-ring- el -a	‘provar para’	cf. ku-ringa	‘ku-ring-a’
	ku-rung- el -a	‘coser para’	cf. ku-runga	‘coser’
	ku-fum- el -a	‘governar para’	cf. ku-fuma	‘governar’
	ku-rum- el -a	‘mandar para’	cf. ku-ruma	‘mandar’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os exemplos em (125a) mostram que os radicais com a vogal média exibem a vogal média na extensão verbal, sugerindo que ocorre a harmonia vocálica entre a vogal da extensão verbal e a última vogal da raiz. Entretanto, os exemplos em (125b) revelam que as raízes verbais contendo a vogal alta, também, exibem a vogal média /e/ na extensão verbal. Estes exemplos permitem afirmar que em Citshwa, a vogal da extensão verbal é determinada pela morfologia do que pela informação fonológica no processo da derivação

de palavras. Os exemplos fornecidos em (127) mostram que, não há ocorrência da harmonia vocálica em Citshwa, mesmo com vogais de outras extensões verbais.

(127) Não harmonia vocálica em Citshwa:

				Glossário
a.	ku-vek- is -a	‘fazer guardar’	cf. ku-veka	‘guardar’
	ku-pet- is -a	‘fazer introduzir’	cf. ku-peta	‘introduzir’
	ku-ngen- is -a	‘fazer entrar’	cf. ku-ngena	‘entrar’
	ku-femb- is -a	‘fazer farejar’	cf. ku-femba	‘farejar’
	ku-tot- is -a	‘fazer untar’	cf. ku-tota	‘untar’
	ku-pots- is -a	‘fazer desviar’	cf. ku-potsa	‘desviar’
	ku-lot- is -a	‘fazer afiar’	cf. ku-lota	‘afiar’
	ku-pon- is -a	‘fazer escapar’	cf. ku-pona	‘escapar’
b.	ku-vek- isis -a	‘guardar intensamente’	cf. ku-veka	‘guardar’
	ku-pet- isis -a	‘introduzir intensamente’	cf. ku-peta	‘introduzir’
	ku-ngen- isis -a	‘entrar intensamente’	cf. ku-ngena	‘entrar’
	ku-femb- isis -a	‘farejar intensamente’	cf. ku-femba	‘farejar’
	ku-tot- isis -a	‘untar intensamente’	cf. ku-tota	‘untar’
	ku-pots- isis -a	‘desviar intensamente’	cf. ku-potsa	‘desviar’
	ku-lot- isis -a	‘afiar intensamente’	cf. ku-lota	‘afiar’
	ku-pon- isis -a	‘escapar intensamente’	cf. ku-pona	‘escapar’
c.	ku-vek- iw -a	‘ser guardado’	cf. ku-veka	‘guardar’
	ku-pet- iw -a	‘ser introduzido’	cf. ku-peta	‘introduzir’
	ku-femb- iw -a	‘ser farejado’	cf. /ku-femba/	‘farejar’
	ku-tot- iw -a	‘ser untado’	cf. /ku-tota/	‘untar’
	ku-pots- iw -a	‘ser desviado’	cf. /ku-potsa/	‘desviar’
	ku-lot- iw -a	‘ser afiado’	cf. /ku-lot	‘afiar’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Os exemplos dados em (127) mostram que a altura da vogal alta da extensão verbal é distinta da altura da vogal da raiz verbal, facto que evidencia a não ocorrência da harmonia vocálica em Citshwa.

Finalmente, os exemplos em (127) mostram que em Citshwa, verbos contendo a vogal baixa na raiz verbal, exibem dois padrões relativamente à escolha da vogal de extensão verbal. Há um padrão que mostra que a raiz verbal contendo a vogal baixa,

selecciona a vogal média /e/ na extensão verbal, como em (127a). O outro padrão é comum e encontrado em outras línguas Bantu, incluindo naquelas em que a harmonia vocálica é obrigatória, tal como nas línguas Shimakonde, Yao, onde radicais com a vogal baixa apresentam a vogal alta /i/ na extensão verbal como em (127b) e (127d).

(128) Radicais contendo a vogal baixa:

				Glossário
a.	ku-pats-el-a	‘juntar para’	cf. ku-patsa	‘juntar’
	ku-tsal-el-a	‘escrever para’	cf. ku-tsala	‘escrever’
	ku-xav-el-a	‘comprar para’	cf. ku-xava	‘comprar’
b.	ku-pats-is-a	‘fazer juntar’	cf. ku-patsa	‘juntar’
	ku-tsal-is-a	‘fazer escrever	cf. ku-tsala	‘escrever’
	ku-tsham-is-a	‘fazer sentar	cf. ku-tshama	‘sentar’
	ku-tsal-is-a	‘fazer inscrever’	cf. ku-tsala	‘escrever’
	ku-rang-is-a	‘fazer adiantar’	cf. ku-ranga	‘adiantar’
	ku-hlamb-is-a	‘fazer banhar’	cf. ku-hlamba	‘banhar’
c.	ku-pats-isis-a	‘juntar intensamente’	cf. ku-patsa	‘juntar’
	ku-tsal-isis-a	‘escrever intensamente’	cf. ku-tsala	‘escrever’
	ku-tsham-isis-a	‘sentar intensamente’	cf. ku-tshama	‘sentar’
	ku-rang-isis-a	‘adiantar intensamente’	cf. ku-ranga	‘adiantar’
	ku-hlamb-isis-a	‘banhar intensamente’	cf. ku-hlamba	‘banhar’
d.	ku-pats-iw-a	‘ser juntado’	cf. ku-patsa	‘juntar’
	ku-tsal-iw-a	‘ser escrito	cf. ku-tsala	‘escrever’
	ku-hlamb-iw-a	‘ser banhado’	cf. ku-hlamba	‘banhar’

Fonte: Elaboração própria

Ficou demonstrado, com base nos dados em (127) e (128) que em Citshwa, contrariamente ao que acontece nas outras línguas Bantu, a altura da vogal da extensão verbal não harmoniza com a altura da vogal da raiz verbal. O processo derivacional que consiste na sufixação da extensão a uma raiz verbal é governado pelas regras morfológicas, sem desencadear a interação com o nível fonológico.

O facto de as regras morfológicas em Citshwa não desencadarem processos fonológicos tem interesse particular na teoria linguística, sobretudo, no modelo da Fonologia Lexical nos moldes propostos por Wheeler (1988) e revisitados por Goldsmith (1990).

Segundo a Fonologia Lexical, a raiz da palavra é directamente acessível pela componente fonológica. Este modelo estabelece níveis entre entradas lexicais na estrutura subjacente, fazendo com que o nível (1) da Morfologia Derivacional interaja com o nível (1) da Fonologia. Assim, o nível (2) da Morfologia Flexional interaja com o nível (2) da Fonologia. Com base neste modelo, a Fonologia tem acesso a todos os morfemas derivacionais da língua. Os dados que acabamos de examinar acima legitimam esse modelo, no sentido de que qualquer regra que seja necessária aplicar no nível 1 (interacção entre Morfologia Derivacional e Fonologia) aplica-se. No caso do Citshwa vemos que não é desencadeada alguma regra fonológica entre a raiz e a extensão verbal, porque neste nível, não há alguma regra necessária para ser aplicada.

6.8. Conclusão

Este capítulo tinha como objectivo descrever o sistema fonológico do Citshwa, particularmente, as consoantes e vogais, bem como os processos fonológicos envolvidos na modificação destes sons. Relativamente aos sons da língua, a análise dos dados mostra que o sistema fonológico do Citshwa é constituído por 28 sons, sendo 5 vogais e 23 consoantes.

Quanto aos processos de modificação dos sons, nas vogais intervém três processos, nomeadamente: semivocalização, fusão e apagamento de vogais. Para a modificação das consoantes, concorrem quatro processos fonológicos a saber: pré-nasalização; labialização; aspiração; e fricativização.

Finalmente, outro aspecto que foi discutido neste capítulo, foi a harmonia vocálica e vimos que em Citshwa não ocorre a harmonia em altura entre a vogal da extensão verbal e da raiz verbal, como acontece em muitas línguas Bantu. A não ocorrência da harmonia vocálica em Citshwa, resulta do facto de a qualidade da vogal da extensão verbal ser determinada pela estrutura morfológica, não tendo portanto, acesso à informação fonológica resultante do processo derivacional.

CAPÍTULO 7: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Este capítulo é reservado às conclusões decorrentes da descrição e análise de dados apresentados ao longo dos diferentes capítulos que compõem a presente dissertação. Primeiro, nesta dissertação, foi feita a descrição de uma variedade de fenómenos morfológicos e processos fonológicos. Segundo, os capítulos 2 e 3 oferecem o quadro teórico através do qual se explora a revisão da literatura e a abordagem assumida no trabalho. É feita de forma extensiva, a revisão da literatura com a finalidade de mostrar como determinados fenómenos são analisados por diferentes autores e evidenciar as áreas de intersecção em termos da descrição e análise de dados linguísticos, bem como algumas diferenças presentes em trabalhos anteriormente desenvolvidos. Os capítulos 5 e 6 são dedicados à apresentação e análise de dados morfológicos e fonológicos, respectivamente. No primeiro capítulo examina-se a morfologia nominal e verbal. Quanto à morfologia nominal, o estudo mostra que as pesquisas anteriores sugerem para a existência no Citshwa de um determinado número de prefixos nominais que não são testados em Cidzivi, onde ocorrem apenas 17 prefixos de classes nominais, sugerindo haver diferenças morfológicas entre esta variante e outras variantes linguísticas do Citshwa. Enquanto por um lado os prefixos das classes 1 a 14 se agrupam-se em pares de singular/plural, por outro, as classes 15, 16 e 17 não formam pares para indicar a dicotomia singular vs plural. O facto de nem todos os prefixos de classes serem capazes de formar o par singular vs plural, aliado ao facto de alguns prefixos de uma mesma classe formarem o plural com diferentes classes demonstra, mais uma vez, que o agrupamento de nomes em classes, além de ser motivado por propriedades formais e semânticas é, igualmente determinado por factores cognitivos.

Relativamente às formas dos prefixos nominais, a pesquisa revela que existem prefixos nominais com estrutura morfológica canónica, mas em determinadas ocorrências tais morfemas são modificados devido às operações morfológicas a que estão sujeitos. Operações morfológicas afetando os prefixos nominais foram demonstradas através do exame de padrões de concordância. O exame de padrões de concordância foi feito envolvendo combinações do nome com diferentes categorias morfológicas, nomeadamente, os prefixos de sujeito, objecto, demonstrativo, possessivo, numerais cardinais e numerais ordinais. A análise mostra que em Citshwa ocorrem diferentes padrões de concordância nominal, mas todos seguem o padrão comum que governa a estrutura interna da palavra. Com base nos dados disponíveis foi igualmente demonstrado que alguns morfemas de concordância apresentam características morfológicas

aparentemente distintas. Com base numa abordagem que assume os morfemas como resultado de processos morfológicos e não “coisas” conclui-se que ocorre em Citshwa certa regularidade na forma como os morfemas são concatenados para formar unidades linguísticas maiores.

No que se refere à morfologia verbal, a análise centrou-se na estrutura do verbo em Citshwa bem como no exame de diferentes tamanhos da raiz verbal para motivar os diferentes tipos de estrutura morfológica do verbo. Tal como acontece em outras línguas Bantu, em Citshwa, a estrutura do verbo compreende três partes distintas, nomeadamente, a parte reservada aos prefixos, seguida de raiz simples ou derivada e finalmente a vogal temática. Embora a estrutura canónica básica da sílaba em Citshwa seja do tipo CV, esta pode variar em função do tamanho do tema verbal ou de diferentes sufixos (extensões) para derivar novas formas verbais. Diferentemente de estudos anteriores, incluindo Persson (1932), Gundane (2015) que postulam a existência de 7 e 4 extensões, a presente pesquisa demonstrou que existem oito extensões verbais na língua, nomeadamente aplicativa, causativa, estativa, intensiva, passiva, frequentativa, recíproca e reversiva. Algumas extensões verbais podem combinar entre si para derivar novas formas verbais obedecendo certa ordem de precedência permitida pela gramática da língua. A raiz verbal pode ser constituída apenas por consoantes plenas, uma vogal ou uma nasal, bem como por uma sequência de -CVC-, -CVCVC- ou por sequências polissilábicas dependendo do tamanho do tema verbal.

O outro aspecto ligado à morfologia verbal discutido nesta dissertação tem a ver com as categorias flexionais. A discussão em torno da morfologia flexional em Citshwa mostra a existência de três tempos verbais básicos, nomeadamente, presente, passado e futuro expressos através de morfemas que captam a dimensão temporal interna. Além da dimensão temporal o estudo examina a categoria gramatical do aspecto. Com base na análise de dados, o estudo mostra que existem duas grandes categorias aspectuais, nomeadamente, o aspecto perfectivo e o aspecto imperfectivo. Estas duas categorias, por sua vez, integram sub-categorias aspectuais que têm a ver com a dimensão interna através da qual cada evento tem lugar num determinado eixo temporal. Assim, em Citshwa, a distinção entre o aspecto imperfectivo progressivo ou contínuo e o aspecto imperfectivo durativo refletem a mesma instanciação linguística que tem a ver com a “continuidade” ou “duração” de eventos descritos pelo verbo no eixo temporal.

O exame aos aspectos fonológicos do Citshwa centrou-se na descrição de consoantes em número de 23 e do sistema vocálico composto por 5 vogais. A dissertação mostra que existem três processos que envolvem a modificação de sons vocálicos, nomeadamente, semivocalização, fusão e apagamento de vogais, enquanto as consoantes são afectadas por quatro processos fonológicos a saber, pré-nasalização, labialização, aspiração e fricativização. A discussão em torno de processos que produzem alterações de sons vocálicos como resultado de confluência de sequências de vogais (V-V) mostra que há regras que se aplicam na interação segmental e as mesmas podem ter o carácter obrigatório ou facultativo. A análise desenvolvida nesta pesquisa mostra que em Citshwa, embora ocorram processos fonológicos mais comuns encontrados na maioria das línguas Bantu envolvendo sequências vocálicas V-V motivados pelo reajustamento da estrutura silábica, tais como semivocalização, fusão e apagamento de vogais, existem algumas restrições morfo-fonológicas, que fazem com que esta língua seja fonologicamente diferente das outras línguas Bantu discutidas em estudos anteriores.

Diferentes autores que discutem a fonologia segmental, incluindo Liphola (2001), Odden (1996), Hayes (1986), Clements (1986), entre outros, mostram que a regra de semivocalização, embora muito comum em Bantu é opcional em algumas línguas tais como Kimatuumbi, segundo Odden (1996) e Shimakonde, como atesta Liphola (2001). Clements (1986) defende que a semivocalização é obrigatória em Luganda. O facto de a mesma regra ser obrigatória em umas línguas e opcional em outras retira o carácter de se tratar de um processo obrigatoriamente observável em todas as línguas e suporta a visão segundo a qual os mecanismos de concretização da semivocalização devem ser parametrizados e tratados como questões de línguas específicas. Com efeito, no estudo sobre Luganda, Clements (1986) afirma que naquela língua todas as vogais altas na posição pré-vocálica semivocalizam.

Nesta dissertação são fornecidas evidências que mostram que em Citshwa, a semivocalização ocorre apenas em contextos restritos envolvendo as vogais arredondadas /u, o/ antes de sufixos, mas a regra é totalmente bloqueada em outros contextos em que seria de esperar que a mesma fosse aplicada. Vemos que em Citshwa, a regra da semivocalização é restritiva, sendo bloqueada dentro da palavra, mas sensível ao traço [labial] no domínio frasal. Argumentamos que o bloqueio da semivocalização em contextos potencialmente favoráveis para a sua aplicação é devido ao princípio geral da

inalterabilidade da estrutura CV proposto por Hayes (1986). O princípio da inalterabilidade da estrutura CV simplesmente diz que a estrutura silábica subjacente não pode ser alterada.

Examinando particularmente a morfologia verbal e com o enfoque para o tema derivacional constata-se que, este tem sido outro domínio que ocupou durante anos investigadores na área da linguística. O tema verbal tem sido considerado como domínio preferencial da harmonia vocálica em Bantu. A nossa pesquisa, não é exceção. A presente dissertação examinou as relações morfo-sintáticas entre a raiz verbal e sufixos derivacionais, e constatou que em Citshwa, o tema derivacional, não constitui o domínio preferencial e exclusivo da harmonia vocálica, processo através do qual segmentos contíguos pertencentes à morfemas distintos partilham as suas propriedades inerentes, resultando em segmentos com características similares. A conclusão que se chega é que em Citshwa, não ocorre a harmonia vocálica envolvendo a altura da vogal, nos termos em que esse processo é, descrito em outras línguas Bantu. Geralmente, a vogal da extensão verbal, não consegue “ver” as propriedades da vogal da raiz à sua esquerda, como acontece em muitas línguas Bantu, devido à opacidade imposta pela fronteira morfémica existente entre dois morfemas na estrutura morfológica da palavra. Em Citshwa, ocorre um certo tipo de harmonia vocálica dentro da palavra obrigando marginalmente que o tema tenha vogais da mesma qualidade. A não ocorrência da harmonia vocálica de forma explícita em Citshwa resulta do facto de a qualidade da vogal da extensão verbal ser determinada pela estrutura morfológica e, não pela qualidade da vogal precedente da raiz, não tendo por isso, acesso à informação fonológica resultante do processo derivacional. Pode-se concluir afirmando que a fronteira morfémica entre a raiz e o morfema derivacional é opaca e impede a vogal da extensão ter acesso à informação sobre as propriedades inerentes a segmentos vocálicos que ocorrem dentro da raiz verbal. Nesse aspecto particular, Citshwa difere da maioria das línguas Bantu, mas segue o padrão encontrado em outras línguas tais como Changana, Ngunga e Simbine (2015), Shimakonde Liphola (2001) que oferecem certo bloqueio ao processo da harmonia vocálica.

O outro fenómeno que mereceu exame detalhado diz respeito à interação envolvendo nasal e consoantes (N-C). Uma análise mais cuidada mostra que, embora as sequências NC sejam foneticamente semelhantes no Citshwa, elas têm origens morfológicas distintas e por isso, apresentam comportamentos linguísticos diferentes. Primeiro ambas sequências [NC] causam a pré-nasalização. Segundo, a pré-nasalização provoca automaticamente, a assimilação da nasal ao lugar da articulação da consoante seguinte, seguindo um padrão

geral encontrado em quase todas as línguas. Terceiro, existe, por um lado uma categoria de palavras que exibem a sequência NC quer no singular quer no plural, como em *nkondzo* vs *mi-nkondzo* “pé(s)”, *mbulu* vs *mi-mbulu* “remédio(s)”, onde a raiz nominal exibe a sequência NC. Note-se que as duas palavras apresentam estrutura fonológica semelhante, nomeadamente /mu-kondzo/ e /mu-bulu/. A diferença básica entre o singular e o plural é que este último é formado incorporando, igualmente, a informação morfológica relativa ao prefixo da classe nominal 3 (mu-) que aparece fossilizada na raiz nominal. Por outro lado, existe outra categoria de palavras contendo a interação NC apenas na forma do singular como resultado de operações morfológicas, mas o plural correspondente aparece na superfície observando a estrutura silábica canónica CV. Esta categoria de palavras contendo a interação NC inclui alguns nomes das classes nominais 1 e 2, tais como *mfama* /mu-fana/ vs *va-fana* “rapaz(es)”, *nkombi* /mu-kombi/ vs *va-kombi* “guia(s)”. Vemos que nestes casos, as sequências NC [mf] e [nk] aparecem apenas na forma do singular do nome, como resultado da eliminação da vogal do prefixo nominal (mu-), mas a sequência NC, não ocorre na forma do plural correspondente. O apagamento da vogal prefixal em /mu-kombi/ gera sequências do tipo NC [nk] como em *nkombi* “guia”.

A conclusão decorrente destas constatações e da análise desenvolvida neste estudo é de que nos casos como *minkondzo* a interação NC em [nk] é assumida como fazendo parte da estrutura subjacente, ou uma sequência NC fossilizada, como na palavra *ci-kamba* “unha”, onde a sequência NC [mb] não é derivada através de um processo morfofonológico, porque ela está presente na estrutura fonológica.

Finalmente, olhando para o modelo teórico usado na análise de dados neste estudo (Morfologia e fonologia Lexical), o qual estabelece a relação entre morfologia e fonologia, as grandes conclusões que se tiram sobre a morfologia e fonologia do Citswa são: a primeira conclusão é de que na interação entre o nome e as diferentes categorias gramaticais para a determinação de padrões de concordância, gera-se diferentes entidades (marcas) de concordância que, apesar de nalguns casos apresentarem semelhanças com os prefixos das classes nominais com os quais concordam são entidades independentes destes. A segunda conclusão é a que mostra que a língua objecto de estudo impõe algumas restrições na aplicação de regras fonológicas envolvendo sequências V-V, sendo apenas permitidas ao nível pós lexical fazendo-se deste modo, fê ao modelo teórico usado nesta pesquisa, o qual preceitua que há regras aplicáveis no nível 1 (Morfologia) e outras no nível 2 pós-lexical (Fonologia).

Estas constatações revelam peculiaridades da língua objecto de estudo pois, enquanto nalgumas línguas a aplicação da regra fonológica em vogais pré-vocálicas é obrigatória ou opcional em Citshwa e particularmente em Cidzivi a regra é totalmente bloqueada.

7.1. RECOMENDAÇÕES

O presente estudo é o primeiro que aglutina vários aspectos do funcionamento da gramática do Citshwa num mesmo espaço de descrição e análise de dados da língua. Estudos anteriores ocupam-se apenas de aspectos específicos com escopo limitado. A intenção de contribuir através da descrição e análise extensiva de aspectos morfológicos e fonológicos num único estudo e a necessidade de trazer respostas às questões metodológicas e práticas impuseram limitações de várias ordens, incluindo as limitações do tempo e espaço que trabalhos desta natureza exigem, limitações humanas bem como intelectuais para por um lado, dar vazão aos requisitos de tamanha empreitada e, por outro, responder às perguntas geradas pelas expectativas criadas. Consciente desse facto, a recomendação que o autor da presente investigação deixa para si próprio é, voltar para olhar criticamente as lacunas que tem consciência de que elas existem, particularmente no que diz respeito à fonologia da língua com vista a aprofundar sobre as restrições de aplicação de regras fonológicas em alguns contextos e em outros não. Daí a necessidade de na fase posterior desenvolver pesquisas adicionais para o enriquecimento do trabalho com vista ao aprofundamento do conhecimento sobre o funcionamento da gramática do Citshwa. Nesse sentido, não constitui redundância dizer que a segunda recomendação é dirigida aos leitores do produto desta pesquisa para que não hesitem em dar subsídios sobre aspectos que gostariam de ver aprofundados, assumindo, sempre que nenhum estudo é conclusivo, mas sim, um exercício progressivo.

REFERÊNCIAS

- Anderson, Stephen C. 1980. *Tense/aspect*. In Ngyemboon-Bemileke. Communication au 14ème Congrès SLAO (Cotonou: Univ. du Bénin) -11 p.
- Ashkenas, R. .2007. *Simplicity-based management*. Harvard Business Review, December, 101-109.
- Atindogbe, G. 2013. *A Grammatical Sketch of Mòkpè (Bakweri)*. Department of Linguistics University of Buea. African Study Monographs, Suppl. 45:5-163.
- Azevedo, F. 2000. *Ensinar e Aprender a Escrever: Através e para além do erro*. Porto: Porto Editora.
- Bakovic, E. 2003. *Vowel Harmony and Stem Identity*. University of California, San Diego.
- Barbosa, A. M. dos Santos. F. V. A. 2012. *A Relação e a Comunicação Interpessoais entre o Supervisor Pedagógico e o Aluno Estagiário*. Relatório apresentado à Escola Superior João de Deus com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na especialidade de Supervisão Pedagógica. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2472/1/AnaMariaBarbosa.pdf>
- Bergman, R. K. 1968. *Vowel Shandi in the Igede and other African Languages*. Harford: Harford Seminary Foundation.
- Binnick, Robert. 1999. *Time and the Verb: A Guide to Tense and Aspect*. New York: Oxford University Press.
- Bleek, W. H. I. 1851. *A comparative Grammar of South African Languages*. Cape Town and London: J. C. Juta and Trubner e Co.
- Botne, R. 2003. Lega (D25). In Nurse, Derek and Gérard Philippson. 2003. (eds). *The Bantu Languages*, 422-449. London: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Braver, Aaron. 2016. *Phonotactics of noun class disambiguation in Xhosa*. In Proceedings of the Annual Meetings on Phonology June 2016. ¹Texas Tech University and ²Rhodes University.
- Bybee, Joan, Revere Perkins and William Pagliuca. 1994. *Tense, Aspect, and Modality in the Language of the world*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- Casali, R. F. 1996. *Resolving hiatus*. Dissertation Submitted in partial satisfaction of partial requirements for the degree of Doctor in Linguistics. University of Califórnia, Los Angeles.

- Celso e Cunha. 1985. *Nova Gramática Moderna do Português Moderno*. 5ed. Coimbra: Coimbra Editora.
- Cowie, A.P. (ed.).1998. *Phraseology. Theory, Analysis, and Applications*. Oxford: Clevedon Linguistics. Vol.17.
- Carstens, V. 1991. *The morphology and syntax of determiner phrases in Kiswahili*. UCLA PhD thesis.
- Carstens, V. 1993. *On nominal morphology and DP structure*. In S. Mchombo (ed.), *Theoretical Aspects of Bantu Grammar*, 151-180. Stanford:
- Creissels, D. 2011. *Tswana locative and theirs status in inversion construction*. Africa
- Corbett, G.G. & Mtenje, A.D. 1987. *Gender agreement in Chichewa*. *Studies in African Linguistics*.18(1):1–38.
- Comrie, Bernard.1976. *Aspect*. Cambridge: CUP.
- Cumaio, E. P.M. 2005. *Estratégias de concordância do verbo com sintagma nominal complexo na posição do sujeito no Xitshwa*. Tese de Licenciatura, UEM. Maputo.
- Cumbane, R. M.M. 2008. *As Construções de Duplo Objecto em Xitshwa-Repercursões em falantes do Português Língua não Materna*. Tese de Doutoramento em Linguística Portuguesa. Faculdade de Letras, Departamento de Linguística Geral e Românica, Universidade de Lisboa.
- Cunha, Celso F. da. 1970. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares.
- Cunha, C. & Cintra, L. 1985. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Chamusso, N. Al. 1996. *Impacto do contexto cultural para interpretação e tradução de Provérbios de Citshwa para Português*. Tese de Licenciatura em Linguística. FLCS. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- Chambela, R. S. 1999. *A problemática das variantes da língua Xitshwa: o caso de xinyai*. Tese de Licenciatura, UEM. Maputo.
- Chivambo, A. A. 2015. *A Locativização em Citshwa*. In. *Elementos de Linguística Teórica e Descritiva das Línguas Bantu*. Coleção: *As Nossas Línguas XIV*. Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM. (ed.) Armindo Ngunga.
- Clements, G.N. and Keyser, S.K. 1983. *CV Phonology: A Generative Theory of the Syllable*. Cambridge: Mas MIT Press
- Clements, G.N.1985. *The Geometry of Phonological Features*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Clements, G.N. 1986. *Compensatory Lengthening and Consonant germination in Luganda*. In L. Wetzels and E. Sezer (eds.), *Studies in Compensatory lengthening*. Dordrecht: Foris.
- Clements, G.N. 1980. *Vowel Harmony in Nonlinear Generative Phonology: Autossegmental Model*, Indiana University Club, Bloomington, Indiana.
- Clements, G. N. and Hume, E. V. 1995. “ *The International Organization of Speech Sounds*”. IN Goldsmith, J.A. (ed) *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell
- Clements, G.N. 1999. *Affricates as Noncontoured Stops*. In Osamu Fujimura, Brian D. Joseph, and Bohumil Palek, (eds.), *Proceedings of LP '98: Item order in Language and Speech*. Prague: The Karolinum Press, 1999, pp. 271-299.
- Chomsky, N. and Halle, M. 1968. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row.
- Chunguane, A. J. 2003. *Descrição das estratégias de locativização em Citshwa, variante Cihlengwe*. Tese de Licenciatura, UEM. Maputo.
- Esau, M. 2013. *Segmental Phonology of Barwe with Some articulatory phonetics*. Coleção: *As Nossas Línguas IX*. Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM.
- Faraco e Moura. 2004. *Gramática*. 19. ed. Ática: São Paulo.
- Fillmore, Ch. 1992. “*Corpus linguistics and computer–aided armchair linguistics*”. En J. Svartvik (Ed.), *Directions in Corpus Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 35-60.
- Guthrie, M. 1967-71. *Comparative Bantu: Na Introduction to the Comparative Linguistics and Prehistory of Bantu Languages*. Hants: Gregg International.
- Gérard Philippon and Montlahuc Marie-Laure. 2003. *Kilimanjaro Bantu (E60 and E70)*. In Nurse, Derek and Gerard Philippon. 2003. (eds). *The Bantu Languages*, 475500. London: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Gil, A. C. 2010. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6.ed. São Paulo: Atlas.
- Goldsmith, J. A. 1976. *Autossegmental Phonology*. Submitted in partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Doctor of Philosophy.
- Goldsmith, J. A. 1990. *Autossegmental and Metrical Phonology*. Oxford (UK) and Cambridge (UK): Blackwell.

- Gundane, L. 2015. *Morfologia e Fonologia Lexical em Citshwa*.
Dissertação Submetida à Faculdade de Linguagem, Comunicação e Artes da Universidade Pedagógica, Delegação de Nampula, como Requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Bantu.
- Halliday, M. A. K. 1985. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnald.
- Hayes, B. 1980. *A Metrical Theory of Stress*. Submitted in Partial Fulfilment of the Requirements for the degree of Doctor of Philosophy at the Massachusetts Institute of Technology
- Hayes, B. 1986. 'Inalterability in CV Phonology', *Language*, 62: 321-51.
- Heath, Teresa. 2003. Makaa (A84). In Nurse, Derek and Gérard Philippson. 2003.(eds). *The Bantu Languages*, 335-348. London: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Hyman, L. M. 2003. *Basaá (A43)*. In Nurse, Derek and Gérard Philippson. 2003. (eds). *The Bantu Languages*,257-282. London: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Hyman, L. M. 1985. *A theory of phonology weight*. Dordrecht: Foris.
(Reprinted by CSLI, Stanford University, 2003).
- Hyman, L. M. 1975. *Phonology: theory and Analysis*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Henriques, A. 2005. *Xihlengwe, uma variante linguística de changana ou de Xitshwa*. Tese de Licenciatura: UEM, Maputo.
- Hendrikse, A.P. & Poulos, G. 1994. *Word categories – prototypes and continua in Southern Bantu*. Suid-Afrikaanse Tydskrif vir Taalkunde, Suppl.:215–245.
- Idiata, D. 2005. *What Bantu child speech data tells us about the controversial semantics of Bantu noun class systems*. München: Lincom Europa
- INE. 2017. www.ine.gov.mz
- Johannes, G. J. 2013. *The Pré-prefixe in Ki-Nata: An Interface Account*. Selected Proceedings of the 43rd Annual Conference on Africa Linguistics, (ed.) Olanik Ola Orié and Karen. Sanders, 163-176. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. The University of British Columbia.
- Johannes, G. J. .2007. *The Ki-Nata noun Structure*. University of Dar es Salaam.
- Johnson, M.R. 1977 "An Interval-based Theory of Tense and Aspect" (Ns) University of Western Ontario, Canada.
- Jeruka U. Kavari and Lutz Marten. 2009. *Multiple noun class in Otjiherero*. University of Namibia and School of Oriental and African Studies.

- Jensen, J. 1962. *Morphology: Word Structure in Generative Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company.
- Kadenge, M. 2007. *Nambya Phonology*. Unpublished DPhil Thesis. Harare: University of Zimbabwe.
- Kandage, M. 2010. *Some Phonological Processes Involving Vowels in Nambya*. Department of Linguistics, University of the Witwatersrand.
- Katamba, F. 2003. *Bantu Nominal Morphology*. In Nurse, Derek and Gérard Philippson. 2003. (eds). *The Bantu Languages*, 103-142. London: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Katamba, F. 1993. *Morphology*. London: S. Marten's Press.
- Katamba, F. 1989. *An introduction to Phonology*. London and New York: Longman Group, Ltd.
- Katupha, J. M.M. 1983. *A Preliminary Description of Sentence Structure in The e-Sáaka Dialect of e-Mákhúwa*. (Tese de Mestrado não publicada). Universidade de Londres: SOAS.
- Katupha, J. M.M. 1991. *The Grammar of Emakhuwa Verbal Extensions: an investigation of the role of the extension morphemes in derivational verbal morphology and in grammatical relations*. (Tese de Doutorado não publicada). SOAS, Universidade de Londres.
- Kiparsky, P. and Mohanan, S. 1982. "From Cyclic Phonology to Lexical Phonology." In van der Hulst, H. and Smith, N. (eds. 1982), *The Structure of Phonological Representations*. New Delhi: Indiana University. Vol 1 1, Number 1. 130-153.
- Kiparsky, P. 1982. *Lexical Morphology and Phonology*. Linguistics in the Morning Calm. The Linguistics Society of Korea. Seoul, Hanshin Publishers C^o.
- Kisseberth, C., and Absheikh, M. 1974. 'Vowel Length in Chi-Mwi:ni: A Case Study of Role of Grammar in Phonology', in A. Bruck, R. Fox, and M. LaGaly (eds.), *Papers from the parasessions on Natural Phonology*, 193-209. Chicago, CLS.
- Kisseberth, C. 1969 *On the abstractness of phonology: The evidence from Yawelmani*. *Papers in Linguistics*, 1, 248-282.
- Kisseberth, C. 1970. *On the functional unity of phonological rules*. *Linguistic Inquiry*, 1, 291-306.
- Kolehmainen, Leena & Meri Larjavaara. 2004. *The 'bizarre' valence behavior of Finnish verbs: How a specific context gives rise to valence alternation patterns*. *Constructions* 1/2004.

- Kula, N. C. 1997. *H-licensing and Vowel Harmony in Venda*. Submitted to the Department of Linguistics in partial Fulfillment of Requirement of the MA Degree in Linguistics at the School of oriental and African Studies, University of London.
- Kula, N. C. 2000. *The Phonology/Morphology Interface*. Consonants Mutations in Bemba.
- Laisse, L 2000. *A combinação e ordem das extensões verbais do Citshwa*. Tese de Licenciatura, UEM. Maputo.
- Labov, W. 1972. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington DC: Center for Applied Linguistics.
- Ladefoged, P. 1975. *Preliminaries to Linguistic Phonetics*. Chicago: Chicago University Press.
- Ladefoged, P. 1990. *Vowels of the world's languages Phonetics Laboratory*, Linguistics Department, UCLA, Los Angeles. *Journal of Phonetics* (1990) 18, 93-122.
- Langa, D. 2001. *Reduplicação em Changana*. Tese de Licenciatura (não publicada). Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo
- Langa, D. 2008. *Morfologia Verbal em Changana*. O caso do Tempo Passado. Tese de Mestrado (não publicada). Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.
- Langa, D. 2012. *Morfologia Verbal em Changana*. Tese de Doutoramento (não publicada). Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.
- Langa, David. 2002. *Algumas reflexões em volta das classes locativas em Changana*. In: Direcção Científica. (ed). III Seminário de Investigação na UEM: Livro de Comunicações. Maputo: Imprensa Universitária. PP 153-163
- Lindfors, A. L. 2003. *Tense and Aspect in Swahili*. Uppsala: Uppsala University.
- Lakatos, E. M. 2003. *Fundamentos de metodologia científica* 5. ed. São Paulo : Atlas
- Leitch, M. 2003. *Babole (C101)*. In: Nurse, Derek and Gérard Philippson. 2003. (eds) In Nurse, Derek and Gérard Philippson. 2003. (eds). *The Bantu Languages*, 392-421. London: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Lyons, J. 1979. 'Deixis and anaphora', in T. Myers (ed.), *The Development of Conversation and Discourse* (Edinburgh: University of Edinburgh Press), pp. 88-103.
- Lutz, M. 2012. 'Agreement in Locative Phrases in Luganda', in Matthias Brenzinger and Anne-Maria Fehn (eds.), *Proceedings of the 6th World Congress of African Linguistics (Colgne 2009)*. Colgne: Köppe, 433-443.

- Lutz, M. 2010. *The Great siSwati Locative Shift*. School of Oriental and African Studies.
- Lutz, M. 2006. *Locative Inversion in Otjiherero: More on morph-syntactic variation in bantu*. School of Oriental and African Studies: London.
- Lutz, M. 1996. *Swahili Vowel Harmony*. SOAS Working Paper in Linguistics Phonetics. Vol. 6: 61-75.
- Liphola, M. M. 2015. *Morfologia de Shimakonde*. Imprensa Universitária, UEM.
- Liphola, M. M. 2001. *Aspects of Phonology and Morphology of Shimakonde*. The Ohio University, Columbus. PhD Dissertation.
- Lodhi, Abdulaziz Y. 2003. *Aspiration in Swahili adjectives and verbs*. Africa & Asia, No 3, 2003, pp 155-160
- Lojenga, C. K. 2003. *Bila (D32)*. In Nurse, Derek and Gérard Philippson. 2003. (eds). *The Bantu Languages*, 450-474. London: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Macuácuá, T.L. 2005. *Construções relativas na língua Cithswa*. Tese de Licenciatura, UEM. Maputo.
- Machobane, M.M. 1996. *The Sesotho Locative Alteration verbs*. SAJAL. UNISA. Vol.16.Nº1: Pretória.
- Mangoya, Esau. 2013. *Segmental Phonology with some articulatory phonetics*. Coleção as nossas Línguas IX. Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM, Maputo 2013.
- Marantz, A. 2016. *Morphology*. In *Neurobiology of Language* (pp. 153–163). Elsevier. doi:10.1016/B978-0-12-407794-2.00013-4.
- Mateus. et. al. 2003. *Fonética, Fonologia e Morfologia d Português*. Universidade Aberta: Lisboa
- Meeussen. A. E. 1967. *Bantu gramatical reconstructions Annales du Musée Roral de l'Afrique Centrale*. Série 8, Sciences Humaines, 61.81-121. Tervuren.
- Miller, R. 2003. "The Concept of Bilingualism." In Miller, R. (ed. 2003). *The Education Yearbook*. Khartoum: International University of Africa.133-150.
- McEnery, T., & Wilson, A. 1996. *Corpus linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Mchombo. S. (1993) "*Reflexive and Reciprocal in Chichewa*". In Sam A. Mchombo. (ed.) *Theoretical Aspects of Bantu Grammar*, pp. 181-207. CSLI/The University of Chicago Press. Stanford University.

- Mchombo, S. (1995) *"Reciprocals in Bantu: Quantification in Morphology?"*
Stanford University Linguistics Colloquium. Nov. 17. 1995.
- Mohanan, K. P. and Tara Mohanan. 1984. *"Lexical phonology of the consonant system in Malayalam."* Linguistic Inquiry 15, 575-602.
- Mwita, L. Ch. 2008. *Verbal Tone in Kuria*. A Dissertation Submitted in partial Satisfaction of the Requirement of the degree Doctor of Philosophy. University of California. Los Angeles.
- Moon, R. 1998. *Fixed expressions and idioms in English: A corpus-based approach*. Oxford: Oxford University Press.
- Morrison, M. E. 2011. *A Reference Grammar of Kibena*. Raice University. A Thesis Submitted in Partial Fulfillment of the Requirements of the degree of Doctor of Philosophy.
- Morrison, M. E. 2007. *Homorganic NC in Kibena: Pré-nasalized consonants, consonants clusters or something else?* Raice University.
- Mous, M. 2003. *Nen (A44)*. In Nurse, Derek and Gérard Philippson. 2003. (eds). *The Bantu Languages*, 283-306. London: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Mutaka, N. and Pius T. 2000. *An introduction to African Linguistics*. Licom Europa. Muenchen.
- Mkanganwi, K.G. 2002. *Shona (derivational) morphology: An observation in search of a theory*. ZAMBEZIA: Journal of Humanities of the University of Zimbabwe 29(2): 174-190.
- Mukhombo, A. 1955. *A Nkutsulani wa Matimu ya Vatshwa. Braanfontein*. Sasavona.
- Mbanze, Naftal. 1993. *A Ngangu wa Mutshwa*, 6.ed. Marija Printing Works. Marija. Lesotho.
- Mberia, K. 2002. *Nasal Consonant Processes*. University of Nairobi, Kenya. Nordic Journal of African Studies 11(2): 156-166.
- Msaka, P. K. 2019. *Nominal classification in Bantu revisited: The perspective from Chichewa*. Dissertation presented for the degree of Doctor of Philosophy in the Faculty of Arts and Social Sciences at Stellenbosch University.
- Nattinger, J. and De Carrico, J. S. 1992. *Lexical Phrases and Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- NELIMO. 1989. *Relatório do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo. INDE-UEM/NELIMO.

- Ngcobo, Mtholeni. 2010. Zulu noun classes revisited: A spoken corpus-based approach. University of South Africa. Januar, 2010.
- Ngunga, A. A. 1997. *Lexical Phonology and Morphology of the Ciyao verb*. A dissertation submitted in partial satisfaction of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy. B.A. Hons (University of Zimbabwe) M.A. (University of California at Berkeley)
- Ngunga, A.A.2000. *Lexical Phonology and Morphology of the Ciyao verb*. California, EUA. CSLI. Publications. Center for the Study of the Language and Information. Leland Stanford University.
- Ngunga, A. A. 2002. *Elementos de Gramática da Língua Yao*. Imprensa Universitária, UEM, Maputo.
- Ngunga, A. A. 2014. *Introdução à Linguística Bantu*. 2ed. Imprensa Universitária, UEM. Maputo.
- Ngunga, A & Simbine. 2012. *Gramática Descritiva da Língua Changana*. Coleção: As Nossas Línguas V. Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM.
- Ngunga, A. & Osvaldo Faquir. 2011. *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Coleção: As Nossas Línguas III. Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM. Editado por Armindo Ngunga.
- Nurse, D. 2003. *Aspect and Tense in Bantu Languages*. In Nurse, Derek and Gérard Philippson. 2003. (eds). *The Bantu Languages*, 90-102. London: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Odden, D. 1996. *The Phonology and Morphology of Kimatuumbi*. Clarendon Press. Oxford.
- Odden, D. 2003. *Rufiji-Rovuma (N10, P10-20)*. In Nurse, Derek and Gérard Philippson. 2003. (eds). *The Bantu Languages*, 525-545. London: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Okoudowa, B. 2005. *Descrição Preliminar de Aspectos da Fonologia e da Morfologia do Lembaama*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Okoudowa, B. 2010. *Morfologia Verbal do Lembaama*. Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

- Overton, R. M. 2018. *Vowel Hiatus Resolution in Simbiti and the Orthography Implications*. Presented as part of Requirement of the MA Degree in Field Linguistics Centre of Linguistics, Translation and Literacy, Redcliff College.
- Paul Berthoud & E. Creux. 1845. *Tradutores da Biblia para Xtsonga*.
- Persson, J. A. 1932. *Outlines of Tswa Grammar*. General Mission Press: Cleveland.
- Romão, P. 2001. *A Negação Verbal em Xitshwa*. Tese de Licenciatura. UEM, Maputo.
- Rogers, C. e Stevens, B. 1987. *De Pessoa Para Pessoa*. São Paulo. Pioneira.
- Schadeberg, T. C. 2003. *Derivation*. In Derek Nurse and Gérard Philippson. 2003. (eds). *The Bantu Languages*, 71-89. London: Rutledge/Taylor & Francis Group.
- Sefo, A. E. 2000. *Estudo dos ideofones do Citshwa*. Tese de Licenciatura. UEM, Maputo.
- Sitoe, Bento & Ngunga, Armindo. 2000. *Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. NELIMO-Centro de Estudos das Línguas Moçambicanas. Universidade Eduardo Mondlane. (eds.), Bento Sitoe e Armindo Ngunga.
- Sitoe, Bento. 1991. *Empréstimos lexicais do Português no Tsonga*, in *Revista da Associação das Universidades de Língua Portuguesa* Nr 6:106-113.
- Sinclair, John McH. 1987. *Collocation: a progress report*. In Ross Steele & Terry Treadgold (eds.), *Language topics: Essays in honour of Michael Halliday*, 319-331. Amsterdam: John Benjamins.
- Spencer, A. 1991. *Morphological Theory*. An Introduction to word Structure in Generative Grammar. Blackwell Textbooks in Linguistics.
- Ugembe, Z. M. 2015. *O Tom Verbal em Xitshwa*. In. *Elementos de Linguística Teórica e Descritiva das Línguas Bantu*. Coleção: As Nossas Línguas XIV. Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM. (ed.) Armindo Ngunga.
- Uetela, M. 2009. *Estratégias de Concordância com sintagmas Nominiais Complexos em Citshwa*. In. *Coleção: As Nossas Línguas I*. Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM. (ed.) Armindo Ngunga.
- Wachira, M.J. 2001. *A Phonological Study of Derived Words in Kikuyu with Reference to Nouns and Adjectives*. A Dissertation Submitted for the degree of Master of Arts in the University of Nairobi.
- Waweru, M. 2011. *Kikuyu Verbal Extension: A minimalist Analysis*. Thesis Submitted in Fulfillment Requirements of the Degree of Doctor of Philosophy in Theoretical Linguistics, Kenyatta University.

- Wheeler, D. 1988. *Consequences of Some Categorically motivated Phonological Assumptions*. In Oehrle, D. Bach, E. and Wheeler (eds) *Categorical grammars and natural languages structures*. Dordrecht: Deidel.
- Wilson. R. L. 1980. *Dicionário Prático Português/Citshwa*. The Natal Witness (Pty) Ltd. Pietermaritzburg, Natal.
- Yai. O. Babalola. 1983. *Elements of a Policy for Promotion of National Languages*. UNESCO.
- Yukawa Y. 1985. *Study of Makonde Tonology*. Bantu Linguistics ILAA. Vol. 2 Studies in Tanzania Languages.
- Zivenge, W. 2009. *Phonological and Morphological Nativisation of English Loans in Tonga*. Submitted in accordance with the requirement for the degree of Doctor of Literature and Philosophy in Subject of African Languages, at the University of South Africa.

ANEXO I. LISTA DE PALAVRAS EM PORTUGUÊS E CITSHWA

Português	Citshwa		Glossário	
Ordem	Singular	Plural		
01. Pessoa/pessoas	mu-nhu	va-nhu	‘pessoa’	‘pessoas’
02. Criança/crianças	n’wanana	va-nana	‘criança’	‘crianças’
03. Rapariga/raparigas	nhanyana	va-nhanyana	‘rapariga’	‘raparigas’
04. Rapaz/rapazes	mu-fana	va-fana	‘rapaz’	rapazes’
05. Viajante/viajantes	mu-endzi	va-endzi	‘viajante’	‘viajantes’
06. Caçador/caçadores	mu-hloti	va-hloti	‘caçador’	‘caçadores’
07. Pescador/pescadores	mu-tshevi	va-tshevi	‘pescador’	‘pescadores’
08. Explorador/exploradores	mu-xololi	va-xololi	‘explorador’	‘exploradores’
09. Pastor/pastores	mu-angameli	va-angameli	‘pastor’	‘pastores’
10. Vendedor/vendedores	mu-xavisi	va-xavisi	‘vendedor’	‘vendedores’
11. Dirigente/dirigentes	mu-rangeli	va-rangeli	‘dirigente’	‘dirigentes’
12. Salvador/salvadores	mu-huluxi	va-huluxi	‘salvador’	‘salvadores’
13. Construtor/construtores	mu-aki	va-aki	‘construtor’	‘construtores’
14. Amigo/amigos	mu-ngana	va-ngana	‘amigo’	‘amigos’
15. Marule/Marules	Marules	va-Marule	‘Marule’	‘Marules’
16. Mucúacua/Macúacuas	Mhakwakwa	va-Mhakwakwa	‘Macúacua’	‘Macúacuas’
17. Machavele/Machaveles	Maxavele	va-Maxavele	‘Machavele’	‘Machaveles’
18. Mucumba/Mucumbas	Mukumba	va-Mukumba	‘Mucumba’	‘Mucumbas’
19. Mafuiane/Mafuianes	Mafuyani	va-Mafuyani	‘Mafuiane’	‘Mafuianes’
20. Cumbe/Cumbes	Kumbi	va-Kumbi	‘Cumbes’	‘Cumbes’
21. Chilengue/Chilengues	Cilenge	va-Cilenge	‘Chilengue’	‘Chilengues’
22. Zualo/Zualos	Zwalu	va-Zwalu	‘Zualo’	‘Zualos’
23. Bucucha/Bucuchas	Bukuxa	va-Bukuxa	‘Bucucha’	‘Bucuchas’
24. Langa/Langas	Langa	va-Langa	‘Langa’	‘Langas’
25. Filho de macaco	nwahawu	va-Nwahawu	‘filho de macaco’	‘filhos de macacos’
26. Filho de Gorila	nwafenhe	va-Nwafenhe	‘filho de gorila’	‘filhos de gorilas’
27. Filho de barata	nwahele	va-Nwahele	‘barata’	‘filhos de baratas’
28. Filho de coelho	nwavundla	va-Nwavundla	‘filho de coelho’	‘filhos de coelhos’
29. Filho de mosquito	nwasuna	va-Nwasuna	‘filho de mosquito’	‘filhos de mosquito’
30. Filho de cobra	nwanyoka	va-Nwanyoka	‘filho de cobra’	‘filhos de cobras’
31. Filho de cágado	nwafutsu	va-Nwafutsu	‘filho do cágado’	‘filhos de cágados’
32. Filho de cabrito	nwambuti	va-Nwambuti	‘filho do cbrito’	‘filhos de cabrito’
33. Filho de boi	nwahomu	va-nwahomu	‘filho de boi’	‘filhos de bois’
34. Filho de sapo	nwakhele	va-Nwakhele	‘filho do sapo’	‘filhos de sapos’
35. Casa/casas	mu-ti	mi-ti	‘casa’	‘casas’
36. Bagage/bagagens	mu-tlhawula	mi-tlhawula	‘bagagem’	‘bagagens’

37. Pilador/piladores	mu-si	mi-si	‘pilador’	‘piladores’
38. Catana/catanas	mu-bera	mi-bera	‘catana’	‘catanas’
39. Amoca/amocas	mu-vamba	mi-vamba	‘amoca’	‘amocas’
40. Planta/plantas	mu-sinya	mi-sinya	‘planta’	‘plantas’
41. Veia/veias	mu-siha	mi-siha	‘veia’	‘veias’
42. Pé/pés	mu-nkondzo	mi-nkondzo	‘pé’	‘pés’
43. Pescoço/pescoços	mu-nkolo	mi-nkolo	‘pescoço’	‘pescoços’
44. Perna/pernas	mu-nenge	mi-nenge	‘perna’	‘pernas’
45. Cabelo/cabelos	mu-sisi	mi-sisi	‘cabelo’	‘cabelos’
46. Gamela/gamelas	mu-ngelo	mi-ngelo	‘gamela’	‘gamelas’
47. Boca/bocas	mu-nomu	mi-nomu	‘boca’	‘bocas’
48. Casamento/casamento	mu-cadu	mi-cadu	‘casamento’	‘casamento’
49. Rio/rios	mu-congo	mi-congo	‘rio’	‘rios’
50. Olho/olhos	tihlu	ma-tihlu	‘olho’	‘olhos’
51. Dente/dentes	tinu	ma-tinu	‘dente’	‘dentes’
52. Nádega/nádegas	raku	ma-raku	‘nádega’	‘nádegas’
53. Osso/ossos	rambu	ma-rambu	‘osso’	‘ossos’
54. Testículo/testículos	kendze	ma-kendze	‘testículo’	‘testículos’
55. Ombro/ombros	katla	ma-katla	‘ombro’	‘ombros’
56. Ruína/ruína	rumbi	ma-rumbi	‘ruína’	‘ruínas’
57. Pulmão/pulmões	hahu	‘ma-hahu	‘pulmão’	‘pulmões’
58. Dia/dias	siku	ma-siku	‘dia’	‘dias’
59. Ano/anos	lembe	ma-lembe	‘ano’	‘anos’
60. Selva/selvas	khwati	ma-khwati	‘selva’	‘selvas’
61. Barata	hele	ma-hele	‘barata	‘baratas’
62. Sapo	khele	ma-khele	‘sapo’	‘sapos’
63. Rã	khutla	ma-khutla	‘rã’	‘rãs’
64. Esteira	sangu	ma-sangu	‘esteira’	‘esteiras’
65. Pedra	ribzi	ma-ribzi	‘pedra’	‘pedras’
66. Folha	kamba	ma-kamba	‘folha’	‘folhas’
67. Carvão	khala	ma-khala	‘carvão’	‘carvões’
68. Pentelho	kaka	ma-kaka	‘pentelho’	‘pentelhos’
69. Ananás/ananases	ci-henge	zvi-henge	‘ananás	‘ananásés’
70. Queixo/queixos	ci-levu	zvi-levo	‘queixo’	‘queixos’
71. Testa/testas	ci-mombo	zvi-mombo	‘testa’	‘testas’
72. Peito/peitos	ci-fuva	zvi-fuva	‘peito’	‘peitos’
73. Nuca/nucas	ci-kosi	zvi-kosi	‘nuca’	‘nucas’
74. Frio/frios	ci-rami	zvi-rami	‘frio’	‘frios’
75. Vagina/vaginas	ci-tombo	zvi-tombo	‘vagina’	‘vaginas’
76. Cotovelo/cotovelos	ci-sungunya	zvi-sungunya	‘cotovelo’	‘cotovelos’

77. Ferida/feridas	ci-londza	zvi-londza	‘ferida’	‘feridas’
78. Sapato/sapatos	ci-latu	zvi-latu	‘sapato’	‘sapatos’
79. Chapéu/chapéus	ci-dloco	zvi-dloko	‘chapéu’	‘chapéus’
80. Tronco/troncos	ci-bu	zvi-bu	‘tronco’	‘troncos’
81. Escuridão/escuridões	ci-nyama	zvi-nyama	‘escuridão’	‘escuridões’
82. Cadáver/cadáveres	ci-rumbi	zvi-rumbi	‘cadáver’	‘cadáveres’
83. Sepultura/sepulturas	ci-lahla	zvi-lahla	‘sepultura’	‘sepulturas’
84. Degrau/degraus	ci-gava	zvi-gava	‘degrau’	‘degraus’
85. Solidão/solidões	ci-wundza	zvi-wundza	‘solidão’	‘solidões’
86. Codorniz/codornizes	ci-kenya	zv-kenya	‘codorniz’	‘codornizes’
87. Namorada/namoradas	ci-gangu	zvi-gangu	‘cigangu’	‘namoradas’
88. Rancor/rancores	ci-viti	zvi-viti	‘rancor’	‘rancores’
89. Lepra/lepras	c-ikele	zvi-kele	‘lepra’	‘lepras’
90. Escola/escolas	ci-kola	zvi-kola	‘escola’	‘escolas’
91. Estrada/estradas	citaratu	zvi-taratu	‘estrada’	‘estradas’
92. Apelido/apelidos	ci-losa	zvi-losa	‘apelido’	‘apelidos’
93. Anzol/anzois	ci-lowe	zv-ilowe	‘anzol’	‘anzois’
94. Deficientes/deficientes	ci-lima	zvi-lima	‘deficiente’	‘deficientes’
95. Bêbados/bêbados	ci-dakwa	zvi-dakwa	‘bêbado’	‘bêbados’
96. Gato/gatos	ci-manga	zvi-manga	‘gatos’	‘gatos’
97. Estudo/estudos	ci-gondzo	zvi-gondzo	‘estudo’	‘estudos’
98. Estudante/estudantes	ci-gondzani	zvi-gondzani	‘estudante’	‘estudantes’
99. Coisa/coisas	ci-lu	zv-ilu	‘coisa’	‘coisas’
100. Fantasma/fantasmas	ci-gono	zv-igono	‘fantasma’	‘fantasmas’
101. Rico/ricos	ci-fundzi	zvi-fundzi	‘rico’	‘ricos’
102. Pobre/pobres	ci-siwana	zvi-siwana	‘pobre’	Pobres
103. Guerra/guerras	nyimpi	ti-nyimpi	‘guerra’	‘guerras’
104. Pau/paus	nhonga	ti-nhonga	‘pau’	‘paus’
105. Abelha/abelhas	nyoxi	ti-nyoxi	‘abelha’	‘abelhas’
106. Cobra/cobras	nyoka	ti-nyoka	‘cobra’	‘cobras’
107. Sorte/sortes	njombo	ti-njombo	‘sorte’	‘sortes’
108. Seiva/seivas	nyeti	ti-nyeti	‘seiva’	‘seivas’
1109. Entrada/entradas	nyangwa	ti-nyangwa	‘entrada’	‘entradas’
110. Caminho/caminhos	ndlela	ti-ndlela	‘caminho’	‘caminhos’
111. Alguidar	njalu	ti-njalu	‘alguidar’	‘alguidares’
112. Estrela/estrelas	nyezani	ti-nyezani	‘estrela’	‘estrelas’
113. Lombriga/lombrigas	nyonkani	ti-nyokani	‘lombriga’	‘lombrigas’
114. Grávida/grávidas	nyimba	ti-nyimba	‘grávida’	‘grávidas’
115. Pescoço/pescoços	nhamu	ti-nhamu	‘pescoço’	‘pescoços’
116. Chocalho/chocalhos	njele	ti-njele	‘chocalho’	‘chocalhos’

117. Mosquito/mosquitos	nsuna	ti-suna	‘mosquito’	‘mosquitos’
118. Crocodilo/crocodilos	ngwenya	ti-ngwenya	‘crocodilo’	‘crocodilos’
119. Coração/corações	mbilu	ti-mbilu	‘coração’	‘corações’
120. Cabrito/cabritos	mbuti	ti-mbuti	‘cabrito’	‘cabritos’
121. Amendoim/amendoins	manga	ti-manga	‘amendoim’	‘amendoins’
122. Problema/problemas	mhaka	ti-mhaka	‘problema’	‘problemas’
123. Toca/tocas	mhakwa	ti-mhakwa	‘toca’	‘tocas’
124. Semente/sementes	mbewu	ti-mbewu	‘semente’	‘sementes’
125. Missa/missas	mhamba	ti-mhamba	‘missa’	‘missas’
126. Burro/burros	mbongola	ti-mbongola	‘burro’	‘burros’
127. Cão/cães	mbzana	ti-mbzana	‘cão’	‘cães’
128. Tartaruga/tartarugas	futsu	ti-futsu	‘tartaruga’	‘tartarugas’
129. Macaco/macacos	hawu	ti-hawu	‘macaco’	‘macacos’
130. Galinha/galinhas	huku	ti-huka	‘galinha’	‘galinhas’
131. Vespa/vespas	mivi	ti-mivi	‘vespa’	‘vespas’
132. Formiga/formigas	sokoti	ti-sokoti	‘formiga’	‘formigas’
133. Sarna/sarnas	salu	ti-salu	‘sarna’	‘sarnas’
134. Esboia/esboias	hlaru	ti-hlaru	‘esboia’	‘esboias’
135. Apito/apitos	nanga	ti-nanga	‘apito’	‘apitos’
136. Língua/línguas	li-rimi	ti-rimi	‘língua’	‘línguas’
137. Costela/costelas	li-mbambu	ti-mambu	‘costela’	‘costelas’
138. Baço/baços	li-vengwa	ti-vengwa	‘baço’	‘baços’
139. Pena/penas	li-siva	ti-siva	‘pena’	‘penas’
140. Fio/fios	li-singa	ti-singa	‘fio’	‘fios’
141. Corda/cordas	li-ngoti	ti-ngoti	‘corda’	‘cordas’
142. Ramo/ramos	li-davi	ti-davi	‘corda’	‘cordas’
143. Apelido/apelidos	li-xaka	ti-xaka	‘apelido’	‘apelidos’
144. Canção/canções	li-simu	ti-simu	‘canção’	‘canções’
145. Verdade/verdades	li-sini	ti-sini	‘verdade’	‘verdades’
146. Limite/limites	li-hlavu	ti-hlavu	‘limite’	‘limites’
148. Amor/amores	li-randzu	ti-randzu	‘amor’	‘amores’
149. Raiz/raizes	li-mitsu	ti-mitsu	‘raiz’	‘raizes’
150. Dedo/dedos	li-tihu	ti-tihu	‘dedo’	‘dedos’
151. Pestana/pestans	li-xiyi	ti-xiyi	‘pestana’	‘pestanas’
152. Pénis/pénis	li-bholo	ti-bholo	‘pénis’	‘pénis’
153. Asa/asas	li-papa	ti-tipapa	‘asa’	‘asas’
154. Varra/varras	li-mhika	ti-mhika	‘varra’	‘varras’
155. Ramo/ramos	li-davi	ti-davi	‘ramo’	‘ramos’
156. Apelido/apelidos	li-xaka	ti-xaka	‘apelido’	‘apelidos’
157. Vida/vidas	wu-tomi	ma-tomi	‘vida’	‘vidas’

158. Pobreza/pobrezas	wu-siwana	ma-siwana	‘pobreza’	‘pobrezas’
159. Espermatozoide	wu-dzonyo	ma-dzonyo	‘espermatozoide’	‘espermatozoides’
160. Poder/poderes	wu-kosi	ma-kosi	‘poder’	‘poderes’
161. Gengiva/gengivas	wu-xinyinyi	ma-xinyini	‘gengiva’	‘gengivas’
162. Missanga/missangas	wu-hlalu	ma-hlalu	‘missanga’	‘missangas’
163. Música/músicas	wu-nanga	ma-nanga	‘música’	músicas
164. Esperteza/espertezas	wu-tlarhi	ma-tlarhi	‘esperteza’	‘espertezas’
165. Ciúme/ciúmes	wukwele	ma-kwele	‘ciúme	‘ciúmes’
166. Negócio/negócios	wu-kwevu	ma-kwevu	‘negócio’	negócios
167. Cérebro/cérebros	wongo	ma-wongo	‘cérebro’	‘cérebros’
168. Cabelo branco	wovu	ma-wovu	‘cabelo branco’	‘cabelos brancos’
169. Feitiço/feitiços	wuloyi	ma-loyi	‘feitiço’	‘feitiços’
170. Mel	wulombe	m-alombe	mel’	‘méis
171. Comer	kuga	‘comer’		
172. Dormir	kuetlela	‘dormir’		
174. Dançar	kukina	‘dançar’		
175. Construir	kuaka	‘construir’		
176. Viaja	kuendza	‘viajar’		
177. Farejar	kufemba	farejar’		
178. Correr	kutsutsuma	‘correr’		
179. Carregar	kupinga	‘carregar’		
180. Estudar	kugondza	‘estudar’		
181. Escrever	kutsala	‘escrever’		
182. Jogar	kubela	‘jogar’		
183. Cozinhar	kubhika	‘cozinhar’		
184. Coser	kurunga	‘custer’		
185. Sentar	kutshama	‘sentar’		
186. Pensar	kupimisa	‘pensar’		
187. Defecar	kunya	‘defecar’		
188. Perguntar	kuwutisa	‘perguntar’		
189. Brincar	kuhlakana	‘brincar’		
190. Defender	kuvikela	‘defender’		
191. Vender	kuxavisa	‘vender’		
192. Comprar	kuxava	‘comprar’		
193. Escutar	kuengisa	‘escutar’		
194. Entregar	kunyikela	‘entregar’		
195. Aumentar	kuengeta	‘aumentar’		
196. Receber	kuamukela	‘receber’		

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes

Frases em Português e em Citswa

Português

Citswa

197. as crianças irão à escola	vanana vataya cikoleni
198. nós vamos correr hoje	hina hitatsutsuma nyamutla
199. vós não irás correr hoje	n'wina munga tatsutsuma nyamutla
200. nós ainda estamos a comer carne	hina hahaga nyama
201. ele ainda escreve livros	yena wahatsala mabuku
202. ele já não escreve livros	yena angahatsali mabuku
203. encontraram-me a dormir	vandzi kumile nandzaha etlele
204. encontrei-os a matar o boi	ndzifakumile nafadaya homu
205. amanhã não irei à escola	mandziku ndzigataya cikoleni
206. as crianças não irão ao futebol	vanana vangataya boleni
207. vós irás correr amanhã	n'wina mutatsutsuma mandziku
208. eles chegarão a manhã	vona vatachikela mandziku
209. nós somos daqui	hina hivalaha
210. o boi está no mato	a homu yile khwatini

Fonte: Elaboração Própria

Anexo II: Guião de entrevista



Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Linguística e Literatura
Curso de Doutoramento em Linguística

Guião de entrevista com dados em Português e Citswa

1: Dados pessoais do Informante (consultor linguístico)

Nome completo: _____

Natural de: _____ Idade _____ Anos

Língua Materna: _____ Género _____

Outras Línguas: _____

	Português Pergunta	Citswa Resposta	Glossário		
			Plural	Singular	Plural
1	Pessoa	mu-nhu	va-nhu	‘pessoa’	‘pessoas’
2	Criança	n’wanana	va-nana	‘criança’	‘crianças’
3	Rapariga	Nhanyana	va-nhanyana	‘rapariga’	‘raparigas’
4	Rapaz	mu-fana	va-fana	‘rapaz’	rapazes’
5	Viajante	mu-endzi	va-endzi	‘viajante’	‘viajantes’
6	Caçador	mu-hloti	va-hloti	‘caçador’	‘caçadores’
7	Pescador	mu-tshevi	va-tshevi	‘pescador’	‘pescadores’
8	Explorador	mu-xololi	va-xololi	‘explorador’	‘exploradores’
9	Pastor	mu-angameli	va-angameli	‘pastor’	‘pastores’
10	Vendedor	mu-xavisi	va-xavisi	‘vendedor’	‘vendedores’
11	Dirigente	mu-rangeli	va-rangeli	‘dirigente’	‘dirigentes’
12	Salvador	mu-hluxi	va-hluxi	‘salvador’	‘salvadores’
13	Construtor	mu-aki	va-aki	‘construtor’	‘construtores’
14	Amigo	mu-ngana	va-ngana	‘amigo’	‘amigos’
	Nomes étnicos				
15	Chivambo	Civambu	va-civambu	‘chivambo’	‘chivambos’
16	Macúacua	Mhakwakwa	va-mhakwakwa	‘macúacua’	‘macúacuas’
17	Machavele	Maxavele	va-maxavele	‘machavele’	‘machaveles’
18	Mucumba	Mukumba	va-mukumba	‘mucumba’	‘mucumbas’
19	Mafuiane	Mafuyani	va-mafuyani	‘mafuiane’	‘mafuianes’
20	Cumbi	Nkumbi	va-nkumbi	‘cumbes’	‘cumbes’

21	Chilengue	Cilenge	va-cilenge	‘chilengue’	‘chilengues’
22	Golwe	Golwe	va-golwe	‘golwe’	‘golwes’
23	Bucucha	Bukuxa	va-bukuxa	‘bucucha’	‘bucuchas’
24	Langa	Langa	va-langa	‘langa’	‘langas’
	Nomes personificados				
25	Filho de macaco	Nwahawu	va-nwahawu	‘filho de macaco’	‘filhos de macacos’
26	Filho de Gorila	Nwafenhe	va-nwafenhe	‘filho de gorila’	‘filhos de gorilas’
27	Filho de barata	Nwahele	va-nwahele	‘barata’	‘filhos de baratas’
28	Filho de coelho	Nwavundla	va-nwavundla	‘filho de coelho’	‘filhos de coelhos’
29	Filho de mosquito	Nwasuna	va-nwasuna	‘filho de mosquito’	‘filhos de mosquito’
30	Filho de cobra	Nwanyoka	va-nwanyoka	‘filho de cobra’	‘filhos de cobras’
31	Filho de cágado	Nwafutsu	va-nwafutsu	‘filho do cágado’	‘filhos de cágados’
32	Filho de cabrito	Nwambutu	va-nwambutu	‘filho do cabrito’	‘filhos de cabrito’
33	Filho de boi	Nwahomu	va-nwahomu	‘filho de boi’	‘filhos de bois’
34	Filho de sapo	nwakhele	va-nwakhele	‘filho do sapo’	‘filhos de sapos’
35	Filho da rã	nwakhutla	va-khutla	‘filho da rã’	‘filhos da rã’
36	Casa	mu-ti	mi-ti	‘casa’	‘casas’
37	Pilador	mu-si	mi-si	‘pilador’	‘piladores’
38	Catana	mu-bera	mi-bera	‘catana’	‘catanas’
39	Amoca	mu-vamba	mi-vamba	‘amoca’	‘amocas’
40	Planta	mu-sinya	mi-sinya	‘planta’	‘plantas’
41	Veia	mu-siha	mi-siha	‘veia’	‘veias’
42	Pé	mu-nkondzo	mi-nkondzo	‘pé’	‘pés’
43	Pescoço	mu-nkolo	mi-nkolo	‘pescoço’	‘pescoços’
44	Perna	mu-nenge	mi-nenge	‘perna’	‘pernas’
45	Cabelo	mu-sisi	mi-sisi	‘cabelo’	‘cabelos’
46	Gamela	mu-ngelo	mi-ngelo	‘gamela’	‘gamelas’
47	Boca	mu-nomu	mi-nomu	‘boca’	‘bocas’
48	Casamento	mu-cadu	mi-cadu	‘casamento’	‘casamento’
49	Rio	mu-congo	mi-congo	‘rio’	‘rios’
50	Olho	tihlu	ma-tihlu	‘olho’	‘olhos’
51	Dente	tinu	ma-tinu	‘dente’	‘dentes’
52	Nádega	raku	ma-raku	‘nádega’	‘nádegas’
53	Ossos	rambu	ma-rambu	‘osso’	‘ossos’
54	Testículo	kendze	ma-kendze	‘testículo’	‘testículos’
55	Ombro	katla	ma-katla	‘ombro’	‘ombros’
56	Ruína	rumbi	ma-rumbi	‘ruína’	‘ruínas’
57	Pulmão	hahu	‘ma-hahu	‘pulmão’	‘pulmões’
58	Dia	siku	ma-siku	‘dia’	‘dias’
59	Ano	lembe	ma-lembe	‘ano’	‘anos’
60	Selva	khwati	ma-khwati	‘selva’	‘selvas’

61	Barata	hele	ma-hele	‘barata	‘baratas’
62	Sapo	khele	ma-khele	‘sapo’	‘sapos’
63	Rã	khutla	ma-khutla	‘rã’	‘rãs’
64	Esteira	sangu	ma-sangu	‘esteira’	‘esteiras’
65	Pedra	ribzi	ma-ribzi	‘pedra’	‘pedras’
66	Folha	kamba	ma-kamba	‘folha’	‘folhas’
67	Carvão	khala	ma-khala	‘carvão’	‘carvões’
68	Pentelho	kaka	ma-kaka	‘pentelho’	‘pentelhos’
69	Ananás	ci-henge	zvi-henge	‘ananás	‘ananáses’
70	Queixo	ci-levu	zvi-levo	‘queixo’	‘queixos’
71	Testa	ci-mombo	zvi-mombo	‘testa’	‘testas’
72	Peito	ci-fuva	zvi-fuva	‘peito’	‘peitos’
73	Nuca	ci-kosi	zvi-kosi	‘nuca’	nucas
74	Frio	ci-rami	zvi-rami	‘frio’	frios
75	Vagina	ci-tombo	zvi-tombo	‘vagina’	vaginas
76	Cotovelo	ci-sungunya	zvi-sungunya	‘cotovelo’	cotovelos
77	Ferida	ci-londza	zvi-londza	‘ferida’	feridas
78	Sapato	ci-latu	zvi-latu	‘sapato’	sapatos
79	Criança	ci-n`wanana	zvi-vanana	‘criança’	crianças
80	Chapéu	ci-dloco	zvi-dloko	‘chapéu’	chapéus
81	Tronco	ci-bu	zvi-bu	‘tronco’	‘troncos’
82	Escuridão	ci-nyama	zvi-nyama	‘escuridão’	‘escuridões’
83	Cadáver	ci-rumbi	zvi-rumbi	‘cadáver	‘cadáveres’
84	Sepultura	ci-lahla	zvi-lahla	‘sepultura’	‘sepulturas’
85	Degrau	ci-gava	zvi-gava	‘degrau	‘degraus’
86	Solidão	ci-wundza	zvi-wundza	‘solidão’	‘solidões’
87	Codorniz	ci-kenya	zv-ikenya	‘codorniz’	codornizes
88	Namorada	ci-gangu	zvi-gangu	‘cigangu’	namoradas
89	Rancor	ci-viti	zvi-viti	‘rancor’	‘rancores’
90	Lepra	ci-kele	zvi-kele	‘lepra’	‘lepras’
91	Escola	ci-kola	zvi-kola	‘escola’	‘escolas’
92	Estrada	citaratu	zvi-taratu	‘estrada	estradas
93	Apelido	ci-losu	zvi-losu	‘apelido’	‘apelidos’
94	Anzol	ci-lowe	zv-ilowe	‘anzol’	anzois
95	Deficiente	ci-lima	zvi-lima	‘deficiente	deficientes
96	Bêbado	ci-dakwa	zvi-dakwa	‘bêbado’	‘bêbados’
97	Gato	ci-manga	zvi-manga	‘gatos’	‘gatos’
98	Estudo	ci-gondzo	zvi-gondzo	‘estudo’	‘estudos’
99	Estudante	ci-gondazani	zvi-gondzani	‘estudante’	‘estudantes’
100	Coisa	ci-lu	zv-ilu	‘coisa’	‘coisas’
101	Fantasma	ci-gono	zv-igono	‘fantasma’	fantasmas
102	Rico	ci-fundzi	zvi-fundzi	‘rico’	‘ricos’
103	Pobre	ci-siwana	zvi-siwana	‘pobre’	pobres

104	Selva pequena	ci-khwatana	zvi-khwatana	mata pequena	‘matas pequenas’
105	Pequeno esposo	ci-nunana	zvi-nunana	‘pequeno esposo’	‘pequenos esposos’
106	Casa pequena	ci-mutana	zvi-mutana	‘casa pequena’	‘casas pequenas’
107	Guerra	nyimpi	ti-nyimpi	‘guerra’	guerras
108	Pau	nhonga	ti-nhonga	‘pau’	‘paus’
109	Abelha	nyoxi	ti-nyoxi	‘abelha’	abelhas
110	Gravida	nyimba	ti-nyimba	‘nyimba’	grávidas
111	Cobra	nyoka	ti-nyoka	‘cobra’	‘cobras’
112	Sorte	njombo	ti-njombo	‘sorte’	‘sortes’
113	Seiva	nyeti	ti-nyeti	‘seiva’	seivas
114	Entrada	nyangwa	ti-nyangwa	‘entrada’	entradas
115	Caminho	ndleve	ti-ndleve	‘orelha’	‘orelhas’
116	Alguidar	njalu	ti-njalu	‘alguidar’	‘alguidares’
117	Estrela	nyezani	Ti-nyezani	‘estrela’	estrelas
118	Lombriga	nyonkani	Ti-nyokani	‘lombriga’	lombrigas
119	Grávida	nyimba	ti-nyimba	‘grávida’	‘grávidas’
120	Pescoço	nhamu	ti-nhamu	‘pescoço’	‘pescoços’
121	Chocalho	njele	ti-njele	‘chocalho’	‘chocalhos’
122	Mosquito	nsuna	ti-suna	‘mosquito’	‘mosquitos’
123	Cobra	nyoka	ti-nyoka	‘cobra’	‘cobras’
124	Entrada	nyangwa	ti-nyangwa	‘entrada’	‘entradas’
125	Crocodilo	ngwenya	ti-ngwenya	‘crocodilo’	crocodilos’
126	Coração	mbilu	ti-mbilu	‘coração’	‘corações’
127	Cabrito	mbuti	ti-mbuti	‘cabrito’	‘cabritos’
128	Amendoim	manga	ti-manga	‘amendoim’	‘amendoins’
129	Problema	mhaka	ti-mhaka	‘problema’	‘problemas’
130	Toca	mhakwa	ti-mhakwa	‘toca’	‘tocas’
131	Semente	mbewu	ti-mbewu	‘semente’	‘sementes’
132	Missa	mhamba	ti-mhamba	‘missa’	‘missas’
133	Burro	mbongola	ti-mbongola	‘burro’	‘burros’
134	Cão	mbzana	ti-mbzana	‘cão’	‘cães’
135	Tartaruga	futsu	ti-futsu	‘tartaruga’	‘tartarugas’
136	Macaco	hawu	ti-hawu	‘macaco’	‘macacos’
137	Galinha	huku	ti-huka	‘galinha’	‘galinhas’
138	Vespa	mivi	ti-mivi	‘vespa’	‘vespas’
139	Formiga	sokoti	ti-sokoti	‘formiga’	‘formigas’
140	Sarna	salu	ti-salu	‘sarna’	‘sarnas’
141	Esboia	hlaru	ti-hlaru	‘esboia’	‘esboias’
142	Apito	nanga	ti-nanga	‘apito’	‘apitos’
143	Língua	li-rimi	ti-rimi	‘língua’	‘língua’
144	Costela	li-mbambu	ti-mambu	‘costela’	‘costelas’
145	Baço	li-vengwa	ti-vengwa	‘baço’	‘baços’
146	Pena de aves	li-siva	ti-siva	‘pena’	‘penas’

147	Fio	li-singa	ti-singa	‘fio’	‘fios’
148	Corda	li-ngoti	ti-ngoti	‘corda’	‘cordas’
149	Ramo	li-davi	ti-davi	‘corda’	‘cordas’
150	Apelido	li-xaka	ti-xaka	‘apelido’	‘apelidos’
151	Canção	li-simu	ti-simu	‘canção’	‘canções’
152	Verdade	li-sini	ti-sini	‘verdade’	‘verdades’
153	Limite	li-hlavu	ti-hlavu	‘limite’	‘limites’
154	Amor	li-randzu	ti-randzu	‘amor’	‘amores’
155	Raiz	li-mitsu	ti-mitsu	‘raiz’	‘raízes’
156	Dedo	li-tihu	ti-tihu	‘dedo’	‘dedo’
157	Pestana	li-xiyi	ti-xiyi	‘pestana’	‘pestanas’
158	Pénis	li-bholo	ti-bholo	‘pénis’	‘pénis’
159	Asa	li-papa	ti-tipapa	‘asa’	‘asas’
160	Baço	li-vengwa	ti-vengwa	‘baço’	‘baços’
161	Caminho estreito	li-soko	ti-soko	‘caminho estreito’	‘caminhos estreitos’
162	Varra	‘li-mhika	ti-mhika	‘varra’	‘varra’
163	Vida	wu-tomi	ma-tomi	‘vida’	‘vidas’
164	Pobreza	wu-siwana	ma-siwana	‘pobreza’	‘pobrezas’
165	Espermatozoide	wu-dzonyo	ma-dzonyo	‘espermatozoide’	‘espermatozoides’
166	Poder	wu-kosi	ma-kosi	‘poder’	‘poderes’
167	Gengiva	wu-xinyinyi	ma-xinyini	‘gengiva’	‘gengivas’
168	Missanga	wu-hlalu	ma-hlau	‘missanga’	‘missangas’
169	Música	wu-nanga	ma-nanga	‘música’	músicas
170	Esperteza	wu-tlarhi	ma-tlarhi	‘esperteza’	‘espertezas’
171	Ciúme	wukwele	ma-kwele	‘ciúme	‘ciúmes’
172	Negócio	wu-kwevu	ma-kwevu	‘negócio’	negócios
173	Cérebro	wongo	ma-wongo	‘cérebro’	‘cérebros’
174	Cabelo branco	wovu	ma-wovu	‘cabelo branco’	‘cabelos brancos’
175	Feitiço	wuloyi	ma-loyi	‘feitiço’	‘feitiços’
176	Missanga	wuhlalu	Ma-hlalu	missanga	Missangas
	Verbos				

177	Dançar	ku-kina	‘dançar’
178	Arrotar	ku-bhisa	‘arrotar’
179	Cozinhar	ku-bhika	‘cozinhar’
180	Medir	ku-pima	‘medir’
181	Provar	ku-ringa	‘provar’
182	Costurar	ku-runga	‘costurar’
183	Coçar	ku-tshuva	‘coçar’
184	Criar	ku-fuya	‘criar’
185	Mandar	ku-ruma	‘mandar’
186	Governar	ku-fuma	‘governar’
187	Destampar	ku-funungula	‘destampar’

188	Acocorar-se	ku-cuculula	'acocorar-se'
189	Joelhar-se	ku-khizama	'ajoelhar-se'
190	Destruir	ku-khungumula	'destruir'
191	Clarear	ku-panga	'clarear'
192	Usurpar	ku-banga	'usurpar'
193	Untar	ku-tota	'untar'
194	Armadilhar	ku-demba	'armadilhar'
195	Empurrar	ku-cova	'empurrar'
196	Urinar	ku-jova	'urinar'
197	Comprar	ku-xava	'comprar'
198	Espremer	ku-kama	'espremer'
199	Resistir	ku-sima	'resistir'
200	Governar	ku-fuma	'governar'
201	Ressoar	ku-vuma	'ressoar'
203	Raspar	ku-hala	'raspar'
204	Roubar	ku-yiva	'roubar'
205	Preparar	ku-longa	'preparar'
206	Desaparecer	ku-penga	'desaparecer'
207	Remexer	ku-punga	'remexer'
208	Conversar	Ku-bula	'conversar'
209	Apodrecer	ku-bola	'apodrecer'
210	Comer	ku-ga	comer
211	Arranhar	ku-tova	'arranhar'
212	Cuspir	ku-phela	'cuspir'
213	Tossir	ku -khohlola	'tossir'
214	Achar	ku-rola	'achar'
215	Vazar	ku-pwa	'vazar'
216	Aprovar	ku-twasa	'aprovar'
217	Varrer	ku-swiyela	'varrer'
218	Falar alto	ku-kwangula	'falar alto'
220	Carregar	ku-rwala	'carregar'
221	Espalhar	ku-xwanya	'espalhar'
222	Chupar	ku-psonga	'chupar'
223	Semear	ku-bzala	'semeia'
224	Sair	ku-suka-a	'sair'
226	Passar	ku-hundza	'passar'
227	Sentar	ku-tshama	'sentar'
228	Adiantar	ku-ranga	'adiantar'
229	Juntar	ku-patsa	'juntar'
230	Escrever	ku-tsala	'escrever'
231	Tomar banho	ku-hlamba	'tomar banho'
232	Correr	ku-tsutsuma	'correr'
233	Temer	ku-cava	'temer'

234	Chorar	ku-rila	‘chorar’
235	Defecar	ku-nya	‘defecar’
236	bocejar	ku-ahlamula	‘bocejar’
237	Furrar	ku-boxa	‘furrar’
238	farejar	ku-femba	‘farejar’
239	Afiar	ku-lota	‘afiar’
240	Perseguir	ku-landza	‘perseguir’
241	Pegar	ku-khoma	‘pegar’
242	Acreditar	ku-kholwa	‘acreditar’
243	Entrar	ku-ngenha	‘entrar’
244	Introduzir	ku-peta	‘introduzir’
245	Pintar	ku-penda	‘pintar’
246	Jingar	ku-gwira	‘jingar’
247	Inchar	ku-vimba	‘inchar’
248	Esquivar	ku-vika	‘esquivar’
249	Apagar	ku-vinya	‘apagar’
250	Assar	ku-woxa	‘assar’
251	Espeitar	ku-hlomela	‘espreitar’
252	Armar	ku-hloma	‘armar’
253	Arrumar	ku-vekisela	‘arrumar’
254	Guardar	ku-veka	‘guardar’
255	levar	ku-teka	‘levar’
256	Arrebentar	ku-thema	‘arrebentar’
257	Cortar	ku-tsema	‘cortar’
258	Desviar	ku-potsa	‘desviar’
259	Salvar	ku-pona	‘salvar’
260	Enviar	ku-posa	‘enviar’
261	Emprestar	ku-lomba	‘emprestar’
262	Colher	ku-tshovela	‘colher’
263	Partir	ku-tsova	‘partir’
264	Estudar	ku-gondza	‘estudar’
265	Ver	ku-wona	‘ver’
266	Repetir	ku-engeta	‘repetir’
267	Constuir	ku-aka	‘construir’
268	Negar	ku-ala	‘negar’
269	Ficar	ku-sala	‘ficar’
270	Mentir	ku-hemba	‘mentir’
271	Rir	ku-hleka	‘rir’
272	Fofocar	ku-hleva	‘fofocar’
273	Peneirar	ku-hlela	‘peneirar’
274	Caçar	ku-hlota	‘caçar’
275	Visitar	ku-hlola	‘visitar’
276	Pensar	ku-pimisa	‘pensar’

277	Lembrar	ku-alakanya	‘pensar’
278	Abituar	ku-tolovela	‘habituair’
279	Desrespeitar	ku-yeyisa	‘desrespeitar’
280	Dedicar-se	ku-khutala	‘dedicar-se’
281	Morder	ku-luma	‘morder’
282	Arrombar	ku-gwandza	‘arrombar’
283	Matar	ku-daya	‘matar’
284	Aproveitar	ku-londzola	‘aproveitar’
285	Morrer	ku-fa	‘morrer’
286	Suar	ku-fenha	‘suar’

Fonte: Dados fornecidos pelos informantes